

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

RAYANNE MESQUITA ESTUMANO

**PRÁTICAS EDUCATIVAS DO BADMINTON E O DESENVOLVIMENTO
HUMANO DE ESTUDANTES EM PROJETOS ESPORTIVOS EM
MANAUS/AM**

MANAUS-AM
2025

RAYANNE MESQUITA ESTUMANO

**PRÁTICAS EDUCATIVAS DO BADMINTON E O DESENVOLVIMENTO
HUMANO DE ESTUDANTES EM PROJETOS ESPORTIVOS EM
MANAUS/AM**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, da Faculdade de Educação – FACED, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, como requisito para obtenção do Título de Doutora em Educação.

Linha de Pesquisa 2: Educação, Interculturalidade e Desenvolvimento Humano na Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. João Luiz Da Costa Barros

MANAUS-AM
2025

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

E82p Estumano , Rayanne Mesquita
Práticas educativas do badminton e o desenvolvimento humano
de estudantes em projetos esportivos em Manaus/AM / Rayanne
Mesquita Estumano . - 2025.
213 f. : il., color. ; 31 cm.

Orientador(a): João Luiz da Costa Barros.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Amazonas,
Programa de Pós-Graduação em Educação, Manaus, 2025.

1. Teoria Histórico-Cultural. 2. Desenvolvimento humano. 3.
Badminton. 4. Prática educativa . I. Barros, João Luiz da Costa. II.
Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação
em Educação. III. Título

RAYANNE MESQUITA ESTUMANO

**PRÁTICAS EDUCATIVAS DO BADMINTON E O DESENVOLVIMENTO
HUMANO DE ESTUDANTES EM PROJETOS ESPORTIVOS EM
MANAUS/AM**

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. João Luiz Da Costa Barros
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Dr. João Otacílio Libardoni dos Santos
Membro interno da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Dra. Marta Genú Soares
Membro externo da Universidade do Estado do Pará (UEPA)

Dra. Leila Adriana Baptaglin
Membro externo da Universidade Federal de Roraima (UFRR)

Dr. Victor José Machado de Oliveira
Membro externo da Universidade Federal de Goiás (UFG)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que esteve comigo nas noites de estudo, na saudade de casa, nas conquistas diárias, na força e fé renovada a cada amanhecer, em busca de ofertar a sabedoria concebida no trabalho e para a ciência.

À Sagrada Família que, em cada terço realizado, era resposta dos planos de Deus para a concretude de mais uma etapa na minha vida profissional e pessoal.

Às minhas mães Andréa Jesus e Izete Estumano, aos meus avós Arestela Maria (*in memória*) e Alfredo Jesus (*in memória*). Vocês foram e são meu alicerce de educação, oração e suporte diário.

Aos meus irmãos Aryanne Soares, Vitória Jesus, Larissa Estumano, Rafael Estumano e Leonardo Lopes, gratidão pelas palavras de motivação, proteção e autoestima.

Aos meus sobrinhos Alisson Davi e João Lucas, são sinônimos de força e incentivo para continuar buscando meus objetivos de vida pessoal e familiar.

Às minhas tias Edna Matos, Gabriela Sousa, Denilda Silva e Cleia Estumano, a grande família que o Curso de Licenciatura em Educação Física me presenteou. Sol, Ruy e Paola, as nossas ligações e mensagens nos finais de semana renovavam o meu ser, foram combustíveis para superar os limites e desafios, sou grata por esse cuidado tão singelo e honesto.

Aos meus amigos da Paróquia Santo Antônio de Lisboa de Belém/Pará, ao Grupo de Oração Betel da Comunidade Católica Shalom missão Manaus, ao Grupo de Oração Pescadores da Imaculada da Paróquia Cristo Rei de Manaus, a intercessão de vocês em cada oração, partilha e oferta foram e são meus recursos energéticos para continuar trilhando a vida em comunhão. Gratidão!

Às amigas de Glauber Soares, Hanna Carolina, Karina Palmeira, Kathelen Ferreira, Bruna Souza, Juliana Martins, Kassiano Rosa, Eduardo Brandão, Bruno Santa Brígida, Ana Cristina Santos, Thais Cybelle, Moises Costa, Sidney Barros, Márcia Bandeira, Izael Silva o apoio emocional e cuidado em cada etapa da vida mostrou que nunca estive só, e que esse caminhar foi mais leve com vocês ao meu lado.

A todos os colegas do Grupo de Pesquisa GEPEFRI, em especial Ana Cristina Mota, Edson Leite, Juliana Camurça, Lorhena Alves e Marta Patrícia grata por todo o conhecimento partilhado, as problematizações sobre o fazer docente, o afeto nesses

quatro anos de produções científicas, os seminários organizados, pensados e apresentados no coletivo foram fundamentais para o crescimento do campo da Educação Física e a Educação amazonense.

À escola onde leciono, aos colegas de trabalho e à gestora, que entendiam algumas ausências e mesmo assim contribuíram para a pesquisa.

À CAPES e FAPEAM, pelo financiamento e incentivo às pesquisas no Estado do Amazonas.

Ao PPGE, pelo oportuno crescimento individual e profissional.

Aos professores que contribuíram na banca desta tese: Prof. Dr. João Otacílio Libardoni dos Santos, Prof. Dra. Marta Genú Soares, Dra. Leila Adriana Baptaglin, Dra. Iolete Ribeiro da Silva e Dr. Victor José Machado de Oliveira.

Ao Prof. Dr. João Luiz da Costa Barros, suas orientações e suporte foram fundamentais para a realização desse estudo. Ressalto o quanto a sua gentileza e empatia edificavam as reflexões sobre e para a vida docente.

A todos os professores que influenciaram para minha formação, em especial a Professora Eulénice Barbosa, Graça Menezes (*in memória*), Nayara Pedrosa, Vera Solange e Marta Genú.

À SEDUC pela autorização da pesquisa, disponibilidade e logística.

À escola e os centros esportivos que nos recebeu e acolheu para o fruto desse trabalho.

Aos pais, mães e responsáveis dos alunos que aceitaram a participar da pesquisa.

Ao Professor e alunos do Projeto Badminton Escolar, vocês foram essenciais para a concretização desse sonho. Obrigada pela confiança.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo compreender as relações entre as práticas educativas desenvolvidas através do badminton e o desenvolvimento de alunos de acordo com os conceitos da Teoria Histórico-Cultural (THC). Diante dessa realidade a problemática apresentada é: como o professor atua no sentido de ensinar e aprender através do badminton, considerando os recursos utilizados para desenvolver a percepção, a imaginação, os processos criativos e outras possibilidades interpretativas de desenvolvimento das funções mentais superiores? A tese a ser defendida conduz um olhar fundamentado na perspectiva histórico-cultural para o trabalho docente desenvolvido no processo de ensinar e aprender o badminton, tendo como possibilidade o desenvolvimento de práticas educativas simuladas da realidade com uma Educação Física que educa para a vida. De acordo com o pressuposto teórico-metodológico a perspectiva histórico-cultural, em que para discussão e análise dos dados utilizaremos a abordagem do tipo microgenética. No trabalho de campo, de fevereiro a abril de 2023 foram utilizados os seguintes instrumentos de coleta de dados; diário de campo, os desenhos construídos pelos alunos; a entrevista com o professor de Educação Física, a conversa informal com a pedagoga e os vídeos gravações das aulas de badminton na escola FCSA, no CEL Eldorado e CEL Ninimberg Guerra. Esta pesquisa caracterizou as condições oferecidas nas práticas educativas realizadas, buscando alternativas para o trabalho docente, tendo como foco a atividade criadora e imaginativa, procurando descrever quais concepções o professor tem a respeito do desenvolvimento psicológico e humano nas atividades desenvolvidas nesses espaços. Ao mesmo tempo, apresentado a trajetória do PPC Badminton e do professor em suas práticas educativas através de seus relatos na interação com os alunos, considerando as condições de jogo e questões socio-psíquico-educacionais, para que os alunos possam aprender e expressar os processos de imaginação e criação quanto possibilidades interpretativas de desenvolvimento humano. Desse modo, descreve-se a forma como o docente estimula a percepção, a atividade criadora e os processos criativos, promovendo o desenvolvimento das funções mentais superiores nas percepções relacionadas às dinâmicas de ganhar e perder, às táticas de jogo, à relevância do trabalho psicológico, bem como à sociabilidade entre os pares em diferentes contextos. Essas iniciativas demonstram a superação das adversidades e contribuem para a emancipação humana. Portanto, o desenvolvimento das funções psicológicas superiores se forma nas ações coletivas e individuais, de um lado pelo que se vivencia, por outro como se vivencia pelas especificidades de personalidade e pelo meio, presentes nas leis de desenvolvimento e das influências dos aspectos psíquicos do sujeito.

Palavras-chave: Teoria Histórico-Cultural; Desenvolvimento Humano; Badminton; Prática Educativa.

ABSTRACT

This study aims to understand the relationships between educational practices developed through badminton and the development of students according to the concepts of the Historical-Cultural Theory (THC). In this context, the central question is: How does the teacher act in teaching and learning through badminton, considering the resources used to develop perception, imagination, creative processes, and other interpretative possibilities for the development of higher mental functions? The thesis to be defended focuses on the teaching work developed in the process of teaching and learning badminton based on the historical-cultural perspective, with the possibility of developing educational practices that simulate reality, promoting a Physical Education that educates for life. According to the theoretical-methodological framework of the historical-cultural perspective, data discussion and analysis will employ a microgenetic approach. In the fieldwork, conducted from february to april 2023, the following data collection instruments were used: field diary, students' drawings, interviews with the Physical Education teacher, informal conversation with the pedagogue, and video recordings of Badminton classes at FCSA school, CEL Eldorado, and CEL Ninimberg Guerra. This research characterized the conditions provided in the educational practices carried out, seeking alternatives for teaching work focused on creative and imaginative activity. It aimed to describe the teacher's conceptions regarding psychological and human development in the activities developed in these settings. Simultaneously, it presents the trajectory of the PPC Badminton and the teacher's educational practices through their accounts and interactions with students, considering game conditions and socio-psycho-educational issues, so that students can learn and express processes of imagination and creation as interpretative possibilities for human development. In this way, the study describes how the teacher stimulates perception, creative activity, and creative processes, promoting the development of higher mental functions through perceptions related to the dynamics of winning and losing, game tactics, the relevance of psychological work, and peer sociability in different contexts. These initiatives demonstrate overcoming adversity and contribute to human emancipation. Therefore, the development of higher psychological functions is formed through collective and individual actions—on one hand, by what is experienced, and on the other, by how it is experienced, depending on personality traits and environment, in accordance with the laws of development and the influences of the subject's psychological aspects.

Keywords: Historical-Cultural Theory; Human Development; Badminton; Educational Practice.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1: Modelos de quadras da categoria simples e categoria duplas | 34 |
| Figura 2: A quadra de Badminton e suas demarcações..... | 35 |
| Figura 3: Modelo de raquete utilizada nos jogos de Badminton..... | 36 |
| Figura 4: Estrutura e modelo de peteca para os jogos de Badminton..... | 37 |
| Figura 5: Localização geográfica do município de Manaus no Estado do Amazonas. | 108 |
| Figura 6: Localização geográfica por bairro. | 109 |
| Figura 7: Estrutura da frente da E.E. Prof. Francisco das Chagas de Souza Albuquerque..... | 109 |
| Figura 8: Quadra poliesportiva que funciona as práticas educativas do Badminton da escola FCSA. | 112 |
| Figura 9: Práticas educativas do Badminton na quadra poliesportiva do Ginásio Eldorado..... | 117 |
| Figura 10: Práticas educativas do Badminton na quadra poliesportiva do Ginásio Ninimberg Guerra..... | 118 |
| Figura 11: Postes adaptados de PVC utilizados nas práticas educativas. | 132 |
| Figura 12: Petecas de pena e de nylon..... | 134 |
| Figura 13: Rubber Band 20 gramas (faixa de borracha). | 135 |
| Figura 14: A capa YY da marca Yonex. | 136 |
| Figura 15: Prática educativa com cinturão de treino nas aulas de Badminton. | 137 |
| Figura 16: Prática educativa com suporte TRX nas aulas de Badminton..... | 138 |
| Figura 17: Organização didática do professor Ygor Coelho em planner. | 139 |
| Figura 18: Alunos com diferentes faixas etárias praticando Badminton juntos. | 140 |
| Figura 19: Badminton e o sonho de viajar..... | 145 |
| Figura 20: Expressão de afetividade pela modalidade..... | 147 |
| Figura 21: Demonstrações afetuosas para o professor e a modalidade Badminton. | 147 |
| Figura 22: As funções simbólicas: os instrumentos e o sentimento. | 148 |
| Figura 23: Os processos de percepção e a modalidade Badminton | 149 |
| Figura 24: Expressão da linguagem interna para a externa, proporcionadas nas aulas de Badminton..... | 150 |
| Figura 25: O Badminton salvando vida | 151 |

| | |
|--|-----|
| Figura 26: O desenvolvimento das funções psicológicas superiores e os aspectos biológicos e psicossociais nas aulas de Badminton | 152 |
| Figura 27: As experiências e emoções ao jogar Badminton. | 153 |
| Figura 28: Movimento do Badminton e as habilidades físicas..... | 154 |
| Figura 29: Manifestação da cultura esportiva e o desenvolvimento humano. | 155 |
| Figura 30: Prática educativa de volume de peteca no jogo individual. | 157 |
| Figura 31: Entrevista TV Acrítica com os alunos do Projeto Badminton. | 159 |
| Figura 32: Entrevista Portal da SEDUC/AM com os alunos do Projeto Badminton. | 160 |
| Figura 33: Prática educativa dos fundamentos clear e defesa..... | 162 |
| Figura 34: Aluno Jojo ajudando o professor na alimentação de peteca. | 163 |
| Figura 35: Vivência de estudantes e professores de Educação Física com o Badminton. | 164 |
| Figura 36: Alunos do Projeto da escola FCSA arbitrando no torneio recreativo. | 165 |
| Figura 37: Organização dos jogos na mesa de arbitragem pelos alunos do Projeto FCSA..... | 166 |
| Figura 38: Jogo individual masculino no torneio recreativo..... | 167 |
| Figura 39: Brincadeira na parte superior da arquibancada. | 167 |
| Figura 40: Prática educativa de pegada em V na arquibancada do ginásio..... | 174 |
| Figura 41: Semicírculo com professor e alunos. | 178 |
| Figura 42: Conversa individual pós-competição da Etapa Nacional de Badminton. | 179 |
| Figura 43: Alunos do Projeto da escola FCSA e mãe de aluna na Formação sobre o Badminton. | 181 |
| Figura 44: Medalha de participação para todos os presentes..... | 182 |
| Figura 45: Alunos trocando petecas sem regras. | 184 |
| Figura 46: Reunião com os responsáveis do Centro de Referência Paralímpico/UFAM. | 185 |
| Figura 47: Interação dos alunos nas práticas educativas..... | 187 |
| Figura 48: Pai e filho vivenciando o Badminton pela primeira vez no Projeto CEL Eldorado..... | 188 |
| Figura 49: Prática educativa da brincadeira do campo minado..... | 189 |
| Figura 50: As práticas educativas de segurar a peteca..... | 190 |
| Figura 51: Prática educativa das técnicas forehand e backhand com balão..... | 191 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| Tabela 1: Número de produções identificadas e analisadas nas Bibliotecas Digitais dos Programas de Pós-Graduação em Educação da Região Norte do Brasil. | 63 |
| Tabela 2: Classe social dos alunos do PPC Badminton..... | 141 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| Quadro 1: Direcionamento de propostas pedagógicas de acordo com a BNCC..... | 38 |
| Quadro 2: Direcionamento de propostas pedagógicas de acordo com o RCA anos iniciais. | 39 |
| Quadro 3: Direcionamento de propostas pedagógicas de acordo com o RCA anos finais..... | 40 |
| Quadro 4: Proposta curricular e pedagógica para o ensino fundamental..... | 42 |
| Quadro 5: Proposta curricular e pedagógica da EJA. | 42 |
| Quadro 6: Proposta curricular e pedagógica do Programa de correção de fluxo escolar - avançar. | 44 |
| Quadro 7: Cronologia da vida e obras de Vygotsky. | 76 |
| Quadro 8: Coordenadoria Distrital de Educação, zona correspondente e quantidade de escolas. | 108 |
| Quadro 9: Organização por dia e objetivo de cada aula durante a coleta de dados. | 121 |
| Quadro 10: Dia da observação e objetivo de cada atividade externa ao PPC Badminton durante a coleta de dados. | 121 |
| Quadro 11: Prática educativa com Rubber Band no jogo individual..... | 156 |
| Quadro 12: Prática educativa com TRX e as técnicas forehand e backhand..... | 157 |
| Quadro 13: Entrevista com a TV Acrítica. | 158 |
| Quadro 14: Prática educativa da sequência dos fundamentos ataque, defesa e finalização. | 161 |
| Quadro 15: Prática educativa de pegada alta e baixa..... | 168 |
| Quadro 16: Prática educativa do fundamento serviço ou saque. | 169 |
| Quadro 17: Diálogo sobre o conceito de aquecimento..... | 171 |
| Quadro 18: Prática educativa das técnicas de forehand e backhand..... | 172 |
| Quadro 19: Prática educativa da pegada em V..... | 173 |
| Quadro 20: Prática educativa da brincadeira do chão quente..... | 174 |
| Quadro 21: Diálogo sobre a história do Badminton..... | 175 |
| Quadro 22: Prática educativa da pegada em V..... | 176 |
| Quadro 23: Prática educativa de finalização na frente de rede..... | 179 |
| Quadro 24: Diálogo individual pós-competição na sala dos professores da escola FCSA..... | 186 |

| | |
|---|-----|
| Quadro 25: Prática educativa de lançar e pegar as petecas. | 188 |
| Quadro 26: Diálogo sobre as modalidades Voleibol e Badminton..... | 191 |

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

| | |
|----------------|--|
| APMC | Associação de Pais e Mestres |
| BNCC | Base Nacional Comum Curricular |
| BWF | Badminton World Federation |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| CCBd | Confederação Brasileira de Badminton |
| CEL | Centro esportivo |
| DF | Dupla feminina |
| DM | Dupla masculina |
| DX | Dupla mista |
| EJA | Educação de jovens e adultos |
| FAMBd | Federação Amazonense de Badminton do Estado do Amazonas |
| FCSA | Francisco das Chagas de Souza Albuquerque |
| FEFF | Faculdade de Educação Física e Fisioterapia |
| IBF | Federação Internacional de Badminton |
| IDEB | Índice de Desempenho de Educação Básica |
| GEPEFRI | Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Física e suas Relações Interdisciplinares |
| PEI | Plano de Ensino Individualizado |
| PIBID | Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência |
| PRP | Programa de Reeducação Psicomotora |
| PPC | Projeto de Práticas Corporais |
| PPGE | Programa de Pós-Graduação em Educação |
| PPP | Projeto Político Pedagógico |
| RCA | Referencial Curricular Amazonense |
| SADEAM | Sistema de Avaliação do Desempenho Educacional do Amazonas |
| SAEB | Sistema de Avaliação da Educação Básica |
| SEDUC | Secretaria de Educação e Desporto Escolar |
| SF | Simple feminino |
| SM | Simple masculino |
| TALE | Termo de Assentimento Livre e Esclarecido |
| TCC | Trabalho de Conclusão de Curso |
| TCLE | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido |

| | |
|-------------|------------------------------------|
| THC | Teoria Histórico-Cultural |
| UEA | Universidade do Estado do Amazonas |
| UEPA | Universidade do Estado do Pará |
| UNIR | Universidade Federal de Rondônia |
| UFAM | Universidade Federal do Amazonas |
| UFT | Universidade Federal do Tocantins |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| MEMORIAL | 17 |
| INTRODUÇÃO | 25 |
| 1 O BADMINTON: UMA MANIFESTAÇÃO HISTÓRICA E CULTURAL | 32 |
| 1.1 Da história do badminton aos documentos formativos para a sua aplicabilidade no ambiente escolar | 32 |
| 1.2 As produções acadêmicas sobre o badminton: o que revela o Google Acadêmico | 45 |
| 1.3 Biblioteca digital dos Programas de Pós-Graduação em Educação da região Norte | 62 |
| 2. TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL: CONCEITOS E PRESSUPOSTOS | 75 |
| 2.1 Vida e obra de Vygotsky | 75 |
| 2.2 Desenvolvimento humano: do plano biológico ao plano cultural | 82 |
| 2.3 Mediação semiótica e o processo de significação | 89 |
| 2.4 Imaginação e atividade criadora | 94 |
| 3 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO | 103 |
| 3.1 Percurso metodológico das práticas educativas do badminton | 104 |
| 3.2 O lugar da pesquisa | 107 |
| 3.3 A coleta e análise dos dados | 113 |
| 3.4 Participantes da pesquisa | 116 |
| 4. PRÁTICAS EDUCATIVAS E AS RELAÇÕES ENTRE PROFESSOR E ALUNOS NAS AULAS DE BADMINTON | 120 |
| 4.1 O Projeto Político-Pedagógico da escola | 120 |
| 4.2 Os recursos educativos | 131 |
| 4.3 Produções artísticas: desenhos sobre as percepções do badminton | 144 |
| 4.4 Processo imaginativo e criativo nas aulas de badminton | 155 |
| 4.5 Mediação pedagógica e o processo de significação da tríade professor-aluno-conhecimento | 177 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 194 |
| REFERÊNCIAS | 198 |
| APÊNDICES | 204 |

MEMORIAL

Início dizendo que minha história de vida pessoal tem uma relação profunda com a profissional na constituição de ser professora, pois os caminhos que me conduziram para a escolha do meu objeto de estudo para desenvolver no Curso de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas (PPGE/UFAM), na Linha de Pesquisa: Educação, Interculturalidade e Desenvolvimento na Amazônia estão entrelaçados com a história pessoal.

Sendo assim, concordo com Freitas (2002, p.29), quando afirma que é fundamental conhecer a história e o ambiente do pesquisador para compreender o caminho por ele desbravado,

a contextualização do pesquisador é também relevante: ele não é um ser humano genérico, mas um ser social, faz parte da investigação e leva para ela tudo aquilo que o constitui como um ser concreto em diálogo com o mundo em que vive. Suas análises interpretativas são feitas a partir do lugar sócio-histórico no qual se situa e dependem das relações intersubjetivas que estabelece com os seus sujeitos. É nesse sentido que se pode dizer que o pesquisador é um dos principais instrumentos da pesquisa, porque se insere nela e a análise que faz depende de sua situação pessoal-social (Freitas, 2002, p.29).

Primeiramente, apresento que sou filha de Izete Mesquita Estumano e tenho duas irmãs, Rayssa Aryanne, de 25 anos, e Vitória de Nazaré, de 19. Tenho duas mães, uma biológica e uma que me criou, ambas são luzes para a minha constelação na vida terrena e foi com elas que aprendi a lidar com o cotidiano da diversidade.

Minha irmã do meio se chama Rayssa. Engravidou aos quinze anos de idade, mãe do Alisson Davi, meu sobrinho e afilhado, por quem tenho um amor como de mãe e a quem ajudo nos conselhos educacionais e para a vida. Vitória, nossa caçula, passou da hora de nascer e durante o parto teve falta de oxigenação no cérebro, afetando as áreas que são responsáveis pela fala e linguagem. Teve icterícia neonatal, além de realizar uma cirurgia no coração no dia em que nasceu. A partir desse quadro, os médicos diagnosticaram Vitória com o CID¹ - 10 – F80, F70, G80².

A partir deste entrelaçar de vivências que marcam minha trajetória de vida familiar, considero ser relevante, também, expor a minha vida educacional na rede pública de ensino e como bolsista na rede particular em escolas em Belém do Pará.

¹ De acordo com a Organização Mundial de Saúde, CID significa Classificação Internacional de Doenças Relacionados à Saúde.

² F80 Transtornos específicos do desenvolvimento da fala e da linguagem. F70 Retardo mental leve. G80 Transtorno neurológico de desenvolvimento.

Lembro detalhes da educação infantil e ensino fundamental. Fui matriculada na 1ª série aos 6 anos, no ensino fundamental, na E.E.E.F.M Tiradentes I. Com sete anos, passei para o colégio Sistema Integrado de Ensino do Pará onde estudei da 2ª série ao 4º ano. Da 5ª série ao 7º ano na E.E.E.F José Veríssimo e da 8ª série ao Convênio no Colégio Impacto. Não me lembro de todas as notas, mas recordo que tinha cuidado em manter as notas na média para não ficar em dependência ou reprovar nas disciplinas.

As dificuldades nas áreas das ciências humanas se estenderam da 5ª série ao ensino médio, porém elas não foram empecilho para passar no vestibular. Sendo assim, aos 17 anos passei em cinco processos seletivos do ano de 2014: Licenciatura Plena em Pedagogia; Licenciatura Plena em Educação Física, Licenciatura em Língua Portuguesa; Tecnologia em Agroecologia e Técnico em Edificações. A escolha pelos cursos deu-se pela aproximação com a história de vida da minha mãe/avó. Ela é pedagoga, técnica em contabilidade e em enfermagem, foi assistente social por vários anos no Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social com crianças e adolescentes com deficiência.

Por ter passado em vários cursos e Universidades diferentes, tive que decidir qual cursar, optando pelo curso de Licenciatura Plena em Educação Física na Universidade do Estado do Pará (UEPA), pois as vivências do ensino fundamental e médio (como ter estudado jogos, danças, lutas, ginásticas, esportes e ter participado da seletiva de futsal no Colégio Impacto) contribuíram para escolher esse curso.

Outro fato relevante remete ao percurso vivido por minha irmã em meio a sua trajetória escolar. Em especial, guardo memórias da socialização durante as aulas no ensino fundamental, quando Vitória, aos 6 anos, demonstrava entusiasmo ao interagir com a professora de Educação Física através de sua participação nos jogos e brincadeiras ministrados pela docente de forma inclusiva.

Vendo-a feliz com os meninos na escola, participando de competições de miss caipira durante as festas juninas, percebia a potencialidade que as aulas de Educação Física detinham para estimular a pessoa com deficiência a superar suas limitações, fator primordial para favorecer ou contribuir para o processo de inclusão social.

As vivências que ocorriam na escola buscavam envolver toda a comunidade, ao trabalhar mecanismos responsáveis por um ambiente inclusivo, ao dialogar com a equipe de apoio, professores, alunos, porteiro, segurança e coordenação pedagógica.

Através desta interação, passamos a observar que Vitória, gradativamente, desenvolvia novas habilidades sociocognitivas e motoras.

Quando íamos buscá-la, inclusive, a professora relatava esses ocorridos à minha mãe e isso marcou minha adolescência, aos 15 anos, ao testemunhar a importância destes momentos para ela. Curtos momentos, cabe a mim ressaltar, mas que até hoje me fazem refletir sobre o simbolismo de se sentir acolhido, incluído e reconhecido socialmente.

Logo, escolher a docência seria o caminho para compreender os processos psicológicos, biológicos e sociais que considerava, no momento, serem fundamentais para contribuir para a melhora da qualidade de vida da minha irmã e, conseqüentemente, possibilitar para outros sujeitos com deficiência sentirem-se incluídos ao obterem acesso às vivências inerentes à cultura corporal³.

Relembrar o que fiz na UEPA durante os quatro anos de graduação é ter sentimento positivo, amadurecimento e resiliência. Diante disso, busco resumir o que vivi na Universidade nos três turnos e nos múltiplos espaços destinados aos estudantes do curso de Licenciatura Plena em Educação Física, que dispõe de um campo poliesportivo, biblioteca, xerox, centro acadêmico, ginásio, quadras, piscina, sala de pesquisa, laboratórios, sala de ginástica e de recreação.

No decorrer deste percurso, fiz dança moderna no Projeto de Extensão na UEPA, um sonho de criança que foi realizado na Universidade. Durante as atividades do Projeto, o grupo de dança no realizou apresentações no Teatro Estação Gasômetro, no Ginásio da UEPA e no Teatro Margarida Shivasappa, em Belém do Pará, nos anos de 2015 e 2016. A dança proporcionou novos sentidos e significados para minha vida, olhar sensível ao Outro, a melhora da autoestima e a interferência nas capacidades de realizações de tarefas do dia a dia.

A seguir, descrevo minha trajetória acadêmica e profissional com escolhas que interferem no modo de analisar criticamente a sociedade: como me aproximei da produção científica; contribuições nos Grupos de Pesquisa Resignificar (UEPA), no Grupo INcorpoRE (UEPA) e o caminho que me levou para a docência na rede pública estadual na Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar do Amazonas (SEDUC/AM).

³ Conforme Soares et al. (1992) a Educação Física estuda os jogos, as danças, os esportes, as ginásticas e as lutas em uma perspectiva progressista, a qual a estruturação do plano de aula se organiza para compreender a totalidade humana e social e não apenas a reprodução do movimento.

O primeiro Projeto de extensão que participei na UEPA, foi no Laboratório de Exercício Resistido e Saúde em 2014 aos dezessete anos, onde os estagiários e professores/pesquisadores desenvolviam atendimento com idosos que apresentavam problemas no coração, mal de Parkinson, Alzheimer, fibromialgia, diabetes, artrose, artrite, reumatismo e pessoas com deficiência física ou intelectual. Para a conclusão e obtenção do certificado elaborei um trabalho intitulado “Treinamento resistido para pessoas com cardiomiopatia dilatada⁴”.

Deixei esse Projeto pois fui convidada por um professor do Laboratório para estagiar na área da musculação com idosos na sua academia, no horário das 6:00 às 10:00 da manhã, no período de janeiro a junho de 2015. Apesar de ter gostado da experiência, não era um ambiente que queria continuar durante a formação inicial, pois o estereótipo de corpo para este espaço geralmente é padrão musculoso ou desenvolvido. O meu corpo por fatores genéticos nunca foi desta forma, escutei comentários e ficava incomodada com eles. Quando saiu o edital para o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), resolvi entregar o estágio na academia.

Desta maneira, nos meses posteriores me dediquei para passar no processo seletivo como bolsista no PIBID, no projeto “O acesso à cultura corporal na escola: possibilidades ao ensino da Educação Física na rede pública de Belém”. Com a aprovação atuei no período de outubro de 2015 a junho de 2017. No envolvimento com este coletivo durante as sextas-feiras destinado ao planejamento das aulas semanais e produções do que desenvolvíamos na escola nos dias de segunda e quarta-feira, passei a escrever e publicar trabalhos nos eventos com os outros bolsistas. Os trabalhos publicados em parceria com o grupo de estudos do PIBID, tinha como aportes teóricos e metodológicos os autores de perspectivas críticas, como Vygotsky⁵, Demerval Saviani, Soares et. al, Gasparin e Paulo Freire.

Durante o ano de 2015, aos 18 anos, participei do Programa de extensão “UEPA nas Comunidades”. As ações desenvolvidas pelos voluntários tinham a finalidade de verificar a relação das medidas corporais, em diálogo com estudantes de nutrição, fisioterapia e terapia ocupacional, a fim de proporcionar qualidade de vida

⁴ Doença que afeta a função e o tamanho do coração, principalmente o ventrículo esquerdo. Alguns sintomas dessa doença são: palpitações, formação de coágulos sanguíneos dentro das câmaras do coração e problemas nas válvulas cardíacas, devido ao crescimento anormal do coração.

⁵ O nome do referido autor pode ser encontrado de diferentes formas nas produções acadêmicas. Neste estudo optamos por utilizar na escrita “Vygotsky”.

para a comunidade local: o município de Benevides-Murinin, os bairros em Belém que contemplavam os entornos da Praça Brasil e o Centro de Ciências Sociais e Educação (UEPA).

No ano de 2016, aos 19 anos, realizei estágio curricular na área de esportes aquáticos – Natação no Clube do Remo. O acúmulo de vivências e inquietações neste espaço com alunos sem e com deficiência, contribuiu para o desenvolvimento do trabalho “Efeitos da natação sobre uma criança com patologia neurológica infantil”, publicado no ano de 2017. Foi neste período que ratifiquei o que queria escrever para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), e a aproximação com os estudos na área da Educação Física Adaptada, Esporte Adaptado, Educação Especial na perspectiva inclusiva e Formação de Professores.

Outro espaço que marcou minha trajetória acadêmica foi a realização do estágio obrigatório no Hospital de Clínicas Gaspar Vianna, na Ala Psiquiátrica. O olhar sensível de educação foi fundamental para compreender as situações de vulnerabilidade social e biológica dos sujeitos internados, assim como a importância dos conteúdos da Educação Física para a organização psicológica dos pacientes, ampliando os conhecimentos sobre as dimensões e estratégias da atenção psicossocial e o campo da saúde mental.

Com as intervenções feitas junto à equipe médica composta por dois professores de Educação Física, terapeutas, psicólogos, assistente social, clínico geral, percebemos nas fichas de acompanhamentos a diminuição de remédios dos internados que praticavam os exercícios físicos propostos pela equipe com periodicidade. Portanto, com esses dados analisados elaboramos dois artigos: “Educação Física em saúde mental: diversas possibilidades”, em 2017, e “Danças e doenças psicológicas: um olhar para a diversidade cultural em uma ala psiquiátrica em Belém do Pará”, no ano de 2018.

Em 2017, pelo contato que tive com a natação e as inquietações nesse campo de estudo, procurei orientações com o Prof. Ms. Ricardo na UEPA. Ele como professor da Universidade e da SEDUC (compondo o quadro da Coordenadoria de Ensino Especial – COEES) me encaminhou de forma integrada ao Programa de Reeducação Psicomotora (PRP), na categoria de pesquisadora, durante o período de abril a novembro de 2017.

No PRP, tive orientações e supervisões da coordenadora do Programa e do Prof. Ms. Ricardo, junto aos alunos participantes do Programa, tendo como objetivo

acompanhar, fazer intervenções de exploração, observação, avaliação e análise das atividades psicomotoras às pessoas com deficiências e/ou disfunções respiratórias e posturais. O referido professor foi meu orientador na graduação e elaboramos o artigo para finalização do meu curso de Educação Física “Os benefícios psicomotores nas práticas em meio líquido para criança com encefalopatia crônica⁶”.

Também em 2017 fui estagiária voluntária no Programa “Atividade física adaptada para crianças e adolescentes com asma, obesidade, autismo e síndrome de down”, desenvolvido pelo Laboratório de Atividades Físicas Adaptadas. Este espaço de intervenção auxiliou para as leituras que foram fundamentais para o TCC e depois para a Dissertação de Mestrado.

No mês de novembro de 2017 fui vinculada como pesquisadora no CNPq pelo Grupo Resignificar – Experiências Inovadoras na Formação de Professores e Prática Pedagógica da UEPA, na linha de pesquisa Políticas Públicas e Práticas Curriculares. As atividades e leituras desenvolvidas pelo Grupo Resignificar, que é um coletivo destinado para orientação científica, formação inicial e continuada de professores que abordam sobre organização do trabalho pedagógico e as práticas inovadoras e inclusivas, ratificaram as minhas escolhas referentes aos autores críticos da Educação e Educação Física, que posteriormente utilizei na elaboração do artigo da Especialização, na Dissertação de Mestrado e no projeto para ingressar no Curso de Doutorado.

Quando estava finalizando o meu período como bolsista do PIBID, no mesmo ano, foi lançado o edital para Monitoria Bolsista e Voluntária da disciplina Políticas Públicas de Educação Física e Esporte e Lazer, a qual fui aprovada na função de monitora bolsista para atuar no segundo semestre de 2017.

O contato com a Professora Dra. Sol na disciplina citada tornou-a como uma “mãe” acadêmica e para além dos muros da Universidade. Pude continuar trilhando o meu caminho na pesquisa, nos envolvimento em seminários, cursos, oficinas, participação em bancas de trabalho, publicações e no Projeto de Extensão “Arte em ação na extensão em formação com a performance teatral”.

⁶ Também conhecida como paralisia cerebral. Ela é caracterizada por distúrbios motores, estes não ficam progredindo com o decorrer do tempo. Mas, pode ser afetado em um cérebro em fase de desenvolvimento e maturação encefálico. Portanto, pode ocorrer em três etapas da vida: no pré-natal, perinatal ou pós-natal.

Ao terminar a graduação no final de 2017, senti necessidade de conversar com minha família, amigos e professores sobre os próximos rumos da vida acadêmica. Resolvi me matricular no curso de Especialização na rede particular, no Curso Educação Especial e o Gerenciamento de Processos Inclusivos no ano de 2017, assim que defendi o TCC.

O ano de 2018, em específico, foi significativo e decisivo na minha vida. Estava formada, cursando a Especialização e resolvi me dedicar para passar em concurso público e no Mestrado Acadêmico. Assim ocorreu: passei no Concurso da SEDUC de Manaus, capital do Amazonas, como professora de Educação Física e no Curso de Pós-Graduação, Mestrado em Educação em Belém do Pará na linha de pesquisa - Formação de Professores aos vinte e um anos de idade.

Iniciei o curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Especial e o Gerenciamento de Processos Inclusivos em maio de 2018, com sua finalização prevista para maio de 2020. Elaborei o trabalho de conclusão intitulado “Gestão escolar: o papel do professor e as possibilidades de diálogos da sala regular e sala de recurso multifuncional”.

Em uma das reuniões com a minha orientadora do Curso de Mestrado sobre a minha trajetória acadêmica e pessoal, relatei os estudos feitos sobre o Plano de Ensino Individualizado (PEI) na Especialização. Passamos a organizar sessões de leituras e produzimos o artigo que foi publicado na ANPED/NORTE (2021) “Aprendizagem social e espaços educacionais especializados”. Com aprofundamento teórico e metodológico elaboramos a Dissertação de Mestrado “Inclusão, ensino individualizado e trabalho coletivo: o caso do basquete em cadeira de rodas *All Star Rodas*”.

Paralelamente às produções e sessões de estudo, fui chamada para assumir o Concurso na SEDUC/AM em agosto de 2019, aos 24 anos de idade. Foi uma decisão inicial empolgante, mas depois a saudade de casa e a vontade de desistir era grande. Contudo, o espaço escolar teve sentidos e significados para compreender que poderia ajudar e estar com a minha família mesmo com os quilômetros de distância. Logo, a escola tornou-se um lugar de pertencimento e acolhimento frente ao novo.

No ano de 2020 tive seis turmas e quatro horas destinadas ao Projeto de Práticas Corporais (PPC) no “Clube de Badminton” da escola, modalidade da qual ainda não conhecia os fundamentos técnicos e táticos. Porém, busquei livros, artigos

e fiz um curso chamado “Badminton World Federation (BWF) Shuttle Time Teacher”, a fim de buscar conhecimento sobre a modalidade.

A fala da professora Norma, Técnica da Seleção Brasileira de Badminton, no Curso da BWF Shuttle Time Teacher, destacou a respeito dos aspectos cognitivos e a valorização do que podemos utilizar a partir da bagagem de conhecimento que os alunos têm sobre o movimento corporal, para que evitem apenas a reproduzir movimento e ficar preocupado com o movimento correto. Isso me instigou a buscar entender o badminton para além de competições e suas relações com as práticas educativas fundamentadas na perspectiva vygotskyana.

Quando retornamos ao ensino híbrido em setembro de 2020, os membros da Comissão Técnica de Badminton da escola se reuniram e observaram que os alunos do projeto de prática corporal tiveram um aumento no índice de massa corporal, devido os meses que ficaram em casa sem exercício físico e ingerindo alimentos hipercalóricos ou com baixo teor nutricional, afetando o condicionamento físico nas atividades.

Com isso, refizemos os testes físicos e controlamos as valências físicas a partir da nova realidade. Ao estudar sobre a temática “Obesidade e exercício físico”, elaborei um Projeto “Elaboração de um aplicativo com duas interfaces: obesidade e exercício físico pelos bolsistas da escola Sérgio Pessoa”, ao qual submeti ao Programa Ciência na Escola no ano de 2021. Este foi aprovado e aplicado com os alunos dos 6º ao 9º ano. Como resultados da pesquisa, percebemos que o número de alunos com obesidade tipo I e II na escola são altos, mas a quantidade de alunos abaixo do peso tem maior destaque.

Avalio que a experiência com o badminton na escola que trabalhava ampliou meu interesse pela temática de tese e justifico meu ingresso no Curso de Doutorado. O badminton antes de objeto de trabalho, é também objeto de estudo. Nesse contexto, a seguir contextualiza-se a discussão, explica-se os objetivos e a forma de organização deste trabalho.

INTRODUÇÃO

O presente estudo está inserido no diálogo entre a Educação e Educação Física, pois entendemos que, ao refletir sobre a Educação Física como o campo de conhecimento e de intervenção profissional, é possível tratar questões referentes às práticas educativas no conjunto das ciências humanas e sociais. Deste modo, buscamos romper com o dualismo tão presente na Educação Física, procurando tratar as práticas educativas, a ação do docente, a motivação e o interesse dos alunos em busca do processo da atividade criadora e imaginativa no ato de ensinar o Badminton.

Em relação à origem do badminton, esta é incerta. Entretanto, estudiosos citam que houve influência das civilizações da Ásia e Europa há mais de dois mil anos. Strapasson (2016, p.25), porém, cita que “foi na Índia que o ‘poona’, um jogo parecido com o moderno badminton, já havia sido desenvolvido em meados do século XIX. Os oficiais britânicos, a serviço na Índia, em 1870, se divertiram conhecendo e praticando o “poona””. Esse jogo teve divulgação, estendeu-se para a Inglaterra e se desenvolveu na casa de campo do Duque de Beaufort no ano de 1873. O objetivo era bater a peteca de um lado para o outro, utilizando uma raquete, atravessando uma rede que dividia o espaço; a finalidade era que a peteca ficasse o maior tempo no ar.

Segundo o autor, “o esporte, então, foi modificado pelos ingleses em muitos dos seus aspectos. Por não entenderem muito bem as regras, criaram praticamente outro esporte”. Essas experiências ocorreram na propriedade privada chamada “Badminton House”: os presentes nesse espaço propuseram utilizar raquetes de tênis em uma sala do castelo, com uma bola que era representada por rolhas de garrafas de champanhe com penas. Portanto, o esporte surgiu em um ambiente fechado.

Na década de 1870, foi adotado o nome “Badminton House” por conta da origem de sua criação. No ano de 1873, foi lançada a versão oficial do badminton pelo Duque de Beaufort. Em 1877, foram mostradas as normas do esporte, mas somente em 1883 foram notificadas na Inglaterra as suas primeiras regras. Historicamente, o esporte foi fundado em 1934 pela Federação Internacional de Badminton (IBF), sendo representado por nove países: Canadá, Dinamarca, Escócia, França, Inglaterra, Irlanda, Nova Zelândia, Holanda e País de Gales. A IBF teve mudanças e passou a ser conhecida como Badminton World Federation (BWF) no ano de 2006.

De acordo com Strapasson (2016), o badminton foi apresentado nos Jogos Olímpicos de Munique na Alemanha no ano de 1972 e na cidade de Seoul na Coreia do Sul em 1988. Esse esporte tornou-se olímpico nos Jogos de Barcelona, na

Espanha, no ano de 1992. Com as Olimpíadas de 2016, no Rio de Janeiro, o esporte se difundiu pelo Brasil, tornando-se conhecido a nível nacional a partir desse evento.

De acordo com o site da Confederação Brasileira de Badminton (CBBd), no ano de 2023 vinte e duas Federações estavam filiadas à Confederação pelos seguintes Estados: Alagoas, Amapá, Amazonas, Brasília, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

Como esta tese se refere ao estado do Amazonas, destacamos os dados da Federação Amazonense de Badminton do Estado do Amazonas (FAMBd), que no ano de 2015 tornou-se membro da CBBd como o 18º estado filiado. A entrevista no site da CBBd (2015) com o ex-vice-presidente da FAMBd, professor Ricardo Pina, evidenciou que a maioria dos alunos/atletas da região amazônica são participantes de escolas e projetos esportivos desenvolvidos no Estado desde o ano de 2014.

Segundo as informações do ex-presidente da FAMBd, o professor Egidio Pinto, no ano de 2020 constavam oito escolas filiadas à Federação Amazonense, dentre elas: FCSA Badminton, TMB Badminton, Cacilda Braule Pinto, EETI Sérgio Pessoa, IBIN/GOBAD, Cândido Honório, Pinheiros Academia - Parintins e Fábio Lucena. As escolas que participam com mais frequência das competições a nível nacional e regional são FCSA Badminton, Cacilda Braule Pinto e ETTI Sérgio Pessoa. O ex-presidente evidencia ainda que em torno de doze atletas costumam viajar para participar das quatro etapas nacionais que ocorrem durante o ano, organizadas pela CBBd.

Em agosto de 2022, a Arena Amadeu Teixeira, localizada na Avenida Constantino Nery em Manaus, foi sede da IV Etapa do Circuito Nacional de Badminton, que contou com mais de 263 atletas de doze estados do Brasil, de acordo com a CBBd (2022). Nessa competição, o estado do Amazonas teve uma participação histórica de alunos do Município de Manaus e Parintins, com a presença de 63 discentes da rede pública e privada do estado. Vale ressaltar que para muitos alunos foi a primeira vez que participaram de uma competição a nível nacional, pois faltam recursos para pagar inscrições, passagens aéreas, hospedagem, alimentação e idas aos locais de competição, cujos valores são altos, dificultando a participação dos alunos que estão inseridos nos projetos esportivos da região amazônica.

O ex-vice-presidente da FAMBD, professor Ricardo Pina, concedeu uma entrevista para a CBBd durante a IV Etapa do Circuito Nacional de Badminton em Manaus, expondo como essa competição no estado contribuiu para o avanço do Badminton na região:

Tenho certeza de que este evento vai abrir muitas portas para o desenvolvimento da modalidade no Amazonas. Com o apoio da SEMED, vamos incrementar mais ainda o projeto de Badminton nas escolas da rede municipal de ensino em Manaus. Além disso, queremos junto à parceira da FAMBD capacitar mais professores, pois sabemos que assim iremos multiplicar muito mais a prática da modalidade em nossa sociedade. (Entrevista da Confederação Brasileira de Badminton com o professor Ricardo Pina, 2022).

Endossamos o discurso do professor sobre a importância de capacitar mais professores. Com base na vivência do esporte, ressaltamos que, com a chegada do badminton no estado do Amazonas e na rede pública de ensino por agremiações pertencentes à FAMBD, vêm à tona inúmeras situações que implicam na obstrução da acessibilidade e propagação das instituições, tais como: a carência de políticas de formação para professores trabalharem com a modalidade, a falta de sensibilidade e/ou responsabilidade por parte do governo estadual e municipal na manutenção das quadras das escolas, a escassez ou não-renovação dos materiais para as aulas de Educação Física em geral e, principalmente, ausência do material para praticar a modalidade, pois a compra de materiais é direcionada para as práticas corporais dos esportes hegemônicos nas escolas.

Para ilustrar a realidade desse esporte – que acreditamos não ser acessível a todos –, analisamos os preços dos seus acessórios, sobretudo ao pesquisar em duas plataformas de compras de petecas e raquetes: no Decathlon, site brasileiro, e AliExpress, plataforma chinesa, os valores variam. Uma raquete custa de R\$149,99 (cento e quarenta e nove reais e noventa e nove centavos) a R\$895,19 (oitocentos e noventa e cinco reais e dezenove centavos) e um pote com doze petecas entre R\$89,99 (oitenta e nove reais e noventa e nove centavos) e R\$239,99 (duzentos e trinta e nove reais e noventa e nove centavos).

Contudo, o badminton é de fácil manejo e entendimento para as pessoas iniciantes que gostariam de aprender os seus fundamentos táticos e técnicos. Mesmo considerando a questão da acessibilidade em relação aos valores citados, ainda assim há professores que trabalham com o badminton nas aulas de Educação Física ou nos Projetos de Práticas Corporais no estado do Amazonas, superando essas barreiras, a fim de desenvolver as potencialidades que a modalidade pode

proporcionar aos estudantes, a partir dos fundamentos e regras do badminton nos aspectos cognitivos, sociais, educacionais e biológicos.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Referencial Curricular Amazonense (RCA) classificam este esporte dentro dos esportes de rede, apresentando as competências, habilidades e detalhamento dos objetos de conhecimento e indicando sua inserção nas aulas de Educação Física desde o 3º ano do ensino fundamental aos anos finais do ensino fundamental. Quatro documentos com propostas curriculares e pedagógicas para o estado do Amazonas foram elaborados – para ensino fundamental, educação de jovens e adultos, ensino médio e o Programa de Correção de Fluxo Escolar – Avançar (Secretaria de Educação e Desporto, 2021) – tendo como objetivo experimentar o badminton e usufruir os diferentes tipos de esporte afim de trabalhar o coletivo e protagonismo durante as aulas.

Ao analisar esses documentos de caráter normativo, nota-se que o badminton não foi colocado para ser vivenciado no ensino médio, nem na BNCC, no RCA e no documento de proposta curricular e pedagógica do ensino médio. Logo, levantamos o questionamento do porquê o badminton não ser citado pelos documentos que fundamentam as práticas pedagógicas dos professores em todos os níveis de formação, sendo que este esporte é praticado em várias faixas etárias e apresenta benefícios ao desenvolvimento humano.

Diante desse exposto, mesmo com todas as dificuldades elencadas, a modalidade no estado do Amazonas é desenvolvida nas aulas de Educação Física e nos Projetos de Práticas Corporais por crianças e jovens, demonstrando sua importância no contexto educativo. Nessas circunstâncias, elaboramos a seguinte questão de pesquisa: como o professor atua no sentido de ensinar e aprender através do badminton, considerando os recursos utilizados para desenvolver a percepção, a imaginação, a atividade criadora e outras possibilidades interpretativas de desenvolvimento das funções mentais superiores?

Esta tese conduz um olhar fundamentado na perspectiva histórico-cultural para o trabalho docente desenvolvido no processo de ensinar e aprender o badminton, tendo como possibilidade o desenvolvimento de práticas educativas simuladas da realidade com uma Educação Física que educa para a vida.

Sendo assim, partimos do pressuposto de que o desenvolvimento social, cognitivo e de movimento corporal alcançam resultados satisfatórios quando há uma

prática educativa capaz de atuar de maneira dialógica e dialética entre quem educa e o educando. Portanto, o foco é atuação do professor em suas práticas educativas no ensino do badminton, os quais apresentam uma aprendizagem significativa, inclusiva e diferenciada que afetarão o desenvolvimento humano de crianças e jovens para autonomia, emancipação, criticidade e reflexividade da realidade.

Desta maneira, pensando na individualidade biológica, social e psicológica dos alunos e o desenvolvimento das práticas do professor no coletivo, surgem algumas questões: como é a atuação do professor? Quais os recursos que são utilizados para desenvolver a percepção, a atividade criadora e os processos imaginativos, sobretudo as relações sociais? Quais os indícios de possibilidades de desenvolvimento das funções psicológicas superiores de conduta dos alunos?

Em relação à justificativa deste estudo, ela apresenta um tripé de ordem pessoal, social e acadêmico, partindo de motivações pessoais: o contato há dezenove anos com minha irmã com deficiência, o envolvimento no curso de Educação Física, a especialização em Educação Especial, o mestrado em Educação, a atuação como professora de Educação Física em Manaus com o badminton por dois anos dentro do Projeto de Práticas Corporais, pelo aprofundamento das leituras vygotskianas no Grupo de Pesquisa Resignificar e no Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Física e suas Relações Interdisciplinares (GEPEFRI), assim como nas aulas do curso de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação.

Com base nas vivências com os esportes e acúmulo teórico-metodológico desde a graduação, entendemos que os esportes apresentam interferência no desenvolvimento das capacidades e habilidades no aspecto físico, cognitivo, psicológico, emocional e sociocultural. As aprendizagens proporcionam práticas educativas fundamentais para a vivência no coletivo. Dessa forma, o desenvolvimento social é relevante para a superação de obstáculos, limites e contradições que surgem ao vivenciar o esporte, a fim de influenciar nos comportamentos e decisões individuais e coletivas.

Outro aspecto a ser considerado envolve as discussões fomentadas em torno da esfera acadêmico-científica. Para isso foi realizado o estado da questão, detalhado na próxima seção, de acordo com Therrien e Therrien (2004), a fim de selecionar buscas seletivas em bancos de dados para compreender os tipos de informações produzidas sobre o tema e o objetivo de investigação dos estudos, com a utilização dos seguintes descritores: badminton nas aulas de Educação Física no banco de

dados do Google Acadêmico; Vygotsky/Teoria Histórico-Cultural e Educação Física no banco de dados dos Programas em Educação da Região Norte entre os anos de 2011 e 2021.

Quanto aos resultados, no banco de dados do Google Acadêmico com o descritor “Badminton nas aulas de Educação Física” identificamos 30 trabalhos. Ao utilizar os refinamentos “título”, “resumo”, “palavras-chave” e “ano de publicação” (2011 a 2021), foram analisados 12 trabalhos. No banco de dados dos Programas em Educação da Região Norte entre os anos de 2011 e 2021, o levantamento inicial resultou em 83 produções. Ao aplicar os critérios (título, temática, tipo de pesquisa e resultados que abordam o referencial da THC e Vygotsky com a Educação Física), obtivemos 6 dissertações para análise.

Desta maneira, o objetivo geral desse estudo é compreender as relações entre as práticas educativas desenvolvidas através do badminton e o desenvolvimento de alunos de acordo com os conceitos da Teoria Histórico-Cultural (THC). Com três objetivos específicos; relatar as práticas educativas do professor com os alunos a partir do badminton dentro das condições de jogo e questões socio-psíquico-educacionais; descrever quais concepções o professor tem a respeito do desenvolvimento humano nas práticas educativas desenvolvidas nesses espaços; caracterizar as condições oferecidas aos alunos para a interação com o badminton, tendo como foco os aspectos dos processos imaginativo e criativo nas práticas observadas.

Na primeira seção, descreveremos o badminton como manifestação histórico-cultural, o modo de ensinar desde o seu período histórico, apresentaremos suas regras e fundamentos e como os documentos formativos direcionam o conteúdo nas aulas de Educação Física. Além disso, realizaremos o estado da questão das produções acadêmicas sobre os descritores “badminton nas aulas de Educação Física escolar”, “Vygotsky ou Teoria Histórico-Cultural e a Educação Física”, respectivamente no banco de dados do Google Acadêmico e as Bibliotecas Digitais dos Programas de Pós-Graduação da região Norte.

Na segunda seção, apresentaremos o referencial teórico sobre a Teoria Histórico-Cultural com os conceitos norteadores da pesquisa, o desenvolvimento humano compreendido do plano biológico ao plano cultural, a mediação semiótica, os processos de significação, a imaginação e a atividade criadora segundo Vygotsky (1998; 2021; 2009; 2018), Pino (2005); Antônio (2008); Kravtsov e Kravtsov (2021).

Na terceira seção, desenharemos o caminhar metodológico da pesquisa, caracterizando o lugar da pesquisa, os participantes do estudo, os procedimentos de coleta e análise dos dados.

Na quarta seção apresentaremos a análise dos dados a partir da fundamentação dos conceitos da Teoria Histórico-Cultural (THC) com a utilização dos seguintes materiais: o diálogo da entrevista semiestruturada com o professor da pesquisa e a pedagoga da escola; as anotações do diário de campo; a transcrição dos diálogos entre professor e os alunos; os desenhos construídos pelos educandos e as fotos registradas durante as práticas educativas do badminton no trimestre letivo – fevereiro a abril do ano de 2023.

1 O BADMINTON: UMA MANIFESTAÇÃO HISTÓRICA E CULTURAL

Nesta seção será apresentada a história do badminton, os documentos formativos que orientam os professores da Educação Básica a elaborarem as suas práticas educativas no meio escolar, além das produções em dois bancos de dados analisados entre os anos de 2011 e 2021: o Google Acadêmico e as submissões de teses e dissertações nas bibliotecas digitais dos Programas de Pós-Graduação em Educação da região Norte.

Compreende-se o badminton como uma manifestação histórica e cultural pelo simbolismo que foi constituído desde sua origem e pela essência que se constitui nas relações sociais ao praticar a modalidade, seja na escola, em centros de treinamento ou em espaços públicos, pois, em decorrência de sua prática, esse esporte alcança crianças, jovens e adultos por meio de atividades sistematizadas, contribuindo para o desenvolvimento e aprendizagem das habilidades e capacidades físicas e, sobretudo, sociais.

Desta maneira, entendemos o badminton como um fenômeno social a partir da Teoria Histórico-Cultural (THC). De acordo com ela, a interação entre o ambiente e o outro são fundamentais para o desenvolvimento humano. Logo, os aspectos biológicos, sociais e psicológicos são fatores a serem considerados para entendermos onde e como o badminton está situado na sociedade. Neste contexto, apresentaremos a seguir a história da modalidade.

1.1 Da história do badminton aos documentos formativos para a sua aplicabilidade no ambiente escolar

Esta subseção apresentará não apenas o histórico do esporte, mas também como os documentos Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o Referencial Curricular Amazonense (RCA) e as propostas curriculares e pedagógicas para o estado do Amazonas compreendem e direcionam os professores de Educação Física para a prática desse esporte no ambiente escolar. Partimos da compreensão que o esporte é um direito, como consta na Constituição Federal de 88, no artigo 217, quando se define que é dever do Estado organizar e fomentar as práticas esportivas para a sociedade, seja no âmbito escolar, na comunidade ou no alto rendimento.

Como frisado acima, há incerteza a respeito da origem factual do badminton, com indícios, apenas, que apontam para influências das civilizações da Ásia e Europa,

especialmente da Índia, expandindo-se para a Inglaterra com os oficiais britânicos e chegando à prática na casa de campo do Duque de Beaufort, onde modificou-se e recebeu seu nome por conta de sua reformulação em Gloucestershire. Aponta Strapasson (2016, p.25): “o esporte então foi modificado pelos ingleses em muitos dos seus aspectos. Por não entenderem muito bem as regras, criaram praticamente outro esporte”. Lorenzi (2011) também comenta que em 1873, durante a tarde, as filhas do Duque de Beaufort colocaram penas em uma rolha de champanhe e sugeriram fazer o jogo dentro do salão grande do castelo, para poder fugir da chuva que iria cair, inaugurando a prática do badminton em ambiente fechado. Na linha do tempo do esporte, seis décadas depois era fundada a Federação Internacional de Badminton (IBF); dali a cerca de 40 anos depois, em 1972, o badminton se tornava olímpico e se popularizaria no Brasil com a edição dos jogos do Rio de Janeiro.

Conforme Strapasson (2016), no Brasil, o badminton além de carência de produções científicas, tem poucos relatos sobre a sua implementação. A autora pontua alguns eventos no país que fazem parte da história do esporte: a primeira quadra oficial feita foi em 1938, na cidade de Santos; a primeira mostra do esporte foi em São Paulo, no SESC de Pinheiros; em 1988, a criação da Federação de Badminton de São Paulo; no ano de 1993, o Brasil chegou ao pódio em terceiro lugar no Campeonato Panamericano que ocorreu na Guatemala; em 1994, a CBBd foi aprovada pelo Comitê Olímpico Brasileiro como membro filiado.

O badminton, segundo Neri (2011), é uma modalidade de caráter individual e não de equipes, apesar de também ser jogado em duplas femininas, masculinas ou mistas. Sua prática, quando desenvolvida em uma quadra fechada, chamamos de badminton, na qual o vento não afeta a direção da peteca durante a partida. Quando desenvolvida em ambiente aberto, seja na praia ou em campo, é conhecida como air badminton. Vale ressaltar que as petecas são diferentes para cada modalidade.

Em relação ao objetivo do jogo, Neri (2011, p.13) explica que a pontuação ocorre nas seguintes situações: “fazer a peteca cair na quadra adversária; obrigar o adversário a mandar a peteca para fora da área da quadra ou mandar a peteca na rede; acertar a peteca no corpo do adversário”. As faltas cometidas durante as partidas, segundo Lorenzi (2011, p.25), são quando

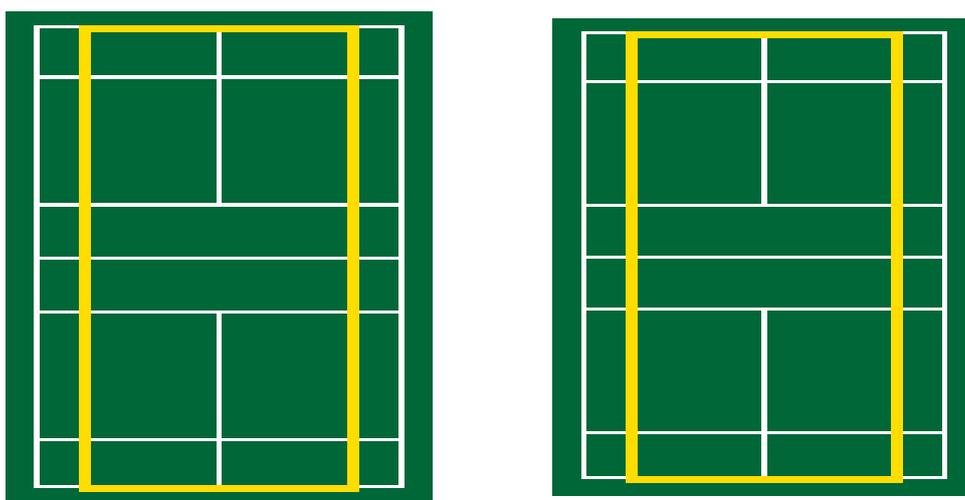
a peteca ir para fora das linhas da quadra; o atleta encostar-se à rede enquanto a peteca está em jogo; o jogador invade ou acerta a peteca no lado oposto da rede; a peteca for golpeada duas vezes do mesmo lado da quadra; a peteca acertar o jogador, a roupa, o teto ou arredores da quadra; houver interferência com a peteca; mau comportamento o jogador perde o serviço e

o oponente ganha um ponto; o parceiro do receptor receber o serviço; o sacador faz o movimento e erra a peteca.

No site da CBBd (2023) são apresentadas cinco formas de como jogar badminton e as suas subdivisões. As categorias de jogo são: simples feminino (SF), simples masculina (SM), dupla masculina (DM), dupla feminina (DF) e dupla mista (DX). Quanto às subdivisões dentro de cada categoria, leva em consideração a idade do aluno, iniciando com a subdivisão Sub-11 até 10 anos de idade, Sub-13 até 12 anos de idade, Sub-15 até 14 anos de idade, Sub-17 até 16 anos de idade, Sub-19 até os 18 anos de idade, adulto qualquer idade, sênior 35 anos de idade ou mais.

Os tipos de categoria, simples ou duplas, influenciam no tamanho da quadra de jogo. Desta maneira, existem dois tamanhos de quadra no badminton (Figura 1), sendo a imagem da esquerda a quadra de simples (a) e da direita a quadra de duplas (b).

Figura 1: Modelos de quadras da categoria simples e categoria duplas



Quadra simples (a)

Quadra de duplas (b)

Fonte: Confederação Brasileira de Badminton, 2023.

As linhas amarelas (Figura 1) demarcam o limite dos dois tipos de quadra. Ao citar os tipos de linhas, descrevemos que há as linhas centrais⁷, as linhas de serviço curto, as linhas de serviço longo para jogo de simples⁸, as linhas de serviço longo para o jogo de duplas⁹ e as linhas laterais.

A quadra é dividida com base na área de serviço: do lado direito dela são pontuados os números pares e, do lado esquerdo, os números ímpares. De acordo

⁷Dividem as áreas de serviço em direito e esquerdo, respectivamente sendo pontuado os números pares e os números ímpares.

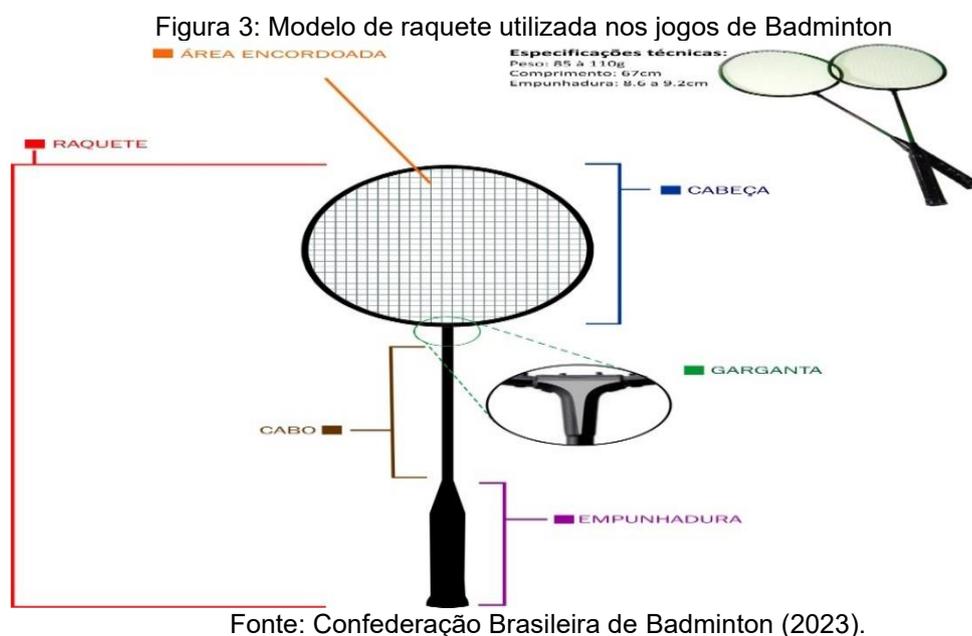
⁸Linhas de frente da rede.

⁹Linhas do fundo da quadra.

pontos, ou seja, 2x0; caso haja empate, haverá o game decisivo, 2x1. Além disso, o jogador que ganhar o set, sacará primeiro no próximo. Caso o placar chegue a 20 a 20, por exemplo, a diferença dos pontos deve ser de dois pontos para o lado vencedor. Se a partida chegar em 29 a 29, ganha o set quem fizer primeiro o 30º ponto.

A cada ponto marcado, os jogadores mudam de lado da quadra para realizar o novo serviço ou saque. Além disso, a troca de lado das quadras ocorre ao final de cada set. Quando acontece o terceiro set, a troca ocorre no 11º ponto e os jogadores têm um minuto de intervalo. Existe uma parada técnica de dois minutos em cada fim de set para o jogador receber instruções dos seus respectivos professores. Se for 2x0, serão duas paradas técnicas, porém, se empatar o placar, ocorrerá mais um set e a parada técnica será no 11º ponto.

A raquete (figura 3) é um dos elementos fundamentais para a prática dos jogos de badminton. As raquetes podem ser do tipo de aço, alumínio ou grafite com comprimento de 67 centímetros e com o peso de 85 a 110 gramas (Strapasson, 2016). O que difere as raquetes é a tensão da corda que cada uma suportará de forma tracionada. Todas as raquetes têm três partes: cabeça, onde fica a corda tensionada com o encordoamento; haste ou cabo; empunhadura, onde fica o grip¹¹, feito de borracha, que pode ser da cor de preferência do aluno.

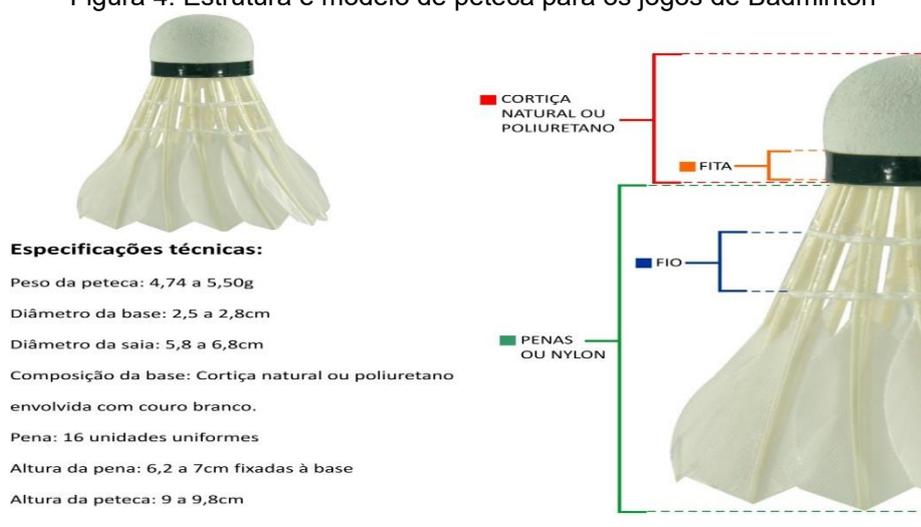


Outro elemento necessário para a prática do badminton é conhecer a peteca que é manuseada nos jogos, que pode ser de penas de ganso ou de nylon (Figura 4).

¹¹Local onde se segura a raquete (NERI, 2011).

O peso dessas petecas varia de 4,74 a 5,50 gramas, com altura entre 9 centímetros e 9,8 centímetros (Strapasson, 2016). Os dois tipos de peteca seguem a mesma estrutura: cortiça, fita, fio e o próprio nylon ou pena. As petecas durante as partidas de badminton podem chegar a uma velocidade de 493 km/h, como frisado por Strapasson (2016) a respeito do atleta malaio, Tan Boon Heong, que conseguiu registrar essa velocidade durante uma competição, entrando para o Livro dos Recordes.

Figura 4: Estrutura e modelo de peteca para os jogos de Badminton



Fonte: Confederação Brasileira de Badminton (2015).

A partir da apresentação da história, objetivo e regras do badminton, apresentamos a seguir os documentos Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o Referencial Curricular Amazonense (RCA) e as propostas curriculares e pedagógicas para o estado do Amazonas que citam o referido esporte dentro da classificação do esporte de rede. Com isso, os professores de Educação Física podem compreender e direcionar suas práticas educativas dentro do ambiente escolar.

Para Soares et al. (1992) o esporte tem códigos, significados e valores educativos quando inseridos na organização didático-pedagógica dos currículos da Educação Básica, pois o esporte é compreendido como um fenômeno social. Logo, existem normas e adaptações de sua realidade diante da comunidade que pratica, elabora ou reinventa.

Sob essa ótica, analisaremos o primeiro documento formativo, a BNCC (2017), que direciona propostas pedagógicas para o trabalho com o esporte de rede (quadro 1). Esse documento cita de forma homogênea as habilidades que podem ser trabalhadas com esse esporte em todo o país. Contudo, na prática, a região Norte do

Brasil é afetada na compra de materiais de petecas, raquetes e tênis, que são os materiais próprios da modalidade, criando empecilhos para desenvolver o esporte no estado do Amazonas. Os professores e alunos que o praticam adquirem os equipamentos com recurso próprio via *e-commerce*. Para a rede estadual de ensino, a responsabilidade de enviar materiais para a prática do esporte é da Secretaria de Educação.

Quadro 1: Direcionamento de propostas pedagógicas de acordo com a BNCC

| Série | Proposta segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). | |
|----------------------------|---|---|
| 3º ano 4º ano 5º ano | Habilidades | (EF35EF05) Experimentar e fruir diversos tipos de esportes de rede, identificando seus elementos comuns e criando estratégias individuais e coletivas básicas para sua execução, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo. (EF35EF06) Diferenciar os conceitos de jogo e esporte, identificando as características que os constituem na contemporaneidade e suas manifestações (profissional e comunitária/lazer). |
| 8º ano 9º ano | Habilidades | (EF89EF01) Experimentar diferentes papéis (jogador, árbitro e técnico) e fruir os esportes de rede/parede valorizando o trabalho coletivo e protagonismo. (EF89EF02) Praticar um ou mais esportes de rede/parede usando habilidades técnico-táticas básicas. (EF89EF03) Formular e utilizar estratégias para solucionar os desafios técnicos e táticos, tanto nos esportes de rede como nas modalidades esportivas escolhidas para praticar de forma específica. (EF89EF04) Identificar os elementos técnicos ou técnico-táticos individuais, combinações táticas, sistemas de jogo e regras das modalidades esportivas praticadas, bem como diferenciar as modalidades esportivas com base nos critérios da lógica interna da categoria de esporte de rede. (EF89EF05) Identificar as transformações históricas do fenômeno esportivo e discutir alguns de seus problemas (doping, corrupção, violência etc.) e a forma como as mídias os apresentam. (EF89EF06) Verificar locais disponíveis na comunidade para a prática de esportes e das demais práticas corporais tematizadas na escola, propondo e produzindo alternativas para utilizá-los no tempo livre. |

Fonte: Adaptação do documento Base Nacional Comum Curricular (2017).

As habilidades e séries apresentadas pela BNCC (2017) dispostas no quadro 1 vão de encontro ao que Vygotsky (1998) aborda quando postula que o desenvolvimento e aprendizagem são ao longo da vida. Ao delimitar a série e as referidas habilidades que serão trabalhadas, limita-se também a criança ou jovem que está disposto a aprender as temáticas que dialogam com o esporte nas situações de jogo e no sentido de vivências significativas do sujeito de se conhecer, isto é, crescer desenvolvendo nas diversas áreas do conhecimento (linguagem, ciências humanas e ciências sociais) em diálogo com o conteúdo do badminton dentro das aulas de Educação Física ou em Projetos de Práticas Corporais, com incentivo da criatividade e altruísmo.

As habilidades EF35EF05 e EF89EF01 da BNCC (2017) enaltecem a questão do trabalho individual e coletivo ao lidar com o esporte de rede. Essas categorias são essenciais dentro da THC, quando Vygotsky (1998) expõe que o ser humano se desenvolve com o outro, assim como Angel Pino (2005) e Diefenbach e Goulart (2018) citam a importância da interação entre o ambiente e o outro como pontos necessários para a aprendizagem.

Outro documento a ser analisado é o RCA (2020), elaborado por professores da rede estadual, municipal, federal e instituições privadas do estado do Amazonas. Vale ressaltar que os elaboradores desse documento fundamentaram seus conceitos a partir da BNCC (2017). Os profissionais da educação criaram quatro arquivos, um para cada etapa da Educação Básica: ensino infantil, ensino fundamental nos anos iniciais e anos finais e ensino médio.

O conteúdo esporte de rede foi citado apenas em dois deles: Ensino Fundamental Anos Iniciais (Quadro 2) e Ensino Fundamental Anos Finais (Quadro 3). Nesse contexto, observamos que não houve ampliação da BNCC (2017) para o RCA (2020) no que tange ao ensino médio referente a esse conteúdo.

Quadro 2: Direcionamento de propostas pedagógicas de acordo com o RCA Anos Iniciais.

| Série | Proposta segundo o Referencial Curricular Amazonense (RCA) Anos Iniciais. | |
|----------------------------|---|--|
| 3º ano 4º ano 5º ano | Competências | (CEEF10EF) Experimentar, desfrutar, apreciar e criar diferentes esportes, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo. (CEEF01EF) Compreender a origem da cultura corporal de movimentos e seus vínculos com a organização da vida coletiva e individual. (CEEF02EF) Planejar e empregar estratégias para resolver desafios e aumentar as possibilidades de aprendizagem das práticas corporais, além de se envolver no processo de ampliação do acervo cultural nesse campo. |
| | Habilidades | Mesma habilidade descrita no documento BNCC (EF35EF05). |
| | Objetos de conhecimento | Jogos pré-desportivos e atividades lúdicas dos esportes de rede (vôlei, tênis de mesa, peteca ¹² , badminton, squash, entre outros). |
| | Competências | (CEEF06EF) Interpretar e recriar valores, os sentidos e os significados atribuídos às diferentes práticas corporais, bem como os sujeitos que delas praticam. (CEEF07EF) Reconhecer as práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos. (CEEF08EF) Usufruir das práticas corporais de forma autônoma para potencializar o envolvimento em contextos de lazer, ampliar as redes de socialidade e promoção da saúde. |
| | Habilidades | Mesma habilidade descrita no documento BNCC (EF35EF06). |
| | Objetos de conhecimento | Jogos pré-desportivos e atividades lúdicas dos esportes de rede (vôlei, tênis de mesa, peteca, badminton, squash, entre outros). |

Fonte: Adaptação do documento Referencial Curricular Amazonense Ensino Fundamental Anos Iniciais (2020).

¹²Prática desenvolvida pelos indígenas e estas são diferentes das petecas utilizadas na prática do Badminton. O seu nome é de origem tupi e significa bater com as mãos.

Ao aprofundar a leitura sobre o direcionamento das propostas do RCA Ensino Fundamental Anos Iniciais (Quadro 2) esperava-se que os pesquisadores abordassem situações específicas da região amazônica, posto que o estado do Amazonas apresenta contextos culturais, sociais e biológicos típicos da Amazônia: negros, remanescentes de quilombos e indígenas. Nas competências, não houve avanço no sentido de ser elencada nas aulas de Educação Física escolar a história de vida dessas populações, as suas lutas no desenrolar da sociedade e suas práticas educativas dentro do contexto amazônico. Nesse sentido, a pesquisa de Oliveira (2018) já anunciava essa questão nos documentos normativos da educação:

ainda não se vislumbrou nos documentos normativos da educação do campo um olhar voltado para a diversidade e complexidade que a realidade desses povos apresenta, num diálogo que considere uma organização curricular que aumente, de fato, as possibilidades de vivências emancipatórias dos povos do campo, no sentido de que a organização social desse espaço seja contemplada na forma como ela acontece, sem a intenção de ajustar essa organização nos moldes urbanos (p.55).

Entretanto, é um avanço quando citam no detalhamento dos objetos de conhecimento (Quadro 2) a peteca como atividade praticada pelos indígenas, sendo elaboradas de forma artesanal com penas de galinha, palha de milho, barbante e areia, elementos da realidade da comunidade amazonense.

Os direcionamentos do RCA Anos Finais (Quadro 3), principalmente nas habilidades EF89EF03 e EF89EF04 – que foram retiradas da BNCC (2017), como exposto no quadro 1 – denotam maior tecnicidade na descrição das modalidades do esporte de rede. Nesse sentido, os professores de Educação Física devem conhecer os fundamentos técnicos e táticos, o processo histórico de cada modalidade para assim desenvolverem trabalhos críticos e reflexivos sobre a realidade que estão inseridos.

Quadro 3: Direcionamento de propostas pedagógicas de acordo com o RCA Anos Finais.

| Série | Proposta segundo o Referencial Curricular Amazonense Anos Finais. | |
|--------|---|--|
| 8º ano | Competências | (CEEF10EF) Experimentar, desfrutar, apreciar e criar diferentes esportes valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo. (CEEF08EF) Usufruir das práticas corporais de forma autônoma para potencializar o envolvimento em contextos de lazer, ampliar as redes de sociabilidade e a promoção da saúde. |
| | Habilidades | Mesmas habilidades descrita no documento BNCC (EF89EF01); (EF89EF02). |
| | Objetos de conhecimento | No que se refere à investigação e experimentação de diferentes papéis relacionados aos sistemas da arte e do esporte. |
| | Competências | Mesmas competências descritas no documento RCA (CEEF10EF); (CEEF08EF). (CEEF09EF) Reconhecer o acesso às práticas corporais como direito ao cidadão, propondo e produzindo alternativas para sua realização no contexto comunitário. |

| | | |
|--------|-------------------------|--|
| 9º ano | Habilidades | Mesmas habilidades descritas no documento BNCC (EF89EF01); (EF89EF02); (EF89EF03); (EF89EF04). |
| | Objetos de conhecimento | Vôlei, vôlei de praia, futevôlei, badminton, dentre outros. |

Fonte: Adaptação do documento Referencial Curricular Amazonense Ensino Fundamental Anos Finais (2020).

Em outra oportunidade, docentes, técnicos e colaboradores da Secretaria de Educação fizeram uma construção coletiva afim de proporcionar ideias de práticas inovadoras para a rede pública de ensino, na qual elaboraram outros documentos formativos com propostas curriculares e pedagógicas para o estado do Amazonas a partir da efetivação da BNCC e validação do RCA. Assim, foram publicadas as Propostas Curriculares e Pedagógicas para o Ensino Fundamental, para o Ensino Médio, para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e para o Programa de Correção de Fluxo Escolar - Avançar. Novamente, o badminton não foi citado no documento formativo para o ensino médio.

Na Proposta Curricular e Pedagógica do Ensino Fundamental (Quadro 4) foi enfatizada a realização das práticas corporais voltadas para a saúde/doença, atividades laborais e como essas práticas influenciam no processo educacional como direito do cidadão perante os objetos de conhecimento nas séries do 5º e 9º ano. Desse modo, os Projetos de Práticas Corporais são necessários para o desenvolvimento humano.

Na obra de Diefenbach e Goulart (2018) descreve-se como ocorreu o desenvolvimento do badminton na comunidade escolar com estudantes do ensino fundamental inseridos em projeto extracurricular, o que demonstra a relevância do jogo no desenvolvimento humano dos alunos, a partir de competições dentro da escola e fora dela. Esse estudo se aproxima da realidade desta tese, pois o Projeto de Práticas Corporais – Badminton da E.E. Francisco das Chagas Souza de Albuquerque ocorre em Projeto Extracurricular e desenvolve as regras do jogo, as questões sociais e coletivas como praticadas na escola citada pelos autores.

Outro ponto para reflexão é o item possibilidades interdisciplinares/temas contemporâneos transversais já anunciados na BNCC (2017), mas que nos documentos propostos ganham mais visibilidade ao citar a competência, habilidade, o objeto de conhecimento, as disciplinas e os temas que compõem a estrutura do planejamento didático-pedagógico do professor.

Logo, é possível trabalhar o badminton como objeto de conhecimento com interdisciplinaridade, como exposto por Diefenbach e Goulart (2018, p.32) quando se

tem a “busca entre os pares àqueles que tomam as práticas esportivas, assim como suas regras e socialização, uma extensão da sala de aula, enfatizando o respeito e o compartilhamento do trabalho desenvolvido em todos os ambientes da escola”.

Quadro 4: Proposta Curricular e Pedagógica do Ensino Fundamental.

| Série | Proposta segundo a Proposta Curricular e Pedagógica do Ensino Fundamental. | |
|-------------------|---|--|
| 5º ano (II ciclo) | Competências | Mesmas competências descritas no documento RCA anos iniciais: (CEEF10EF); (CEEF01EF); (CEEF02EF); (CEEF06EF); (CEEF07EF); (CEEF08EF); Refletir, criticamente, sobre as relações entre a realização das práticas corporais e os processos de saúde/doença, inclusive no contexto das atividades laborais. |
| | Habilidades | Mesmas habilidades descritas no documento BNCC (EF35EF05); (EF35EF06). |
| | Objetos de conhecimento | Jogos pré-desportivos e atividades lúdicas do esporte de rede (badminton, voleibol, vôlei, entre outros). |
| | Possibilidades interdisciplinares/Temas contemporâneos transversais (TCTs) | Língua portuguesa e nas TCTs: Diversidade cultural; Educação para o trânsito; Educação em direitos humanos; Direitos da criança e dos adolescentes; Trabalho; Ciência e Tecnologia; Saúde. |
| 9º ano | Competências | Mesmas competências descritas para o 5º ano (II ciclo). |
| | Habilidades | Mesmas habilidades descritas no documento BNCC (EF89EF01); (EF89EF02); (EF89EF03); (EF89EF04); (EF89EF05); (EF89EF06). |
| | Objetos de conhecimento | Esportes de rede: vôlei, vôlei de praia, futevôlei; badminton. |
| | Possibilidades interdisciplinares/ Temas contemporâneos transversais (TCTs) | Arte; língua portuguesa; matemática; história; geografia. E nas TCTs: educação ambiental; saúde; trabalho; ciência e tecnologia; diversidade cultural; educação para a valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras. |

Fonte: Adaptação do documento Proposta Curricular e Pedagógica do Ensino Fundamental (2021).

Quanto à Proposta Curricular e Pedagógica da EJA (Quadro 5), é um avanço a preocupação dos profissionais com o componente Educação Física na modalidade EJA, pois a SEDUC/AM não disponibiliza carga horária para os conteúdos da Educação Física serem trabalhados nessa modalidade de ensino. O acesso aos objetos de conhecimento, em contrapartida, é direito dos cidadãos no que diz respeito à saúde, o lazer e às expressões de sentimentos a partir das vivências que os jogos, as lutas, as ginásticas, os esportes, as danças e as práticas de aventura proporcionam.

Quadro 5: Proposta Curricular e Pedagógica da EJA.

| Etapa | Proposta segundo a Proposta Curricular e Pedagógica da EJA. | |
|----------|---|---|
| 4ª etapa | Competências | Mesmas competências descritas na Proposta Curricular e Pedagógica para o 5º ano (II ciclo): (CEEF10EF); (CEEF01EF); (CEEF02EF); (CEEF06EF); (CEEF07EF); (CEEF08EF). Identificar as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes. |

| | | |
|----------|---|---|
| | | Reconhecer o acesso às práticas corporais como direito do cidadão, propondo e produzindo alternativas para sua realização no contexto comunitário. Identificar a multiplicidade de padrões de desempenho, saúde, beleza e estética corporal, analisando, criticamente, os modelos disseminados na mídia e discutir posturas consumistas e preconceituosas. |
| | Habilidades | Mesmas habilidades descritas no documento BNCC (EF35EF05); (EF35EF06) . |
| | Objetos de conhecimento | Badminton, squash e voleibol. |
| | Possibilidades interdisciplinares/ Temas contemporâneos transversais (TCTs) | Língua portuguesa e as TCTs: diversidade cultural; educação para o trânsito; educação em direitos humanos; direitos da criança e dos adolescentes; trabalho; ciência e tecnologia; saúde. |
| 8ª etapa | Competências | Mesmas competências descritas na Proposta Curricular e Pedagógica para a 4ª etapa. |
| | Habilidades | Mesmas habilidades descritas no documento BNCC (EF35EF04); (EF35EF06) . |
| | Objetos de conhecimento | Vôlei e badminton. |
| | Possibilidades interdisciplinares/ Temas contemporâneos transversais (TCTs) | Arte, história, geografia e as TCTs: educação ambiental; saúde, trabalho; ciência e tecnologia; diversidade cultural; educação para a valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras. |

Fonte: Adaptação do documento Proposta Curricular e Pedagógica da EJA (2021).

A Proposta Curricular e Pedagógica do Programa de Correção de Fluxo Escolar - Avançar (Quadro 6) é fundamentada no artigo 23 da Lei nº 9.394, de 1996, que autoriza a criação de turmas para alunos que estão fora da idade/série, com objetivo de melhorar o processo de aprendizagem e autoestima dos estudantes que estão com atraso escolar nos anos finais do ensino fundamental no estado do Amazonas.

Essa medida atua como forma de garantir a igualdade de oportunidade para aquisição de conhecimento. Desse modo, o currículo é pensado quanto à competência, habilidade, objeto de conhecimento, as possibilidades interdisciplinares ou temas contemporâneos para alcançar o desenvolvimento dos alunos.

As turmas específicas para essa realidade têm todos os componentes curriculares e a Educação Física durante o primeiro bimestre letivo é orientada estudar o badminton como esporte de rede em diálogo com a arte, língua portuguesa, matemática, história e geografia. Oportunizando como cita Diefenbach e Goulart (2018) espaços que dialogam com os aspectos didáticos e pedagógicos que as disciplinas obrigatórias exigem, como forma de integrar o aluno a interpretar as informações de diversos conceitos, para tornarem seres humanos integrais.

Quadro 6: Proposta curricular e pedagógica do Programa de correção de fluxo escolar - avançar.

| Fase | Proposta segundo a Proposta Curricular e Pedagógica do Programa de Correção de Fluxo Escolar – Avançar. | |
|------|--|---|
| 3 | Competências | Mesmas competências descritas no documento RCA anos iniciais: (CEEF10EF); (CEEF01EF); (CEEF02EF); (CEEF06EF); (CEEF07EF); (CEEF08EF). |
| | Habilidades | Mesmas habilidades descritas no documento BNCC: (EF89EF01); (EF89EF02); (EF89EF03); (EF89EF04); (EF89EF05); (EF89EF06). |
| | Objetos de conhecimento | Tênis de mesa; badminton; squash; futevôlei; voleibol; pelota basca. |
| | Possibilidades interdisciplinares/ Temas contemporâneos transversais (TCTs) | Arte; língua portuguesa; matemática; história, geografia e as TCTs: educação ambiental; saúde; trabalho, ciência e tecnologia e diversidade cultural. |

Fonte: Adaptação do documento Proposta Curricular e Pedagógica do Programa de Correção de Fluxo Escolar – Avançar (2021).

Ao analisar a BNCC, o RCA e as Propostas Curriculares e Pedagógicas para o Ensino Fundamental, para a EJA e o Programa de Correção de Fluxo Escolar - Avançar podemos entender a estreita relação com o instrumento cultural e com potencialidades referentes aos sentimentos – abstração, criatividade, percepção, emoção, imaginação e sociabilidade. Essas características estão na vida do ser humano, o que Vygotsky (1998) chama de humanização dos sentidos, ocorrendo o desenvolvimento dos sentimentos e destaca ainda que a emoção é um fenômeno psicológico-cultural a partir do trabalho individual e coletivo dentro das diferentes práticas educativas.

Portanto, a Educação Física enquanto área de conhecimento consegue abordar todos os aspectos citados anteriormente. Isso ocorre pois, como salientam Soares et al. (1992), a Educação Física é uma expressão corporal, tem uma linguagem corporal, é transmitida e assimilada pelos educandos durante a sua prática. Desta maneira, consegue ser entendida e problematizada dentro de uma visão de totalidade, como demonstrado nos Quadros 1, 2, 3, 4, 5 e 6, a história do esporte, as regras, os aspectos técnicos e táticos, a relevância social, a questão do lúdico, as competências e habilidades apresentadas pelos documentos formativos.

Por fim, existem vários benefícios para as pessoas que praticam esportes, como “a socialização, a autoestima, independência e melhorias nos aspectos biológicos e psicossociais” (Estumano, 2021, p.65). Neri (2011) também pontua que a prática do badminton traz benefícios, especificamente quando cita o prazer em realizar os movimentos da modalidade e a criação de vínculos interpessoais. Desta maneira,

as relações sociais e o contato com o Outro são fundamentais para o desenvolvimento humano, como ressalta Vygotsky (1998).

A escola é um meio de socialização entre os pares. Por esse motivo, situamos as produções científicas nesse campo de intervenção, a fim de mapear como o badminton se materializa nas aulas de Educação Física. A seguir, descrevemos os objetivos, metodologia, resultados, aproximações e distanciamentos das pesquisas com esse estudo, de acordo com Therrien e Therrien (2004). Além disso, notificamos com os resultados desse descritor o surgimento de quatro enfoques: ensino do badminton; práticas pedagógicas do badminton; avaliação da aprendizagem voltadas ao badminton; os relatos dos estágios supervisionados de estudantes de Licenciatura em Educação Física.

1.2 As produções acadêmicas sobre o badminton: o que revela o Google Acadêmico

O primeiro banco de dados para realizar o estado da questão, segundo Therrien e Therrien (2004), com o descritor “Badminton nas aulas de Educação Física” foi o Google Acadêmico. Com esse descritor identificamos 30 trabalhos. Ao utilizar os refinamentos: título, resumo, palavras-chave, ano de publicação (2011 a 2021) foram analisados 12 trabalhos. 7 deles não abordam sobre o Badminton, 5 voltavam-se para o treinamento do esporte, não havendo relação com a escola, 4 eram citações e 1 era um vídeo cujo acesso encaminhava para o canal do YouTube e 1 produção estava repetida.

A primeira produção era uma monografia para obtenção de título de especialista, publicada em 2011, com o título “O Badminton nas aulas de Educação Física na proposta crítico-superadora” apresentado na Universidade do Extremo Sul Catarinense-UNESC por Verlane Fabiola de Lorenzi.

Lorenzi (2011) não elaborou objetivos específicos. Nessas circunstâncias, o objetivo geral do estudo consistia em “investigar acerca do processo de ensino do esporte Badminton na Educação Física a partir da proposta crítico-superadora”. Metodologicamente, é uma pesquisa de campo do tipo pesquisa-ação na E.E.B. Barão do Rio Branco, com a turma do 1º ano do ensino médio no município de Urussanga.

Lorenzi (2011) iniciou a seção dos resultados justificando que a escolha da turma ocorreu porque tinha realizado o estágio curricular no semestre que antecedeu a defesa da especialização na turma da 8ª série e contava com a presença de alguns

alunos que ela já conhecia; como o plano de aula incluía duas aulas de badminton, ela quis dar continuidade no planejamento de ação. A pesquisadora também explica a escolha do tópico pela proposta do Coletivo de Autores ao citar a relevância social do conteúdo.

Didaticamente, Lorenzi (2011) começa apresentando a contextualização histórica do badminton e indaga aos alunos se já conhecem a modalidade, ao que quinze alunos respondem que já conheciam do ano anterior; dois alunos conheciam pela da televisão, porém não sabiam jogar; o restante da turma não conhecia. A classe assistiu a um vídeo com jogos oficiais de badminton e uma reportagem sobre o projeto que ocorre na favela do Jacarezinho, no Rio de Janeiro, na qual puderam observar o tamanho da quadra oficial e a realidade de atletas carentes que conquistaram medalhas praticando o esporte.

Quando terminou o vídeo, a pesquisadora relatou que foram para a quadra e quatro discentes pediram autorização para jogarem ao lado das salas, ela autorizou e ficou surpresa quando foi analisá-los, pois os alunos haviam demarcado no chão as linhas da quadra de badminton e estavam jogando em duplas. Outro fato que Lorenzi (2011, p.32) se surpreendeu foi que “nas aulas livres das outras turmas pediram para brincar com as raquetes de cabo comprido, ou seja, em 4 aulas o Badminton, um esporte desconhecido, já fazia parte das aulas de Educação Física de uma escola da rede pública estadual do interior”.

Para a prática, a autora emprestou o material do Curso de Educação Física da UNESCO, as raquetes e petecas – equipamentos que chamaram a atenção dos alunos –, mas também praticaram com raquetes feitas de meia. Estas foram as preferidas dos discentes, pois, segundo eles, eram mais leves. Os fundamentos que os alunos tiveram dificuldades foram o saque e a recepção e a pesquisadora explicou que as regras podem ser adaptadas no ambiente escolar para que todos pratiquem.

Foi solicitada uma ida a um ginásio do município. Lorenzi e os alunos construíram a quadra no local, e os educandos formaram duplas para uma espécie de campeonato adaptado. A pesquisadora frisou que a finalidade não era a competição na escola, porque isso é uma cultura implantada, mas que cabia aos docentes proporem novas reflexões sobre o aspecto da competição.

De acordo com ela, apesar do Badminton ser pouco praticado nas aulas de Educação Física e desconhecido pelos alunos da turma, eles admiraram a prática e

notaram que, em poucas aulas, é possível ministrar novos conhecimentos e sair dos quatro esportes comumente praticado nas escolas.

Lorenzi (2011) utiliza no seu referencial a história e as regras do badminton apresentados na primeira seção deste estudo. Além disso, assim como esta tese, fundamenta seus pensamentos no Coletivo de Autores (1992), entendendo a Educação Física como uma cultural corporal, que através da expressão corporal como linguagem é composta de sentidos e significados correlacionados com uma intencionalidade e objetividade no contexto social.

O segundo artigo selecionado foi da Revista Coleção Pesquisa em Educação Física de 2013, de autoria de Emerson Pereira de Souza Arruda, Rodrigo Wanderley de Sousa Cruz, Leys Eduardo dos Santos Soares, Djavan Antério, Carlos Vidal de Melo e George Paiva Farias, com o título “O Badminton nas aulas de Educação Física: um relato de experiência, os autores apresentaram só o objetivo geral do trabalho relatar uma experiência docente realizada em uma escola estadual na cidade de João Pessoa/PB”.

A pesquisa é descritiva, de abordagem qualitativa, do tipo participante na Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Antônia Rangel de Farias, localizada no bairro da Torre, na cidade de João Pessoa. A técnica para a coleta de dados deu-se por meio de aulas pré-elaboradas. Quanto à sistematização do estudo, foi organizada em três categorias, segundo Arruda et al. (2013, p.113): “1 - contatos com a turma diante o desafio de uma inovação conteudística [sic]; 2 - unidade didática (Badminton): objetivos, estrutura de aula e habilidades envolvidas; 3 - aprendizagens e dificuldades na vivência de um novo esporte”.

A primeira categoria teve como resultado a apresentação da turma do 6º ano (A) composta por 22 alunos, sendo 9 meninos e 13 meninas. A turma era classificada pelos professores como difícil de ministrar aula por ser barulhenta e não respeitar os colegas de sala e os professores. Os pesquisadores tentaram inovar as aulas, colocando todos os alunos para realizarem as atividades juntos, pois antes eles realizavam as atividades separados.

No primeiro dia da aula prática, os professores distribuíram as petecas e raquetes para os presentes e estes mostraram curiosidade pelo material. Alguns alunos intuíram que seria prática de tênis e outros afirmaram que iriam jogar peteca. Os professores então contaram a história da modalidade e as semelhanças que o badminton tem com o tênis de quadra. O grupo demonstrou como executar a

empunhadura na raquete. Em outras aulas, mostraram algumas regras do esporte. Os professores observaram que alguns alunos ficaram sentados, outros desobedeciam aos comandos, atrapalhavam a dinâmica enquanto alguns nem participavam da aula.

Porém, com o passar das atividades, os alunos mudaram de comportamento e postura, demonstrando atos de respeito com os colegas e professores. Arruda et al. (2013, p.115) apontam a mudança de comportamento, pois existia uma intencionalidade educativa a partir das atividades com o badminton: “se aprendam novas condutas de movimentos, novas ações, novas comunicações, novos significados, compreendendo a regra, a especificidade do esporte, a cooperação e a atenção”.

Na segunda categoria, foi detalhado o objetivo geral da unidade didática das aulas a partir dos objetivos específicos de conhecer a história do badminton e suas regras, execução de trabalhos em grupos e vivências com os fundamentos. As aulas seguiam a estrutura de três momentos: a roda de conversa inicial, as atividades propostas e a roda de conversa final.

Na categoria 3, foram relatadas as vivências em 17 aulas, sendo 13 com o badminton e as outras sendo destinadas à construção e execução dos jogos internos da escola. A partir da terceira aula, houve atividades práticas, nas quais os professores separaram a turma em grupos para a montagem da quadra de badminton utilizando fitas crepe para demarcação. Em seguida, os alunos experimentaram o jogo. Nesse momento, os professores perceberam a participação dos alunos que estavam fora da atividade. Logo, o badminton foi motivo de atração para as aulas.

A quarta aula foi iniciada pelos fundamentos do esporte. O primeiro foi o serviço, também chamado saque. Ao executar o saque curto, os professores notaram algumas dificuldades dos educandos. Depois foi o saque longo, os docentes citam que nesse saque a aprendizagem foi mais fácil. Na quinta e sexta aula, os alunos se movimentaram pelo espaço com raquete e sem peteca.

Na sétima aula, foram adicionadas as técnicas de batidas clear e lob. A oitava aula, foi voltada para os golpes drop e drive. Na nona e décima aula, foram as batidas de difícil aprendizado com o smash e a largada. Os alunos, segundo os autores, “não conseguiram executar de forma correta, errando o tempo de execução, a posição do corpo e da raquete” (Arruda et al., 2013, p.118). Por fim, nas três últimas aulas foram praticadas as atividades das aulas anteriores.

Arruda et al. (2013) utilizaram a proposta pedagógica “educação de corpo inteiro” de João Batista Freire, na qual as regras e as práticas dos fundamentos englobaram perspectivas manipulativas, sociais e afetivas dos alunos com o badminton, da mesma maneira que defendemos na primeira e quarta seção deste estudo, de tal maneira que o aluno, a partir das práticas com a modalidade, possa se comunicar melhor, aprender novas condutas e ter responsabilidade social entre os pares.

A terceira produção foi o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “O Badminton nas aulas de Educação Física”, publicado no ano de 2014 no Repositório Institucional da UNIFAEMA, Ariquemes – Rondônia pelos autores Ozéias Rodrigues de Freitas, Mário Mecnas Pagani, Samara Matiazzi Silva e Renato Nogueira Perez Avila. O objetivo geral foi “apresentar a modalidade de Badminton nas aulas de Educação Física e verificar a aceitação desta modalidade pelos alunos em uma escola de ensino fundamental do município de Ariquemes-RO”. A referida escola faz parte da rede municipal de ensino, que atende do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II, com duração de 17 aulas.

Freitas et al. (2014) relataram que as aulas foram teóricas e práticas, nas quais convidaram os alunos para jogar badminton e se apresentar para toda a escola. Tiveram uma grande participação dos alunos e foi notável a satisfação pela partida sem discriminação entre gênero, com aula colaborativa, o equilíbrio e interação dos alunos vivenciando elementos comunicativos, ativos e manipulativos.

Nesse contexto, Freitas et al. (2014, p.6) relatam: “aflorou-se de forma natural, novas aprendizagens, novos desafios, novos conteúdos, tudo permeando por uma perspectiva de educação esportiva que transcende o tradicionalismo técnico e mecanizado”. Portanto, inovar com o badminton nas aulas de Educação Física levou os alunos a participarem efetivamente das aulas e chamou atenção dos educandos que não se adaptam a outras modalidades esportivas.

Por fim, Freitas et al. (2014, p.7) destacam o badminton como forma de contribuir para a “formação de cidadãos éticos, disciplinados e comprometidos, permitindo uma socialização, além da melhoria na qualidade de vida diretamente relacionada à prática de atividade física e aos hábitos de vida saudáveis”.

Fundamentados em João Batista Freire, os pesquisadores mostraram a origem do esporte, como se joga a modalidade e pontuaram também a importância de implementar novos conteúdos na Educação Física escolar, a fim de superar a visão

do esporte na escola. Esse destaque elencamos na nossa tese, pois acreditamos que a prática do badminton proporciona satisfação, alegria e lazer com novas experiências; além disso, proporciona a democratização nas aulas, possibilitando que todos participem, criando meios para a inclusão, conforme Freitas et al. (2014) elencam nas considerações finais da pesquisa.

A quarta produção selecionada foi o resumo simples de Mário Mecenas Pagani com o título “Badminton na escola” apresentado no III Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONEPE) no ano de 2016, no Instituto Federal Fluminense – Campus Guarus. Esse resumo teve como objetivo geral “melhorar o interesse dos alunos do ensino fundamental II pelas aulas de Educação Física, a partir da vivência com Badminton”.

A metodologia utilizada foram aulas expositivas e práticas com 50 alunos do 6º ao 9º ano, que aconteceu pela cooperação do Instituto Federal de Rondônia (IFRO) e o município de Vilhena-RO. Os instrumentos utilizados foram dois questionários estruturados com perguntas abertas e fechadas.

Como resultado, Pagani (2016) anuncia que os alunos melhoraram o interesse pela disciplina. Ao visualizar os resultados do primeiro questionário aplicado, notou-se que 46% dos educandos tinham interesse pelas aulas e, após a experiência com o badminton, ao analisar a aplicação do segundo questionário, o número foi para 78%.

A aproximação com essa tese é o interesse pelas aulas de Educação Física quando o conteúdo é o badminton, pois como citado na metodologia desse estudo, existem 83 alunos que fazem parte do Projeto de Práticas Corporais no município de Manaus. Além disso, o aspecto da socialização e desenvolvimento das habilidades e capacidades físicas a partir do badminton.

A quinta produção selecionada foi o artigo publicado na Revista Acta Brasileira do Movimento Humano no ano de 2017, com o título “Badminton: um diferencial nas aulas de Educação Física escolar”, elaborado por Alex Alves de Souza, Rayane Natalia Hell Raasch e Anderson Leandro Maria. O objetivo geral é “descrever as influências e benefícios da utilização do Badminton nas aulas de Educação Física escolar”.

Quanto à metodologia, esta é uma revisão bibliográfica. Os autores utilizaram as seguintes palavras chaves: Badminton, desmotivação, inovação e Educação Física escolar no período de agosto de 2016 a maio de 2017. Os bancos de dados foram a Biblioteca do Centro Universitário Luterano de Ji-Paraná – CEULJI/ULBRA, as

produções científicas no Google Acadêmico e na Plataforma Scielo e no site da Confederação Brasileira de Badminton.

Souza, Raasch e Maria (2017) iniciam a apresentação dos resultados citando que o badminton é para todos, porque não existe divisão de gênero, porte físico ou altura, não obriga ter muita habilidade, não tem contato físico e é fácil para aprender. Dialogaram posteriormente com Gonçalves et al. (2012) quanto aos benefícios que o esporte proporciona nos aspectos do raciocínio, nas habilidades e capacidades psicomotoras, no rendimento esportivo, e que a prática do Badminton pode ser feita entre meninas e meninos, crianças, jovens e idosos.

Souza, Raasch e Maria (2017) dialogaram sobre a melhora que o badminton proporciona no desenvolvimento e domínio motor de quem pratica. Quanto ao objetivo da modalidade nas aulas, citam que a prática amplia a cultura corporal dos educandos. Por fim, os autores expõem que o Badminton se torna uma possibilidade de adesão dentro das aulas de Educação Física como elemento de reflexão e senso crítico diante das situações educacionais.

Souza, Raasch e Maria (2017) salientam a pouca produção científica voltada para o badminton, apesar de ser um conteúdo da Educação Física escolar. Diante da pesquisa realizada com o descritor “Badminton nas aulas de Educação Física” no período entre 10 anos, também confirmamos a baixa produtividade. Mais uma produção ratificando que a Educação Física transforma e leva o aluno a conhecer e se descobrir fisicamente e socialmente a partir das práticas propostas pelo professor.

A sexta produção selecionada foi da Revista Conexões Educação Física, Esporte e Saúde da UNICAMP, de 2019, com o título “Organização didático-pedagógica das aulas de Educação Física na educação básica: entre o ‘não mais’ e o ‘ainda não’?”, elaborado por Daniel Teixeira Maldonado, Diego Pinto Jabois e Marcos Garcia Neira.

O objetivo geral da pesquisa de Maldonado, Jabois e Neira (2019) é “mostrar o nosso esforço para organizar experiências educativas autorais, que fazem sentido e transbordam significados para a vida dos/das estudantes”. O estudo foi realizado em duas escolas, uma escola da rede municipal de Itanhaém nas turmas do 8º e 9º ano do ensino fundamental e a outra no Instituto Federal de São Paulo com a turma do 1º ano do ensino médio.

Os autores começaram apresentando os resultados da escola da rede municipal de Itanhaém, descrevendo que, nas aulas, foram realizados seminários e apresentações de todos os esportes com bastão e/ou seus implementos e perceberam

o entusiasmo das turmas nesse primeiro momento. O segundo passo foi o aprofundamento com o badminton.

Maldonado, Jabois e Neira (2019) conseguiram doações de raquetes, petecas e rede de amigos e colegas do clube de badminton para a prática da modalidade na escola. Foram feitas atividades com baldes, cones, raquetes, elásticos, petecas para realizar rebatida e posicionamentos dos jogadores na quadra.

Os pesquisadores conduziram as atividades pautando-se na “finalidade da vivência sem apelos e correções técnicas desnecessárias no momento” (Maldonado; Jabois; Neira, 2019, p.5). Alguns alunos tiveram dificuldades em sacar e rebater a peteca. Porém, depois de diversas tentativas, eles ficaram mais habilidosos e atentos para trocar as petecas. Destaca-se que os alunos deram propostas para as atividades fossem mais desafiadoras, depois que eles dominaram os movimentos iniciais.

Outro ponto a mencionar foram as pinturas de quadra com medidas oficiais da quadra de badminton e as instalações das redes pelos alunos e professores. Os autores concluem que nessa escola o badminton está em fase de ampliação e, mesmo com pouco tempo, resultados positivos na aprendizagem foram perceptíveis.

No Instituto Federal de São Paulo, os alunos estudaram questões biológicas, históricas, sociais, econômicas e políticas de alguns conteúdos da Educação Física como as danças, lutas, ginásticas, jogos, brincadeiras e esportes. O artigo, contudo, volta-se para as aulas sobre o conteúdo do esporte. Elas ocorreram em vários espaços, como no ginásio, bosque, tatame, sala de aula e de vídeo. Além disso, foram tematizados diversos conteúdos como a utilização de anabolizantes nos esportes, suplementos alimentares, dietas da moda, hidratação/desidratação no esporte e o desporto profissional. Os esportes vivenciados por essa turma, segundo Maldonado, Jabois e Neira (2019, p.8), foram “tênis, badminton, goalball, basquete em cadeira de rodas, basquete, slackline, tchoukball, beisebol, vôlei, handebol e peteca”.

Como procedimento didático-pedagógico, Maldonado, Jabois e Neira (2019) produziram jogos de tabuleiro para estudar o conteúdo histórico e as regras específicas dos esportes citados anteriormente, assistiram a produções cinematográficas e documentários retirados do YouTube, fizeram leitura de reportagem jornalística e de artigos retirados da Revista Carta Capital. Além disso, a turma organizou crônicas e charges, documentários e uma espécie de jornal com uma breve síntese de cada tema selecionado: abusos sexuais, doping, preconceitos com

as esportistas femininas, gênero, etnia, religião, classe, corrupção nos esportes, imigração, transmissão dos jogos pelas redes sociais etc.

Apesar de Maldonado, Jabois e Neira (2019) não utilizarem o referencial desse estudo, eles apresentam concepções que se aproximam com nossos conceitos, pois, ao exprimir que o professor precisa reconhecer as mudanças e transformações da cultura corporal para entender o contexto educacional, convergem os pontos de vista. Outro aspecto é ter em conta que o professor seja o autor da sua própria prática, como forma de sistematizar o conhecimento com objetivos de organizar e proporcionar projetos na escola fundamentados de forma teórica e prática.

A sétima, oitava e nona produção foram encontradas no Caderno de Educação Física e Esporte de 2020. O primeiro artigo foi de João Marcelo de Queiroz Miranda, Taisa Belli, Peterson Amaro da Silva, Milton Shoiti Misuta e Larissa Rafaela Galatti. O segundo por Emilly Thais Gonçalves Dias, Guilherme Carvalho Viera e Ester Liberato Pereira. O terceiro por Samuel Nascimento de Araújo, Leandro Oliveira Rocha, Márcio Cardoso Coelho e Fabiano Bossle.

O primeiro artigo publicado no Caderno de Educação Física e Esporte de autoria de João Marcelo de Queiroz Miranda, Taisa Belli, Peterson Amaro da Silva, Milton Shoiti Misuta e Larissa Rafaela Galatti tinha como título “Possíveis estratégias de avaliação da aprendizagem sobre o esporte em um projeto de Badminton na escola”.

O objetivo geral desse trabalho era “descrever os instrumentos avaliativos elaborados por professores de Educação Física a partir de uma proposta de ensino do Badminton para adolescentes em um programa no contraturno escolar”. O método utilizado foi um relato descritivo de experiência das ações que ocorrem a partir do programa “Mais Educação em São Paulo”. Havia 15 discentes do ensino fundamental II do 8º ao 9º ano fazendo parte da atividade. O tempo de duração do Programa eram duas aulas semanais, com duração de uma hora e meia, no decorrer dos quatro bimestres do ano de 2019, do mês de março a dezembro, totalizando 72 horas.

Como resultado, Miranda et al. (2020) utilizaram instrumentos para cada avaliação: diagnóstica, formativa e somativa. No primeiro instrumento de avaliação diagnóstica, foi aplicado um questionário com duas partes para tratar dos fundamentos técnicos da modalidade. A primeira parte tinha a proposta de analisar a intenção e expectativa do aluno em participar do programa. A segunda parte, para saber quais modalidades praticadas com raquetes os alunos conheciam. O segundo

instrumento de avaliação diagnóstica foi apresentado depois da primeira semana de aula e foi proposto a criação de um mapa mental para tratar dos seguintes aspectos, como apresentam Miranda et al. (2020, p.103): as “regras básicas, materiais de jogo, o paradesporto, inserção na mídia e aspectos históricos”.

Na avaliação formativa que visava o aspecto tático e técnico do jogo, os autores elaboraram dois instrumentos: o primeiro instrumento visava o planejamento, desenho e a descrição das ações táticas e técnicas para ganhar uma partida de badminton. Logo, foi criada uma pergunta para os alunos: “Analisando meu adversário: o que fazer para conquistar o ponto?”. Na segunda avaliação, foi outra pergunta “Analisando meu adversário: quais são seus pontos fortes e fracos?”

Quanto à avaliação somativa, foram analisadas as vivências e o que os alunos aprenderam ao longo do Programa ofertado. Miranda et al. (2020, p.105) explicam que “os relatos dos alunos sobre as experiências e aprendizado vivenciados no projeto nos permitem identificar as dificuldades e os acertos da prática pedagógica e fazer ajustes em futuros planejamentos”.

Miranda et al. (2020) proporcionaram as vivências com o badminton em um programa no contraturno escolar para adolescentes, assim como este estudo. Os pesquisadores apontam que a avaliação é realizada geralmente pelo gesto motor de uma determinada modalidade, porém é possível visualizar a aplicação através do referencial histórico-cultural.

O segundo artigo publicado no Caderno de Educação Física e Esporte no ano de 2020 foi pelos autores Emilly Thais Gonçalves Dias, Guilherme Carvalho Vieira e Ester Liberato Pereira com o título “Trajetória sociocultural e histórica do Badminton em Montes Claros (MG)”. O objetivo geral do estudo era “investigar a emergência da prática esportiva do Badminton na cidade de Montes Claros, localizada no norte de Minas Gerais, desde as suas primeiras manifestações até a sua ascensão na cidade”.

O tipo de pesquisa foi uma revisão narrativo-histórica, com uma revisão bibliográfica (artigos, monografias, dissertações, teses e livros) e do tipo documental em fontes impressas e digitalizadas (nos acervos da Associação de Badminton de Montes Claros, da Associação Atlética Banco do Brasil – em cartazes de eventos, documentos on-line e impresso, fotos dos eventos, quadras, uniformes e medalhas). Além disso, foi feita pesquisas no site da CBBd.

Dias, Vieira e Pereira (2020) apresentaram como resultado de pesquisa que a prática do badminton em Montes Claros ocorreu quando foi registrada a primeira

medalha brasileira em 2007, nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro. Foi quando os professores de Educação Física Eduardo Lee Murça, Fúlvio Vieira Andrade e dez sócios-fundadores que jogavam badminton como forma de lazer no Condomínio Olimpo criaram a Associação de Badminton de Montes Claros.

O professor Eduardo Lee Murça, que trabalha em uma escola municipal de Montes Claros, passou a divulgar o badminton pela cidade. Ele estudava o esporte e ministrava aulas. Porém, ele enfrentou dificuldades nos acessos a materiais como as raquetes e petecas, mas improvisava as aulas com materiais alternativos.

Com a Associação de Badminton de Montes Claros, foi alcançado em âmbito escolar a sua prática em escolas da cidade passaram a ter demarcações de quadra, como ocorreu nos seguintes bairros segundo Dias, Vieira e Pereira (2020, p.54) “Augusta Mota, Edgar Pereira, Jardim Brasil e Planalto, expandindo a prática na região”. Os autores evidenciam que na cidade de Montes Claros são três vertentes da prática da modalidade: o badminton na perspectiva do lazer, o de cunho competitivo e do esporte na Educação Física escolar; e que, em pouco tempo, as Associações conquistaram premiações a nível nacional.

Em relação à ênfase na Educação Física escolar, Dias, Vieira e Pereira (2020) registram que a Secretaria de Educação de Minas Gerais promove cursos de qualificação para os professores de Educação Física da rede pública estadual. Dessarte, proporcionaram-se workshops e aulas de badminton em 2018 e 2019 para os professores da rede municipal de Montes Claros e rede estadual de Minas Geras. As vivências no esporte no contexto escolar do estado de Minas Gerais já totalizam, de acordo com Dias, Vieira e Pereira (2020, p.55) “mais de 160 mil estudantes-atletas, 8 mil professores e cerca de 500 mil espectadores, além de 16 mil profissionais, têm estado envolvidos”.

Dias, Vieira e Pereira (2020) voltam-se para o campo da história do esporte e com a abordagem cultural, como propusemos nessa tese. Outro ponto que os autores destacaram é, novamente, a escassez da quantidade de produções científicas sobre o badminton, como confirmado nesse estado da questão e pelos autores Souza, Rassch e Maria (2017). Mesmo com as pesquisas já desenvolvidas apresentando os benefícios do badminton na área escolar, muitos professores ainda focam nos esportes hegemônicos (futsal, voleibol, handebol e basquetebol). Desta maneira, os estudos descritos sublinham o badminton como inovação e criatividade na sua prática.

O terceiro artigo publicado no Caderno de Educação Física e Esporte de autoria Samuel Nascimento de Araújo, Leandro Oliveira Rocha, Márcio Cardoso Coelho e Fabiano Bossle no ano de 2020 com o título “A pedagogia crítica da Educação Física escolar: relatos de uma experiência docente com o Badminton”. O objetivo geral do trabalho era “apresentar uma prática pedagógica de Badminton para discutir uma proposta pedagógica crítica da Educação Física escolar”.

A abordagem utilizada foi qualitativa, tendo como público-alvo as turmas de 8º e 9º anos de uma escola da rede municipal e uma estadual do município de Guarani das Missões (RS), com um total de 68 estudantes durante um trimestre letivo, totalizando 20 aulas em cada turma.

Como resultado da pesquisa, Araújo et al. (2020, p.96) apresentam que as duas escolas são marcadas pela competição de esportes coletivos, em destaque para o futsal e voleibol. Como forma de romper com o ensino voltado ao treinamento esportivo, foi proposto incluir outros conteúdos da Educação Física como os “jogos cooperativos e populares, judô, frevo, danças gaúchas e de salão, ginástica para todos, trilhas na natureza, escaladas e rapel, ciclismo urbano e rural, corridas e caminhadas de orientação”. Além desses, foi apresentado o hóquei indoor, o *tchoukball*, futebol americano, goalbol e o badminton.

As aulas foram planejadas com três sequências lógicas: roda de conversa inicial, experiências coletivas e roda de conversa final. A frase que fundamentou essa sequência didática foi: “Por que o Badminton não é conhecido como prática esportiva nos contextos de periferia?”. Essa pergunta foi respondida no decorrer dos seminários e debates que ocorreram.

O primeiro resultado apresentado foi a dificuldade dos alunos quanto ao aspecto técnico e tático da modalidade. No decorrer das aulas, entretanto, ganharam autonomia na forma de se movimentar e organizar em quadra, através do contato com os equipamentos e desafios pessoais, em duplas, em pequenos grupos e nos jogos com as regras estabelecidas pelos professores.

Os autores discutiram nos encontros sobre os jogos e brincadeiras com petecas feitas de sabugo de milho e pena de aves. A primeira atividade apresentada foi a confecção de petecas com EVA, para simular brincadeiras que utilizam as mãos, sem raquetes, que seriam adicionadas posteriormente pelos professores, feitas de madeira, e, por fim, a vivência com a raquete e peteca específicas para a prática do

badminton. Além disso, estudaram a origem, história e como o esporte está inserido a nível mundial, nacional e local no município de Guarani das Missões/RS.

Outro ponto a destacar por Araújo et al. (2020, p.97) é o estímulo das turmas ao dialogar “sobre a representatividade dos eventos esportivos no município e o modo como estes são reproduzidos e valorizados sobretudo entre a população masculina”. Com isso, nas aulas houve pauta sobre o machismo estrutural, a importância da mulher no esporte e o racismo no contexto esportivo.

Os aplicadores do trabalho citaram indagações sobre questões políticas e econômicas do município no que se refere ao esporte. Para sanar essas inquietações, os pesquisadores procuraram a Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer de Guarani das Missões. Ao chegarem na Secretaria, os responsáveis do espaço relataram não ter uma pessoa responsável ou habilitada para planejar e administrar as questões referentes ao esporte e lazer do município. Desta maneira, Araújo et al. (2020, p.98) expõem que os “recursos financeiros públicos serem destinados estritamente às competições esportivas, sem que haja qualquer projeto ou proposta política voltada para o esporte no âmbito do lazer” ocasiona entraves para a comunidade conhecer e praticar outras modalidades esportivas.

Esta tese de doutorado se relaciona com a produção de Araújo et al. (2020) no reconhecimento de avanços nas produções científicas da Educação Física escolar no campo das ciências sociais, pois compreende-se esse campo de estudo como produção sociocultural da sociedade. Nesse viés, o esporte ajuda na formação crítica e cultural dos alunos e do próprio ambiente escolar. Além disso, ressalta-se o reflexo das posturas que as Secretarias de Educação assumem quanto às políticas públicas de esporte e lazer, focalizando os materiais ou formações continuadas para os esportes que são hegemônicos.

A décima produção é um capítulo que compõe o livro “Educação Física no ensino médio: reflexões e práticas exitosas”, de 2020, da Editora EdUFMT Digital do estado do Mato Grosso, escrito por Fabiana Pomin. O título do trabalho é “SMASH! A cultura corporal de movimento por meio do Badminton”. O objetivo geral de Pomin (2020) era “apresentar uma experiência com o Badminton em aulas de Educação Física com turmas do 1º ano do ensino médio, a partir das dimensões conceitual, procedimental e atitudinal, realizada no Instituto Federal de Mato Grosso, campus Primavera do Leste”, caracterizando, portanto, uma pesquisa de campo com as turmas do 1º ano do ensino médio.

Para a coleta de dados, Pomin (2020) usou diário de campo durante as aulas. A autora começou dividindo a turma em grupos e distribuiu temas para os seminários apresentados nas aulas posteriores. Pomin (2020) apresentou a história, regras, conceito de jogos, competições e mulheres no badminton, porém relatou que alguns grupos tiveram dificuldade e não ficaram à vontade para explicar os temas citados e acabaram falando apenas sobre a história e as regras do jogo.

O resultado da dimensão procedimental foram as práticas com as técnicas e movimentações do badminton de empunhadura de *backhand* e *forehand*; deslocamento em quadra, trabalhos em frente a rede e as trocas de golpes por cima dela; *forehand lift* e o smash; saque em *forehand* e *backhand*. A culminância foram os jogos e torneio em duplas mistas entre os discentes de cada turma.

Pomin (2020) destacou a presença de material e isso colaborou para os desdobramentos das atividades, mesmo que o primeiro contato com os materiais gerou estranheza por parte dos alunos, mas eles acabaram realizando com criatividade e desejo. Quando Pomin (2020) perguntou quem já tinha praticado badminton quase todos disseram que não tiveram contato antes, e os que responderam afirmando remetiam-se ao esporte de raquete de mesa. Pomin (2020, p.74) visualizou como positivo o destaque que “o potencial do badminton em atrair para a prática alunos que costumam evadir-se das práticas coletivas tradicionais”.

Quanto à dimensão conceitual, ela ocorreu durante os seminários propostos. A pesquisadora solicitou aos alunos que construíssem uma fotografia de tamanho 15x18 ou 20x24, de cor branca ou preta, a qual a turma, em parceria com a Secretaria de Cultura do Município de Primavera do Leste (SECULT), expôs no espaço Salão das Águas, o maior espaço de exposições artísticas e culturais da cidade. Além disso, uma aluna montou uma página para divulgar o evento nas redes sociais.

A outra prática dentro da dimensão conceitual foi a criação de redação sobre o badminton. Por fim, Pomin (2020, p.80) expõe: “os alunos foram capazes de estabelecer relações com as possibilidades da Educação Física escolar; as limitações impostas pela ausência de materiais; o registro das opções de atividades habitualmente encontrado nas aulas”.

A produção de Pomin (2020) durante o referencial confirmou a origem do badminton, descreveu como desenvolveu a parte prática dos fundamentos do esporte no período proposto e mostrou como utilizou as tecnologias das informações propostas na BNCC e RCA como enunciado na subseção 1.1. Logo, foi possível ver,

reconstruir e questionar novos significados dos movimentos corporais a partir do badminton.

A décima primeira produção analisada é da Revista Kinesis da Universidade Federal de Santa Maria no ano de 2021, com o título “Sistematização do conteúdo Badminton: experiência de ensino do estágio supervisionado III e a organização dos ciclos de escolarização na proposta crítico-superadora”, elaborado por Richard Tschoseck de Oliveira e Bruno Dandolini Colombo, com o seguinte objetivo geral: “verificar a apropriação de conhecimento dos alunos sobre o Badminton nas aulas de Educação Física”.

O estudo ocorreu vinculado ao estágio obrigatório III no ano de 2017, no período matutino, com as turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II. Os procedimentos de coleta de dados estavam no relatório que continha as observações das turmas, o diário de campo, atuação e intervenção das aulas.

Oliveira e Colombo (2021) iniciaram a sistematização dos resultados ressaltando a importância de o professor definir o seu plano de aula e dominar o projeto político pedagógico da escola. Depois elencaram que as anotações serviram para analisar a escola e os discentes. A maioria das turmas não tinha conhecimento sobre o badminton, mas alguns alunos relatavam que já tinham escutado superficialmente com as seguintes colocações: “Badminton é esporte para rico!”, “A raquete parece uma mata mosca”, “O que é badminton?”.

Nesse contexto, os estagiários entregaram folhas para as turmas para comparar a primeira e a última aula. Na primeira oportunidade, os docentes contextualizaram a história e as regras da modalidade em vídeo, chamando atenção das turmas. Foi apresentado um vídeo do “Parabadminton” e os alunos “compreenderam a mensagem, com propósito que jogassem sentados sem o auxílio dos membros inferiores, a fim de se colocarem no lugar das pessoas com deficiência” (Oliveira e Colombo, 2021, p.12).

Pela análise dos estagiários com a professora supervisora do estágio, foi observado que os alunos somaram conhecimentos para além da organização da realidade da escola: eles entenderam sobre a modalidade e na prática na quadra as turmas tiveram 100% de participação dos fundamentos e regras do Badminton.

O começo do estágio ocorreu pelo primeiro ciclo de escolarização, chamado “organização da identidade dos dados da realidade”. No segundo ciclo, os alunos vão tomando consciência da atividade mental, as possibilidades e confronto dos dados da

realidade na hora do jogo de forma técnica e tática. No terceiro ciclo, alguns estudantes conseguiam ampliar os conteúdos conceituais a respeito do pensar, porém o período de estágio finalizou e não foi possível a continuidade da pesquisa. Por fim, Oliveira e Colombo (2021) citam três aspectos a respeito da aprendizagem: o primeiro é o sujeito, o segundo é o conhecimento e o terceiro é o princípio da provisoriedade do conhecimento.

Oliveira e Colombo (2021) citaram a proposta crítico superadora e utilizaram Soares et al. (1992), postulando que o badminton se difere dos conteúdos hegemônicos tratados comumente nas escolas. Esta tese visa defender que esse conteúdo é uma forma de criar possibilidade de apropriação de conhecimento diferentes dos esportes hegemônicos, tendo em vista a reflexão da sua importância para a sociedade na hora de decisões durante o jogo e como o badminton se materializa na vida cotidiana.

A décima segunda produção é um Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Alagoas no ano de 2021, com o título “O conteúdo Badminton nas aulas de Educação Física: experiência pedagógica a partir das intervenções do estágio supervisionado no ensino fundamental II”, defendido por Mariana Ferreira de Oliveira.

Oliveira (2021) construiu os seguintes objetivos específicos: identificar e analisar o conhecimento prévio dos estudantes em relação ao conteúdo Badminton, relacionando ao planejamento educacional; analisar estratégias metodológicas desenvolvidas durante o processo de ensino-aprendizagem do conteúdo Badminton; analisar a avaliação aplicada no decorrer do processo de ensino-aprendizagem; discutir dificuldades enfrentadas e os sucessos alcançados com o trato do conteúdo Badminton nas aulas de Educação Física no ensino fundamental II.

A caracterização da pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, do tipo pesquisa de campo. Os instrumentos de coleta de dados são: questionário diagnóstico, caderno de campo e planos de aulas. Para a sistematização da coleta e organização dos dados, Oliveira (2021) separou em cinco partes: 1 - o ponto de partida; 2 - formular um plano de sistematização; 3 - o processo vivido, seus detalhes e procedimentos seguidos; 4 - as reflexões críticas sobre o processo e 5 - os pontos de chegada. Quanto à análise dos dados, Oliveira (2021) fez uso da técnica de análise descritiva e interpretativa.

Como resultado, Oliveira (2021) começa descrevendo que, dos alunos da escola, 94% afirmaram conhecer os esportes com raquetes e 6% não conhecia. O segundo ponto foi qual esporte de raquete conheciam. O tênis foi citado 30 vezes, o ping-pong, 17 vezes, e o Badminton, 13. A terceira pergunta relacionava à prática: 77% respostas foram negativas e 23% positivas. Na quarta questão, voltava-se para o conhecimento do Badminton: 66% afirmaram não conhecer, 31% disseram que sim e 3% não quiseram responder.

A quinta pergunta era para os 31% que afirmaram conhecer o Badminton, como estes tiveram acesso. Elencaram: pela “TV, escola, internet, filme, jornal e Olimpíada”. A sexta questão era em relação à prática do Badminton, 3% já havia praticado, 68% não e 29% não responderam. A sétima pergunta voltava-se para quem gostaria de conhecer a modalidade, 69% responderam talvez e 31% disseram que sim.

Foram vivenciadas 4 aulas: a primeira com conhecimentos prévios, a segunda com a movimentação (chassé) através de jogos e brincadeiras, a terceira aula com as técnicas (serviços, clear, drive e remate) e, na quarta aula, Oliveira perguntou aos alunos: “O que podemos fazer para que todos joguem juntos com os materiais disponíveis? Como podemos delimitar o espaço com as dimensões da quadra?” (Oliveira, 2021, p.21). A autora dialogou com os aspectos históricos e estruturais do badminton e fez relações com temáticas como inclusão e questão de gênero no esporte.

Como avaliação final, houve 5 perguntas para os alunos. A primeira era se eles gostaram das aulas, 77% afirmaram que sim, 20% que não e 3% não responderam. A segunda era a respeito da continuidade das aulas, 60% gostariam de ter novamente, 37% que não e 3% talvez. A terceira era para apontar quais as dificuldades observadas, as respostas foram: “teoria... praticar... as técnicas... sacar... velocidade e tempo de reação...” (Oliveira, 2021, p.21).

A quarta voltou-se para os valores desenvolvidos com o badminton, as respostas foram: “(...) respeitar os diferentes tipos de pessoas (...); o badminton inclui os deficientes e tem modalidade mista que é dois sexos, tornando assim um esporte inclusivo...; atenção, agilidade, melhora os reflexos e outros (...)” (Oliveira, 2021, p.23). A quinta pergunta busca verificar se o badminton era fácil de aprender, 51% disseram que é fácil e 49% que não é.

Oliveira (2021) utilizou a abordagem crítico-superadora nas intervenções desenvolvidas no estágio supervisionado no ensino fundamental II. Esse estudo de forma organizacional nos ajudou a ratificar o histórico e as regras do badminton, assim como visualizar o quadro das intervenções aplicadas. Portanto, a estrutura do quadro 1 que Oliveira (2021) elaborou, serviu como base na organização da coleta de dados na seção 4 desse estudo, pois organizamos a estrutura da seguinte forma: conteúdo, objetivos, metodologia e os recursos utilizados nas práticas educativas pelos professores.

Portanto, com o descritor “Badminton nas aulas de Educação Física”, analisamos 12 produções, sendo 7 revistas, 2 TCC, 1 resumo simples, 1 capítulo de livro e 1 monografia de especialização. Com os resultados desse descritor surgiram quatro tipos de enfoques: ensino do badminton; práticas pedagógicas do badminton; avaliação da aprendizagem voltadas ao Badminton e os relatos dos estágios supervisionados de estudantes de Licenciatura em Educação Física.

A aproximação das 12 produções são fundamentais para a proposta desse estudo, pois várias pesquisas usaram autores de perspectivas críticas, como o Coletivo de Autores e João Batista Freire, com a finalidade de trabalhar a comunicação, novas condutas e responsabilidade entre os pares, visto que a transformação do aluno em se conhecer e descobrir física e socialmente rompe com a Educação Física tradicional que foca apenas no gesto motor.

Logo, a THC compreende a totalidade da atividade criadora e o processo imaginativo a partir das expressões corporais, com os sentidos e significados propostos pelos professores. Desta maneira, o segundo banco de dados foram as Bibliotecas Digitais dos Programas de Pós-Graduação em Educação da Região Norte para buscar compreender as pesquisas publicadas sobre Educação Física e a Teoria Histórico-Cultural na região Norte do país.

1.3 Biblioteca digital dos Programas de Pós-Graduação em Educação da região Norte

Para a construção do estado da questão (Therrien e Therrien, 2004) sobre nosso tema realizamos um levantamento de dissertações e teses tomando como referências as Bibliotecas Digitais dos Programas de Pós-Graduação em Educação da Região Norte do Brasil (Acre, Rondônia, Amapá, Roraima, Tocantins, Pará e Amazonas). O

descriptor utilizado foi Vygotsky ou Teoria Histórico-Cultural e Educação Física. Estruturamos este processo em pelo menos quatro etapas:

1º - Busca das dissertações e teses a partir dos descritores elencados, conforme os critérios de exclusão e inclusão estabelecidos para cada base de dados;

2º - Realização de uma triagem dos materiais a partir da leitura dos títulos, resumos e partes do texto, para organização didática em tabelas e quadros;

3º - Tabulação dos principais dados extraídos das produções selecionadas (autor, título, objetivos específicos, procedimentos metodológicos, resultados, Instituição, programa, ano e repositório);

4ª Análise a partir da leitura na íntegra dos materiais triados anteriormente para aprofundamento de seus conteúdos, no sentido de selecionar aqueles que tem relevância na discussão teórico-metodológica de nossa pesquisa de doutoramento: Vygotsky ou THC e a Educação Física.

A busca realizada nas Bibliotecas Digitais dos Programas de Pós-Graduação em Educação da Região Norte do Brasil se deu no período de 2011 a 2021 a partir do descriptor Vygotsky ou Teoria Histórico-Cultural e Educação Física. O levantamento inicial resultou em 83 produções. Ao aplicar os critérios (título, temática, tipo de pesquisa e resultados) que abordam o referencial da THC e Vygotsky com a Educação Física, obtivemos 6 dissertações, situadas entre os anos de 2013 e 2021, para análise.

Nosso levantamento mapeou as temáticas abordadas nas dissertações e teses encontradas sobre descriptor Vygotsky ou Teoria Histórico-Cultural e Educação Física. Registre-se que realizamos tão somente uma organização aproximativa, baseada em pistas textuais encontradas no título, no resumo, no sumário, nos objetivos e no corpo do texto. A tabela 1 mostra a quantidade de produções identificadas e analisadas nas Bibliotecas Digitais dos Programas de Pós-Graduação em Educação da Região Norte, antes do refinamento (posição do meio da tabela) e após os refinamentos aplicados (à direita da tabela).

Tabela 1: Número de produções identificadas e analisadas nas Bibliotecas Digitais dos Programas de Pós-Graduação em Educação da Região Norte do Brasil.

| Universidade | Produções identificadas no campo da Educação Física | Produções analisadas no campo da Educação Física em diálogo com Vygotsky ou THC |
|---|--|--|
| Universidade Federal do Acre (UFAC) | 0 | 0 |
| Universidade Federal de Rondônia (UNIR) | 3 | 1 |
| Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) | 2 | 0 |

| | | |
|---|-----------|----------|
| Universidade Estadual de Roraima (UERR) | 8 | 0 |
| Universidade Federal do Tocantins (UFT) | 3 | 1 |
| Universidade do Estado do Pará (UEPA) | 22 | 1 |
| Universidade Federal do Pará (UFPA) | 21 | 0 |
| Universidade Federal do Amazonas (UFAM) | 24 | 3 |
| Total | 83 | 6 |

Fonte: Elaboração da autora, 2022.

Sobre as 6 produções da tabela 1, todas são do tipo dissertação. A sequência das apresentações dos estudos iniciou pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR) no ano de 2013; Universidade Federal do Tocantins (UFT) no ano de 2018; Universidade Federal do Amazonas (UFAM) nos seguintes anos; 2018, 2018 e 2021 e na Universidade do Estado do Pará (UEPA) no ano de 2021. Realizaremos uma síntese das principais temáticas abordadas nos estudos, para compreender e destacar as congruências e divergências das produções acadêmicas com a base teórica e metodológica de Vygotsky e THC em diálogo com a Educação Física.

Na Biblioteca Digital do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) foram identificados 3 trabalhos no campo da Educação Física, porém selecionamos e analisamos 1 produção de autoria de Ana Rubia Menezes Barbosa, única produção que utilizou a base teórica de Vygotsky em diálogo com a Educação Física.

Em primeira análise, a dissertação de Ana Rubia Menezes Barbosa foi publicada no ano de 2013 na UNIR com o título “Ludicidade e aprendizagem na educação infantil: um estudo de caso no Proinfantil em Rondônia”. Como objetivos específicos, Barbosa (2013) apresentou: “verificar o material impresso do PROINFANTIL a abordagem sobre ludicidade na Educação Infantil; analisar se há ludicidade nos planejamentos diários dos cursistas e finalistas; discutir a relação do material impresso do PROINFANTIL com os planejamentos”.

O tipo de pesquisa de Barbosa (2013) é estudo de caso, com abordagem qualitativa, seguindo o método fenomenológico-hermenêutico. As técnicas de coleta de dados foram a análise de conteúdo e de documentos (materiais impressos e os planejamentos dos cursistas e finalistas).

Como resultado da pesquisa, Barbosa (2013) ratificou que os planejamentos diários elaborados seguiam as diretrizes que constavam nas 32 unidades do material

impresso do Programa PROINFANTIL. Destacou de forma precisa que foram 20 planejamentos diários, sendo 10 de acordo com o módulo I e 10 segundo o módulo II; a autora verificou as atividades lúdicas, tanto nos conteúdos voltados para as crianças quanto nas metodologias elaboradas nos planejamentos.

Quatro pontos da dissertação de Barbosa (2013) dialogam com o nosso estudo. O primeiro aspecto é o aspecto do desenvolvimento iminente, que indica várias zonas de desenvolvimento em adultos e crianças. À medida que o ser humano se torna mais experiente, adquire um número maior de modelos a compreender e definir a identidade do sujeito. O segundo ponto é a interação que ocorre nas brincadeiras e práticas propostas para os alunos a partir da fundamentação da teoria sócio-histórica-cultural. A terceira aproximação foi a apresentação de histórias, com datas e obras de Vygotsky, apresentado na subseção 1.1 dessa tese. Por fim, o conceito de signos na mediação da atenção voluntária e da memória utilizadas nas práticas do brincar na pesquisa de Barbosa (2013). Esse conceito está presente nas práticas educativas do badminton como uma situação do processo imaginativo e criativo pelos alunos que vivenciam a modalidade como consta na seção 4 desse estudo.

Na Biblioteca Digital do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Tocantins (UFT) foram identificados 3 trabalhos no campo da Educação Física, porém selecionamos e analisamos uma produção, de autoria de Erick Henrique Silva Góes, único trabalho que utilizou a base teórica de Vygotsky em diálogo com a Educação Física.

Das produções encontradas, destacamos a de autoria de Erick Henrique Silva Góes, com o título “Minecraft como mediador de aprendizagem intergeracional”. Góes (2018) apresenta três objetivos específicos: revisão bibliográfica sobre videogames, aprendizado interativo e intergeracional; pesquisa documental na Universidade da Maturidade para identificar características gerontecnológicas; teste de usabilidade e jogabilidade do game Minecraft.

A pesquisa de Góes (2018) é do tipo documental, de caráter exploratória e descritiva com abordagem qualitativa, fundamentada a partir da filosofia fenomenológico-hermenêutica. Os dados analisados foram nos seguintes documentos: documento político-pedagógico da UMA; textos da revista digital UMA do ano de 2013; fotos do acervo fotográfico disponibilizados pela Instituição; participação em eventos no ano de 2017 e oficinas organizadas pela UMA na cidade de Palmas entre os anos de 2017 e 2018.

Góes (2018) criou dez gráficos para destacar o grau de complexidade cognitiva, para executar cada atividade ligada a uma ação ou reação dos objetos e personagens dentro do micromundo do videogame. No gráfico 1 foi possível visualizar os seguintes pontos: imaginação, comparação, classificação, raciocínio, memória e criatividade sendo traçados a partir dos seguintes itens: pulos, saltos, danos sofridos, danos causados, construções, criaturas mortas, animais criados, jogadores mortos e peixes fígados.

No gráfico 7, destacam-se os critérios de imaginação, memória, raciocínio, visão, audição e cinestesia associados aos itens avançar, recuar, girar, pular, correr, cair, subir, descer e esgueirar. No gráfico 8, imaginação, comparação, memória, visão e audição se associam a render, simular física, simular química e simular biologia. No gráfico 9, visão, audição, cinestesia, memória e imaginação associadas ao girar 3D, passeio aéreo e mudar view. No gráfico 10, imaginação, raciocínio, criatividade, memória e observação associados a controlar avatar, interagir NPC, construir blocos, destruir blocos e combinar materiais.

A pesquisa chamou atenção pelos conceitos apresentados no gráfico 1, 7, 8, 9 e 10, que abordam os fundamentos manipulativos, sociais e culturais por meio do games. Estes conceitos fundamentam o nosso estudo, quando dialogam sobre a aprendizagem, a interação humana, o desenvolvimento iminente, a imaginação, memória, as funções psicológicas superiores, a influência da linguagem e da cultura na construção de signos e significados, dado que, nas práticas educativas do badminton, são utilizados os aportes pedagógicos de forma cognitiva, criativa, emocional, social e lúdica para o desenvolvimento humano.

Na Biblioteca Digital do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) foram identificados 24 trabalhos no campo da Educação Física, porém selecionamos e analisamos 3 produções, de Romina Karla da Silva Michiles, Ana Paula Lima Carvalho de Oliveira e Everton Cesar de Oliveira da Cruz, pois foram as produções que utilizaram a base teórica de Vygotsky ou THC em diálogo com a Educação Física.

A dissertação de Romina Karla da Silva Michiles foi publicada em 2018, na UFAM, com o título “Atividades lúdicas na prática pedagógica dos professores de Educação Física no contexto da educação inclusiva”, com os seguintes objetivos: específicos averiguar as concepções dos professores acerca da educação inclusiva,

do lúdico e da presença de alunos com deficiência nas aulas regulares; identificar as atividades lúdicas e como elas são aplicadas pelos professores de Educação Física.

A abordagem da pesquisa de Michiles (2018) foi de cunho qualitativo, do tipo estudo de caso, e os participantes da pesquisa foram dois professores de Educação Física da rede municipal da cidade de Manaus/AM. Para coleta e análise dos dados foram utilizadas as técnicas da entrevista e da observação.

Para chegar aos resultados, Michiles (2018) elaborou cinco perguntas para os dois professores de Educação Física. A primeira pergunta feita para os docentes refere-se a compreensão sobre educação inclusiva. Em sua observação, a pesquisadora percebeu que os professores foram breves e pouco específicos com o conhecimento sobre educação inclusiva.

O segundo questionamento feito por Michiles (2018) foi “como eles concebiam a inclusão de alunos com deficiência na escola e na sala regular” (Michiles, 2018, p.117). A autora relatou que as respostas também foram incoerentes e não apresentaram certezas, inclusive os termos educação especial, necessidades especiais e inclusão foram confundidos e contraditórios durante as falas. Contudo, o professor Alex tem uma visão diferente do professor Gerson, o que ficou claro no trecho

para o professor Alex, a inclusão é concebida como um direito adquirido, algo natural (...) O professor Gerson, concebe a inclusão como importante, mas apresentou dificuldade tanto no desenvolvimento da sua fala quanto na tipificação dos alunos com deficiência (Michiles, 2018, p.120).

A terceira pergunta versa sobre a confiança que os professores têm da inclusão durante as aulas de Educação Física. O professor Alex disse que a pessoa com deficiência física vai fazer o que ele pode, respeitando o seu limite. O professor Gerson expõe a questão da importância de materiais e ajuda de um auxiliar para as aulas ocorrerem.

A quarta pergunta envolve as questões das políticas públicas de inclusão. O entendimento do professor Alex é que isso cabe a Secretaria de Educação e é uma questão política. O professor Gerson por sua vez fundamenta-se na proposta curricular que a Secretaria direciona para a escola. A última pergunta envolve a definição de deficiência, o professor Alex novamente disse que é natural e Gerson tentou elencar os tipos de deficiência.

Michiles (2018), apesar de abordar a ludicidade e o processo de inclusão, aproxima-se, em seu estudo, de nossa pesquisa, posto que utilizamos o mesmo tipo

de abordagem e conceitos, como o desenvolvimento humano, o processo por meio das práticas pedagógicas da Educação Física, a mediação, a zona de desenvolvimento iminente, os processos pedagógicos e as relações de ensino. Michiles (2018) elenca as brincadeiras como elementos de concretização das experiências do cotidiano, assim como propomos com as práticas educativas do badminton. Desta maneira, as práticas educativas estimulam possibilidades para vida e situações de aprendizagem e desenvolvimento das capacidades cognitivas, sociais e culturais enquanto sujeitos com direitos e deveres perante a sociedade.

O segundo estudo encontrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAM foi a dissertação de Ana Paula Lima Carvalho de Oliveira, publicada no ano de 2018 com o título “Os significados construídos pelas crianças da educação infantil ribeirinha de Manaus”, com três objetivos específicos: investigar quais as características do contexto sociocultural da comunidade em que essas crianças vivem; identificar as experiências escolares que são oportunizadas às crianças na escola ribeirinha de Manaus; identificar os objetos que permeiam o universo das crianças pequenas em relação as suas experiências escolares.

Oliveira (2018) foi a campo na Comunidade Nova Esperança, Igarapé do Tiú, no Rio Tarumã-açu em Manaus/AM. A abordagem da pesquisa é qualitativa seguindo a Teoria Histórico-Cultural de Vygotsky. As técnicas utilizadas na pesquisa foram análise documental – documentos oficiais sobre o direito à educação e as propostas pedagógicas para a educação infantil com foco nas crianças da escola ribeirinha em Manaus, além de registros das práticas pedagógicas da referida escola (planejamento, diário de classe e registro de avaliação) –, observação participante e a entrevista semiestruturada para crianças da escola e a professora da turma de educação infantil. Vale ressaltar que as análises foram voltadas para as falas das crianças.

Oliveira (2018) na seção que descreve os seus resultados, inicia apresentando o ambiente escolar ribeirinho de duas formas: no período da vazante, o acesso dado pelo micro-ônibus que o município disponibiliza; no período da cheia, o acesso pelo rio através da canoa que pode comportar até oito pessoas. Em relação ao calendário escolar, este é sob responsabilidade da Gerência de Documentação e Auditoria Escolar, a fim de respeitar as situações de cheia e vazante fluviais.

Sobre o cotidiano da comunidade escolar, Oliveira (2018) descreve que o dia começa com “agradecimento a entidade divina pelo acesso à instituição, conversa

sobre o dia anterior, contação de história, intervalo para o lanche/merenda, conteúdo proposto pela professora” (Oliveira, 2018, p.65). Outro ponto a destacar é o relato sobre as oportunidades que a pesquisa participante proporciona ao “enxergar o movimento das construções sociais em que as crianças atuam ativamente, vendo como fazem para participar das atividades que a professora propõe dentro da sala, no intervalo para alimentação” (Oliveira, 2018, p.67).

Como finalização dos resultados, Oliveira (2018) cita as vivências das crianças nas atividades de Educação Física na beira do igarapé, a contação de história na sala de aula, as interações com os brinquedos e atividades de higiene no igarapé “auxiliaram numa reflexão sobre encontrar possibilidades de construção de uma práxis pedagógicas que leve em consideração a especificidade de relacionar saberes vinculados às realidades das crianças ribeirinhas” (Oliveira, 2018, p.101).

Oliveira (2018) utiliza a base teórica e metodológica de Vygotsky como esse estudo apresenta. Outra aproximação é com os conceitos: zona de desenvolvimento iminente juntamente com a atribuição de significados, pois existe uma relação dialética entre o sujeito mediada por signos e instrumentos; a mediação como ação do(a) professor(a) para atuar nas potencialidades das aprendizagens e a interação das crianças com o Outro e com o mundo como forma de emancipação humana, dado que as relações sociais afetam o processo de formação, personalidade e de conhecimento.

O terceiro estudo encontrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAM foi a dissertação de Everton Cesar de Oliveira da Cruz, publicado no ano de 2021 com o título “Do eu-aluno/a para o eu-professor/a de Educação Física: trajetórias de escolarização e formação inicial”, tendo os seguintes objetivos específicos: entender o processo de transição do ensino médio para o ensino superior (eu-aluno/a) e sua relação com a formação inicial e a sua atuação docente (eu-professor/a); compreender o contexto histórico pedagógico da formação de professores no Brasil e as particularidades inerentes à formação de professores em Educação Física; interpretar as vivências escolares no curso de Educação Física na visão dos/as discentes finalistas e a relação entre a trajetória de escolarização, formação inicial e a atuação profissional.

A pesquisa de Cruz (2021) apresentou uma abordagem qualitativa do tipo estudo de caso, com público-alvo sendo os estudantes da Graduação em Licenciatura em Educação Física da UFAM. A Teria Histórico-Cultural de Vygotsky fundamenta o

estudo. A coleta de dados deu-se através de técnicas de entrevistas narrativas abertas e individuais. A análise dos dados organizou-se pelas análises interpretativas e análise de conteúdo temático.

As participantes da pesquisa foram duas alunas do curso de Licenciatura em Educação Física da UFAM. A primeira entrevistada chama-se Soraya e a segunda, Rayssa. Soraya se interessou pelo curso por causa dos esportes, citou a participação nos Jogos Escolares do Amazonas e algumas seletivas que tinham no Estado, porém mencionou que no ensino fundamental as aulas de Educação Física eram mal elaboradas, mas isso não interferiu o interesse pela área, pois no ensino médio as aulas de Educação Física foram diferentes. Soraya relata que a equipe pedagógica da escola e a família faziam cobranças com notas e aprovações no Processo Seletivo Contínuo.

Cruz (2021) cita que Soraya ao entrar no curso de Licenciatura em Educação Física teve dificuldades dentro do cenário universitário. Porém, Soraya superou esses entraves iniciais quando passou a participar de projetos, eventos e Residência Pedagógica na Universidade. No entanto, quando chegou o período de estágio supervisionado e TCC ela também enfrentou desafios, pois realizou o seu curso no período da pandemia de COVID-19. Apesar disso, Cruz (2021) diz que Soraya tem vontade de trabalhar como professora de Educação Física.

A segunda entrevistada, Rayssa relembra que desde o ensino fundamental I teve uma professora de Educação Física que fazia muitas atividades e que esta disciplina sempre foi a sua favorita. No ensino fundamental II, ela não teve o mesmo tipo de professor. No ensino médio, teve uma experiência única, com participações em equipes de esportes e a professora desse segmento foi uma referência para ela. Com isso, Cruz (2021) deduz que Rayssa escolheu a profissão no decorrer da sua escolarização.

Cruz (2021) cita que o início da formação inicial para Rayssa foi um choque, pela mudança que ocorreu na transição do ensino médio para o ensino superior. Rayssa expõe que se sentiu frustrada com suas notas em algumas matérias, gerando um sentimento negativo com o curso de Licenciatura em Educação Física. Todavia, a participação no PIBID, no Programa Atividade Curricular de Extensão e a Residência Pedagógica foram fundamentais para ela continuar no curso. Assim como Soraya, Rayssa também teve dificuldades no estágio supervisionado por conta da pandemia, mas ela tem vontade de atuar como professora da Educação Básica.

Cruz (2021) aborda o desenvolvimento humano como construção contínua ao longo da vida, diante da cultura e os meios sociais que transformam a realidade dos sujeitos. Endossamos essa perspectiva ao vivenciar as práticas educativas do badminton, pois a interação, a mediação, as dimensões intrapessoais e interpessoais interferem no desenvolvimento cognitivo de crianças, jovens e adultos.

Além disso, as funções psíquicas humanas são ligadas ao aprender e assimilar a cultura através da linguagem. Desta maneira, as experiências do dia a dia proporcionam mudanças nas relações que são construídas nas escolas, em projetos esportivos e sociais. Cruz (2021), assim como nosso estudo, utiliza Soares et al. (1992) ao compreender a Educação Física como cultura corporal, sendo construída ao longo do tempo, aspecto necessário nas leituras de Vygotsky.

Na Biblioteca Digital do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA) foram identificados 22 trabalhos no campo da Educação Física, porém selecionamos e analisamos uma produção de autoria de Rayanne Mesquita Estumano, única produção que utilizou a base teórica de Vygotsky em diálogo com a Educação Física no período selecionado.

A dissertação de Rayanne Mesquita Estumano foi publicada em 2021, na UEPA, com o título “Inclusão, ensino individualizado e trabalho coletivo: o caso do BCR All Star Rodas”, com três objetivos específicos: caracterizar o PEI para compreender em que momento do processo de ensino sua aplicação metodológica é indicada; levantar as práticas pedagógicas utilizados pelo professor do esporte adaptado BCR para localizar o ensino e o treino individual e coletivo; localizar a existência de atitudes mediadoras para saber se o professor utiliza ações de inclusão.

De forma metodológica, o estudo de Estumano (2021), autora desta tese, foi a campo no Clube de Basquete em Cadeiras de Rodas na cidade de Belém/PA. A pesquisa caracterizou-se como de caso e apropriou-se do método das teorias materialistas e da psicologia histórico-cultural de Vygotsky para fundamentar sua dissertação. O professor de Educação Física que trabalha com o basquete em cadeira de rodas no Clube All Star Rodas foi o participante do estudo. Para a coleta de dados, utilizou-se de entrevistas semiestruturadas e a técnica da observação.

Estumano (2021) inicia a seção dos resultados apresentando o perfil do professor. Foi atleta e técnico do basquete convencional. Quando sofreu um acidente e ficou em uma cadeira de rodas, passou olhar as pessoas com outro modo, de forma

mais sensível. Depois desse ocorrido, decidiu trabalhar com o basquete em cadeira de rodas e já são mais de 20 anos de vivência neste Clube em Belém do Pará.

O professor expõe na entrevista que no Clube existem 120 atletas de diferentes idades e contextos psicossociais diferentes, inclusive atletas que já foram presos e utilizam tornozeleira eletrônica. Diante desses relatos, Estumano (2021, p.80) analisa-os da seguinte forma,

constitucionalmente encontramos o direito social à educação, sendo o esporte como fator de inclusão social que promove disseminação de práticas corporais para diferentes segmentos sociais, de maneira menos preconceituosa com aqueles que entraram no mundo do crime e hoje tentam buscar meios para ressocializar na comunidade.

Outro ponto a destacar é o tipo de método que Estumano (2021) utiliza: o materialismo histórico-dialético e a psicologia histórico-cultural, pois analisou as questões do Clube e as relações professor-aluno-conhecimento pelo lado biológico, social e psicológico. A pesquisadora enfatiza que o Professor tem o conhecimento da realidade de cada atleta e ela propõe que o docente pode utilizar o Plano de Ensino Individualizado (PEI) como forma de organização e sistematização dos dados para a sua prática pedagógica.

Estumano (2021) durante a análise dos dados descreveu a compreensão das individualidades quanto às classificações que existem dentro da modalidade basquete em cadeira de rodas (classificação 1.0, 1.5, 2.0, 2.5, 3.0, 3.5, 4.0 e 4.5 – que tem relação com o nível de comprometimento motor de cada atleta), a valorização da história de vida de cada aluno, as potencialidades física e psicológica dos sujeitos, o trabalho de independência dentro e fora de quadra, por fim, o destaque que o esporte é um fator de inclusão social para as pessoas com deficiência física.

A autora deste estudo na sua apresentação cita que na graduação em Licenciatura em Educação Física se apropriava da abordagem sócio-histórica, sendo presente os conceitos vygotskyanos no seu TCC e no Mestrado sobre as áreas esportivas da natação e do basquete em cadeira de rodas. Nesta tese de doutoramento, aprofunda os termos percepção, os processos imaginativos e criativos das funções interpretativas de desenvolvimento das funções mentais superiores, que refletem o olhar cauteloso para a educação em tempos que o diálogo é necessário. Além disso, o ensinar com o Outro e para o Outro proporciona visões humanas para comportamentos que serão perenes, como indica Vygotsky em seus escritos.

Desta maneira, com o descritor Vygotsky ou Teoria Histórico-Cultural e Educação Física analisamos 6 produções, todas do tipo dissertação. Com os resultados desse descritor surgiram 5 tipos de enfoques: formação inicial, organização do trabalho pedagógico para pessoas com deficiência, aprendizagem intergeracional, ludicidade e educação ribeirinha.

Ao verificar os objetivos específicos e os resultados de cada trabalho, tivemos como resultados os estudos que divergem e estudos que convergem desta produção. O trabalho de Cruz (2021) e Goés (2018) divergem deste estudo pois tratam respectivamente sobre a formação inicial e aprendizagem intergeracional, mas utilizaram conceitos vygotksyanos como base teórica para entender os fundamentos manipulativos, sociais e culturais de crianças e jovens através de games e a complexidade sobre as escolhas profissionais no ramo da Educação Física.

Os estudos de Barbosa (2013), Estumano (2021), Michiles (2018) e Oliveira (2018) dialogam com essa produção ao abordar sobre ludicidade, organização do trabalho pedagógico ao trabalhar com o esporte e o universo da criança a partir dos estudos de Vygotsky sobre percepção, os processos criativos e imaginativos, a importância do contato com o Outro, as funções psicológicas superiores, o desenvolvimento humano e os planos biológicos e culturais.

Vale ressaltar que as dissertações de Estumano (2021), Michiles (2018) e Oliveira (2018) podem contribuir com esta tese, pois a produção de Estumano (2021) trata sobre o esporte, Michiles (2018) aborda a realidade amazônica a partir das atividades lúdicas na prática pedagógica dos professores de Educação Física e Oliveira (2018) destaca os signos construídos pelas crianças em uma região ribeirinha. Mesmo o estudo de Oliveira (2018) sendo em uma comunidade ribeirinha específica do Amazonas, encontramos indígenas, ribeirinhos, pescadores, remanescentes de quilombos e assentados que frequentam as escolas centrais ou periféricas na cidade de Manaus.

Conclui-se, portanto, que a quantidade de produções sobre o badminton nas aulas de Educação Física no banco de dados do Google Acadêmico totalizou 12 trabalhos, o qual consideramos uma quantidade baixa de produções ao analisar a diferença de dez anos – 2011 a 2021.

Além disso, as produções do campo da Educação Física em diálogo com a Teoria Histórico-Cultural nas Bibliotecas Digitais dos Programas de Pós-Graduação em Educação da Região Norte do Brasil tiveram um total de 6 dissertações, um

resultado pouco expressivo, mas significativo, pois o campo da Educação Física aos poucos está rompendo com a visão biologista e individualista de saúde, ampliando os conceitos voltados para a emancipação, criticidade e reflexão da realidade das práticas corporais nos diversos espaços de atuação profissional: academia, escolas, clubes e hospitais.

Em consequência disso, é essencial estudarmos a Teoria Histórico-Cultural. Na seção a seguir, apresentaremos os conceitos e pressupostos dessa teoria, a fim de compor base teórica e metodológica com o badminton em sua totalidade, frente às realidades desse objeto de estudo na realidade manauara-amazonense.

2. TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL: CONCEITOS E PRESSUPOSTOS

A Teoria Histórico-Cultural na obra de Vygotsky e seus tradutores como Zoia Prestes, Elizabeth Tuner, Ivan Ivic, Kravtsov, Angel Pino tem como objetivo dialogar sobre os conceitos de mediação semiótica, os processos de imaginação, atividade criadora e as funções psicológicas superiores do plano biológico ao plano cultural, compreendendo a importância desses aspectos no desenvolvimento da história humana.

Nas próximas linhas apresentaremos esses conceitos em quatro subseções para dialogar com as práticas educativas do badminton a partir da Teoria Histórico-Cultural, ou também chamada perspectiva vygotskyana. Procurou-se compreender o objeto de estudo em sua totalidade, com os aspectos históricos, sociais, culturais e biológicos que influenciam na realidade vivida de forma dinâmica e dialética. Desta forma, iniciaremos pela vida e obra de Vygotsky.

2.1 Vida e obra de Vygotsky

A Teoria Histórico-Cultural (THC) fundamenta-se nas ideias e concepções de Vygotsky. De acordo com Ivic (2010, p.12), Vygotsky gostava de “poesia, teatro, língua e problemas dos signos e da significação, teorias da literatura, cinema, problemas de história e filosofia” e, após a Revolução Russa de 1917, iniciou sua carreira como psicólogo. O seu campo de estudo era sobre aprendizagem e o desenvolvimento de pessoas com e sem deficiência, além do ramo da psicologia e educação.

Segundo Prestes e Tunes (2018), Vygotsky produziu em torno de duzentas obras, as quais foram perdidas no decorrer da história. Além disso, algumas de suas obras ficaram proibidas praticamente entre os anos de 1936 e 1956, fato que pesquisadores indicam ter ocorrido por motivo de sua “filiação” à pedologia¹³. No Brasil, suas obras passaram a ser lidas a partir de 1984.

¹³De acordo com Vygotsky (2018, p.59), “a pedologia estuda o papel da hereditariedade no desenvolvimento e, por isso, focaliza características híbridas, instáveis e que submetem a alteração no processo de desenvolvimento da criança.” Além disso, Vygotsky (2018, p.58-59) explica a função do pedólogo em quatro pontos: o primeiro aspecto “O pedólogo estuda as complexas características que surgem e se alteram ao longo do desenvolvimento”. O segundo ponto “interessa ao pedólogo as características cujo desenvolvimento sofre influência conjunta do meio e da hereditariedade”. O terceiro aspecto “o pedólogo se interessa pelo modo como as inclinações hereditárias presentes na pessoa conduzem as crianças a um determinado tipo de desenvolvimento. Por fim, o pedólogo “se interessa, primeiramente, pelas características dinâmicas que surgem ao longo do desenvolvimento da criança”.

Destaca-se que a produção “Obras completas”, elaborada em russo entre 1982 e 1984, é considerada a fonte principal para os estudiosos ou diletantes que leem sobre sua teoria. A obra “Pensamento e Linguagem”, publicada em 1962 sob o título “Thought and language”, apresenta equívocos nas suas versões, dificultando o entendimento de suas ideias por conta de tradução para outras línguas. Vale ressaltar que os autores colaboradores de Vygotsky foram redescobertos, de acordo com Ivic (2010, p.13) “o leitor interessado pode, agora, encontrá-los nas seguintes obras: Levitin, 1982; Luria, 1979, Mecacci, 1983; Rivière, 1984; Schneuwly e Bronckart, 1985; Valsiner, 1988; e, naturalmente, na antologia de textos de Vygotsky, em seis volumes” (Vygotsky, 1982-1984).

Apresentamos a seguir o quadro 7 com a cronologia da vida e obras de Vygotsky segundo Prestes e Tunes (2021) e Ivic (2010):

Quadro 7: Cronologia da vida e obras de Vygotsky.

| Ano | Acontecimento. |
|------------|--|
| 1896 | Nascimento de Vygotsky no dia 17 de novembro, na cidade Orsha em Bielorrússia. |
| 1905 | Revolta popular contra o czarismo russo. Historiadores acreditam que sejam como um antecedente da Revolução Bolchevista. |
| 1911 | Com 15 anos de idade, Vygotsky vai à escola pela primeira vez. Antes estudava as primeiras letras com professores particulares. |
| 1913 | Vygotsky conclui o curso secundário e começa o Curso de Direito na Universidade de Moscou. |
| 1914 | Passou a frequentar as aulas de história e filosofia na Universidade Popular de Shanyavskii. |
| 1915 | Os primeiros sintomas da tuberculose começaram aparecer no corpo de Vygotsky. |
| 1916 | Além do Curso de Direito, as aulas de história e filosofia, gostava de literatura. Em vista disso, analisou a obra de Shakespeare em A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca, e escreveu uma produção sobre Hamlet. |
| 1917 | Estoura a Revolução Bolchevista. Vygotsky termina o Curso de Direito e volta para Gomel, lugar onde ensinava anteriormente. |
| 1920 | É confirmado o diagnóstico de tuberculose. |
| 1924 | Retornou para Moscou e participou de vários projetos que acabaram o colocando como fundador da escola soviética de psicologia, onde desenvolveu suas primeiras produções na área da Psicologia da Arte. Vygotsky juntamente com outros bolchevistas tentaram produzir reescrevendo a psicologia e a teoria da educação fundamentada no materialismo dialético. Nesse período Vygotsky já é reconhecido e é chamado para palestrar. Participa de uma conferência no II Congresso de Psiconeurologia. É chamado por Kornilov na cidade de Moscou e inicia o estudo no Instituto de Psicologia. Durante a década de 1924-1934 ocorre a criação da Teoria Histórico-Cultural dos fenômenos psicológicos. |
| 1925 | Vygotsky produz a primeira obra que direciona para os seus estudos para a Psicologia da Arte. Porém, ocorre censura stalinista, impedindo a publicação das suas obras na Rússia. Inicia a arrumação do Laboratório de Psicologia para crianças com deficiência. |
| 1928 | Publicação do artigo O problema do desenvolvimento cultural da criança na Revista Pedologia. |
| 1929 | O Laboratório de Psicologia para crianças com deficiência é transformado em Instituto de Estudos das Deficiências. Quando Vygotsky faleceu, tornou-se Instituto Científico de Pesquisas sobre Deficiências, na Academia de Ciências Pedagógicas. Publicação do texto A história do desenvolvimento cultural da criança normal e anormal. |
| 1934 | Vygotsky falece aos 38 anos, no dia 11 de junho. O seu livro Pensamento e linguagem é publicado na URSS. |

| | |
|-----------|---|
| | Publicação do artigo O problema da instrução e do desenvolvimento mental na idade escolar. |
| 1935 | Publicada a obra O desenvolvimento mental de crianças no processo de instrução na URSS. |
| 1966 | Publicada pela primeira vez a obra A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico na Revista Voprosi Psirrologiui e posteriormente foi publicado na obra Psicologia do Desenvolvimento da Criança em 1991. |
| 1962 | A obra Pensamento e linguagem é publicada no Ocidente, nos Estados Unidos. |
| 1982-1984 | Publicação de Obras Completas de Vygotsky, na URSS. |
| 1984 | É publicada no Brasil A formação social da mente. A tradução do inglês para o português apresenta uma versão incompleta da obra. |
| 1987 | É publicada no Brasil a obra Pensamento e linguagem. |
| 1991 | Publicação da obra Psicologia do desenvolvimento da criança pela editora Pedagoguika. |
| 2004 | Prestes e Tunes (2021) publica 8 textos de Vygotsky, sendo 7 livros traduzidos da obra Psicologia do desenvolvimento da criança. |

Fonte: Adaptação das obras de Prestes e Tunes (2021); Ivic (2010).

Segundo Pino (2005, p.52) a THC é fundamentada como a Teoria que

constitui uma exceção na história do pensamento psicológico, não só porque introduz a cultura no coração da análise, mas sobretudo porque faz dela a matéria-prima do desenvolvimento humano que, e, razão disso, é denominado “desenvolvimento cultural”, o qual é concebido como um processo de transformação de um ser biológico em um ser cultural” (Pino, 2005, p.52).

Logo, a THC entende que o aprendizado humano ocorre a partir de sua natureza social. Diante disso, Duarte (1996) apresenta cinco hipóteses referentes à interpretação pedagógica da Psicologia Histórico-Cultural, ou também chamada de Escola de Vygotsky para a educação escolar.

A primeira hipótese consiste nos fundamentos filosóficos marxistas, a questão do ser humano na perspectiva sócio-histórica. A segunda hipótese volta-se para a necessidade da obra vygotskyana ser estudada como parte de um todo. A terceira hipótese refere-se à escola de Vygotsky não ser interacionista nem construtivista. A quarta hipótese tem a necessidade de entender a consciência do ideário pedagógico entre os professores brasileiros. A última hipótese cita que a leitura pedagógica escolanovista se difere dos princípios pedagógicos da Escola de Vygotsky.

Para compreender a primeira hipótese, utiliza-se os fundamentos filosóficos marxistas dessa escola a partir do ser humano em uma perspectiva sócio-histórica, pois Vygotsky (1998) compreende que a cada vivência o sujeito apreende e se reconstrói diante da realidade vivida, fazendo com que as interações entre o homem e o ambiente se tornam dialéticas e dinâmicas, portanto, em movimento e em processo de mudança.

Esse pensamento vai ao encontro do que Antônio (2008, p.8) define sobre a visão de mundo a partir dessa teoria, que consiste “em um método eficiente de leitura

de mundo e de análise da educação que se expressa na Didática capaz de ser instrumento significativo de elaboração do conhecimento científico na perspectiva da transformação social”.

Portanto, para Vygotsky (1998), a relação entre aprendizado e desenvolvimento da criança é um processo dialético e complexo por causa das inúmeras transformações que ocorrem no convívio social, seja por fazer atividades independentemente da ajuda de outra pessoa ou quando o ser humano necessita de orientações para fazer novas tarefas. Para Antônio (2008, p.14), “a aprendizagem precede o desenvolvimento, ou seja, a aprendizagem é a força impulsionadora do desenvolvimento das funções psicológicas superiores no indivíduo”.

Os dois conceitos – aprendizagem e desenvolvimento – na perspectiva Vygotskyana são distintos, porém estão interligados, pois o processo de desenvolvimento acompanha o processo da aprendizagem, o que justifica a criação da área do desenvolvimento potencial. Para Antônio (2008, p.14), “na perspectiva da THC a aprendizagem por meio da mediação dos instrumentos culturais, sejam eles simbólicos ou concretos, com a ajuda de um adulto ou de colegas mais experientes, tem um papel de destaque no processo de desenvolvimento da criança”.

Desta maneira, para Vygotsky (1998), a mediação ocorre pelos instrumentos ou signos. Para complementar este pensamento, Antônio (2008, p.17) expõe que “o trabalho intencional, planejado e sistematizado do professor permite aos educandos apropriarem-se dos instrumentos culturais construídos pela humanidade historicamente, caracterizando o processo de humanização”.

Outro ponto relevante a esse respeito é quando Vygotsky (2018) apresenta as três leis sobre o desenvolvimento, as quais abordam sobre as características simples e complexas da vida do ser humano, que ora pode ter influência do meio, ora pelo fator hereditário. A primeira lei de Vygotsky (2018, p.66) destaca,

As funções elementares, que parecem estar bem no início do desenvolvimento e constituem condições para o desenvolvimento posterior, são mais determinadas hereditariamente do que as funções mais complexas de mesmo gênero, de nível superior, que surgem relativamente tarde no desenvolvimento (Vygotsky, 2018, p.66).

A segunda lei do desenvolvimento de Vygotsky (2018, p.68) postula que “as funções se dividem bruscamente em duas partes, não havendo gradação, passagem gradativa da determinação hereditária entre elas”, pois as “inclinações hereditárias

guardam uma relação com as funções inferiores totalmente diferente do que guardam com as superiores”.

Na terceira lei do desenvolvimento, Vygotsky (2018, p.70) define como,

A hereditariedade não se modifica ao longo do desenvolvimento etário, mas o peso específico de sua influência pode sofrer alteração[...] caso surge algo novo que não estava prontamente contido nas inclinações hereditárias [...] à medida que se novo se desenvolve, o peso específico das influências hereditárias se torna ou mais forte e passa para o primeiro plano ou mais fraco e passa para o segundo plano (Vygotsky, 2018, p.70).

As três leis de desenvolvimento têm relação com a instrução escolar, pois ao longo do desenvolvimento a criança garante passar por transições para novas etapas e depois para uma nova atividade-guia, ocorrendo pelos modos de ação, seja quando a criança ensina ou transmite para o Outro como fazer a atividade. Portanto, quando o sujeito consegue ensinar o Outro, ele já está pronto para a instrução escolar (Kravtsov; Kravtsov, 2021).

Kravtsov e Kravtsov (2021, p.25) expõem que Vygotsky classifica dois tipos de instrução: a espontânea, “aquela que está em processo de instrução estuda seguindo seu próprio programa”, e a reativa, “quando ele se instrui seguindo um programa do ‘Outro’”. Com isso, para Kravtsov e Kravtsov (2021, p.28), “se a instrução guia o desenvolvimento, logo não é preciso ensinar matemática, mas ensinar com a matemática”. Desta maneira, correlativamente, os professores de Educação Física devem ensinar com o badminton os elementos para a vida.

Na segunda hipótese, a obra vygotskyana precisa ser estudada como parte de um todo. Iniciamos pelo conceito de percepção, que, para Vygotsky (1998, p.44), é definida como “parte de um sistema dinâmico de comportamento”. Desta maneira as transformações dos processos perceptivos e as transformações em outras atividades intelectuais não podem ser fragmentadas ou dissociadas.

Esta percepção pode relacionar com os fundamentos filosóficos marxistas, pois compreende os fenômenos na sua totalidade, não fragmentando ou isolando os contextos nos quais estão inseridos. Para Marx (1982, p.105), é “no movimento dialético das categorias simples nasce o grupo, do movimento dialético dos grupos nasce a série e do movimento dialético das séries nasce todo o sistema”. Assim, os aspectos sociais, históricos, psicológicos e biológicos permeiam as ideias vygotskyanas.

Em relação ao método dialético e o conhecimento dos conteúdos apresentados por Marx (1982) e Pino (2005), apresenta-se a seguinte lógica: o concreto empírico

(prática) – abstrato (teoria) – concreto pensado (prática) através do processo de mediação. Isso dialoga com a THC dentro da zona de desenvolvimento iminente com a bagagem dos instrumentos de signos e significados.

O conceito de desenvolvimento iminente para Kravtsov e Kravtsov (2021, p.33), em consonância com Vygotsky, é “o nível atual de desenvolvimento, [que] já se formou na pessoa”. Isso ocorre porque “no processo de instrução, a criança faz algo com auxílio do adulto ou de outra criança e, no final, poderá fazer sozinha”. Portanto, a ajuda recebida pela criança transforma o nível atual do conhecimento frente àquele fator desconhecido ou que não tinha apropriação segura para executar determinada tarefa. Dessa forma, Kravtsov e Kravtsov (2021, p.34) determinam que “não há apenas uma zona de desenvolvimento iminente numa pessoa, mas, tanto em crianças como em adultos, há muitas zonas de desenvolvimento iminente”.

Para analisar a zona de desenvolvimento iminente é necessário saber qual nível de ajuda o Outro está precisando através de ações para compreender o desenvolvimento atual do sujeito, pois a ajuda prestada pode transformar a zona de desenvolvimento iminente em zona de desenvolvimento atual. Nesse aspecto, prestar e receber ajuda no comportamento frente aos desafios gera significação para as relações.

Segundo Vygotsky (1998) a significação é de suma importância para as relações culturais. Para o autor, a significação existe em uma dupla mediação: de um lado pelos signos, por outro a relação com o Outro. Porquanto, quando a criança passa a executar atos e estes passam a ter significação para o Outro, só depois passa a ter significado para ela. Portanto, a significação e o significado das ações e atitudes se desenvolvem desde a infância no plano cultural para o plano biológico e assim sucessivamente. Para Pino (2005, p.66), essas duas relações, significação e o Outro, podem ser constituídas pela rede de relações sociais da criança e pela constituição cultural, sendo apresentada pela lógica da mediação semiótica do Outro na interação do sujeito com a cultura.

Para a terceira hipótese, de que a escola de Vygotsky não é interacionista nem construtivista, deve se entender o ser humano como ser histórico e cultural. Em suma, o que ocorre no coletivo influencia na formação humana dos sujeitos que estão envolvidos nas atividades, por meio de instrumentos, seja pela linguagem ou objetos que ocorre a internalização dos elementos culturalmente estruturados. Diante disso,

Vygotsky (1998) descreve três aspectos para a reconstrução interna e operação externa,

Uma operação que inicialmente representa uma atividade externa é reconstruída e começa ocorrer internamente; um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal; a transformação de um processo interpessoal num processo intrapessoal é o resultado de uma longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento (Vygotsky, 1998, p.75).

A respeito da experiência coletiva, Vygotsky (1998) se refere à lei da genética geral do desenvolvimento da cultura. Isso é fundamental para compreendermos que é no coletivo que ocorrem ganhos culturais. Desta maneira, para Vygotsky (2018, p.78), o conceito de vivência corresponde “a uma unidade na qual se apresenta, de modo indivisível, por um lado, o meio, o que se vivencia – a vivência está sempre relacionada a algo que está fora da pessoa, e por outro lado, como eu vivencio isso”.

Vygotsky (2018) explica o aspecto da vivência por meio da pedologia, pois ela elucida o papel e a influência durante o desenvolvimento da criança quando esta toma consciência das suas atitudes, consegue atribuir significado e se relaciona afetivamente com alguma situação. Diante disso, Pino (2005, p.50) concorda com as ideais de Vygotsky (1998) e expõe que na convivência “acontece uma espécie de transposição da experiência coletiva para o indivíduo, transposição que tem lugar ao longo da existência do indivíduo pela conversão das funções sociais em funções pessoais”.

Vale ressaltar que Vygotsky (1998; 2018) não nega os aspectos biológicos, mas enfatiza os aspectos sociais para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, que são mecanismos psíquicos complexos e necessários na vida de cada ser humano, como, por exemplo, as ações reflexas (presentes desde o nascimento, como a sucção do bebe no seio da mãe), associações simples (evitar colocar o dedo na tomada com algum objeto metálico) e reações automatizadas (movimento rápido quando algum bicho toca em sua pele).

Pino (2005, p.46) também acredita, assim como Vygotsky (1998; 2018; 1993; 2009; 2021), que o desenvolvimento é ao longo da vida, dado que essas funções biológicas pelo “fato de não estarem totalmente prontas no momento do nascimento possibilita que elas sofram profundas transformações sob a ação da cultura do próprio meio”. Concomitantemente, para Vygotsky (2018, p.79), “a influência do meio no desenvolvimento da criança, junto com as demais influências, será medida também

pelo nível de compreensão, de tomada de consciência, de atribuição de sentido ao que nele acontece”.

Nesse aspecto, o resultado do desenvolvimento da criança ocorre em diferentes etapas e não compreende a realidade ao ser comparada com a vida de um adulto. Portanto, o meio interfere no desenvolvimento de cada criança de forma diferente dependendo da ocasião, e o grau de sentido é definido pela ação do meio atribuído a cada ser humano. Consequentemente, o meio é visualizado como mutável e dinâmico para Vygotsky.

Nas relações sociais por meio do trabalho e pelas funções psicológicas superiores são construídas e objetivadas a cultura, define Vygotsky (1998). Para Pino (2005, p.46), as ideias do russo têm a aprendizagem social como mudanças que ocorrem pelos planos culturais e biológicos: “a evolução permanece relativamente estacionária, no caso dos seres humanos, extrapolam o plano biológico e ocorrem no plano cultural, onde a evolução parece não ter limites. Pela sua natureza cultural, o desenvolvimento humano envolve processos que a simples aprendizagem não consegue explicar”.

Além disso, Pino (2005, p.47) expõe que as funções culturais precisam ser fixadas no sujeito, pelo fato de ainda não estarem lá, já as funções biológicas estão lá desde o processo embrionário. Logo, na primeira infância ocorre a consolidação das funções biológicas e no decorrer da vida do ser humano, como aponta Vygotsky (1998; 2018), o sujeito alcança outras funções, como as funções culturais.

Na próxima subseção, apresentaremos o desenvolvimento humano a partir das funções mentais superiores.

2.2 Desenvolvimento humano: do plano biológico ao plano cultural

Ao assumirmos a THC compreendemos que o desenvolvimento humano ocorre no decorrer da vida, pelas funções individuais e sociais dentro do plano biológico ao plano cultural, a partir de duas linhas de desenvolvimento: de um lado pelo desenvolvimento natural, com os processos orgânicos de crescer e amadurecer, e por outro lado pelo aperfeiçoar culturalmente as funções psicológicas, pelos meios culturais do comportamento (Vygotsky, 2021).

O desenvolvimento psicológico natural-biológico e o cultural se misturam e não é possível distingui-los separadamente, apesar de serem interdependentes. Pino (2005), entretanto, expõe que para Vygotsky somente com o desenvolvimento

biológico não consegue definir todas as funções do ser humano. Portanto, o desenvolvimento cultural cria novos padrões para a organização das funções fundamentais do ser humano, pois se as funções culturais foram criadas, é porque elas ainda não estavam na vida do sujeito, diferentemente das funções biológicas que estão instaladas desde o período embrionário.

Na existência do nascimento cultural surge um momento zero, segundo Pino (2005, p.48), é o “momento inaugural da concretização dessa aptidão para a cultura, concretização que constitui o que denominamos de história da constituição cultural da criança”. Com isso, acontece a passagem do sujeito como ser biológico para um ser cultural, sendo que as características se fundem sem perder suas especificidades, e essa relação de transformação chama-se desenvolvimento cultural.

Esses fatos do desenvolvimento cultural do ser humano são esclarecidos pela psicogênese das formas de comportamento em quatro estágios (Vygotsky, 2021). O primeiro estágio chama-se de comportamento primitivo ou psicologia primitiva como forma de memorizar naturalmente os materiais a medida do seu interesse e atenção. O segundo estágio, a psicologia ingênua como sendo conexões dos objetos ligadas as ideias. O terceiro estágio definido como estágio do meio cultural externo, no qual o ser humano descobre o significado da ideia ou objeto, consegue usá-los e substitui os processos de memorização por uma situação mais complexa. No quarto estágio ocorrem duas questões importantes: o primeiro é o enraizamento do tipo sutura, significa a criação do signo e a segunda é o enraizamento interno do meio externo, ou seja, quando a pessoa produz a partir disso processos internos.

O desenvolvimento, portanto, acontece pelas funções elementares geradas pela herança genética e as funções superiores pelas práticas sociais. Encontramos termos como a percepção ou atenção como formas de comportamento humano, e os seus respectivos processos perceptivos e intelectuais pelas ações motoras, visuais e pela linguagem. Para Vygotsky (1998, p.47), “além de reorganizar o campo visual-espacial, a criança, com o auxílio da fala, cria um campo temporal que lhe é tão perceptivo e real quanto o visual”. Logo, as ações motoras, visuais e da linguagem são conectadas com o intuito que ampliar o desenvolvimento humano.

De forma genética, o pensamento e a fala tem origens distintas. Assim, na ontogênese e filogênese o desenvolvimento do pensar e do falar são postas por vias diferentes. Na infância, o pensamento é compreendido como significados das palavras

que são geradas pelo meio e determinadas pelos processos de desenvolvimento, lembrando que a hereditariedade é diferente e afeta os aspectos desse processo.

Nas etapas como na função instrumental, o sujeito amplia o seu vocabulário e nesta fase registra-se a passagem da fala externa para a interna. As transformações das atividades externas em internas evidenciam as análises que compõem o meio cultural de comportamento, a sua estrutura, como funcionam e como geneticamente a psicogênese fundamenta os comportamentos culturais do sujeito nas fases de desenvolvimento. Portanto, de acordo com Vygotsky (2018, p.65), a lei geral do desenvolvimento cultural explica a origem social e cultural como sendo

as características complexas que surgem no desenvolvimento e que são determinadas tanto na hereditariedade quanto pelos fatores do meio, e outras características que guardam relação com o desenvolvimento da personalidade consciente do ser humano, evidencia-se que, entre as funções elementares mais simples, mais primitivas a divergência é maior do que nas funções superiores.

Desta forma, a lei geral do desenvolvimento explica que ocorre uma colisão entre a ordem da cultura e a ordem na natureza e como elas são estabelecidas no seu determinado tempo.

As funções superiores são itens do desenvolvimento histórico e existem relações com a hereditariedade, visto que nele são realizadas inclinações hereditárias e cada mudança ou combinação surgirão novas influências hereditárias. Vygotsky (2018) compreende que as inclinações têm interferência do caráter e destino da função.

Em relação às funções superiores, estas dependem das condições sociais e culturais para se desenvolverem. Segundo Pino (2005, p.50), a conversão das funções sociais em funções pessoais “acontece [em] uma espécie de transposição da experiência coletiva para o indivíduo, transposição que tem lugar ao longo da existência do indivíduo”.

As características do desenvolvimento humano são variáveis e diferentes de pessoa para pessoa, pois os aspectos hereditários e do meio mudam as funções superiores (Vygotsky, 2018). Portanto, não existem regras que expressam ou determinam os papéis das influências hereditárias no desenvolvimento humano. Em algumas pessoas as características são diretas, em outras são indiretas ao processo de mudança de comportamento e aprendizagem. Dessa forma, para Vygotsky (2018, p.73), o desenvolvimento

é sempre um processo dinâmico, uma unidade de influências hereditárias e do meio. Contudo, essa unidade não é constante, não é permanente, não é algo dado para todo o sempre e sumariamente determinado. É uma unidade mutável, diferenciada, constituída de diversas formas e requer, a cada vez, um estudo concreto.

O meio e a hereditariedade estão interligados com a vivência, pois o desenvolvimento psicológico e da personalidade são afetados. A vivência, desta forma, é uma questão que define o desenvolvimento posterior do ser humano através das experiências nelas proporcionadas. Logo, não é um momento isolado que define o desenvolvimento, mas todo um contexto de hereditariedade e meio que formarão o sujeito. Nesse sentido, Vygotsky (2018) cita o exemplo de três irmãos de idades distintas morando na mesma casa, que podem ter vivências diferentes, portanto, desenvolvimento social e psicológico distintos; conseqüentemente, cada um pode atribuir sentido e significado de forma única.

Na vivência consegue-se definir a estrutura do meio no desenvolvimento como um todo. Conforme Vygotsky (2018, p.78) expõe, “as especificidades da personalidade do meio, os momentos que têm relação com determinada personalidade e foram selecionados desta, os traços de caráter, os traços constitutivos que têm relação com certo acontecimento”. Desta maneira, a vivência é um conceito fundamental para o desenvolvimento psíquico do ser humano pelo nível de compreensão e tomada de decisão.

Em relação aos signos que são produtos específicos dos aspectos biológicos ao desenvolvimento social, o desenvolvimento acontece entre as funções superiores, ou também chamada plano da cultura, e pelas funções elementares, ou plano da natureza, que representam as transformações do signo ou sistemas simbólicos. Pino (2005) apresenta dos dois planos entre essas ações, com o processo de ruptura, quando as funções biológicas operam nas leis da história e pelas funções culturais que estão correlacionadas à estrutura biológica.

Vale ressaltar que para Vygotsky a cultura é o resultado da vida e da atividade social dos sujeitos em sociedade. Os signos e os instrumentos são meios de produção da cultura. Durante as ações humanas, a ação física do homem sobre a natureza materializa os instrumentos. As ações das atividades intelectuais do homem sobre os objetos, com as ideias e com os meios simbólicos, colocam os símbolos como interferência. Desta maneira, as funções psicológicas e funções culturais são

configurações constituídas para o desenvolvimento humano nos aspectos de materialidade e significação.

Consequentemente, Vygotsky (1998; 2009; 2021) compreende que as atividades cognitivas e sociais permitem interagir com o meio e com os seus pares, tendo nessas funções uma significação, pois nas atividades biológicas terão dimensões simbólicas. Os produtos culturais têm várias formas materiais de expressão como as produções artísticas, as organizações de instituições sociais, as tradições como os mitos e lendas, além dos sistemas filosófico, jurídico, científico e religioso.

As naturezas simbólicas estão atreladas ao campo da atenção. Para Vygotsky (1998), este vai ao encontro do campo perceptivo; este, por sua vez se desdobra ao longo da vida, como um objeto dinâmico de atividades psicológicas com intenções e representações simbólicas das ações intencionadas, seja pela memória ou pela análise do significado da linguagem, pois nos processos de significação o sujeito tem possibilidade de transformação dos sentidos que as significações terão para cada pessoa.

A memória é uma característica dos primeiros estágios de desenvolvimento cognitivo do ser humano com a finalidade de lembrar das ações, porém os objetivos mudam na fase da juventude, pois nela o processo cognitivo tem como foco o pensar. Quando Vygotsky (2021) compara duas crianças, ele apresenta que a criança mais velha internaliza melhor as informações pelos processos neuropsíquicos que estão na base da memória, mas a criança mais nova com interferência de estímulos e com os auxílios dos signos articula para o desenvolvimento cultural de comportamento.

No desenvolvimento cultural de comportamento, consegue-se analisar a composição dos processos psicológicos naturais que o produzem, a exemplo do caso das crianças com estímulos, pois nos aspectos de memorização são criadas ligações associativas e reflexos condicionais entre o estímulo, as reações e os signos que são gerados pelo contato com o Outro (Vygotsky, 2021). Pino (2005) cita que, para Vygotsky, o desenvolvimento humano envolve o Outro pelas histórias de cada sujeito e pela história geral da espécie.

O Outro é fundamental para a THC desde o nascimento da criança, quando ela é inserida na cultura, sendo reflexo de uma dupla mediação que, para Vygotsky (1998), são os signos e o Outro como responsável pela significação, criando relações da criança com o Outro e com o mundo universal, como expõe Pino (2005, p.153):

no momento do nascimento, a criança possui o equipamento genético e neurológico da espécie - o que, em princípio, é garantido pela natureza no próprio ato da gestação – e que, com a ajuda do Outro, integre-se, progressivamente, nas práticas sociais do seu grupo social.

Esse contexto é confirmado pelo movimento de apontar, que Vygotsky (1998) cita no plano biológico pelas funções motoras, enquanto nas funções culturais são dadas pela significação do Outro. Quando a criança nos seus primeiros atos naturais gera significação para o Outro, é depois desse movimento que se torna relevante para ela, pela sensorialidade com os sinais do meio e a motricidade pelas emoções, desejos ou necessidades no decorrer dos primeiros anos de vida.

Logo, a mediação do Outro é fundamental, mas só isso não ajuda no desenvolvimento humano, pois o desenvolvimento individual implica nas transformações ou conversões conscientes ou inconscientes nos atos significativos no desenvolvimento coletivo durante os processos de internalização que Vygotsky (1998; 2021) apresenta.

Essa relação fica evidente quando Pino (2005, p .67) afirma o pensamento de Vygotsky sobre as funções superiores serem “constitutivas da pessoa foram antes relações sociais: toda função mental superior - afirma Vygotsky – foi externa porque foi social antes de tornar-se interna, uma função estritamente mental; ela foi primeiramente uma relação social de duas pessoas”. Consequentemente, a humanização da espécie é um evento coletivo assim como a humanização do indivíduo.

No processo de memorização, a combinação dos estímulos externos e internos pelas relações interpessoais e intrapessoais com uso dos objetos modifica as memórias humanas pelas lembranças que estão inseridas nos processos de significação, em formato espiral do conhecimento. O desenvolvimento cultural forma-se pelas atribuições dos comportamentos da sociedade e com o desenvolvimento histórico, pois os processos de escrita, linguagem e sistemas de códigos e números ocorrem da mesma forma, como observado nas leituras vygotskianas e nas leituras críticas da Educação Física.

As impressões que se organizam no cérebro vivem em processos de modificações, seja para mover-se de uma região externa para interna, seja para viver ou morrer. Vygotsky (2009) exemplifica uma modificação interna como sendo um “processo de exacerbação e atenuação de alguns elementos das impressões, cujo significado para a imaginação, em geral, e para a imaginação da criança, em particular

é enorme”. Logo, existe uma ligação entre a imaginação e a memória nos processos de desenvolvimento humano.

O interesse nas fases de desenvolvimento muda conforme os objetivos. Com isso, a memória também se articula para obter novos amadurecimentos. Vale ressaltar que quando a pessoa tem atraso no desenvolvimento cultural, por algum motivo externo ou interno ao processo de modificação, ela ainda não conseguiu dominar os meios culturais de comportamento, o que afeta o pensamento lógico e a formação de conceitos (Vygotsky, 2021), posto que o desenvolvimento da cultura retrata significações e processos de apropriações. Segundo Pino (2005, p.63), quando a pessoa chega no nível de maturação “as estruturas do cérebro e a multiplicação das conexões entre as áreas primitivas e as novas e, de outro lado, a transformação das funções elementares ou biológicas e a constituição das funções superiores ou culturais”.

Desta maneira, a totalidade das condições criadas pelos homens nesses processos é necessária para o sistema de relações sociais que definem as convivências humanas. Portanto, o desenvolvimento para Vygotsky (2018, p.93) é definido desde a origem embrionária até as suas características desenvolvidas e maduras, “um sistema complexo que não pode se desenvolver de modo completamente homogêneo em todos os aspectos”.

Portanto, a corrente da THC entende que o desenvolvimento humano está atrelado ao modo de falar, agir ou pensar. Isso significa que a cultura é inserida para o ser humano tornar-se um ser cultural pelas histórias pessoais e sociais que são geradas no cotidiano em contato com o Outro, pelo mundo da natureza “em si” e da natureza “para o homem”.

As características humanas para a THC são organizadas pela perspectiva histórico-social, com o desenvolvimento humano marcado pelo processo histórico e dialético no encontro dois mundos; mundo da natureza “em si” e da natureza “para o homem” no decorrer do tempo histórico. Em consequência disso, os modos de falar, agir e pensar são gerados os processos de significação e a mediação semiótica se articula nessas relações.

Nesse contexto, a seguir, realizaremos a exposição sobre esses conceitos da THC.

2.3 Mediação semiótica e o processo de significação

O conceito de signo é citado nas obras de Vygotsky (1998; 2021; 2009) em três episódios com a intenção de compreender a natureza das funções humanas: quando discorre sobre a atividade prática com interferência do uso dos instrumentos e dos signos, quando observa o modelo naturalista pelas ações e estímulos ocasionados pelo meio e ao verificar as relações genéticas e funcionais entre o pensamento e a fala.

A atividade prática para Vygotsky tem relações com o desenvolvimento intelectual, suas reorganizações quanto o comportamento do sujeito, as suas histórias individuais e sociais. Pino (2005) destaca que Vygotsky faz uma síntese desses pontos a partir de três ideias: pela união do signo e da ação prática; a presença do signo na ação prática pela ação do Outro através da mediação social; pelo controle da ação prática pelo signo.

Para Vygotsky (1998), a mediação ocorre na interação do ser humano com o meio ambiente através do uso dos instrumentos e dos signos. Para ele, a mediação é compreendida “nas formas superiores do comportamento humano, o indivíduo modifica ativamente a situação estimuladora como parte do processo de resposta a ela” (Vygotsky, 1998, p.18).

Isso quer dizer que a nível neurológico podem se desenvolver de duas formas: sensorial pelos sinais físico-químicos e motora pelas funções do processamento que conduzem esses sinais. Logo, as associações do organismo com o meio seguem os equipamentos de receptor e emissor dos sinais, pois o encéfalo é uma estrutura biológica que processa informação e esses conhecimentos geram significação. Pino (2005, p.49) apresenta

O meio ambiente, em geral, exerce um importante papel sobre o funcionamento do genoma de seres vivos delimitados pelas condições naturais de existência, com maior razão pode se esperar que o meio humano, criado pelo homem para conduzir suas próprias condições de existência, exerça uma influência importante na sua estrutura genética ao longo do tempo.

Desta maneira, o meio é fundamental para o desenvolvimento das características humanas, visto que nele observa-se as características históricas desenvolvidas entre as sociedades, pela sua hereditariedade e estrutura orgânica de um dado período histórico de cada grupo social, o que interfere no desenvolvimento, característica e qualidade dos sujeitos. Por outro lado, é visto as características sendo

elaboradas com invenções ao final do desenvolvimento do sujeito, ou seja, a pessoa se apropria dos aspectos externos do meio e as transforma em patrimônio interno.

Vygotsky (1998) compreende o sistema de signos como sendo o processo de escrita, sua respectiva linguagem e os sistemas de número, que são para o ser humano um meio de contato social com as pessoas. As funções cognitivas de comunicação e de representação são a base para formar novas atividades. Vygotsky (2021) ratifica que o signo, quando analisado pelo aspecto da memorização, é típico dos meios culturais de comportamento. Com isso, as atividades simbólicas são compostas por histórias independente do processo de signo.

Ao utilizar os signos, o ser humano usa estruturas específicas de comportamentos que se destacam do desenvolvimento biológico ao processo psicológico enraizado na cultura, pois são mutuamente constitutivas. Isso é justificado pela conversão das funções mentais superiores entre os dois mundos, o da biologia e o da cultura, ou seja, o mundo da natureza “em si” e da natureza “para o homem”. Por essa lógica, Pino (2005, p.164) aponta

De um lado, que as relações sociais humanas - aquelas que decorrem das formas de sociabilidade criadas pelos homens - implicam necessariamente a mediação semiótica; de outro, que as chamadas “funções superiores” são as funções das relações sociais tornadas pessoais graças ao processo de internalização do qual o signo é o mediador.

O autor também cita que, para Vygotsky, a cultura é o conjunto das produções humanas, que regadas de significação, e quando o ser humano é inserido no mundo cultural, desde bebê, passa por uma dupla mediação: a do signo e a do Outro. Na primeira infância o amadurecimento das funções biológicas, e com o decorrer do desenvolvimento a adesão das funções culturais. Logo, para as produções humanas existem duas fontes fundamentais: a vida social e a atividade social do homem, pelas quais Vygotsky explica os termos da passagem do plano biológico para o plano da cultura. Portanto, para Pino (2005, p.107), Vygotsky compreende que

As funções mentais superiores não são simples transposição no plano pessoal das relações sociais, mas a conversão no plano da pessoa, da significação que têm para ela essas relações, com as posições que nelas ocupa e os papéis ou funções que delas decorrem e se concretizam nas práticas sociais em que está inserida.

O conjunto das produções humanas é resultado de um conceito diverso e que tem em comum dois aspectos: a materialidade e a significação. São estabelecidos dois subconjuntos de produções humanas ou objetos culturais: o primeiro constituído pelo produto da atividade física do sujeito sobre a natureza, caracterizando uma forma

material, e o segundo pela produção das ações mentais do ser humano sobre os objetos simbólicos (através das ideais, linguagens, expressões como a fala ou a escrita), concretizando a forma material de expressão. Nessa lógica, Pino (2005, p.53) descreve que “a natureza transforma-se [sic] em cultura; sem perder suas características, e a cultura materializar-se em natureza constitui um paradoxo que só o caráter simbólico da cultura pode desvendar”.

Logo, a significação envolve processos de codificação e decodificação por sinais físico-químicos que determinam diversas formas de ações. Vygotsky (1998; 2021) expõe que os mamíferos superiores conduzem as questões internas do organismo e externa ao mundo em formato de imagens sensoriais. No ser humano, essas imagens são objetos da consciência e é por meio delas que o sujeito tem aproximação com o mundo real e o mundo imaginário. Desta maneira, Pino (2005, p.147) descreve que o termo significar é “passar do plano do perceptível ao do enunciável e do inteligível. É encontrar a razão que permite relacionar as coisas entre si e, dessa forma, conhecê-las”.

Por sua vez, o sistema de instrumentos para Vygotsky (1998) tem suas origens no desenvolvimento das sociedades ao longo da sua história, nas mudanças seja na forma social e no nível de desenvolvimento cultural. Essas características humanas produzem o intelecto e constituem o uso de instrumentos no dia a dia. O processo de desenvolvimento das sociedades é enraizado, e apresentam ligações com a história individual e história social das estruturas humanas.

Pode-se justificar tais eventualidades pela psicologia da criança, pois ela ajuda no entendimento das bases biológicas do comportamento humano, pelos processos psicológicos elementares com os movimentos sistemáticos, a percepção, o cérebro, as mãos, ou melhor, o organismo como um todo, visto que os instrumentos e os símbolos são dois meios de produção da cultura. Pino (2005, p.90) cita dois pontos: o primeiro “de serem mediadores da ação humana – sobre a natureza, no caso dos instrumentos, e sobre as pessoas, no caso do símbolo” e o segundo “que ambos são já produtos dessa mesma ação humana”.

Portanto, o objetivo dos instrumentos é conduzir na influência humana sobre os objetos das atividades, orientando mudar os objetos que manipula externamente. Enquanto o signo não modifica os objetos da operação psicológica, orientando internamente no controle do próprio sujeito.

As relações sociais que geram esses signos são de natureza semiótica pois são criados pela ordem de significação. A semiótica é um ponto fundamental nas ideias de Vygotsky por dois motivos, como cita Ivic (2010): o primeiro pela ligação que ele faz com a literatura, teatro e arte e o segundo, como expõe Pino (2005), que Vygotsky tenta achar explicações para compreender a natureza social e cultural das funções mentais superiores.

Desta maneira, o russo visualiza o papel da mediação instrumental correspondente ao plano psicológico, o que se observa na teoria do trabalho social de Karl Marx e Friedrich Engels. Logo, o signo para Vygotsky (1998; 2009; 2021) pode ser compreendido pela sua natureza e função comparando a natureza e função do instrumento exposto na teoria marxista.

Vygotsky (1998) explica esses fenômenos pelo processo de internalização, que pode acontecer pela operação de uma atividade externa que é reconstruída e se desenvolve internamente pelo processo interpessoal transformado em intrapessoal e pela transformação oposta, como resultado de um percurso longo do desenvolvimento.

Assim, Vygotsky (2009) direciona a possibilidade de criação e utilização dos signos como uma explicativa para as funções mentais, sociais e individuais do sujeito, pois como os signos são meios ou modos de relações sociais, estes influenciam na relação com o Outro. Além disso, as formas verbais de linguagem para o desenvolvimento humano e a formação da consciência são aspectos que merecem destaque pelo fenômeno da internalização.

Pino (2005, p.164) evidencia que Vygotsky, quando trata das relações sociais, apresenta dois pontos: o primeiro pela forma direta por ações naturais vistas na sociabilidade do mundo animal através do choro, sons ou contato corporal; conforme o sujeito for se desenvolvendo, suas relações com o Outro passam para o segundo ponto, pela forma mediada com interferência das questões culturais.

Para Vygotsky (1998), portanto, o signo comporta-se como o instrumento da atividade psicológica de maneira parecida com o papel de um instrumento de afazeres presentes na vida cotidiana através da mediação. Isso ocorre em três situações: pelo meio de trabalho para controle da natureza, com a linguagem como meio de interação social e com as adaptações artificiais.

Logo, existem três condições para esse trabalho: a relação da analogia e os pontos aproximados dos dois tipos de atividades; as diferenças básicas entre eles; o

elo psicológico real que existe nas atividades. Vygotsky (2021, p.84) evidencia essas relações quando cita,

O signo, ou recurso auxiliar do meio cultural, forma, assim, um centro estrutural e funcional que determina a composição e o significado relativo de cada processo particular. A introdução do signo com auxílio do qual se realiza qualquer processo de comportamento reestrutura o fluxo das operações psicológicas, da mesma forma como a introdução do instrumento reestrutura a operação de trabalho.

Vygotsky (1998, p.28) descreve que “o sistema de atividade da criança é determinado em cada estágio específico, tanto pelo seu grau de desenvolvimento orgânico quanto pelo grau de domínio no uso de instrumentos”. Desta maneira, os processos das operações com os signos são prologados e complexos, pois os signos surgem depois de uma série de transformações qualitativas nos estágios das leis básicas da evolução humana, que de um lado são organizados pelos processos elementares de origem biológica, e de outro as funções psicológicas superiores, de origem sociocultural.

Por isso, é necessário definir o conceito de signo, pois deve-se compreender a sua origem, sua função, seus sistemas de sinalização de original natural ou também chamada de biológica e sistemas de signos compreendidos pela origem cultural ou simbólica, pois os processos de significação são para Vygotsky (1998; 2021; 2009) e Pino (2005, p.149) como sendo a dinâmica do dia a dia das pessoas “nas diferentes formas de prática sociais, uma vez que a significação é um produto social. Eles traduzem assim a natureza semiótica e dinâmica da sociabilidade e da criatividade humana”, conceito fundamental nas obras vygotskyanas.

A Lei do Signo Emocional Comum, Vygotsky (2009) apresenta como sendo uma impressão ou imagem que retratam signos emocionais. Isso significa que as pessoas têm interferência do meio pelos aspectos de alegria, tristeza, amor, ódio, espanto, tédio, orgulho ou cansaço, que quando concretizados demarcam impressões que podem ser ações racionais; marcados por signos ou pelos traços emocionais. Essas influências explícitas ou implícitas dos fatores emocionais podem representar novas combinações quando o surgimento de agrupamentos é inesperado.

Vygotsky (1998, p.61) cita que na “história do comportamento, esses sistemas de transição estão entre o biologicamente dado e o culturalmente adquirido”. Vale ressaltar que as funções elementares têm influência pelos estímulos do ambiente, e as funções superiores a estimulação é autogerada, ou seja, é criada e utiliza estímulo artificial que se torna o resultado do comportamento.

Portanto, quando o ser humano utiliza as palavras, realiza várias atividades, tenta atingir algum objetivo, assim como soluciona ou planeja ações, usa instrumentos para segurar objetos com as mãos ou falar com direcionamento para alguém. Desta maneira, o sistema de signos reorganiza o processo psicológico, proporcionando o ser humano a dominar suas ações e interferir nas suas escolhas. Logo, o movimento move-se a controlar as funções simbólicas incluídas na resposta de escolhas.

Destaca-se que o desenvolvimento da imaginação da criança é diferente do adulto, desta maneira a inteligência prática e o uso de signos também são. A atividade simbólica apresenta uma função organizadora específica que ocupa o processo do uso de instrumentos e cria formas de comportamento.

Para Vygotsky (1998, p.33) “às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata, acontece quando a fala e a atividade prática, então duas linhas completamente independentes de desenvolvimento convergem”. Desta maneira, é fundamental compreendermos os conceitos de imaginação e atividade criadora para a formação humana, cujos conceitos trataremos na próxima subseção.

2.4 Imaginação e atividade criadora

A imaginação para Vygotsky (2009) é analisada como uma formação típica do homem, assim como a atividade criadora, pois, a compreensão dos processos psíquicos apoia-se no desenvolvimento humano e existem responsabilidades ligadas a relação educacional, de ensino e aprendizagem dos alunos na produção, apropriação do conhecimento e nas formas de vida com os modos de perceber, sentir, pensar e se relacionar com as pessoas.

O desenvolvimento do psiquismo é complexo, influenciado pela hereditariedade e pelo meio em que o sujeito se encontra, desde as características simples, também chamadas de primitivas, até as funções superiores que surgem relativamente tarde na formação humana. Vygotsky (2018, p.66) exemplifica a questão dos gêmeos univitelinos quanto ao aspecto motor das crianças, onde “quanto mais elementar é a função estudada, mais próxima está, por sua natureza, do ato motor mais elementar, bem como maior será a divergência entre os dois tipos de gêmeos”.

Essas conexões e relações entre as funções superiores e o desenvolvimento das funções individuais formam sistemas que se transformam ao longo da vida do ser humano (Vygotsky, 1998). Em relação às funções mentais superiores, trata-se de

questões sociais internalizadas. Vygotsky (2009, p.8) cita que o “homem é um agregado de relações sociais” e considera o desenvolvimento ontogênico na fase individual e harmonizado à história e à cultura.

Desta maneira, Vygotsky (2009, p.9) elenca que a imaginação “analisa as relações entre imaginação e realidade e mostra como a imaginação se apoia na experiência; como a experiência se apoia na imaginação; como a emoção afeta a imaginação e como a imaginação provoca emoções”. Assim, a imaginação é afetada pela cultura e linguagem, portanto marcada pelas formas dos modos de vida. Dessa forma, a imaginação é uma combinação das imaginações individuais, as organizações em um sistema e a construção de um quadro que o homem se adapta pelo meio que o cerca.

Vale ressaltar que a imaginação da criança e do adulto são diferentes, portanto, a maneira como elas funcionam também o são. Assim, à medida que as pessoas se desenvolvem, as manipulações hereditárias tornam-se fortes ou passam para o primeiro plano, ou enfraquecem-se e passam para o segundo plano. Esses momentos podem ser esclarecidos pelos processos subsequentes da imaginação, o que o teórico russo chama de associação, sendo a junção dos elementos dissociados ou modificados durante as experiências. Logo, para Vygotsky (2009, p.45), há “a grande experiência do adolescente; amadurecem os chamados interesses permanentes; os interesses infantis rapidamente retraem-se e, com o amadurecimento geral, a atividade de imaginação dele obtém uma forma final”.

Com isso, para Vygotsky (2018, p.70), “no período de desenvolvimento em que surge o novo, o papel da influência hereditária pode ser relativamente menor e seu peso específico pode se tornar menor”. Desta maneira, a manifestação da raiz emocional real da imaginação ocorre tanto com os adultos quanto com as crianças, mas elas se desenvolvem de maneira diferente e gradativa com o decorrer dos anos (Vygotsky, 2009).

Além da associação, existe a dissociação que, para Vygotsky (2009, p.36), é a “fragmentação dos elementos, algumas partes têm mais destaque que outras, umas são conservadas e outras são esquecidas”. A dissociação é uma categoria para a atividade que afetará posteriormente as fantasias. Essas fragmentações são importantes para o desenvolvimento humano e são as bases para o pensamento abstrato e da formação de conceitos.

Por conseguinte, o desenvolvimento cultural da criança é constituído pela imaginação e criação, o que o teórico apresenta “como um instigante e polémico conjunto de reflexão de Vygotsky sobre as condições e as possibilidades da criação humana, da criação individual entretecida na construção histórica” (2009, p.10).

No dia a dia, para Vygotsky (2009), o que não é real e o que não tem significado prático define-se como fantasia. Na fase da infância, a fantasia é mais estimulada, conforme o desenvolvimento da criança. Quando a imaginação e a fantasia diminuem, alcançam a maturação na idade adulta, pois a cada estágio da vida existe uma forma característica para a criação. Isso é justificado pelos diferentes interesses das faixas etárias.

Consequentemente, o desenvolvimento é um processo dinâmico e dialético, que tem interferência da hereditariedade e do meio, como citado por Vygotsky (2018). Portanto, os conceitos de imaginação e atividade criadora desempenham papéis importantes para a formação humana em várias etapas da vida, desde a primeira infância, na idade pré-escolar, na idade escolar e na educação superior. Em outros termos, cada idade tem seu próprio contexto e características.

Para entender os processos psicológicos da imaginação e atividade criadora, precisa-se esclarecer a relação entre fantasia e realidade, pois existe uma capacidade de combinação no cérebro para justificar essas relações de interesse. Assim, Vygotsky (2009, p.45) cita: “amadurecem os chamados interesses permanentes; os interesses infantis rapidamente retraem-se e, com o amadurecimento geral, a atividade de imaginação dele obtém uma forma final”. Logo, a imaginação se adapta às condições racionais e ficam classificadas como imaginação mista.

Na teoria vygotskyana (2009), existem quatro formas entre a imaginação e realidade. O primeiro aspecto é ligado a experiência anterior da pessoa, com isso quanto mais rico for a vivência do sujeito, mais ideias ajudarão na sua imaginação. O segundo ponto é a relação do produto da fantasia e o fenômeno da realidade, não justificado pela vivência como o primeiro aspecto, mas com a possibilidade de criação de novas combinações através da modificação ou reelaboração do produto da imaginação que depende da experiência anterior.

O desenvolvimento psicológico molda o desenvolvimento da personalidade, porque a vivência, para Vygotsky (2018, p.75), “define como será a influência dessa situação ou meio sobre a criança”, já que meios diferentes proporcionam vivências diferentes, conforme exemplifica no caso das três crianças: a menor que se

posicionava com indefensibilidade, a segunda criança tem situações extremas de sofrimentos e a terceira criança com traços de maturidade precoce. Nesse contexto, o comportamento e desenvolvimento dessas três crianças analisadas são diferentes, pois vivem realidades particulares que afetarão na formação humana quanto aos aspectos psicológicos, sociais e educacionais de forma diferente.

A terceira relação diz respeito como a imaginação e a realidade estarem ligadas a questão emocional, pela expressão externa (corporal) e pelas expressões internas (ideias, imagens e impressões de alegria, tristeza, amor e ódio). Desta maneira, há dois lados a serem observados com esses termos: o primeiro é que o sentimento afeta a imaginação e o segundo é o sentido inverso, a imaginação interfere no sentimento. Vygotsky (2018) destaca que a vivência está relacionada com a questão externa do meio ambiente e a resposta de como cada pessoa vivencia isso, pois para o autor é importante as particularidades da personalidade e da situação enfrentada.

O último ponto da relação entre a fantasia e a realidade, é o que Vygotsky (2009, p.29) chama de imaginação cristalizada quando “a sua essência consiste em que a construção da fantasia pode ser algo completamente novo, que nunca aconteceu na experiência de uma pessoa e sem nenhuma correspondência com algum objeto de fato existente”. Porém, ao ser adquirida uma concretude material, começa a existir na sociedade e interfere sobre as ações no cotidiano das pessoas, desta maneira todos os objetos que existem no cotidiano são considerados imaginação cristalizada.

A imaginação é o alicerce das atividades criadoras nos mais variados campos da vida cultural e social, com isso envolve a arte, a ciência e a técnica. Logo, o que homem elabora como produto da imaginação e criação baseia-se no mundo da cultura, pois quando o ser humano imagina, faz combinação, modifica alguma parte da estrutura, cria certo objeto ou o nomeia dando significado está praticando esses termos na vida prática. Geralmente, essas atividades “nada cria[m] de novo e a sua base é a repetição mais ou menos precisa daquilo que já existia” (Vygotsky, 2009, p.12).

Portanto, o autor apresenta dois tipos de atividade: reconstituidora e reprodutiva. A atividade reconstituidora tem como ideia a criação de imagens ou ações, pertencendo ao aspecto criador ou combinatório, como citado por Vygotsky (2009). Essa atividade criadora leva o homem para o futuro, com a finalidade de mudar o presente, seja com os gênios da história, talentos diversos, manifestações de obras

de arte e quando o ser humano imagina, combina, muda ou cria situações novas, pois mesmo que essa mudança seja mínima, o que importa é a criação ou a adaptação de onde surge as necessidades, anseios e desejos do homem, pois sozinha não é possível criar.

Com isso, Vygotsky (2009, p.16) cita que “a criação é condição necessária da existência, e tudo que ultrapassa os limites da rotina, mesmo que contenha um iota do novo, deve sua origem ao processo de criação do homem”. Nesse sentido, a criação na infância, o seu desenvolvimento e significado são importantes para o amadurecimento geral do sujeito. Um exemplo prático é a brincadeira na primeira infância, quando a criança ao brincar de boneca imagina-se uma família, ela sendo a mãe, a boneca a filha e o irmão sendo o pai. Para Vygotsky (2009, p.58) essa situação ocorre devido “a imaginação criadora, externamente, tende a confirmar-se com uma ação que existe não apenas para o inventor, mas também para todas as outras pessoas”.

Esses atos durante a brincadeira, são reflexos vistos pelas ações dos pais na vida cotidiana. Contudo, Vygotsky (2009, p.17) expõe “a brincadeira da criança não é uma simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas”, pois o desenvolvimento da criança com as vivências será justificado pela compreensão, consciência e sentidos atribuídos na aprendizagem das brincadeiras.

Vygotsky (1998) enfatiza que o desenvolvimento dos animais é diferente do ser humano, pois a criança, adolescente ou o idoso elabora ou recria a partir das vivências individuais ou no coletivo através do campo perceptivo, pois como seres sociáveis, conseguimos construir campo de atenção, campo visual-espacial e campo temporal que se organizam em movimento ou no decorrer da vida.

Para Vygotsky (1998) a transição do campo visual para o campo da atenção é obtida através das reconstruções de atividades isoladas que fazem parte das operações requeridas nessas estruturas. Desta forma, quando ocorre essa efetivação, o campo da atenção move-se do campo perceptivo e se desdobra no decorrer do tempo, tendo um comportamento de variadas atividades psicológicas.

A respeito dos elementos dos campos visuais do passado e presente que estão no campo de atenção leva a reconstruir elementos básicos de uma outra função, o que Vygotsky (1998) chama de memória. Vygotsky (1998, p.48) expõe que a “memória da criança não somente torna disponíveis fragmentos do passado, como também,

transforma-se num novo método de unir elementos da experiência passada com o presente”.

Quanto ao aspecto temporal, encaminha-se para o campo da atenção e estende-se em um vai e vem durante as atividades. As atividades, a posteriori, podem ser representadas por signos. Vygotsky (1998, p.48) apresenta esse contexto “no caso da memória e da atenção, a inclusão de signos na percepção temporal não leva a um simples alongamento da operação no tempo; mais do que isso, cria condições para o desenvolvimento de um sistema único que inclui elementos efetivos do passado, do presente e futuro”.

À medida que a criança cresce, as atividades da memória e o papel do sistema das funções psicológicas mudam, pois como dito anteriormente, a memória do adulto é diferente da criança. Para Vygotsky (1998, p.66),

uma mudança no nível de desenvolvimento, ocorre uma mudança não tanto na estrutura de uma função isolada (que poderia, no caso, ser a memória), mas, também, no caráter daquelas funções com a ajuda das quais ocorre o processo de lembrança; de fato, o que muda são as relações interfuncionais que conectam a memória a outras funções.

O nível de desenvolvimento pode ser compreendido pelas características definitivas dos primeiros estágios do processo cognitivo. Durante a infância, as relações interfuncionais são invertidas. Segundo Vygotsky (1998, p.67), “para as crianças, pensar significa lembrar; no entanto, para o adolescente, lembrar significa pensar”. Por isso, a memória na fase da juventude está cheia de lógica. Nessa fase da vida, portanto, a lembrança é reduzida e estabelece relações lógicas para justificar as causas e consequências. Logo, o reconhecimento volta-se para a tarefa que seja encontrada.

Na atividade reprodutiva ou também chamada de memória, há a base da plasticidade como substância que proporciona mudança ou conversação da estrutura, enquanto a imaginação plástica evidencia também a utilização das impressões externas; logo, ela utiliza dados de fora, os aspectos objetivos da realidade. Em relação à imaginação emocional, ela utiliza os elementos de dentro, os aspectos subjetivos internalizados pelas vivências anteriores (Vygotsky, 2009; 1998).

Na lei de desenvolvimento da imaginação, Vygotsky (2009) representa essas situações pelas seguintes linhas: linha IM, MN e RO, o ponto M, a razão XO e a fase crítica MX. Para Vygotsky (2009, p.45), “a linha IM representa a marcha do desenvolvimento da imaginação no primeiro período. Ela ascende bruscamente e,

depois, mantém-se por um longo período no nível que atingiu”. A linha RO “representa a marcha do desenvolvimento do intelecto, ou razão...esse desenvolvimento começa mais tarde e ascende mais devagar, porque exige um acúmulo de experiência e uma reelaboração mais complexa”.

No ponto M as linhas IM e RO se coincidem. O desenvolvimento posterior no ponto M, passa a demonstrar a imaginação na linha MN que articula em linha reta para o desenvolvimento da razão XO. A fase crítica é caracterizada pelo período de transição de dois períodos: a objetiva e a subjetiva. Neste período de transição, a imaginação tem os aspectos de ruptura e transgressão e procura um novo equilíbrio.

No desenvolvimento entre essas fases, podemos citar que a influência do meio, que para Vygotsky (2018; 2009) é um fator que interfere no desenvolvimento das funções psicológicas superiores. De acordo com Vygotsky (2018, p.82), “em diferentes etapas do desenvolvimento da criança, a criança não apresenta uma correspondência totalmente adequada às ideias de um adulto”, logo as generalizações da criança são distintas dos adultos.

Desta maneira, nas diversas etapas do desenvolvimento humano, a criança generaliza de formas diferentes e atribui significados fundamentados à realidade e ao meio que está inserida. Consequentemente, o meio, para Vygotsky (2018), é mutável e dinâmico, pois com a atribuição de significados o ser humano direciona o seu desenvolvimento, e à medida que ocorre alterações durante a vida são criados contextos como descritos e justificados no estudo da pedologia.

Quanto à questão da hereditariedade, ela deve ser entendida de diversas formas e aspectos do desenvolvimento, pois conforme o crescimento da criança de forma geral e específica, como exemplo os sistemas do organismo, as funções sensoriais, motoras, psicológicas e as relações sociais que o meio proporciona com a vivência com o Outro, proporcionando o desenvolvimento da personalidade e de características específicas, o que Vygotsky (2018) cita como fonte de desenvolvimento.

Para Vygotsky (2018, p.87), “no desenvolvimento da criança, o meio se apresenta no papel de fonte de desenvolvimento. Ou seja, desempenha não o papel de ambiente, mas de fonte de desenvolvimento”. Um exemplo dessa situação é o caso de crianças que são matriculadas em creches e crianças educadas com a família em casa. Em ambas, pode-se citar malefícios e benefícios, como por exemplo: a fala da criança desenvolvida em casa é mais rica comparada com as crianças que ficam na

creche, pois a fala não é direcionada a uma única criança. Portanto, as crianças que estão na creche tem fontes de desenvolvimento mais fraco referente à fala. Porém, como o meio é uma fonte de desenvolvimento, as crianças na creche também irão se desenvolver e surgirão características superiores especificamente humanas.

O meio é um conceito fundamental para a THC, pois para Vygotsky (2018, p.90) “o homem é um ser social e, fora da relação com a sociedade, jamais desenvolveria as qualidades, as características que são resultado do desenvolvimento metódico de toda a humanidade”. Logo, o ser humano é um ser social por natureza e o seu desenvolvimento compreende as formas de tarefas e da consciência que ocorreu no processo histórico da humanidade e isto tem como essência a relação entre a forma ideal e inicial de uma determinada época e determinada situação histórica, com isso o ser humano para Vygotsky (2018, p.91) “se apropria do que antes era uma forma externa de relação com o meio ou a transforma em seu patrimônio interno”.

A terceira lei do desenvolvimento acerca do meio sobre o desenvolvimento da criança citada na seção 2.1 complementa as ideias com que Vygotsky (2008, p.91) apresenta sobre as funções psicológicas superiores quando a criança passa a ensinar ou transmitir para o Outro o conhecimento internalizado “as características superiores específicas do homem, surgem inicialmente como formas de comportamento coletivo da criança, como formas de colaboração com outras pessoas. Somente depois elas se tornam funções internas individuais da criança”.

Portanto, a brincadeira para Vygotsky é o produto de imaginação, conseguimos compreender esse termo nas práticas educativas do badminton, pois somente o ser humano desenvolve essas atividades. Os animais brincam e formam um produto da imaginação motriz, sem firmeza e estabilidade, diferentemente do homem que é um ser biológico, racional, social e cultural.

Os movimentos que o ser humano desenvolve no cotidiano não são separados da percepção, pelo contrário, os movimentos e a percepção são termos que coincidem. Conseqüentemente o comportamento dos animais com a sua percepção visual compõem uma parte de um todo como Vygotsky (1998) apresenta nos seus estudos sobre o comportamento de escolhas das crianças.

Os conceitos da THC manifestados nessa seção são sustentação para a metodologia e análise e discussões dos dados, posto que a base teórica é fundamental para construir a pesquisa científica, de tal forma que os dados científicos e empíricos dialoguem para a compreensão e domínio do objeto de estudo. Em suma,

a próxima seção trata sobre o caminhar metodológico da pesquisa, as razões pelas quais foi escolhida a escola e os participantes da pesquisa e como foi estruturada e dialogada a coleta e análise dos dados com a THC.

3 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Nessa seção apresentamos quatro aspectos: 1 - Percurso metodológico das práticas educativas do badminton; 2 - O lugar da pesquisa; 3 - A coleta e análise de dados; 4 - Os participantes da pesquisa. Iniciamos explicando a caracterização da pesquisa – a abordagem do tipo qualitativa com a análise microgenética na matriz histórico-cultural de Góes (2000) e Meira (1994), fundamentada na THC com as ideias de Vygotsky (1998; 1993).

A pesquisa é de campo. Permanecemos nos espaços pelo período de três meses, de fevereiro a abril de 2023, onde ocorre as vivências das práticas educativas do badminton no Projeto de Práticas Corporais (PPC) na E.E. Prof. Francisco das Chagas de Souza Albuquerque (FCSA), nos centros esportivos (CEL) dos ginásios Eldorado e Ninimberg Guerra no Município de Manaus/AM.

A escola de origem do PPC situa-se na zona central de Manaus, onde atende estudantes da Instituição e educandos dos bairros adjacentes. O PPC Badminton funciona dia de terça-feira e quinta-feira no horário das 18:30 às 20:00 na escola FCSA e no sábado das 8:00 às 9:30 no Ginásio Eldorado.

Para a coleta de dados foram utilizados três instrumentos para sistematização e análise: a) O diário de campo, nos quais há registros de observação de aulas sobre as práticas educativas do badminton juntamente com os desenhos construídos pelos alunos; b) A entrevista o professor de Educação Física e a conversa informal com a pedagoga da escola, os quais se relacionam ao Projeto e c) as vídeo-gravações das aulas, as suas respectivas transcrições e as fotos registradas. Para a análise e interpretação dos dados coletados da entrevista semiestruturada utilizamos Triviños (1987); para as observações, Marconi e Lakatos (2003); para as vídeo-gravações, Meira (1994).

Estão descritos também os participantes da pesquisa: o professor de Educação Física da escola FCSA, a pedagoga da escola e os alunos do PPC Badminton através das observações. Os participantes da pesquisa tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (professor de Educação Física e Pedagoga) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (para os alunos menores de idade). A seguir, apresentaremos o caminhar da pesquisa.

3.1 Percurso metodológico das práticas educativas do badminton

Para compreender as relações entre as práticas educativas desenvolvidas através do badminton e o desenvolvimento de alunos de acordo com os conceitos da THC, partimos de contribuições teórico-metodológicas da perspectiva histórico-cultural com os termos percepção, processos de imaginação e atividades criadora, o desenvolvimento das funções mentais superiores, vinculados a esta abordagem teórica, significa entender os aspectos de filogenia e ontogenia durante os processos elementares e as funções psicológicas superiores no desenvolvimento humano a partir das práticas educativas do badminton.

Para atingir o objetivo da tese foi necessário acompanhar as minúcias e episódios típicos e atípicos de uma determinada realidade, permitindo interpretar o fenômeno de interesse de maneira detalhada durante um trimestre letivo, entre o mês de fevereiro a abril de 2023, nos dias de terça-feira e quinta-feira das 18:30 horas às 20:00 horas e nos sábados das 8:00 horas às 9:30 horas.

Como propomos compreender as práticas educativas do badminton pela fundamentação teórica da perspectiva histórico-cultural de Vygotsky, que evidencia a importância das relações sociais para a formação humana e pessoal. Para isso, dialogamos com conceitos que o autor apresenta em seus textos.

O instrumento como parte do desenvolvimento e comportamento humano pelos movimentos sistemáticos, a percepção e atenção, estes termos estão interligados. Quanto ao uso dos signos Vygotsky (1998) cita que faz parte do desenvolvimento biológico e nos processos psicológicos ligados a cultura. Quanto à memória e o pensamento são funções elementares superiores, respectivamente a primeira função relacionada a estimulação ambiental e a segunda como estímulos artificiais.

A respeito da imaginação, Vygotsky (2009) conceitua como uma formação especificamente humana. A atividade criadora voltada para a memória, ocorrendo de duas maneiras: atividade criadora reconstituidora e atividade criadora reprodutiva. Dessa maneira, a imaginação e a atividade criadora são processos psíquicos, tendo a fantasia e a realidade presentes no comportamento humano.

Outro aspecto a ponderar é o desenvolvimento psíquico na fase da ontogênese com as neoformações psicológicas etárias centrais, através da zona de desenvolvimento iminente e o desenvolvimento atual da pessoa (Vygotsky, 2021). Além disso, há de se considerar a brincadeira como situação imaginária, pois ela se

transforma em um sistema de signos como processo cognitivo pela afetividade e como auxílio para promover o desenvolvimento do sujeito.

Desse modo, o estudo das práticas educativas vividas pelas crianças e adolescentes através do badminton podem se beneficiar das contribuições do autor. Isto porque, autores da perspectiva histórico-cultural, como Vygotsky, Luria e Leontiev (2010) propõem estudos presentes nas práticas educativas.

Luria (2010) cita que se reunia com Vygotsky e Leontiev para planejar o desenvolvimento das pesquisas sobre os conceitos da psicologia cognitiva como a percepção, a memória, atenção, fala e solução de problemas e atividade motora. Os termos percepção, memória e a solução de problemas são visualizadas nas práticas educativas do badminton pelos professores e alunos, a partir dos sentidos e significados gerados no meio social, justificados pela psicologia experimental e pelo desenvolvimento humano.

Leontiev (2010, p.60) apresenta que na fase de vida da criança se decompõem como sendo de dois grupos, “um grupo consiste em pessoas inteiramente relacionadas com ela, sendo que as relações com elas determinam suas relações com todo o resto do mundo” e o segundo grupo “é formado por todas as outras pessoas”. Desta forma, para o Leontiev o desenvolvimento da psique humana é a própria vida e o desenvolvimento das ações reais dessa realidade. Logo, as relações dentro das práticas do badminton são fundamentadas pelas relações sociais, o contato com o Outro e a cultura esportiva.

Portanto, o estudo apresenta uma abordagem do tipo qualitativa com o pressuposto da análise microgenética na matriz histórico-cultural de Góes (2000) e Meira (1994) fundamentada na THC com as ideias de Vygotsky (1998; 1993). Como essa pesquisa está inserida no diálogo entre a Educação e Educação Física na grande área das ciências humanas, observamos a questão do desenvolvimento humano a partir dos aspectos sociais, históricos e culturais, optando por utilizar a abordagem qualitativa.

Como o estudo foi realizado em um espaço que desenvolve as práticas educativas do badminton a pesquisa é de campo, onde será enfatizado as vivências das práticas educativas do badminton, a compreensão de como é constituído a Instituição e quais benefícios esse espaço gera como ação humana diante de ações concretas entre professor-aluno-conhecimento, professor-aluno e aluno-aluno.

Logo, ao contar com a abordagem qualitativa, a pesquisa de campo e a abordagem histórico-cultural, os conceitos de mediação semiótica, o processo de significação, imaginação e atividade criadora entre os professores e alunos nas práticas educativas do badminton, foram analisadas de forma dinâmica e dialética diante da realidade do período trimestral, de fevereiro a abril de 2023, que os participantes do estudo vivenciaram.

Nesse sentido, optamos por escolher a abordagem microgenética na matriz histórico-cultural enquanto condição favorável ao entendimento real do que pretendemos relacionar, o que dizem os participantes e o que se observa nas práticas educativas do badminton. Para chegarmos na análise microgenética na matriz histórico-cultural, devemos compreender o conceito de filogenia e ontogenia anunciados por Vygotsky (1998, p.73) “na filogênese, podemos reconstruir uma ligação através de evidências documentais fragmentadas, porém convincentes, enquanto na ontogênese podemos traçá-la experimentalmente”.

Além disso, na perspectiva vygotskyana, o desenvolvimento ocorre a partir de duas origens, como Vygotsky (1998, p.61) apresenta “de um lado, os processos elementares, que são de origem biológica; de outro, as funções psicológicas superiores, de origem sociocultural”. As raízes genéticas do pensamento e linguagem tem relação com os processos da filogenia e ontogenia, posto que, de acordo com Vygotsky (1993, p.47) “*sus curvas de crecimiento se juntan y separan repetidas veces, se cruzan, durante determinados períodos se alienan en paralelo y llegan incluso a fundirse en algún momento, volviendo e bifurcarse a continuación*”.

Pelo fato de as raízes serem diferentes na evolução do pensamento e da linguagem, a filogenia segundo Vygotsky (1993, p.55) volta-se a “*fase prelinguística em el desarrollo de la inteligencia y una fase preintelectual em el desarrollo del lenguaje*”. Enquanto a ontogenia de acordo com Vygotsky (1993, p.55) “*la relación entre las líneas de desarrollo del pensamiento y el lenguaje son mucho más intrincadas y oscuras*”.

De acordo com Góes (2000, p.21), a “análise microgenética é centrada na intersubjetividade e no funcionamento enunciativo-discursivo dos sujeitos; e que se guia por uma visão indicial e interpretativo-conjetural”. Portanto, com as características dessa abordagem compreendemos o aspecto histórico-cultural, os processos humanos nas relações com o Outro e com a cultura, o funcionamento e

desenvolvimento humano que Vygotsky apresenta em seus estudos, em diálogo com o badminton nas aulas de Educação Física dentro do Projeto de Práticas Corporais.

Por conseguinte, seguimos cinco etapas para responder o objetivo do estudo:

1ª etapa: a observação e as gravações dos videoaulas de todo o período de campo, fevereiro a abril de 2023. Em seguida, a realização das respectivas transcrições dos dois instrumentos de coleta de dados;

2ª etapa: a entrevista com o professor da pesquisa e em seguida a sua transcrição;

3ª etapa: ocorreu a análise da gênese dos processos transcritos (observou-se a origem dos dados durante o registro das vídeo-gravações, no diário de campo, na entrevista semiestruturada, nas fotos e desenhos);

4ª etapa: a organização por conceito (desenvolvimento humano, atividade criadora, processos imaginativos, mediação semiótica e o processo de significação) registrados no diário de campo, nas fotos registradas, nos desenhos e quadros elaborados a partir das vídeo-gravações;

5ª etapa: realizou-se a análise dos processos de acordo com os aspectos qualitativos com finalidade de responder o caráter investigativo de forma dinâmica e dialética fundamentada pelo referencial da THC.

Para efeito de protocolo dos princípios e procedimentos éticos na pesquisa em Educação, submetemos o Projeto de Pesquisa na Plataforma Brasil, que gerou o Número de Processo 008555/2023. Após a aprovação, foi gerado o Número de Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) 67026722.3.0000.5020. Obedecendo às orientações do Comitê de Ética, apresentaremos a seguir o lugar da pesquisa.

3.2 O lugar da pesquisa

As práticas educativas do badminton ocorreram no Projeto de Práticas Corporais na Escola FCSEA, no Município de Manaus/AM. Para a compreensão do estudo iremos expor a questão macro do Estado quanto a sua população de acordo com o IBGE (2022) apresentando 3.952.262 milhões de habitantes e sua área territorial medindo 1.559.255.881 km² (Figura 5). Como a escola escolhida para a pesquisa situa-se no município de Manaus, pesquisamos o registro de habitantes no ano de 2022, totalizando 2.054.731 milhões de habitantes, com uma extensão territorial de 11.401,092 km².

Figura 5: Localização geográfica do município de Manaus no Estado do Amazonas.



Fonte: Imagem de satélite do Google Earth, em 01.01.2023.

Quanto às escolas no Estado do Amazonas estas são distribuídas em redes públicas estaduais, municipais e federais de ensino, além das escolas das redes particulares. Conforme as pesquisas realizadas e publicadas no Censo Escolar (2022), o Estado do Amazonas tem escolas estaduais e municipais de tempo integral e escolas regulares, distribuídas nas zonas urbanas e rurais. Porém, descrevemos os dados nas redes estaduais de ensino regular do Estado do Amazonas que totalizam 589 escolas, sendo 234 escolas no município de Manaus e as demais localizadas no interior do Estado, divididas entre os 61 municípios.

De modo geral, a SEDUC/AM organiza as escolas estaduais da Capital em sete Coordenadorias Distritais de Educação como consta no arquivo “Coordenadoria Distrital de Educação da Capital de 2016”. A seguir, apresentamos o quadro 8 respectivamente com a Coordenaria Distrital de Educação, a zona que está inserida e a quantidade de escolas subdividas nas zonas da cidade de Manaus.

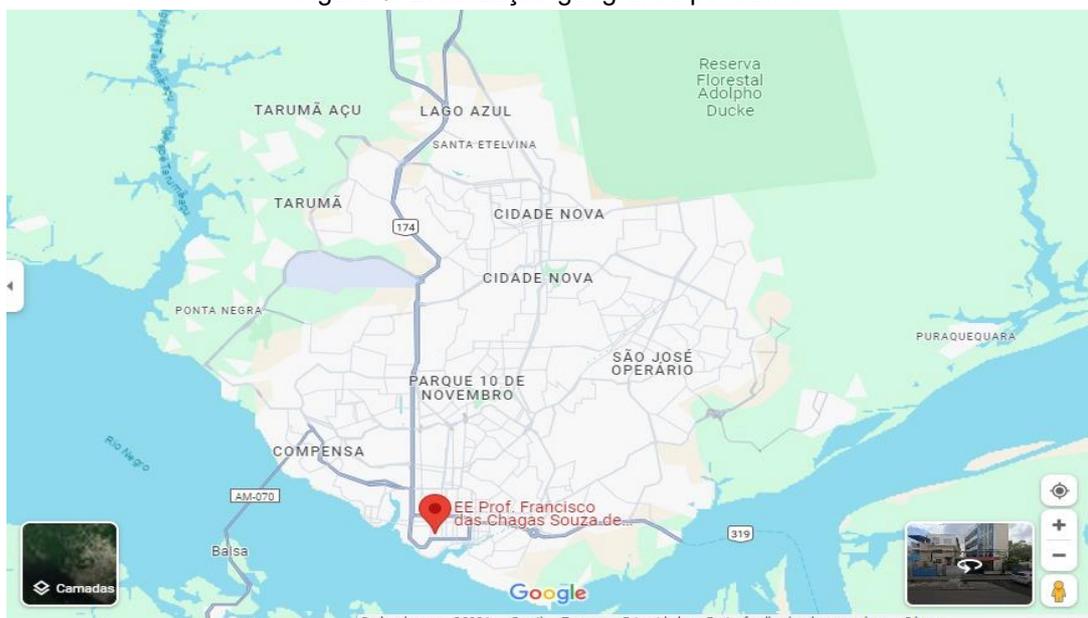
Quadro 8: Coordenadoria Distrital de Educação, zona correspondente e quantidade de escolas.

| Coordenadoria Distrital de Educação | Zona | Quantidade de escola |
|-------------------------------------|-----------------------|----------------------|
| 1 | Central e Sul | 36 |
| 2 | Sul Leste | 35 1 |
| 3 | Sul Oeste | 22 18 |
| 4 | Oeste Centro-oeste | 32 2 |
| 5 | Leste Oeste | 32 1 |
| 6 | Norte Leste | 25 2 |
| 7 | Oeste Norte | 3 25 |
| Total | | 34 |

Fonte: Dados adaptados do arquivo Coordenadoria Distrital de Educação da Capital (2016), 2023.

Ao assumir a THC pela abordagem microgenética na matriz histórico-cultural, apresentamos o contexto da escola pública estadual selecionada para o estudo, a Escola FCSA que corresponde à Coordenadoria 01, localizada na zona central da cidade de Manaus (Figura 6).

Figura 6: Localização geográfica por bairro.



Fonte: Imagem de satélite do Google Maps, em 01.01.2023.

A escola FCSA (Figura 7) atende somente o ensino médio regular no horário matutino e vespertino, das 7:00 às 17:30, com funcionamento do Projeto de Práticas Corporais (PPC) - Badminton no horário das 18:30 às 20:00 horas.

Figura 7: Estrutura da frente da E.E. Prof. Francisco das Chagas de Souza Albuquerque.



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

Como sugere a abordagem microgenética, é necessário mostrar a realidade do ambiente em questão. Logo, partiremos pelo histórico da escola que é fundamentado pelo Decreto Lei nº 20.924 de 12 de maio de 2000. A escola recebeu esse nome, segundo o registro do Projeto Político Pedagógico (PPP, 2022) com a finalidade de homenagear o Professor Francisco das Chagas Souza de Albuquerque, devido aos serviços que ele prestou na área da educação no Estado do Amazonas. Francisco nasceu dia 15 de maio de 1925 no município de Tarauacá, no Estado do Acre, e veio a falecer no município de Manaus no dia 1º de agosto de 1991.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola (PPP, 2022) o Professor Francisco das Chagas Souza de Albuquerque ministrou aulas em várias escolas da cidade de Manaus como Nossa Senhora Aparecida, Colégio Marques de Santa Cruz, SENAC, Colégio Ajuricaba, Colégio Cristo Rei do Amazonas e no período de 1978 a 1979, atuou como diretor da Unidade Educacional Benjamim Constant.

A escola FCSA foi criada para atender a demanda de alunos da escola Benjamim Constant e Colégio Brasileiro Pedro Silvestre. Quanto à infraestrutura, ela iniciou o seu projeto com dezesseis salas de aula do ensino médio para atender os 1º e 2º anos, totalizando 2.300 alunos. No ano 2000, a escola contava com o seguinte quadro de funcionários: 61 professores, 36 administrativos e 3 técnicos.

No dia 21 de junho de 2001, foi criada a associação de Pais, Mestres e comunitários – APMC da escola. Em 2001, a quantidade de matrícula registrada foi 2.700 alunos distribuídos nos três turnos em vinte salas de aula. Sua primeira diretora foi a professora Domitila Colares de Carvalho. Em 22 de maio de 2018, o gestor nomeado, professor Mauro Roberto Moreira de Brito. Atualmente a escola está sob a direção do gestor Emanuel Soares Cardozo.

A equipe pedagógica realizou uma pesquisa antes da Pandemia da COVID-19 com 2.196 alunos matriculados e frequentes. O corpo docente percebeu que depois da pandemia houve uma diminuição quanto à frequência dos alunos devido alguns responsáveis passaram pelo desemprego causado pela crise pandêmica. Outro ponto descrito foi a chegada de alunos de escolas particulares na Instituição.

Com o questionário aplicado pela gestão e descrito no PPP (2022) da escola, percebe-se que os alunos moram perto da Instituição, mas também tem alunos de zonas distantes, como a zona leste. A maioria dos alunos utilizam transporte público para ir à escola, a faixa etária dos alunos é de 14 a 21 anos de idade e a

média de alunos beneficiários do Bolsa Família tem um registro de 30% no ano de 2022.

A procura pelos pais e responsáveis pela escola é por esta ser considerada uma Instituição de referência, com regras e bom índice de aprovação nos Processos Seletivos das Universidades Públicas do Estado – Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

No ano de 2023, a escola possuía no seu registro 50 professores no turno matutino e vespertino. Sendo 6 professores de Educação Física que compõem o quadro docente, sendo 3 pela manhã e 3 à tarde. Referente a quantidade total de alunos matriculados na escola no ano de 2023 são 1.360 alunos, pela manhã 793 alunos e 557 alunos pela tarde.

Na reunião com a pedagoga da escola, tive conhecimento da matrícula de 13 alunos com deficiência registrados no sistema da escola, na qual a pedagoga destacou 1 aluna com transtornos funcionais específicos, que não frequenta a escola, sendo que os professores desenvolvem atividades direcionadas para que haja o desenvolvimento dos exercícios em casa; 2 alunos com baixa visão; 1 com deficiência física, 9 apresentam deficiência intelectual e 1 diagnosticada com Transtorno Desintegrativo da Infância.

Quanto à estrutura da escola, é um prédio público com quatro andares e subsolo. No subsolo funcionam a cozinha escolar, refeitório, quadra poliesportiva (Figura 8), banheiros e Depósito III. No térreo, a secretaria escolar, sala da gestão, sala do Conselho Escolar, sala de professores, Auditório I, Laboratório de Informática e Depósito I. No primeiro andar, 6 salas de aula, sala da Orientação Pedagógica, Depósito II e banheiros. No segundo andar, 6 salas de aula, biblioteca/Auditório II e banheiros. No terceiro andar, 6 salas de aula, Auditório III e banheiros e no quarto andar 1 laboratório desativado. Destaca-se que a acessibilidade é precária, pois a escola não apresenta rampa e nem elevadores para as pessoas com deficiência física utilizarem e não existe sala de recurso multifuncional.

Figura 8: Quadra poliesportiva que funciona as práticas educativas do badminton da escola FCSA.



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

O PPP (2022) da escola elaborado pelo corpo docente, discente e pais ou responsáveis dos alunos, destaca a Educação Física e o Projeto de Práticas Corporais (PPC). Primeiramente, situaram no documento que a Educação Física é um componente curricular obrigatório a partir da LDB nº 9394/96 e que o objetivo é a inserção em envolver os alunos nas práticas esportivas, a fim de formar cidadãos críticos e reflexivos para transformar a realidade em que vive a partir de práticas educativas sistematizadas.

Para o desenvolvimento do PPC, o professor de Educação Física deve apresentar para a equipe pedagógica da instituição um Projeto de Práticas Corporais (PPC), contendo introdução, justificativa, metodologia, objetivos, cronograma de atividades, materiais a serem utilizados e as referências. Ao entregar o Projeto à Gestão, esta direciona para a Coordenadoria Distrital de Educação que a escola faz parte, neste caso a Coordenadoria 1, que passa por análise da comissão científica a qual julgará o PPC para ser aplicado junto à comunidade escolar do início do ano letivo até o término do referente ano. O PPC quando aprovado pode ser aberto para alunos das escolas adjacentes, desde que seja respeitado o horário de entrada e saída dos alunos.

Na escola FCSA são desenvolvidos três PPC's, 1 de futsal, 1 de voleibol e 1 de badminton por professores diferentes. O PPC de futsal funciona nos dias de segunda e quarta-feira. O PPC de voleibol e badminton acontecem nos dias de terça e quinta-feira, respectivamente das 17:00 horas às 18:30 e das 18:30 às 20:00.

O PPC de Badminton funciona há 8 anos e atende crianças, adolescentes e adultos de diferentes faixas etárias. Os alunos que participam do Projeto estudam na referida escola e em escolas do entorno, como a E. E. Barão do Rio Branco e Colégio Brasileiro Pedro Silvestre. O Projeto ocorre das 18:30 às 20:00 horas nos dias de terça-feira e quinta-feira e no sábado das 8:00 às 9:30 no Ginásio Eldorado possibilitando a participação dos alunos no contraturno escolar. Diante do cenário apresentado, explicaremos na próxima subseção como ocorreu a coleta e a análise dos dados no período de fevereiro a abril de 2023.

3.3 A coleta e análise dos dados

Para a discussão dos materiais foram utilizados basicamente três instrumentos para sistematização e análise dos dados, referente ao período de três meses, de fevereiro a abril de 2023, frequentando-os, no mínimo, duas vezes na semana: a) O diário de campo, nos quais há registros de observação de aulas sobre as práticas educativas do badminton; b) as transcrições das vídeo-gravações feitas das aulas; c) A entrevista com o professor de Educação Física e conversa informal com a pedagoga da escola, os quais se relacionam ao Projeto.

Para o desenvolvimento da pesquisa utilizamos três instrumentos para coleta de dados: a observação segundo Marconi e Lakatos (2003), as vídeo-gravações a partir do texto de Meira (1994) e a entrevista semiestruturada de acordo com Triviños (1987).

Desta maneira, o estudo delineou três momentos no roteiro de observação:

1º momento: identificar a caracterização do contexto sociocultural que está situada a escola;

2º momento: recolher os dados sobre registros como a escola desenvolve o PPC Badminton (Projeto Político Pedagógico, o planejamento do professor e as estratégias que o docente organiza para chegar aos objetivos pelo viés do esporte na perspectiva educacional, de lazer e para o alto rendimento);

3º momento: participação nas mediações, compartilhando as vivências de forma natural e espontânea registrando os fenômenos observados em fotos, desenhos, vídeo-gravações e no diário de campo sobre as práticas educativas do badminton.

Com isso, a observação que consta no roteiro (Apêndice D), enquanto técnica para coleta de informações em uma pesquisa qualitativa, permite-nos compreender as dinâmicas cotidianas manifestadas em nosso campo de pesquisa, pois de acordo

com Marconi e Lakatos (2003) esta técnica utiliza os sentidos e significados sobre os aspectos da realidade.

Além disso, realizamos durante o trimestre letivo, fevereiro a abril de 2023, os vídeo-gravações (Apêndice F) das aulas do professor. Segundo Meira (1994), as videografias e a análise microgenética se articulam como exemplo de coleta de dados que juntos os pesquisadores conseguem ter uma interpretação consistente dos aspectos psicológicos sobre a atividade humana. Compreendemos, portanto, as práticas educativas do badminton com as vivências dos fundamentos e regras, sobretudo as relações sociais da formação humana dos alunos.

Meira (1994, p.61) cita a importância dos detalhes dos processos cognitivo-interacionais e na análise dos registros. Assim, as videografias com a abordagem microgenética proporcionaram reflexões sobre os significados dos processos elementares e das funções psicológicas superiores presentes nas práticas educativas do badminton.

Ainda, Meira (1994, p.63) enfatiza que uma das vantagens dessa abordagem “é que através dela podemos construir uma compreensão profunda sobre alguns casos significativos” que não se consegue visualizar na hora da entrevista ou o que não foi anotado no caderno do diário de campo. Principalmente porque nesse momento pode ser ratificado como o professor executa o trabalho docente com as práticas educativas do badminton.

A abordagem microgenética, segundo a autora, possui duas características que precisam estar no desenvolvimento da pesquisa: os detalhes dos processos cognitivo-interacionais e a análise dos registros de coleta de dados. Logo, no processo das observações, acompanhamos as práticas educativas do professor sentada na arquibancada e nas cadeiras disponibilizadas no refeitório, participando das aulas junto com o docente do Projeto e realizando conversas informais com o professor para compreensão do objeto de estudo. Por isso, foi elaborado um cronograma de aulas realizadas no trimestre letivo de acompanhamento.

Ao servir-se da abordagem qualitativa, utilizamos uma conversa informal para solicitação do PPP da escola com a pedagoga e realizamos a entrevista individual (Apêndice E) com o professor, pois “é um recurso que emprega o pesquisador qualitativo no estudo do fenômeno social” (Triviños, 1987, p.144). Com a entrevista semiestruturada conseguimos dialogar com os aspectos que emergiram durante a

observação no período do estudo, além disso o professor responde às perguntas de forma direta, completando com informações que achar necessário.

De forma organizacional, convidamos o professor para conversar em uma sala reservada, onde ficou ligada uma câmera e um microfone, e estando o professor e eu acomodados, fiz as perguntas e estas foram registradas juntamente com as respostas em vídeo-gravação e anotadas no diário de campo. Portanto, os três instrumentos de coleta deram confiabilidade durante a discussão e análise dos dados.

Ao respeitar o período das etapas do Projeto de Pesquisa, o primeiro contato com a escola foi em dezembro de 2022 com o gestor da Instituição, para ciência da submissão do Projeto na Plataforma Brasil e assinatura da Carta de Anuência, a qual deixamos claro que o início da coleta de dados seria após a aprovação do Projeto junto ao CONEP/CEP/UFAM.

Quanto à constituição dos eixos de análise após o levantamento dos dados do trimestre letivo, fevereiro a abril de 2023, a pesquisadora debruçou-se nos materiais e desenvolveu o processo de análise. Foram selecionados episódios referentes aos conceitos de desenvolvimento humano, processos imaginativos e criativos nas aulas, a mediação semiótica e o processo de significação da tríade professor-aluno-conhecimento para atender as perguntas feitas na introdução do estudo, no roteiro da entrevista semiestruturada, o roteiro de observação e roteiro das vídeo-gravações.

O estudo se inspira na perspectiva à luz da THC, a qual tem o desenvolvimento humano como base as relações com o Outro como ponto fundamental para os aspectos sociais, biológicos, culturais e educacionais. Com essa perspectiva teórico-conceitual, os sentidos e significados produzidos nas práticas educativas do badminton, anunciamos a realidade da escola, o trabalho do professor, o desenvolvimento dos alunos e o valor atribuído pela prática da modalidade na região amazônica-manauara.

Dessa maneira, os resultados da pesquisa ficaram organizados por subseções e apresentados com figuras, quadros e as respostas da entrevista semiestruturada com o professor. Logo, percebeu-se as relações dos dados empíricos em diálogo com os dados científicos, pois compreendemos que esse processo é dinâmico e dialético frente ao objeto de estudo, portanto o referencial teórico-metodológico sustentou as particularidades e singularidades existentes nos espaços de pesquisa. Diante dessas individualidades, criamos nomes fictícios para os participantes do estudo, a escolha

ocorreu pelas situações vivenciadas no período de campo e por nomes relacionados ao badminton a nível nacional. A seguir, apresentamos os participantes da pesquisa.

3.4 Participantes da pesquisa

A pesquisa realizada na escola FCSA da rede pública de Manaus, justifica-se pelo tempo de trabalho do professor com o badminton em Manaus. Tendo como foco a abordagem microgenética que centraliza a intersubjetividade dos sujeitos, foram adotados os seguintes aspectos como critério de inclusão do participante: ser professor de Educação Física, trabalhar com o PPC Badminton e ter pelo menos dois anos desenvolvendo o badminton em Manaus.

Para esta pesquisa, foram atribuídos aos participantes os nomes fictícios de 1) Ygor Coelho¹⁴; 2) Fabiana da Silva¹⁵; 3) alunos¹⁶: Arthur¹⁷, Danilo, Samuel, Camila, Zé, Bené, Mika, Duda, Ric, Clarinha, Cacheado, Jojo, Gael, Analu, Tony. O número 1 representado por um professor de Educação Física da escola FCSA; número 2, uma pedagoga da referida escola; número 3, pelos alunos do PPC Badminton através das observações das aulas, por fim o exame do PPP da escola.

Os participantes da pesquisa tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B - para o professor e pedagoga) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (Apêndice C - para os alunos, onde os pais/responsáveis assinaram o documento) que constam dos seguintes itens: justificativa, objetivos do estudo, procedimentos que foram utilizados, explicação dos possíveis riscos e benefícios, esclarecimento sobre como ocorreu o acompanhamento do objeto de estudo, a garantia que a pessoa pode sair da pesquisa ou recusar-se a participar a qualquer momento do processo investigativo, a manutenção do sigilo e privacidade dos participantes.

O professor Ygor Coelho escreveu o PPC Badminton, sendo aprovado pela comissão científica da Coordenadoria 1. Este Projeto acontece duas vezes na semana na escola FCSA, no centro da cidade nos dias de terça e quinta-feira. Como o

¹⁴Nome importante para o Brasil quando nos referimos ao esporte Badminton. Ygor Coelho foi campeão várias vezes nas etapas de Circuito Nacional e em competições a nível internacional como: Pan Am Champion no ano de 2017/2018, South American Games Champion no ano de 2019 e no Pan Games Champion no ano de 2019. No último ranking mundial de 2022 postado pela Federação Internacional de Badminton, ele ocupa a 55ª posição.

¹⁵ Professora de Educação Física e Técnica da Seleção Brasileira de Badminton.

¹⁶ Apelidos criados a partir do período de observação, ao analisar o tratamento entre os pares – pelas características físicas e sociais.

¹⁷ A Faixa etária dos alunos varia de 6 a 21 anos.

professor Ygor Coelho trabalha em outros dois espaços, os alunos que possuem disponibilidades para participar das práticas educativas, em mais dias durante a semana, são encaminhados para o Ginásio Poliesportivo Luciano Soares de Souza (Eldorado) no bairro Parque Dez, na zona centro-sul nos dias de quarta-feira e sábado. E no centro esportivo do Ginásio Ninimberg Guerra (Figura 9) no bairro de São Jorge, na zona oeste nos dias de segunda-feira.

Figura 9: Práticas educativas do badminton na quadra poliesportiva do Ginásio Eldorado.



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

O professor Ygor Coelho consegue trabalhar na escola FCSA, no Ginásio Eldorado e no Ginásio Ninimberg Guerra (Figura 10), por possuir vínculo estatutário de 20 horas na rede municipal e 20 horas na rede estadual. Além disso, consegue complementação de mais 20 horas de carga horária na SEDUC. Desta forma, o professor Ygor Coelho planeja o seu trabalho entre a docência em sala de aula e em Projetos de Práticas Corporais. Ele cita que tem seis turmas na escola FCSA e é direcionado para a Fundação Municipal de Esporte, no CEL Eldorado e CEL Ninimberg Guerra.

No PCC da escola FCSA havia em média 25 alunos matriculados, no CEL Eldorado 30 alunos e no CEL Ninimberg Guerra 28 alunos cadastrados no ano de 2023. Os alunos apresentam faixa etária de 6 aos 21 anos de idade e o nível varia da iniciação esportiva ao alto rendimento.

Figura 10: Práticas educativas do badminton na quadra poliesportiva do Ginásio Ninimberg Guerra.



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

O perfil do professor é um ponto relevante para o tipo de abordagem selecionada, pois temos ciência da história do sujeito ao adentrar na sua área de formação e como ele trilha o caminho no campo do badminton. O professor Ygor Coelho escolheu o Curso de Licenciatura em Educação Física porque ele praticava natação quando criança. Completou, dizendo: “percebi que o professor que dava aula não era formado, ele tinha sido atleta de natação, ele era leigo no esporte e como gostava da Educação Física tinha vontade de fazer um trabalho diferenciado”.

Por essa razão, escolheu cursar Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e formou-se no ano de 1993. O professor Ygor Coelho tomou posse no concurso público carreira magistério da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) no ano de 1996 e no concurso público da Secretaria de Estado de Educação do Amazonas (SEDUC) no ano de 2003. No ano de 2012 o professor estudou especialização em voleibol em uma faculdade particular em Manaus.

O professor Ygor Coelho citou que por interferência de um amigo que jogava voleibol, o convidava para conhecer o badminton. No início demorou a aceitar o convite, mas quando experimentou o jogo, logo gostou. Depois dessa experiência, ele procurou cursos voltados ao badminton, como o Curso de Capacitação de Professores, Coach Level 1, Shuttle Time e Rendimento e Alto Rendimento em Badminton pelo Comitê Olímpico do Brasil/Academia Brasileira de Treinadores - Instituto Olímpico Brasileiro.

O professor Ygor Coelho ministra cursos sobre a modalidade na região norte, no ano de 2023 foi mediador em Manaus/AM, Boa Vista/RR e Porto Velho/RO. Além disso, participa de transmissões quando convocado na TV Maskate, Difusora 96.9 e +Brasil 95.1 News para divulgar as práticas educativas do badminton desenvolvidas no Projeto de Prática Corporais na escola FCSEA e nos Ginásios CEL Eldorado e CEL Ninimberg Guerra.

O docente desenvolve sua prática na área escolar há mais de 27 anos e durante 10 anos trabalha com alunos com deficiência. O professor cita que já ministrou aula para alunos com transtorno do espectro do autismo, usuários de cadeira de rodas, surdo e com deficiência física de um dos membros do corpo.

Vale ressaltar que, dos 83 alunos que fazem parte dos Projetos na escola FCSEA, no CEL Eldorado e Ninimberg Guerra, 5 tem deficiência, sendo 1 com deficiência física e 4 apresentam o transtorno do espectro do autismo (TEA). Vale ressaltar que desses cinco alunos, nem um compareceu no PPC durante o trimestre letivo, fevereiro a abril de 2023. A próxima seção está apresentada, problematizada e fundamentada os resultados desse período de coleta de dados.

4. PRÁTICAS EDUCATIVAS E AS RELAÇÕES ENTRE PROFESSOR E ALUNOS NAS AULAS DE BADMINTON

Ao iniciar esta seção retomamos ao objetivo geral do estudo: compreender as relações entre as práticas educativas desenvolvidas através do badminton e o desenvolvimento de alunos de acordo com os conceitos da Teoria Histórico-Cultural (THC). Este tópico tem como finalidade responder à questão de pesquisa: como o professor atua no sentido de ensinar e aprender através do badminton, considerando os recursos utilizados para desenvolver a percepção, a imaginação, os processos criativos e outras possibilidades interpretativas de desenvolvimento das funções mentais superiores?

No decorrer das subseções trataremos dos seguintes objetivos específicos: relatar as práticas educativas do professor com os alunos a partir do badminton dentro das condições de jogo e questões socio-psíquico-educacionais; descrever quais concepções o professor tem a respeito do desenvolvimento humano nas práticas educativas desenvolvidas nesses espaços; caracterizar as condições oferecidas aos alunos para a interação com o badminton, tendo como foco os aspectos dos processos imaginativo e criativo nas práticas observadas.

Nesse sentido, estruturamos em cinco subseções para melhor entendimento dos processos interpretativos da pesquisa: 4.1 O projeto político e pedagógico da escola; 4.2 Os recursos educativos; 4.3 Produções artísticas: desenhos sobre as percepções do badminton; 4.4 Processo imaginativo e criativo nas aulas de badminton, 4.5 Mediação pedagógica e o processo de significação da tríade professor-aluno-conhecimento. A seguir, apresentaremos o Projeto Político e Pedagógico (PPP) da escola FSCA.

4.1 O Projeto Político-Pedagógico da escola

No trimestre letivo, fevereiro a abril de 2023, íamos duas ou três vezes na semana no PPC Badminton, o que totalizou vinte dias de coleta de dados. De forma organizacional, construímos dois quadros (Quadro 9 e 10). O quadro 9 consta os dias das práticas educativas aplicadas no PPC Badminton e o quadro 10 são as atividades externas ao PPC que o professor Ygor Coelho desenvolveu durante a coleta de dados.

Quadro 9: Organização por dia e objetivo de cada aula durante a coleta de dados.

| Dias das observações | Locais | Objetivos de cada dia de observação na coleta de dados (as práticas educativas no PPC Badminton) |
|-----------------------------|---------------|---|
| 07/fev. | FCSA | Efetuar exercício de saque. |
| 09/fev. | FCSA | Praticar atividade de volume de peteca (clear e net). |
| 14/fev. | FCSA | Desenvolver o trabalho de defesa. |
| 16/fev. | FCSA | Realizar sequência de clear, net e ataque. |
| 07/mar. | FCSA | Efetuar exercícios de clear e defesa. |
| 18/mar. | CEL Eldorado | Desenhar com os alunos sobre o Projeto. |
| 30/mar. | FCSA | Avaliar os alunos pós-competição. |
| 01/abr. | CEL Eldorado | Praticar educativos de serviço. |
| 04/abr. | FCSA | Desenhar com os alunos sobre o Projeto. |
| 06/abr. | FCSA | Desenvolver golpes de rede nos três níveis: baixo, médio e alto. |
| 15/abr. | CEL Eldorado | Realizar educativos de forehand e backhand e ensinar a pegada em V. |
| 22/abr. | CEL Eldorado | Efetuar educativos de empunhadura em V e de dedão. |
| 25/abr. | FCSA | Praticar os golpes de defesa e net. |

Fonte: Banco de dados da pesquisa da pesquisadora, 2023.

Quadro 10: Dia da observação e objetivo de cada atividade externa ao PPC Badminton durante a coleta de dados.

| Dias das observações | Locais | Objetivos de cada dia de observação na coleta de dados (atividade externas ao PPC Badminton) |
|-----------------------------|----------------------|---|
| 02/fev. | FCSA | Conversar com a pedagoga. |
| 23/fev. | FCSA | Entrevistar os alunos (TV Acrítica). |
| 02/mar. | FCSA | Entrevistar os alunos (Portal da SEDUC). |
| 11/mar. | CEL Ninimberg Guerra | Ensinar os professores e estudantes de Educação Física sobre o badminton. |
| 25/mar. | CEL Ninimberg Guerra | Propor um torneio recreativo de badminton entre os alunos dos Projetos FCSA, CEL Eldorado e Ninimberg Guerra. |
| 28/mar. | FCSA | Entrevistar o Professor Ygor Coelho sobre o Projeto Badminton Escolar. |
| 29/mar. | UFAM | Dialogar com os responsáveis do Centro de Referência Paralímpico/UFAM. |
| 30/mar. | FCSA | Avaliar os alunos pós-competição. |

Fonte: Banco de dados da pesquisa da pesquisadora, 2023.

Iniciamos a coleta de dados com uma conversa informal com a pedagoga da escola FCSA, em fevereiro de 2023, na sala dos professores. Solicitamos o Projeto Político e Pedagógico da Escola e, na oportunidade do encontro, foram feitas algumas perguntas a respeito do PPC Badminton. A primeira indagação para a pedagoga Fabiana da Silva era: “Como você vê a presença do Projeto PPC Badminton na escola?”. Fabiana respondeu: “Coisa boa, porque os alunos têm oportunidade de estar participando, desenvolvendo não só a parte corporal, mas a questão da socialização com os colegas”.

A fala da pedagoga Fabiana da Silva traz à tona uma reflexão marcada pela experiência do professor quando propõe as práticas educativas do badminton, e ao

mesmo tempo enaltece o desenvolvimento da afetividade, pois basta-lhe os jovens viverem sua prática corporal para ter a possibilidade de desenvolverem a disciplina, o comprometimento e a formação da cidadania ao respeitar o Outro a partir da interação social.

Desta maneira, podemos entender o badminton como uma ferramenta de socialização para as crianças, adolescentes e adultos que estão inseridos no PPC Badminton. A relevante construção de Soares et al. (1992, p.70) em defesa da ação do professor na escola é trabalhar o coletivo em detrimento do individual, com o “compromisso da solidariedade e respeito humano, a compreensão de que jogo se faz “a dois”. Todavia, é importante pensar que para acontecer o trabalho coletivo há necessidade do desenvolvimento individual de quem joga e de quem ensina.

A segunda questão refere-se a compra de materiais, Fabiana da Silva pontuou que no ano de 2022 existia a Associação de Pais e Mestres (APMC), órgão responsável pelo dinheiro na escola. Entretanto, foi sancionada no Senado Federal a Lei 14.644, de 2 de agosto de 2023, que faz uma alteração na Lei 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) para concluir a instituição de Conselhos Escolares e de Fóruns dos Conselhos Escolares, com o objetivo de serem compostos pelo Diretor da Escola e representantes das comunidades escolares e espaço comunitário, com a finalidade de fortalecer os Conselhos quanto à circunscrição e efetivação dos processos democráticos nos espaços educacionais tendo em vista a melhoria da educação. Desta maneira, a SEDUC mudou de AMPC para Conselho Escolar em decorrência das autorizações legais.

Com a nova organização pelo Conselho Escolar, impulsionou-se a demora da liberação de verba para compra de materiais, provavelmente baseados nos novos termos legais. Logo, a escola FCSA em uma reunião pedagógica decidiu realizar vendas, Fabiana da Silva disse: “As vendas das carteirinhas que fazemos na escola, o dinheiro arrecadado vai para o professor quando ele solicita ajuda de custo para compra de materiais”. É nesse contexto que os professores marcam sua necessidade de atender as demandas locais, caracterizando uma precarização das diversas condições de trabalho docente, entre as quais a dificuldade do funcionamento dos Projetos.

Conforme dados coletados no site da Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar (SEDUC/AM), no mês de maio de 2024, foi divulgado amplamente no Portal da SEDUC para conhecimento de todos que mais de 30 mil materiais

esportivos foram distribuídos para as escolas da Rede Estadual no ano de 2024, totalizando quase R\$800 mil reais para uso na prática de Educação Física nas 616 unidades de ensino, sendo 374 escolas do interior e 242 escolas da capital. Nesse sentido, é notório que o material recebido pelos professores estava vinculado apenas aos esportes tradicionais, tais como: basquetebol, handebol, vôlei e tênis de mesa para a escola, limitando a possibilidade de criação de outras práticas corporais, as quais acabam reproduzindo movimentos de aprendizagem de gestos motores conhecidos, sobretudo reduzindo o processo de criação e de novas aprendizagens mediadas pela diversidade da cultura esportiva.

Desta maneira, as escolas que trabalham com o badminton em Manaus buscam outros meios de arrecadação de dinheiro para a compra de materiais da modalidade. Nesse caso, fica evidente que os jovens estão inseridos e com o papel que a escola FCSA ocupa no processo de ensinar e desenvolver o badminton na escola, apontam estratégias que encontram justamente na manutenção e busca por materiais específicos para prática do badminton, nos quais o professor Ygor Coelho e os alunos do Projeto organizam ação solidária na internet para as participações nos campeonatos nacionais e a manutenção dos materiais didáticos esportivos.

Portanto, a falta de materiais é algo constante na vida dos professores que atuam com o badminton na escola, acontecendo até atualmente essa fragilidade na melhoria das condições de trabalho. Como ponto de saída para amenizar essa lacuna o Professor Ygor Coelho ressalta a venda de rifas, alimentos, blusas e garrafas de água personalizadas com o nome do Projeto durante os campeonatos regionais, pelo fato do que foi mencionado anteriormente, as diversas situações que impedem o real desenvolvimento do badminton nas escolas públicas.

O terceiro ponto é a questão do apoio ao professor em relação as viagens, aos horários de utilização da quadra somente pelos alunos do Projeto e nas ausências do Professor Ygor Coelho quando ele é convidado para ministrar cursos de formação, conforme o relato de Fabiana da Silva: “A gestão apoia totalmente o encaixe dos horários e deixamos os alunos jogarem badminton até fora do horário de aula na quadra, mas sempre com algum responsável para evitar brigas, controle de entrada e saída dos alunos da quadra e ficar de olho para eles não se machucarem”.

Em relação a esse aspecto, foi possível perceber a confiabilidade da gestão em deixar os alunos na ausência do professor na quadra, nota-se o valor que o Projeto representa pela gestão escolar, considerando as condições concretas de sua

realização com ou sem professor. Mobilizados por esse movimento de aceitabilidade no ambiente escolar e valendo-se de suas próprias características e finalidades.

A prática do badminton pode construir sentidos e significados sobre os valores humanos e sociais, em que os alunos podem desenvolver a confiança, a reciprocidade, a afetividade e atitudes de tomada de decisão, o conhecimento entre os pares para a transformação social e criar possibilidades de ingresso no esporte de alto rendimento. Com isso, o badminton aparece nas trajetórias formativas dos jovens, nas relações sociais, pela busca de ajudar o ser humano encontrar a consciência do movimento corporal consigo, com o mundo e com sua própria liberdade, durante essas relações interpessoais e intrapessoais. Desta maneira, destaca-se a cultura esportiva como processo de crescimento coletivo a partir das relações sociais.

Essa dificuldade na relação entre a questão da cultura esportiva e a compra de materiais específicos para prática do badminton vividos na conversa com a pedagoga Fabiana da Silva, Araújo et al. (2020, p.98) citam a mesma situação no município de Guarani das Missões no Rio Grande do Sul,

entendemos que o badminton permite identificar a monocultura esportiva que é corroborada pelo poder público, e as limitações de sua inserção no contexto de escolas públicas, devido à falta de investimento e recursos, mas isso não torna impossível o tratamento da modalidade e a produção de conhecimento que esta permite”.

Portanto, a falta de investimento para ampliação dos recursos didáticos esportivos não é uma realidade apenas da região norte, mas se revela também na região sul, e em grande parte do território brasileiro, por ser um jogo educativo e lúdico pode contribuir para uma formação mais ampliada do conhecimento e saberes da experiência esportiva. Desta maneira, fica evidente que muitos professores de Educação Física na escola, ainda, demonstram interesse em trabalhar tão somente com os esportes hegemônicos tradicionais à medida que priorizam esses conteúdos em suas aulas, mas existem educadores dispostos a superar as limitações dos materiais disponibilizados, e proporcionar novas práticas com saberes diversos, tendo em vista o esporte como lazer, esporte educativo ou até mesmo esporte como alto rendimento, os quais tentam motivar o desenvolvimento do badminton envolvendo os jovens estudantes para uma boa interação entre os participantes, independente do objetivo da sua prática, pois podemos dizer que a atividade do badminton pode permitir o entendimento humano nos processos de perder e ganhar, de competição com o Outro, não contra o Outro, objetivando a formação do cidadão.

Diante dessas problemáticas de superação na profissão e no cotidiano das suas vivências, o professor demonstra a importância de levantar reflexões das realidades sociais que circundam o meio escolar. Nas aulas de badminton, além da apropriação do conhecimento técnico e científico da modalidade, o aluno fala do seu dia a dia e da sua visão de mundo perante a sociedade, descrevendo seus posicionamentos de ideologia, as relações sociais, familiares e como o esporte pode influenciar na formação humana.

A atitude de Fabiana da Silva demonstra o reconhecimento e a importância que dá ao jogo do badminton na escola quando diz: “não conhecia o badminton, pensava que fosse tênis. Nesses três anos trabalhando na escola, noto que os nossos alunos gostam bastante e nos jogos interclasses os professores quando incluíram o badminton, o envolvimento foi e é muito positivo”.

Essa percepção apresentada também se revela durante o estado da questão apresentado na seção 1, na qual observamos que cinco produções científicas citaram a semelhança do tênis com o badminton. Arruda et al. (2013) e Freitas e Pagani (2015) citam a semelhança da quadra, a empunhadura, o tamanho do peso das raquetes. Lorenzi (2011) e Oliveira e Colombo (2021) evidenciaram que tanto no tênis como no badminton o jogo é praticado de forma individual ou em duplas mistas, duplas femininas ou duplas masculinas, o saque nas duas modalidades é similar, são realizados na diagonal. Oliveira (2021) aborda a questão da pontuação, o ponto é definido quando a peteca toca no chão da quadra adversária. O que importa, é jogar com a intencionalidade de viver cada experiência do jogo, seria plausível dizer que independente das distintas modalidades o que deve ser preconizado é a participação do corpo ativo.

Diante disso, acreditamos que a experiência da aprendizagem mediada na prática educativa com esses jovens estudantes no badminton, pode recuperar o significado da diversidade cultural esportiva e o sentido do espaço educativo, aliados à noção que a escola permite o conhecimento da cultura do esporte a partir de uma articulação de intervenção na história cultural da sociedade. Com isso, a valorização do diálogo como princípio educativo no processo de construção do saber-fazer, sobretudo na ação-reflexão-ação, expressa a ampliação das relações entre professor-aluno, aluno-aluno e a tríade professor-aluno-conhecimento.

Destarte, o que chama atenção é que o planejamento do ano letivo é pautado no Projeto Político Pedagógico (PPP, 2022) da escola FCSA tendo como objetivo de

diminuir a evasão e a repetência, introduzir índices significativos para a melhoria da escola, proporcionar didáticas interessantes e atrativas com o envolvimento dos professores, alunos e gestão da escola nos projetos e ações. No PPP (2022, p.32) destacamos os seguintes projetos,

Projeto Ciência na Escola (PCE/FAPEAM); Protein Constructor: projeto de cartas de biologia molecular; assistir e aprender: plataformas de streaming como ferramenta didática no ensino de sociologia; Filosofia, Meio ambiente e sustentabilidade; Etnoconhecimento de plantas medicinais em quintais agroflorestais de Manaus; a utilização do Software Scratch para ensinar temas das disciplinas de ciências da natureza; estudo teórico de modificações moleculares em compostos orgânicos e suas moléculas derivadas; estudo teórico de modificações moleculares em compostos orgânicos e suas moléculas derivadas.

Ainda que tragam um desejo muito intenso de considerar seus projetos em ação e registrados no PPC (2022) da escola, os professores operam citando os documentos formativos como a BNCC (2017) e o RCA (2022), que norteiam as práticas educativas desenvolvidas junto à comunidade escolar, dado à medida que vão construindo suas mediações de modo mais intensificado e com responsabilidade ética para o exercício da cidadania. Vale ressaltar que essas orientações pedagógicas são exigidas pela Secretaria de Educação, o que muitas vezes não corresponde à realidade escolar, generalizando os conteúdos didáticos, desconsiderando os Projetos existentes na escola.

É possível dizer que os sentidos das mediações pedagógicas nos Projetos aplicados na educação básica proporcionam práticas inovadoras, mas estas precisam de fundamentação teórica e metodológica para problematizar situações que fazem parte da vivência escolar e da vida do professor. A tomada de consciência da realidade, para Nóvoa (2017) pode escolher os conteúdos a partir das dimensões pessoais e profissionais no ato de ensinar diante de três dimensões centrais. A vida cultural e científica própria, considerando a sua trajetória de vida que não está dissociada de sua prática docente. A dimensão ética, tem uma relação direta com o agir humano. A questão de o professor ter que estar disposto a intervir em um ambiente de incerteza, pois trabalhar com a educação é profundamente encarar o mundo de incertezas que vivemos na vida diária.

Nessa linha de raciocínio, Nóvoa (2017) sustenta que os professores precisam estar conectados com outros professores durante o contato na escola, em que o coletivo e o individual devem estar articulados no jeito próprio de ser professor e que cada um tem seu conhecimento pedagógico a partir das interações sociais, isto é, com

o processo de ação-reflexão-ação. Indubitavelmente, a construção do PPP da escola FCSA foi evidenciado nas propostas didáticas com o envolvimento dos professores, alunos e gestão da escola nos projetos citados, mas há necessidade com nosso olhar sobre o contexto pesquisado, o que Nóvoa (2017, p.1117) nos chama atenção,

É preciso que todos tenham um estatuto de formador, universitários e professores da educação básica. Só com igualdade de tratamento conseguiremos um encontro autêntico entre mundos que se conhecem mal e que vivem em situações de grande disparidade, tanto nas condições materiais de vida como na imagem social que deles se projeta. Só assim conseguiremos de aprendizagem e de formação, e não meras reproduções de uma “teoria vazia”, que tantas vezes marca o pensamento universitário, ou de uma “prática vazia”, infelizmente tão presente nas escolas.

Lendo o PPP (2022) da escola FCSA observamos a preocupação da Instituição em realizar reparos com urgência na quadra poliesportiva e a manutenção dos condicionadores de ar. Durante as idas a escola FCSA percebemos que a quadra (Figura 8) recebeu alguns reparos quanto à pintura e goteiras no teto, porém não foi solucionado o problema da acessibilidade para as pessoas com deficiências físicas, como criação de rampas ou instalação de elevadores para os alunos chegarem até a quadra. Percebemos nas ações do professor Ygor Coelho, o qual cita que os alunos que usam cadeira de rodas treinam no CEL Eldorado ou no CEL Ninimberg Guerra, por falta de acessibilidade na escola FCSA.

É de se destacar, ainda nesse contexto, que, no Brasil a principal Lei de acessibilidade para pessoa com deficiência ou também chamada mobilizada reduzida, ampara-se na Lei n 10.098 de 19 de dezembro de 2000. O objetivo desta Lei é garantir a qualidade de vida das pessoas de forma autônoma, segura e de livre obstáculo seja no ambiente urbano, arquitetônico, nos transportes ou até mesmo na comunicação.

Além disso, existe a Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, que assegura e promove condições de igualdade, os direitos e a liberdade, com a finalidade da inclusão social e da cidadania. Desta maneira, a escola FCSA necessita de adequações para seguir as normas das Leis citadas, para garantir o acesso dos alunos às quadras e no refeitório que ficam no subsolo do prédio, e nos andares superiores da escola, pois as salas para pessoas com deficiência física ficam limitadas no primeiro andar da escola.

Outro ponto importante analisado no PPP (2022) diz respeito ao Grêmio estudantil, implantado na escola no dia 23 de junho de 2022, com o nome Grêmio Estudantil Força Jovem, com a finalidade de defender os interesses dos alunos, no

PPP (2022, p.17) consta dois pontos: a participação dos alunos e o papel da família nas ações educacionais,

A comunidade escolar é motivada a participar das decisões da escola para solidificar parcerias, pois a escola precisa da comunidade como parceira, que sugestionem, opinem e se sintam coo-responsáveis pela escola. A família deve ser parceira da escola e precisa estar presente no ambiente escolar, deve interessar-se pela escola refletindo no interesse dos alunos. Participação consciente de cada um e seu papel como responsável pela escola em seus momentos de decisão é fundamental para que haja gestão democrática.

Vygotsky (2009) apresenta que em cada fase da vida são criados objetivos e perspectivas que influenciam no desenvolvimento humano. Logo, o movimento estudantil vem ao encontro de representar os interesses da juventude dentro do ambiente escolar, com diálogo entre os alunos, a gestão, os discentes, coordenadores pedagógicos e pais ou responsáveis com fins culturais, educacionais, esportivos e sociais para juntos construir uma gestão democrática.

Diante das compreensões mapeadas no PPC da Escola, verificamos que as posturas que a escola tem ao organizar projetos e ações pedagógicas interdisciplinares, percebe-se o respeito à diversidade e as cresças individuais, a valorização dos discentes, a motivação dos professores para criarem situações de descobertas, a intensificação do acompanhamento dos alunos, o estímulo a formação do aluno ser crítico, reflexivo e participativo nos processos criativos na escola.

Nesse sentido, estamos defendendo que a racionalidade técnica na perspectiva de Pérez Gomes (1992) como uma atividade com objetivo de solucionar problemas de forma teórica e com técnicas científicas, com possibilidade de colocá-la numa abertura crítica na relação teoria e a prática, as quais não devem ser dissociadas nas aulas, nos projetos e nas ações pedagógicas desenvolvidas dentro do campo educacional.

No documento PPP da escola FCSA (2022, p.31) estão citados o item Educação Física e as Práticas Corporais, a Educação Física sendo

um componente curricular obrigatório a partir da LDB nº 9.394/96, que deve tratar da cultura corporal num sentido extenso, cuja intenção é a de inserir e a de envolver o aluno na realidade proposta, formando-o enquanto cidadão que irá produzir e transformar essa cultura no seu ambiente. As atividades didáticas de Educação Física serão desenvolvidas de acordo com a Proposta Curricular do Ensino Médio/Educação Física, que discorre do currículo necessário para a aprendizagem do aluno. A Educação Física no Ensino Médio possui características próprias que devem considerar a fase vivenciada pelos alunos, as novas propostas de educação e, sobretudo, a interconexão que se deseja para o componente na fase final da formação básica dos jovens.

Ao analisar o documento, os elaboradores não citaram autores que fundamentam essa perspectiva teórica, mas mostram-se cientes da necessidade de envolver o aluno na realidade proposta da Educação Física como cultura corporal, formando o aluno com o objetivo de ser crítico diante da realidade vivida e com direcionamento para finalização de mais uma etapa da educação básica, com uma educação que possa inserir o jovem no mundo social e do trabalho.

A proposta de Projeto de Práticas Corporais está inserida no Estado do Amazonas desde o ano de 2021 pelos documentos formativos destinados aos professores da Educação Básica pelo Caderno Pedagógico do Professor, na Unidade Curricular Eletiva Orientada (UCEO). O objetivo de trabalhar as Práticas Corporais de acordo com a Seduc (2021, p.3) é “oportunizar situações relacionadas a equidade e igualdade de oportunidades a todos os estudantes, considerando o respeito às diferenças e aos distintos saberes que se articulam, se perpetuam, se constroem e são compartilhados na sociedade”.

Desde o ano de 2021 é lançado um Caderno Pedagógico onde consta os seguintes objetos de conhecimento para o ensino médio: esportes (marca, precisão, rede/quadra dividida ou parede de rebote, campo e taco, invasão ou territorial, técnico combinatório, de aventura); ginásticas conscientização corporal e de condicionamento físico; danças de salão e populares; lutas. O objetivo da produção desses materiais de acordo com a Seduc (2022, p.3) é trabalhar

as diversas áreas do conhecimento que se debruçaram em pesquisas e estudos com objetivo de compartilhar com todos os docentes atuantes no Ensino Médio práticas educacionais relevantes para auxiliar o processo de ensino e aprendizagem de cada UCEO, o que deve ser somado às experiências de cada professor ministrante.

Verificamos que o professor Ygor Coelho ao reelaborar as suas práticas educativas em confronto com as experiências cotidianas vivenciadas na escola ou nos centros esportivos, que a sua questão didática e pedagógica tem características próprias e adaptáveis ao local que ele trabalha. Existe, portanto, o que Pimenta (1999) cita sobre a autoformação, pois o ato de ensinar é um movimento de humanização, o qual é trabalhado “conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhes possibilitam permanentemente irem construindo seus saberes-fazeres docentes a partir das necessidades e desafios que o ensino como prática social lhes coloca no cotidiano”.

O tratamento das situações vivenciadas na pesquisa e até aqui discutida pode oferecer uma reflexão interessante sobre a identidade docente, a qual deve ser compreendida pela experiência, pelo conhecimento e os saberes pedagógicos entre o professor-aluno. Esse movimento de identidade e saber da docência para Pimenta (1999, p.8) é a ação de “refletir na ação, sobre a ação e sobre a reflexão na ação – como uma proposta metodológica para uma identidade necessária de professor”. Portanto, o ato de ensinar é um movimento complexo do conhecimento, da realidade vivida e a relação do aluno com os desafios superados para a prática social.

Outro aspecto analisado no PPP da escola FCSA (2022) é sobre o corpo docente ter preocupação com o diagnóstico de indicadores de fluxo. Nele são apresentadas as metas e as estratégias que a escola utiliza para tirar notas boas nas avaliações da educação básica:

aumentar em 20% os índices de aprovação do rendimento interno da escola: elevar a nota de proficiência nas avaliações externas do SAEB e SADEAM nas próximas edições. Nossas ações para alcance das referidas metas serão: reforço escolar, simulados, plano de intervenção, análise bimestral do rendimento interno e premiações aos melhores alunos do bimestre (2022, p.18).

A escola FCSA interfere no processo de ensino-aprendizagem dos alunos com os projetos que desenvolve, pois estimula os discentes a se envolverem nas atividades que o corpo docente organiza, propõe reforços didáticos para diminuir as dificuldades que cada educando apresenta e, além disso, no PPP (2022, p.18) a comunidade escolar evidencia a preocupação com os indicadores de aprendizagem, onde consta que,

Os resultados do SADEAM e SAEB indicam que a escola se encontra dentro da média Estadual considerando o número de participantes, chegando em alguns casos a superar a média Estadual e Municipal. No entanto, esta afirmação não implica na negligência para com a melhoria dos resultados, uma vez que o objetivo da escola é alcançar, a cada ano, os melhores níveis de proficiência possíveis.

Vale ressaltar que as precauções quanto às notas nas avaliações como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB)¹⁸ e o Sistema de Avaliação do

¹⁸ A finalidade do SAEB é um bloco de avaliação externa em larga escala, que permite o IDEB aplicar um diagnóstico da educação básica, além de observar os fatores que podem influenciar no desempenho dos alunos. As avaliações são para as disciplinas de português e matemática para todos os discentes de 5º e 9º anos do ensino fundamental e de 3º e 4ª séries do ensino médio e técnico integrado das escolas públicas. O SAEB é formado por duas avaliações, a Prova Brasil e a Avaliação Nacional da Alfabetização.

Desempenho Educacional do Amazonas (SADEAM)¹⁹ são processos contraditórios quanto os aspectos pessoais e sociais no ato educativo. A escola também mapeia a quantidade de aprovações nas Universidades Públicas do Estado do Amazonas – Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Além disso, no PPP (2022, p.21) foi apresentada uma evolução dos resultados do Índice de Desenvolvimento de Educação Básica (IDEB)²⁰, no ano de 2019 teve a nota 4,5, no ano de 2021 a nota aumentou para 4,7.

Em relação ao resultado no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), destacamos na leitura do PPP (2021, p.21) que “a escola apresenta uma taxa de participação de 48%, o que equivale a 247 alunos participantes, apresentando uma média geral de 484 pontos, excluindo-se os pontos de redação²¹”. A escola FCSA organiza esses dados a cada ano, a fim de buscar melhorias para continuar tendo destaque como instituição com bom desempenho nas avaliações de larga escala e nos Projetos que propõe aos alunos.

4.2 Os recursos educativos

Problematizamos, neste estudo, como o professor atua no sentido de ensinar e aprender através do badminton, legitimando uma didática, dialogando a partir da mediação pedagógica, utilizando recursos que desenvolvam a percepção, imaginação, os processos criativos e outras possibilidades interpretativas de desenvolvimento das funções mentais superiores consigo e com os jovens estudantes envolvidos nas aulas?

Buscamos, portanto, nessa subseção apresentar as condições necessárias e os recursos educativos do Professor Ygor Coelho para que se processem as mediações nas situações de ensino do badminton, os quais potencializem práticas

¹⁹O objetivo foi criado no ano de 2008 é aderir o desempenho individual e coletivos dos discentes amazonenses. Os dados são para gestão institucional a fim de definir políticas públicas educacionais. No ano de 2023, 168.745 alunos foram avaliados pelo SADEAM. Esse sistema de avaliação tem como base a premiação dos discentes e servidores da rede pública do Estado do Amazonas. O Estado adota políticas motivacionais aos professores como o 14º, 15º e 16º salários para as escolas que alcançam as metas determinadas.

²⁰ O IDEB foi criado pelo Governo Federal para mensurar a qualidade do ensino nas escolas públicas (federais, estaduais e municipais). Os dados são calculados pela aprovação escolar através do Censo Escolar e pelas médias de desempenho no SAEB. As escolas que contribuem para o avanço do IDEB, mesmo que não tenham alcançado as metas, recebem prêmio, como forma de reconhecimento do trabalho dos professores.

²¹ Dados retirados do site QEDu, disponível em: <https://qedu.org.br/escola/13077430-e-e-professor-francisco-das-chagas-de-souza-albuquerque/enem>. Acesso em 31 out. 2022.

educativas para crianças e jovens estudantes, o desenvolvimento cultural do conteúdo vivenciado nos espaços de aprendizagem, na escola FCSA, no CEL Eldorado e CEL Ninimberg Guerra.

Buscando compreender os sentidos da prática corporal da aprendizagem do badminton. Quando questionado se há equipamentos necessários para a prática da modalidade, o professor Ygor Coelho comentou sobre os materiais que utiliza, como os postes adaptados de PVC (Figura 11) para colocar as redes, e diz: “isso facilita o transporte dos materiais para as escolas que ensino a modalidade, porque os postes oficiais são de ferro, conseqüentemente são pesados e caros. Essa adaptação que criei, ajuda na locomoção e lucratividade na compra de material”.

Figura 11: Postes adaptados de PVC utilizados nas práticas educativas.



Fonte: Arquivo do acervo pessoal, 2023.

O professor Ygor Coelho utilizou sua criatividade ao adaptar os postes de PVC, materiais de baixo custo e de fácil acesso tanto para a área urbana quanto para a área rural. Nota-se que a atividade criadora mesmo que o professor não domine esse conceito, está presente na sua prática docente. E diante dessa realidade, os alunos descobrem possibilidades de explorar os materiais recicláveis encontrados na vida cotidiana. Durante o estado da questão analisamos as produções de Arruda et al. (2020); Dias et al. (2020) e Lorenzi (2011) que também realizaram adaptações para a prática do badminton.

Arruda et al. (2020) citam que separaram as turmas em grupos para montarem as quadras na escola estadual na cidade de João Pessoa na Paraíba, utilizando fita crepe para demarcar as linhas. Por sua vez, Dias et al. (2020) apesar de elaborar uma

pesquisa documental, nela também foi descrito a realidade de uma escola da rede municipal de Montes Claros, quanto á dificuldade de acesso aos materiais para a prática esportiva.

Dias et al. (2020) citaram que um dos documentos o docente preparou materiais alternativos utilizando cabide, meia, garrafa pet e balão. Vale ressaltar, que nessa cidade a Associação de Badminton de Montes Claros segundo Dias et al. (2020, p.54) “alcançou o âmbito escolar: disseminou a prática em escolas da cidade e realizou as demarcações das quadras na região dos bairros Augusta Mota, Edgar Pereira, Jardim Brasil e Planalto, expandindo a prática na região”.

A pesquisa de Lorenzi (2011) abordou uma comparação da aplicação do badminton em duas escolas diferentes, uma na zona urbana e outra na zona rural, ambas com estruturas distintas. A escola da zona urbana recebeu material oficial emprestado do Curso de Educação Física da UNESC, e a escola da zona rural utilizou material adaptado, as raquetes foram construídas com arame e meias finas.

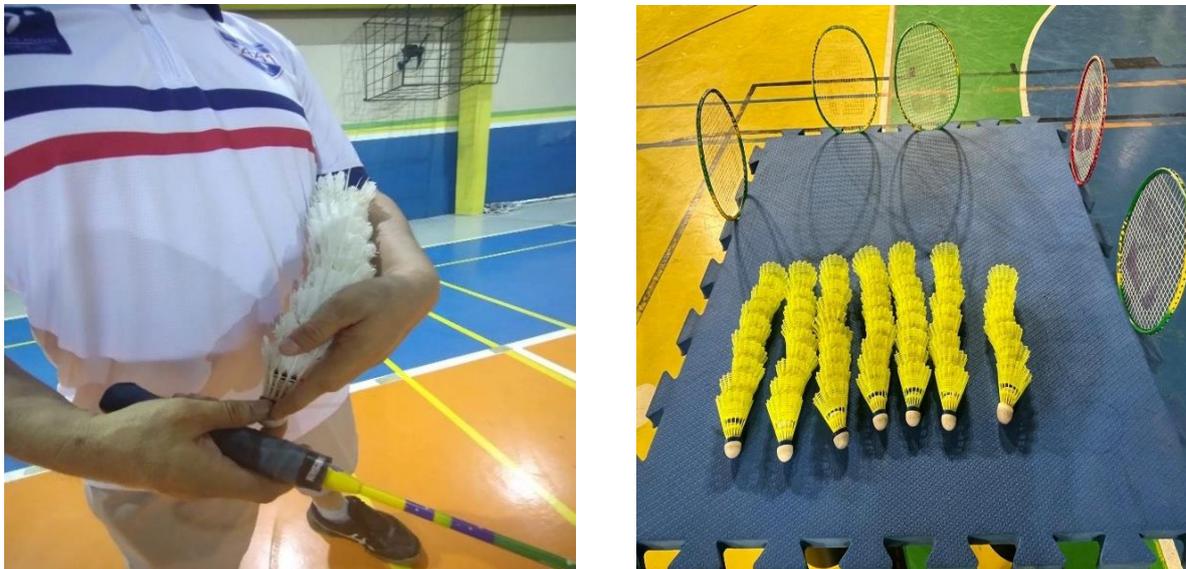
Um dos resultados apontados por Lorenzi (2011) foi que as instituições ao buscar ações pedagógicas que fogem do tradicional, revelam a criatividade e disposição dos professores de Educação Física em sair do comodismo dos esportes hegemônicos tradicionais. Os alunos elaboraram seus próprios materiais e exercitaram o badminton fora da escola.

Desta maneira, as adaptações realizadas pelo Professor Ygor Coelho no estado do Amazonas, Arruda et al. (2020), Dias et al. (2020) e Lorenzi (2011) ratificam a valorização que os professores estão dando para esse conteúdo em vários estados do Brasil, mesmo com os ajustes às necessidades locais para a prática do badminton, são possibilidades para esse esporte ser frequente nas escolas que tem ausência de materiais oficiais da modalidade. Portanto, apesar da falta de investimentos para o badminton, vários professores estão buscando meios para que esse esporte seja propagado através de materiais alternativos.

Outros materiais frequentes no Projeto Badminton são as raquetes, as petecas de pena (Figura 12) e de nylon, os cones e os colchonetes são constantes nas aulas do Professor Ygor Coelho. O professor diz: “com poucos materiais consigo trabalhar a autonomia e criatividade dentro de quadra com os meninos. Quando coloco as

petecas dessa forma no meu braço, chamo sorvete²², os alunos menores já sabem como devem me ajudar”.

Figura 12: Petecas de pena e de nylon.



Fonte: Arquivo do acervo pessoal, 2023.

O simbolismo e a associação de criar um nome para a forma como organiza as petecas à luz da perspectiva Vygotskyana, faz parte do conceito de atividade criadora, onde utiliza a técnica de “alimentar”²³ a peteca, como produto da imaginação frente a realidade sujeito-objeto. Desta forma, quando os alunos compreenderem que devem juntar as petecas do chão assim que terminar a prática educativa proposta, e empilhar novamente para iniciar ou continuar uma nova atividade, estão organizando o exercício no tempo-espço. Vygotsky (2009) cita que essas propostas novas são criações anônimas, ou seja, não foram elaboradas por autores e cientistas, mas sim criados ou reinventados no cotidiano pelas ações que surgem no cotidiano.

Essas situações reais do exercício profissional interferem na assimilação do conhecimento. O professor ao pensar na sua prática e criar mecanismos para alcançar o aluno, é uma forma de emancipação humana. O que nos leva ao encontro de Soares et al. (1992, p.10), os quais esclarecem que o “domínio de conhecimento permite ao professor tomar consciência de que não é um livro que ajudará a enfrentar os problemas da sala de aula, mas sua própria reelaboração dos conhecimentos e de suas experiências cotidianas”.

²² Denominação que o professor Ygor Coelho criou para colocar várias petecas empilhadas em seu braço.

²³ Professor Ygor Coelho refere-se esse nome ao ato de lançar a peteca em direção a raquete.

Na sequência, o docente também utiliza materiais para como o Rubber Band de 20 gramas (Figura 13), capa YY (Figura 14), cinturão de treino (Figura 15) e suporte TRX (Figura 16). O depoimento do professor Ygor Coelho expõe a utilização desses equipamentos quando diz:

nem todos usufruem desses materiais pelo nível que estão na modalidade, pois sei que devo respeitar a individualidade de cada aluno, mas isso cria possibilidades para os alunos ficarem atentos durante os jogos, mais espertos dentro de quadra, pois quanto mais estímulo, mais a possibilidade de se envolvem para querer aprender.

Figura 13: *Rubber Band* 20 gramas (faixa de borracha).



Fonte: Arquivo do acervo pessoal, 2023.

Seguindo a reflexão do professor Ygor Coelho, constata-se a necessidade do vínculo entre a mediação e a individualidade nas relações estabelecidas no processo educativo, sobretudo para Vygotsky (2021) é justificada pelo nível de desenvolvimento iminente. Logo, aquilo que ainda não foi desenvolvido pode receber apoio e avançar para o nível de maturidade. As ações internalizadas, são maduras e ganham sustentabilidade para que o aluno ajude o seu colega ou amplie novos conhecimentos. Desse modo, o Professor Ygor Coelho ao estimular e criar possibilidades educativas para internalizar os significados no plano individual e no plano social exerce um processo de aprender profundamente relacional e existencial.

Nesse cenário de condições e recursos didáticos para a aprendizagem do badminton, exemplificamos na capa YY (Figura 14) que tem como objetivo o fortalecimento dos flexores e extensores dos braços e antebraços utilizados nos fundamentos do badminton nos aspectos biológicos. Como os movimentos do ser humano não são separados da percepção como aspecto psicológico, estes juntos

complementam o organismo como um todo quando praticado nas aulas de badminton (Vygotsky, 1998). São instrumentos mediadores constitutivos para o desenvolvimento de suas habilidades e capacidades motoras, cognitivas, emotivas e sociais.

Figura 14: A capa YY da marca Yonex.



Fonte: Arquivo do acervo pessoal, 2023.

O mesmo professor Ygor Coelho quando questionado acerca de quais recursos utiliza para desenvolver a percepção, os sentidos, os processos criativos e imaginativos e sobretudo as relações sociais diz: “os aspectos sensoriais e a percepção, realizo trabalhos que os alunos venham desenvolver a visão periférica, a lateralidade, os espaços na quadra, procuro ensinar várias opções de movimento, até chegar ao ponto que o aluno tome as suas próprias decisões na hora de encaixar os golpes”.

Essa preocupação do professor remete-nos a Vygotsky (1998) quando afirma que são processos dinâmicos de comportamento e são mediados por representações simbólicas e socioculturais que tratam o desenvolvimento e a formação dos pensamentos, desde as atividades práticas às teóricas. Portanto, essa afirmação aponta também reflexões citadas pelo Professor Ygor Coelho quando propõe práticas educativas que estruturam os sentidos e significados na sala de aula e fora do contexto escolar, além da relação do sujeito com o mundo interno, com as suas subjetividades e individualidades.

Quando se analisa o trabalho do professor nas aulas de badminton, estabelecido a partir de características próprias dos recursos didáticos, o cinturão de treino (Figura 15) ajuda no desenvolvimento do core do aluno e os músculos estabilizadores da coluna, a fim de trabalhar a potência para a realização dos

movimentos e, esse ato é apropriada pela atividade criadora, a consciência corporal e internalização dos elementos possíveis de sua utilização com o objetivo de produzir aprendizagens lógicas e emocionais.

E, ao mesmo tempo, adaptando-se conforme os processos de aprendizagem dos gestos, posturas e do movimento em si, o desenvolvimento das funções individuais pode influenciar a vida do ser humano como Vygotsky (2009) cita, pois os recursos utilizados enfatizam a relação experiência, imaginação e emoção. Logo, o cinturão de treino apesar de ser um instrumento que os alunos do alto rendimento usufruem, este pode ser aplicado como forma de estimular as experiências diversas com o badminton.

Figura 15: Prática educativa com cinturão de treino nas aulas de badminton.



Fonte: Arquivo do acervo pessoal, 2023.

O reconhecimento do valor dos diversos saberes que o jogo badminton pode nos oferecer, pode-se dizer que os estudos realizados nos conduzem por meio de desafios que ordenados e direcionados podem promover uma aprendizagem diferenciada sobre o entendimento do ser humano. Nas linhas inspiradas por Vygotsky (1998; 2009; 2021), o ser humano é um ser biológico, racional, social e cultural, isto é, ao brincar ou exercitar são formados produtos da imaginação motriz, com firmeza e estabilidade que afetam o desenvolvimento humano.

Em ambos os materiais presente nas aulas de badminton, como o suporte TRX (Figura 16), o movimento observado durante a aula guarda uma singularidade, a qual merece ser assim considerada, em que esse suporte TRX permite tonificar os músculos proporcionando força e resistência, além de evitar lesões para os alunos,

proporcionando que os fundamentos do esporte sejam desenvolvidos com força, precisão ou ampliação das funções mentais superiores, neste caso a concentração, atenção, memória e percepção do movimento.

Figura 16: Prática educativa com suporte TRX nas aulas de badminton.



Fonte: Arquivo do acervo pessoal, 2023.

Nesse sentido, o professor Ygor Coelho separa os alunos por níveis na modalidade: nível iniciante, intermediário e avançado para cada ação proposta e rearticulando-as conforme os objetivos das aulas, pois existem alunos que praticam o badminton só por lazer e outros que fazem parte da equipe para as competições escolares, estaduais, nacionais e internacionais. Portanto, os objetivos do Projeto Badminton têm viés na perspectiva educacional, esporte-participação e esporte-performance como cita Tubino (2010).

Argumentamos a favor do autor quanto às classificações do esporte, no qual descreve quatro aspectos. O primeiro ponto, o esporte é um dos fenômenos socioculturais e políticos na transição dos séculos, situado em processos culturais em cada momento histórico. O segundo são as atribuições de diferentes objetivos nas civilizações antigas, no esporte moderno e no esporte contemporâneo. O terceiro aspecto é sobre a história do mundo que perpassa pela história do esporte. O quarto refere-se ao conceito que essa modalidade tem no Brasil, conceituado como fenômeno sociocultural esportivo.

Desta maneira, dentro do Projeto Badminton são trabalhados os fenômenos socioculturais no meio esportivo, mesmo que prevaleça os aspectos de treinamento nas aulas do professor Ygor Coelho, é possível observar a participação entre os alunos de diferentes faixas etárias, a coeducação, a cooperação, a responsabilidade,

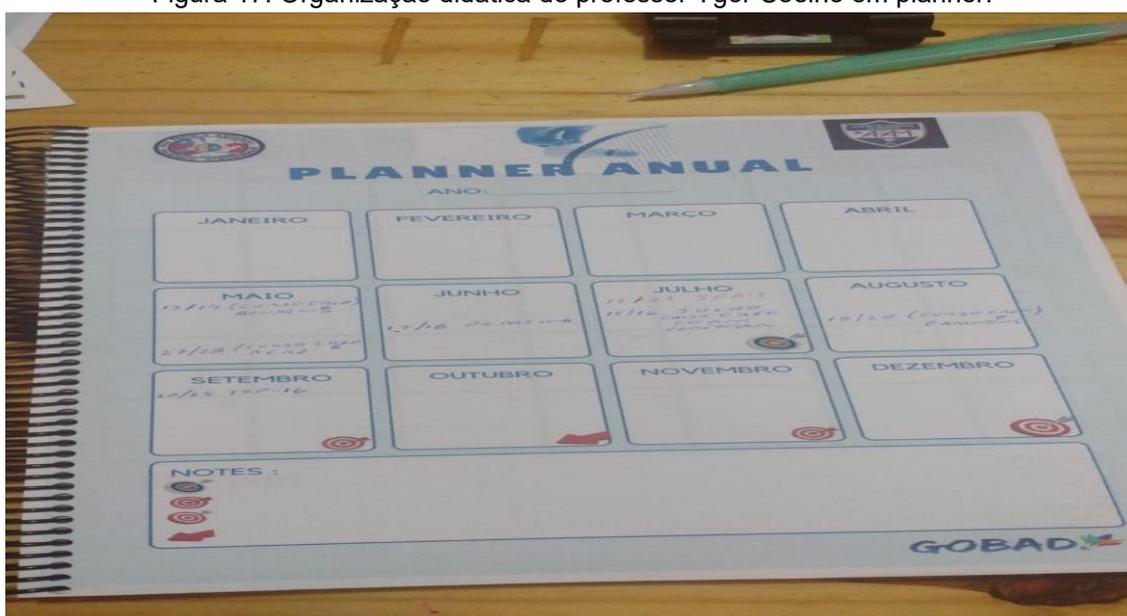
inclusão, o desenvolvimento e espírito esportivo, o prazer e a superação. Isso quer dizer que durante a coleta de dados se observa esses aspectos nas experiências entre aluno-professor e aluno-aluno.

Nesse contexto, existem leis como a Constituição Federal do Brasil de 1988, Lei Zico nº 8.672/1993 e a Lei Pelé nº 9.615/1998, que abordam sobre a democratização do esporte e deliberação de recursos para a Confederação Brasileira de Clubes (CBC) para formar atletas olímpicos e paraolímpicos. Com isso, as leis são formas de manifestar os esportes na legislação nacional e fundamentar a evolução e o compromisso do esporte em cada período histórico.

Para isso, é necessário que se continue a implantar e manter políticas públicas nacionais voltadas para o esporte, com a perspectiva do fenômeno sociocultural e com a finalidade do acesso a todos, assim como as políticas esportivas também em âmbito estadual precisam se envolver em nível e abrangência no desporto contemporâneo, dentro dos diversos movimentos na sociedade, para receber e instituir notoriedade.

O Projeto PPC Badminton está ganhando espaço a nível nacional, apesar das dificuldades que já foram elencadas. Por isso, o professor Ygor Coelho cita que organiza as suas práticas educativas em um planner (Figura 17) onde registra as frequências, monitora o comportamento, a conduta, os limites de cada educando, quais as competições e eventos os alunos participarão durante o ano.

Figura 17: Organização didática do professor Ygor Coelho em planner.



Fonte: Arquivo do acervo pessoal, 2023.

No decorrer do trimestre letivo, notou-se que a lista de alunos matriculados que o Professor Ygor Coelho entregou nos primeiros dias de coleta de dados, não condizia com a quantidade de alunos que frequentavam as aulas. No diário de campo a média de discentes presentes nas aulas é em torno de 6,5 alunos. Em torno de 7 educandos compareciam nas práticas educativas e nos eventos que o Professor Ygor Coelho planejava.

Como nosso estudo aproxima-se dos aspectos didáticos da Educação Física, os objetivos das aulas são as ações dos alunos em favor do conhecimento sistematizado e o desenvolvimento do pensamento. Logo, a sequência pedagógica é necessária, quando ocorre a interrupção pelas ausências dos alunos no Projeto, o Professor Ygor Coelho precisa contextualizar, confrontar ou problematizar situações citadas nas aulas anteriores. Desta maneira, a organização e reorganização do conteúdo é trabalhada mais de uma vez, como percebemos na coleta de dados referente ao conteúdo saque ou também chamado serviço, apresentados na subseção 4.4.

Podemos afirmar que as relações sociais ocorrem com a interação dos materiais citados anteriormente e principalmente com o contato com o Outro. O que Vygotsky (2009) expõe sobre a interferência do uso dos instrumentos e dos signos, e como o meio estimula o trabalho em equipe de forma colaborativa. Desta maneira, a relação com o Outro é prioridade dentro e fora de quadra. Durante as idas em campo, observamos que todos os alunos se ajudam, dos mais novos aos mais velhos por idade ou pelo período no Projeto Badminton (Figura 18).

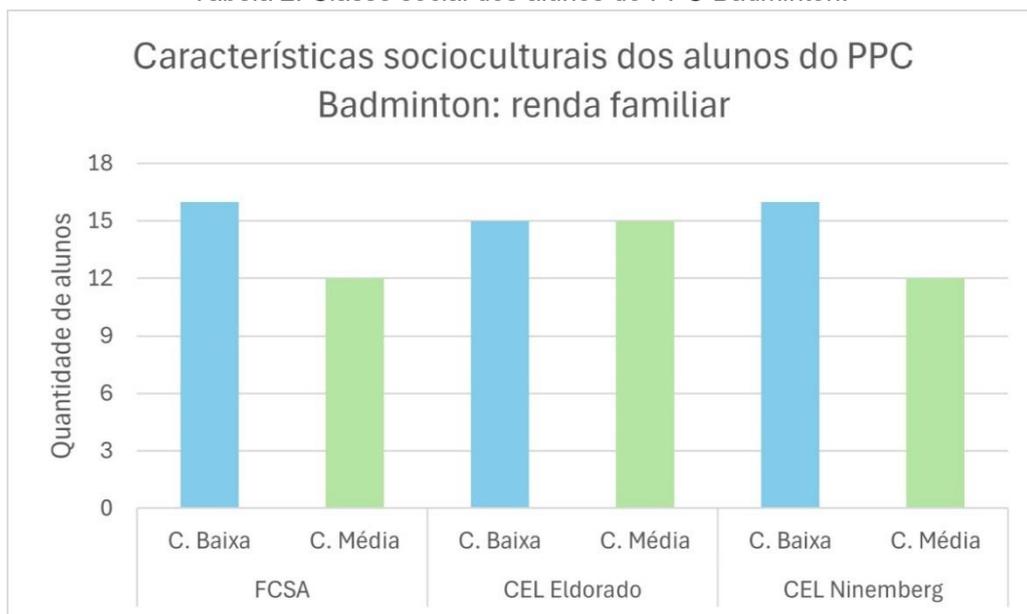
Figura 18: Alunos com diferentes faixas etárias praticando badminton juntos.



Fonte: Arquivo do acervo pessoal, 2023.

Quanto às características socioculturais dos alunos do PPC Badminton, o professor Ygor Coelho compartilha que a maioria são de classe baixa e média. Construímos um gráfico que represente a quantidade de alunos, a classe social e os respectivos locais que o professor ministra as aulas de badminton, a escola FCSEA, o CEL Eldorado e CEL Ninimberg Guerra (Tabela 2).

Tabela 2: Classe social dos alunos do PPC Badminton.



Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

Como a fundamentação teórica deste trabalho é a THC, assume-se o conceito de classe social nos dizeres de Marx (1982) tendo como base a interlocução dos meios de produção, onde difere-se a burguesia (os donos dos meios de produção) do proletariado (o trabalhador). No gráfico observou-se que a classe baixa predomina como característica sociocultural nos três espaços que o Professor Ygor Coelho ministra aula. Como citado anteriormente, os materiais do badminton são valores de alto valor aquisitivo, mas estão presentes na escola e em centros esportivos. Desta maneira, o PPC Badminton elaborado e planejado pelo professor Ygor Coelho alcança meninos que estão à margem da sociedade, proporcionando memórias afetivas, sociais e culturais, ratificando o que a THC propõe.

As análises realizadas neste estudo são possíveis perceber o que Saviani (2022) considera que essas relações de superação na educação transforma a sociedade, pois ao proporcionar o acesso ao conhecimento sistematizado, o aluno reflete as funções da escola. No PPP da escola FCSEA, (2022) destacam-se as relações entre o ser humano e o meio, o acesso ao conhecimento já produzido e o

educar com o objetivo de sobreviver, comunicar e transformar a relação conhecimento-professor-aluno com as propostas construídas e efetivadas na escola.

O estudo realizado no PPC Badminton mostra-nos que há elementos favoráveis de aprendizagem e tem oportunizado aos jovens e crianças viajarem para os jogos escolares, campeonatos nacionais e internacionais. Para trilhar os caminhos que conduzem a esse êxito, temos a aluna Bené, a qual já competiu em vários estados brasileiros, foi selecionada pela Seleção Brasileira de Badminton para representar o Brasil no Campeonato Sul-Americano de Badminton, no ano de 2023 em Lima no Peru e no ano de 2024 no Chile.

Vale ressaltar que no ano de 2024 os atletas convocados receberam ajuda de custo pelo Programa Manaus Esportiva, projeto da Prefeitura de Manaus. Porém, no ano de 2023 a aluna Bené foi para a competição com ajuda do professor, dos alunos do Projeto e familiares, a qual trouxe uma medalha de prata na categoria por equipes e uma medalha de bronze na categoria mista. O que se percebe é a ausência de suporte para compra de materiais, logo ocorre uma fragilidade na continuidade para passos contínuos na longa caminhada dos praticantes do badminton, seja pela ausência de políticas públicas de Estado de forma permanente, quanto pela ausência de recursos didáticos nas escolas para sua prática inovadora reforçando ações articuladas entre os entes federados, união, estados e municípios.

Assim, os problemas existem, a prioridade não está no processo de democratização do esporte e sua massificação, mas nos processos temporais de exclusão de ambos, professor, crianças e jovens estudantes, em que a jovem Bené foi sem o professor Ygor Coelho para a competição no Peru, pois ele não tinha recursos para comprar passagem e se manter durante os dias de competição. Porém, isso não foi empecilho do professor Ygor Coelho e Bené se comunicarem. No dia da entrevista para a TV Acrítica a repórter indagou a aluna Bené sobre o ocorrido: Como você se sentiu “sozinha” em um campeonato, sem o seu professor quando estava em Lima no Peru? Bené disse: “Eu me senti nervosa, mas estava confiante. Ele me ligava para dar instruções e dicas pelo WhatsApp, então isso me confortava”.

Diante disso, não há dúvidas de que o não reconhecimento desse esporte e de outros no setor público e as contradições, superações e desafios que o badminton enfrenta nos polos que o Professor Ygor Coelho trabalha não diminui os resultados do seu trabalho docente junto às crianças e jovens, pelo contrário o observa-se o nível de aprendizagem voltados a ludicidade e ao alto rendimento, o que revela a importante

contribuição que sua prática denota para a aprendizagem humana para os jovens cidadãos, reconhecida a objetividade do treino, a pretensão da competição esportiva e seus objetivos no PPC Badminton, é perceptivo as limitações superadas pelos alunos, os quais mostram adaptações e evoluções em suas intencionalidades desenvolvidas e entrelaçadas pelos fatores externos e internos.

Logo, o contexto sociocultural faz parte da superação nas aulas de badminton para o desenvolvimento humano de acordo com Vygotsky (1998; 2018). O trabalho docente do Professor Ygor Coelho leva alunos de classes menos favorecidas a conhecer novos lugares, novas culturas, tempos e espaços distintos, promovendo potencialidades de desenvolvimento humano para além das quadras de badminton, O professor cita que a maioria dos alunos nunca havia saído nem do município de Manaus antes de entrar no Projeto, e complementa que forma duplas masculinas, duplas femininas ou duplas mistas com outros alunos/atletas de diferentes estados nas competições nacionais.

A luz da THC essas diferenças culturais interferem nas funções de origem social e estas são necessárias para o desenvolvimento humano. Pino (2005) cita que as diferenças culturais são construídas de diferentes perfis de existência, tanto biológica quanto cultural. O respeito da experiência coletiva para Vygotsky (1998) refere-se a Lei da Genética Geral do Desenvolvimento da cultura, isso é de suma importância para compreendermos os ganhos culturais.

Quanto a ganhos culturais, o professor Ygor Coelho apresenta que existem 2 alunos com bolsa atleta estadual e 1 aluno que escolheu cursar Licenciatura em Educação Física porque treinava badminton, e com ajuda do professor conseguiu uma bolsa de estudos em uma Faculdade em Manaus, onde chegou a representar a referida instituição nos Jogos Universitários do Amazonas (JUA'S) e nos Jogos Universitários Brasileiro (JUB'S) nos anos de 2021 e 2022.

A escolha profissional pode ser justificada pela trajetória escolar, pelo contato com os esportes ou pela interferência familiar. Cruz (2021) anunciava em uma pesquisa de Dissertação o objetivo de analisar os alunos de Licenciatura em Educação Física da UFAM para compreender a trajetória escolar e a formação inicial. Como resultado, vários alunos escolheram o curso de Licenciatura em Educação Física pelas vivências durante a educação básica, foi o que ocorreu com o aluno Zé. Ele expõe que escolheu o Curso de Educação Física pela experiência com o badminton.

Essas vivências para Vygotsky (1998) são as unidades de consciência e personalidade construídas no decorrer do desenvolvimento, desde a fase do embrião até a velhice. Outras situações que interferem na formação do sujeito foram expostas através de produções artísticas durante a nossa coleta de dados. A próxima sessão aborda sobre as percepções individuais e coletivas dos alunos sobre o Projeto Badminton.

4.3 Produções artísticas: desenhos sobre as percepções do badminton

Nesta seção separamos as produções artísticas em quatro itens representados da seguinte forma: 1 - Sonhos dos alunos a partir da modalidade; 2 – As relações afetivas no Projeto Badminton; 3 – As questões psíquicas dos educandos e 4 – Os relatos dos discentes sobre as habilidades e capacidades físicas.

Escolheu-se o desenho como técnica de pesquisa, pois os participantes do estudo são grupos de crianças e adolescentes, e pelo ato de desenhar eles externalizam formas de manifestações da atividade criadora e imaginativa das suas percepções sobre a vida e o contato com o badminton. Portanto, pelas funções mentais superiores justifica-se e reconhece a autonomia e a interpretação feita pelo próprio sujeito no ato de desenhar, pois são estimulados a memorização, generalização e raciocínio dos alunos.

Iniciaremos com a questão dos sonhos a partir da modalidade, dois alunos retratam sobre esse ponto, o aluno Jojo e o aluno Tony. O aluno Jojo tem 6 anos de idade (Figura 19), ele desenhou uma raquete, duas pessoas e completou com a frase “Eu gosto muito do badminton. Eu quero viajar”. O Jojo frequenta a turma de iniciantes no CEL Eldorado e é irmão da Bené – esta faz parte da turma avançada e participa de competições regionais, nacionais e internacionais, já viajou para vários Estados Brasileiros, conheceu o Peru e o Chile durante o Campeonato Sul-Americano de Badminton.

Percebe-se que o aluno Jojo correlaciona desde pequeno o badminton e sua irmã como sinônimo de sucesso e referência, para alcançar os objetivos de também viajar jogando badminton. À luz da THC compreendemos essa relação do Badminton e as oportunidades de conhecer outros estados e pessoas como ser histórico e social, interferindo na aprendizagem e desenvolvimento por meio dos instrumentos simbólicos no seu processo maturação segundo Vygotsky (1998) e Antônio (2008).

Figura 19: Badminton e o sonho de viajar.



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

O segundo aluno, chamado Tony tem 22 anos de idade, voltou-se a questão do sonho para as medalhas que a equipe do professor Ygor Coelho conquistou nesses anos de Projeto,

Sou da primeira turma de badminton do professor, iniciado em 2015, é gratificante iniciar e fazer parte de um Projeto até então desconhecido, pouco falado no Brasil e que fez não só eu, como vários outros alunos, amarem o esporte, estudar e aprender as habilidades e aperfeiçoamento para se tornar competidores. Eu e os outros alunos foram ensinados com bastante foco e aprendizado pelo professor, que com sua paciência e paixão pelo que faz, fez que esse esporte, fosse jogado e praticado até os dias de hoje aqui na escola, fazendo e trazendo reconhecimento para os jogadores que amam e participam de campeonatos, conquistando medalhas para o Amazonas e realizando sonhos de serem campeões amazonense.

O significado de ganhar medalhas tem relação com o desenvolvimento intelectual a partir das práticas educativas propostas pelo professor Ygor Coelho: as organizações quanto ao comportamento dos alunos diante das habilidades e aperfeiçoamento na modalidade e as histórias individuais e coletivas pelo laço de familiaridade que constroem nas trocas interpessoais, justificado pelas horas de convivências ao jogar badminton na escola FCSA ou nos centros esportivos Eldorado e Ninimberg Guerra. Portanto, as interações do ser humano com o meio através do uso dos instrumentos e dos signos, representados por raquetes e petecas geram processos interpessoais e intrapessoais como citam Pino (2005) e Vygotsky (1998; 2021; 2009).

Para o professor Ygor Coelho, não é apenas medalhar nas competições ou estar entre os primeiros do ranking estadual ou nacional, jogar badminton é mais que

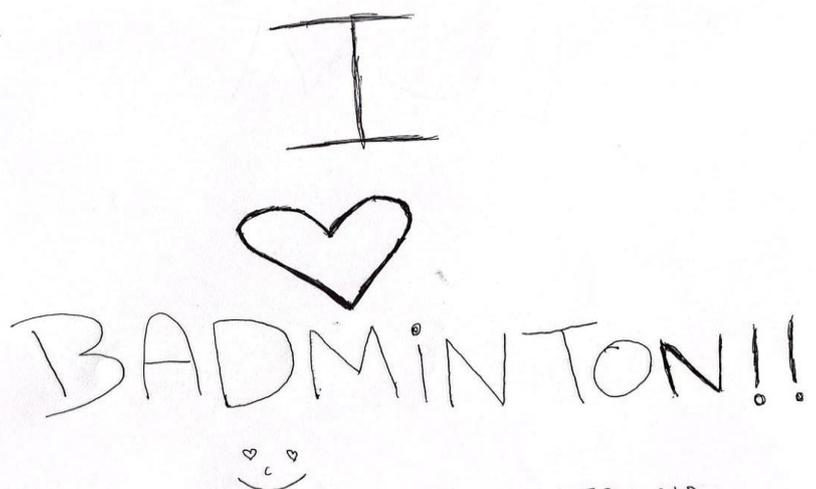
isso. Percebemos durante a entrevista semiestruturada, quando realizamos a pergunta “Quais os indícios de possibilidades de desenvolvimento das funções psicológicas superiores de conduta dos alunos?”. O professor evidenciou as situações de jogo dentro de quadra, mas também comentou sobre as situações para a vida,

através do esporte nós podemos também ter essas situações para vida, ou seja, são situações que você não vive somente dentro de quadra, então você pode vivenciar momentos de conhecer novas pessoas e novos lugares. O objetivo principal é a evolução constante, rever onde estava, onde estou e onde posso chegar. Lógico que nem todos vão ser campeões, mas se todos puderem ser ótimos cidadãos, que se respeitem, que tem uma boa conduta, que tratem os seus semelhantes de forma respeitosa ou cortês, de forma com que ele vá ser um cidadão melhor isso já foi de grande valia para mim. Então, nosso objetivo dentro do ensino é proporcionar as possíveis situações de jogo, mas também levar um paralelo, uma correlação para a vida.

O sentido de ser um bom cidadão, ter uma boa conduta e tratar as pessoas com posturas adequadas, são pontos que o professor Ygor Coelho destaca para os alunos durante os processos educativos que propõe, além disso nas relações de convivência antes das aulas, durante a chegada e saída dos alunos dos espaços de aprendizagem. Para a THC tudo isso compõe o funcionamento psicológico do sujeito pelas relações sociais entre indivíduo e meio, Pino (2005) cita que essas práticas sociais geram significação e são produtos sociais que interferem no desenvolvimento humano.

Diante disso, são geradas relações afetivas pelo nível de convivência e pelo tempo que os alunos ficam no Projeto Badminton seja nas aulas durante a semana ou nos períodos de competições regionais e nacionais. A seguir, as figuras 20, 21 e 22 são evidências das ligações de respeito, amorosidade, confiança e afeto entre professor-alunos e entre os próprios alunos, representando, portanto, o item 2- As relações afetivas no Projeto Badminton.

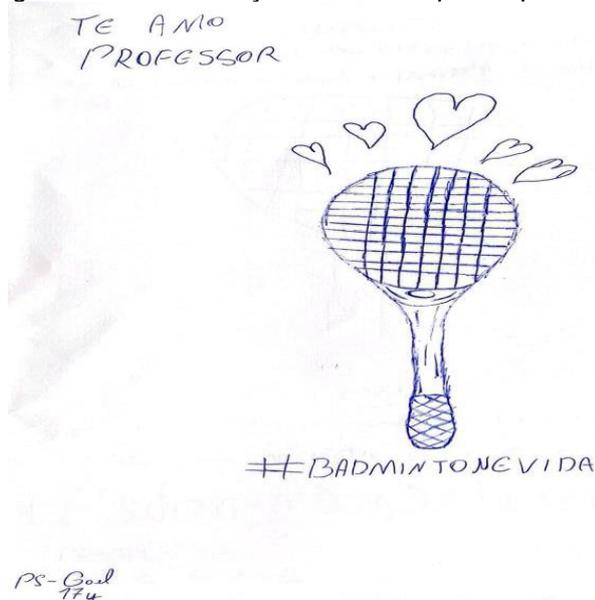
Figura 20: Expressão de afetividade pela modalidade.



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

Quando o sujeito consegue dar sentido e significado através de uma imagem ou demonstrar sentimento por alguém, podemos recorrer para Lei do Signo Emocional Comum, explicado por Vygotsky (2009) como as influências explícitas ou implícitas dos fatores emocionais. Como percebemos na figura 21 e 22, os alunos demarcam ações racionais marcados por signos através de corações e marcas por linguagem escrita que o badminton é vida e que ama a modalidade pelos traços emocionais, ao externalizar aquilo que senti sobre o professor e o esporte.

Figura 21: Demonstrações afetuosas para o professor e a modalidade badminton.



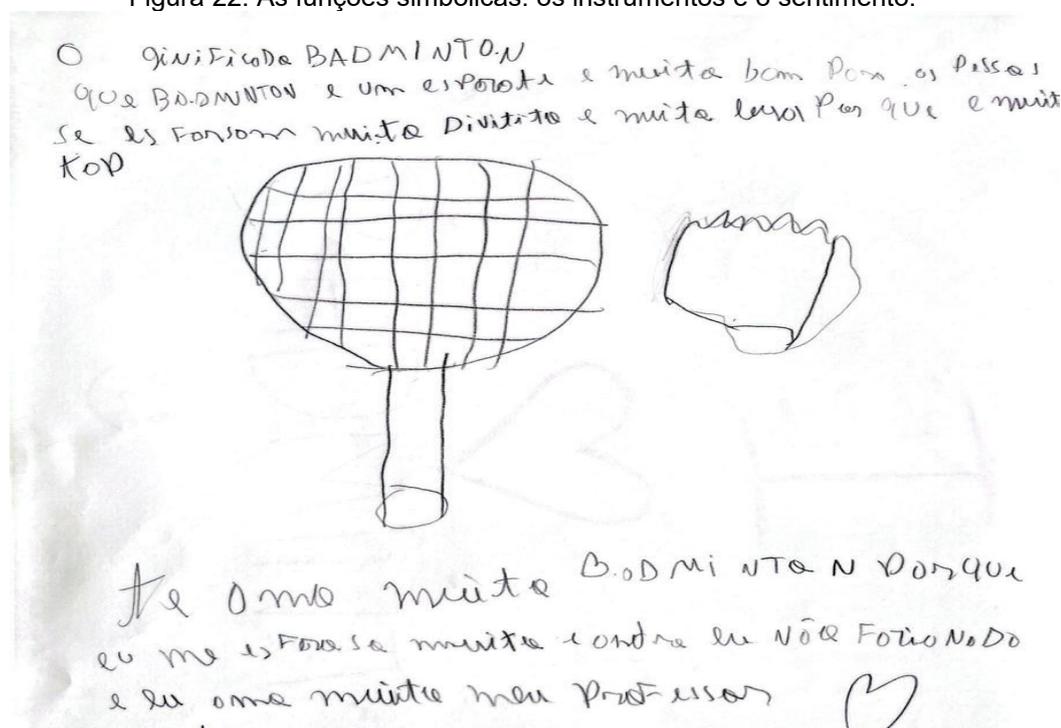
Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

O ser humano ao utilizar as palavras pode atingir algum objetivo, solucionar ou planejar ações, assim direciona através dos instrumentos os sentimentos a alguém.

Na figura 22 notou-se que o aluno organizou o seu pensamento sobre o significado do badminton. A esse processo de reorganizar as ideias e escolhas Vygotsky (2021) compreende como o movimento das funções simbólicas.

Além disso, o aluno destacou que gosta de praticar a modalidade por ser divertido, gosta do seu professor e não se sente sozinho. A questão de conviver com outras pessoas é fundamental para a THC e autores como Soares et al. (1992), pois a relação de aprender com o Outro e ajudar o Outro, constitui a história como consequência de duas relações: a relação do homem com a natureza e a relação com os outros sujeitos.

Figura 22: As funções simbólicas: os instrumentos e o sentimento. ²⁴



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

Desta forma, o desenvolvimento dos educandos está entrelaçado no conhecimento, nos sentimentos e nos desejos pelo enraizamento interno das questões psíquicas, a seguir apresentamos o item 3 - As questões psíquicas dos educandos, pelas figuras 23, 24 e 25.

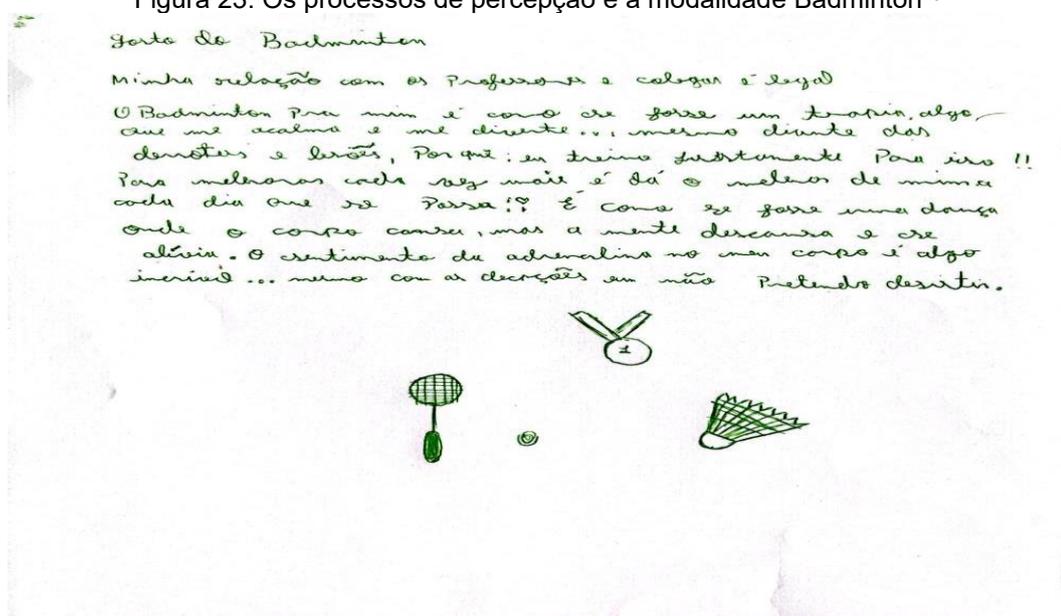
Quando o sujeito consegue apresentar esses processos internos para o meio externo, o desenvolvimento está acontecendo pelas funções elementares geradas pela herança genética, e pelas funções superiores pelas práticas sociais. Como

²⁴ Para melhor compreensão da figura 23 reescrevemos o relato do aluno Samuel "O significado do Badminton. O Badminton é um esporte muito bom para as pessoas, é divertido e legal, porque é muito top. Te amo muito Badminton, porque eu me esforço e eu não estou só, eu amo muito, o meu professor".

observamos na figura 23, quando o aluno Danilo compreende que o badminton para ele é como se fosse terapia, pois consegue se divertir e se acalmar, afastando dos problemas pessoais que identifica na sua vida, e compara o jogo como uma dança, onde apesar do corpo se cansar com as práticas educativas que o Professor Ygor planeja, a mente descansa e se alivia dos dores que sente.

Portanto, com esses pontos expostos por Danilo (Figura 23), percebemos os conceitos de Vygotsky nas práticas educativas do badminton, como os processos perceptivos e intelectuais pelas ações motoras, visuais e pela linguagem, o que amplia o desenvolvimento humano dos praticantes do badminton.

Figura 23: Os processos de percepção e a modalidade Badminton²⁵

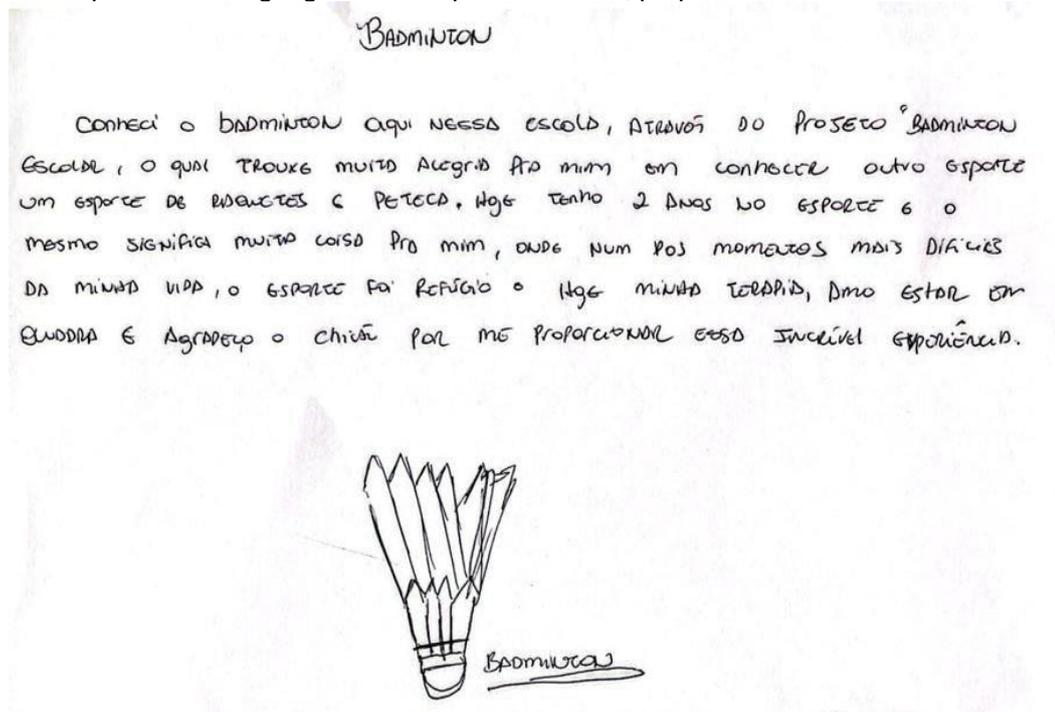


Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

O aluno Ric também expressou que o Badminton é sinônimo de alegria para sua vida, reconheci que o esporte é um refúgio da vida cotidiana e tem sentimento de gratidão pela escola FCSA proporcionar as práticas educativas através do Projeto Badminton. Na figura 24, visualizamos o desenho da peteca com expressão da linguagem interna para externa, proporcionadas pela vivência nas aulas de Badminton, essas relações de sentido e significado são construções que o Ric observa no meio que está inserido.

²⁵ Para melhor compreensão da figura 24 reescrevemos o relato do aluno Danilo “Gosto do Badminton. Minha relação com os professores e colegas é legal. O Badminton para mim é como se fosse uma terapia, algo que me acalma e me diverte... Mesmo diante das derrotas e lesões, porque eu treino justamente para isso, para melhorar cada vez mais e dá o melhor de mim a cada dia que passa! É como se fosse uma dança, onde o corpo cansa, mas a mente descansa e se alivia. O sentimento de adrenalina no meu corpo é algo incrível... mesmo com as derrotas, eu não pretendo desistir”.

Figura 24: Expressão da linguagem interna para a externa, proporcionadas nas aulas de Badminton²⁶



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

Como a THC aborda o desenvolvimento humano na sua totalidade, os aspectos biológicos, sociais e afetivos, elaboramos a seguinte pergunta na entrevista semiestruturada para o Professor Ygor Coelho: “Quais suas concepções a respeito do PPC Badminton?”. O professor expôs a sua opinião sobre a questão da socialização e terapia:

O jogo então é uma socialização, sem contar o divertimento, o lazer, a terapia de trocar uma peteca, ter uma peteca em voleio, você poder brincar com aquela peteca ao ar livre, e mesmo sendo de forma não treinável, mas só de você trocar a peteca um com o outro já é uma interação e de certa forma motivante.

Kravtsov e Kravtsov (2021) expõem que Vygotsky se preocupa com a instrução espontânea e a instrução reativa, uma vez que a instrução guia o desenvolvimento. Desta maneira, os professores de Educação Física devem ensinar com o badminton os elementos para a vida. Portanto, a questão de socialização, a interação e convivência com o Outro são pontos fundamentais para o desenvolvimento a partir do badminton, visto que o sujeito cresce na adversidade. Há cenários em que, dentro do

²⁶ Para melhor compreensão da figura 25 reescrevemos o relato do aluno Ric “Conheci o Badminton aqui nessa escola, através do projeto “Badminton Escolar”, o qual trouxe muita alegria para mim em conhecer outro esporte, um esporte de raquetes e petecas. Hoje tenho 2 anos no esporte e ele significa muita coisa para mim, onde nos momentos mais difíceis da minha vida, o esporte foi refúgio e hoje minha terapia, amo estar em quadra e agradeço o Chicão por me proporcionar essa incrível experiência”.

grupo, existem pessoas com problemas psíquicos ou sociais como, por exemplo, ansiedade, depressão ou esquizofrenia, como é o caso do aluno Cacheado, com o relato da figura 25, que conseguem reduzir o nível de estresse, melhorando o estado de humor e possibilitando dormir melhor depois das atividades físicas.

Figura 25: O badminton salvando vida²⁷



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

Diante da consciência que o aluno Cacheado apresentou no desenho, foi possível, junto ao professor Ygor Coelho, entender o comportamento que o aluno apresenta durante as práticas educativas, pois tinha momentos nas atividades que o aluno ficava calado observando a turma. Logo, o professor passou a ter um olhar mais sensível com ele, e de acordo com a THC o docente percebe por essas evidências qual nível de ajuda o aluno está precisando, através de atitudes para compreender o desenvolvimento atual do sujeito, pois, na ajuda prestada frente ao desafio, são geradas significações que mudam a postura e comportamento do aluno, na perspectiva de Vygotsky (1998, 2021).

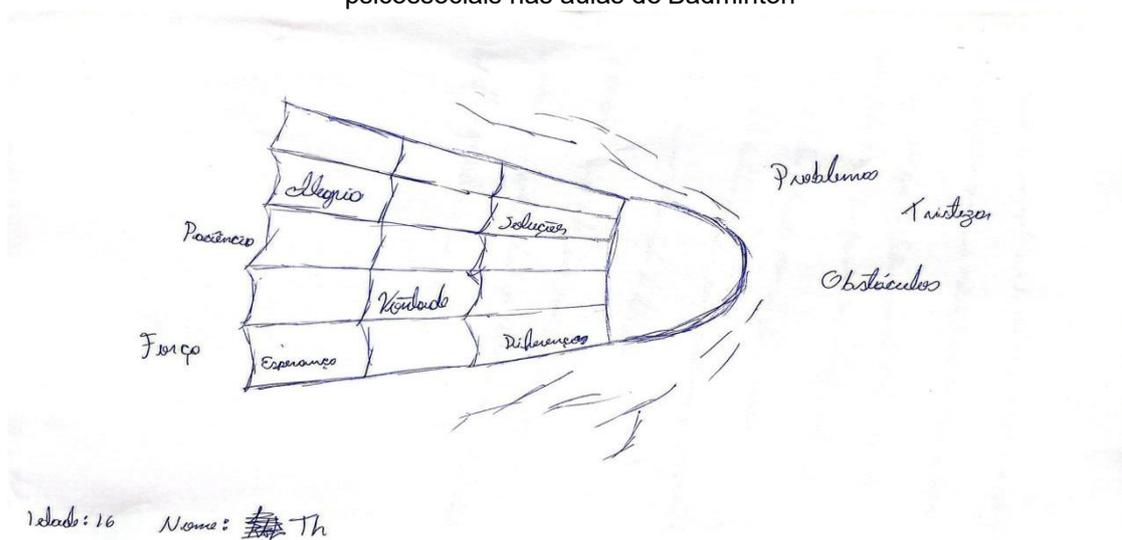
Em relação à mudança seja ela física, social ou psicológica, estamos diante do item 4 - Os relatos dos discentes sobre as habilidades e capacidades físicas, representados pelas figuras 26, 27, 28 e 29.

²⁷ Para melhor compreensão da figura 26 reescrevemos o relato do aluno Cacheado: “Bom, o Badminton me salvou de fazer várias besteiras em minha vida como querer me matar ou me jogar em uma vida que não seria para mim, como me jogar no crime. Quando conheci esse esporte foi algo que eu sento e vejo que tenho futuro, até porque eu me dedico todo santo dia para melhorar tudo nesse esporte. Eu saí da depressão e parei de ter ansiedade, posso dizer que esse esporte me salvou”.

Na figura 26 visualizamos a produção da aluna Camila ao desenhar uma peteca com vários sentimentos (alegria, vontade, esperança, diferenças, soluções, problemas, obstáculos, tristeza) e as capacidades físicas (potência e força). Para Vygotsky (1998; 2018), os aspectos biológicos são importantes para o desenvolvimento humano, pois estes interferem nos aspectos sociais para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Logo, a aluna pelas funções mentais superiores de raciocínio associa os sentimentos gerados na sua vida juntamente com os sentidos e significados ao jogar Badminton, portanto, esta modalidade não é caracterizada apenas como reprodução de técnicas e regras, são aprendizagens sociais através da ludicidade como uma exposição de conhecimento, oralidade, pensamento e sentido.

Figura 26: O desenvolvimento das funções psicológicas superiores e os aspectos biológicos e psicossociais nas aulas de Badminton



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

Outro ponto a destacar é a brincadeira vivenciada nas aulas de badminton. Na figura 27, o aluno Gael com 7 anos de idade disse ter desenhado ele e seu amigo Danilo. Ao observar a produção de Gael, nota-se que ele compreende a dimensão da rede, as marcações da quadra, a trajetória da peteca ao ar livre, além de registrar a camisa que o Professor Ygor Coelho criou para os alunos do Projeto utilizarem nas aulas de Badminton e nas competições.

À vista disso, a imaginação e a realidade se apoiam na experiência e esses dois conceitos juntos, provocam emoções representados pelo ato de jogar badminton com seu amigo (Vygotsky, 2009). Essas relações moldam o desenvolvimento da personalidade de quem pratica o esporte por lazer ou pelo alto rendimento, pois gera autonomia e autoconfiança nas práticas propostas pelo professor de maneira

prazerosa e significativa através da exploração e manuseio dos recursos da modalidade.

Figura 27: As experiências e emoções ao jogar Badminton.



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

Em relação ao conceito de vivência presente na THC, elaboramos a seguinte pergunta durante a entrevista semiestruturada para o professor Ygor Coelho: “Como ocorre as vivências dos alunos durante as aulas de badminton?”. O professor destacou a relação de convivência entre os alunos e a colaboração que sugere para os alunos mais velhos tanto de idade, quanto no tempo de badminton ajudar os mais novos, como forma do grupo se fortalecer enquanto equipe,

Procuro estimular os alunos para um convívio de forma harmoniosa, sempre coloco que ninguém é melhor que ninguém, além disso cada um deve se ajudar no projeto, tanto as pessoas com deficiência física ou aqueles que ainda estão com dificuldade nos exercícios. Temos que trabalhar a colaboração, pois um dia aquele que já sabe, um dia não sabia nada e aprendeu com quem sabia. Então, é interessante você aprender a se desenvolver com o seu colega, não importa se tem deficiência ou não.

Vygotsky (1993) valoriza a aprendizagem e o desenvolvimento na relação com o Outro, pois o desenvolvimento iminente trata a questão que o professor Ygor Coelho citou. O aluno ao ensinar o que sabe, consegue transmitir o conhecimento e ser compreendido pelo Outro, ele assimilou o conteúdo e está pronto para novas aprendizagens. Em relação ao trabalho da convivência social, Soares et al. (1992) citam que durante o jogo as regras e sobretudo os valores são construídos na ação de jogar. Logo, o ato de jogar badminton com o outro proporciona técnicas, habilidades e capacidades físicas, criando laços de amizade entre os pares.

Na figura 28, a aluna Analu desenhou a maneira como o professor Ygor Coelho ensina os alunos a segurarem a raquete e posicionar os braços. Ela destacou, assim como o aluno Gael, a blusa do Projeto. Além disso, deu evidência para a questão corporal desenvolvida (o abdômen, as coxas e braços). Portanto, pode-se interpretar a partir da produção artística da aluna, que nas aulas de badminton as qualidades físicas como a força, a agilidade, equilíbrio e coordenação são trabalhadas e os alunos têm consciência da importância dessas habilidades para a saúde física, social e psicológica.

Figura 28: Movimento do Badminton e as habilidades físicas.



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

Nas aulas de badminton na escola FCSA, nos centros esportivos Eldorado e Ninimberg Guerra não são ensinados apenas as técnicas e regras da modalidade, são trabalhados os aspectos de prevenção de doenças, o fortalecimento dos músculos, ossos, ligamentos e articulações, ajuda no combate da ansiedade e depressão, a autonomia, autoconfiança, o trabalho em equipe e o protagonismo do aluno visualizadas durante o período de coleta de dados, fevereiro a abril de 2023.

Na figura 29, o aluno desenhou uma peteca, um garoto segurando uma raquete e escreveu “Um lazer ativo. Muito mais que um esporte”. Mais uma vez percebemos a consciência do valor que o Badminton apresenta para os participantes do Projeto Badminton. Como Estumano (2021) aborda, os aspectos biológicos, sociais e psicológicos não são dicotomizados, eles trabalham juntos com a finalidade de melhorar o desenvolvimento humano nas práticas educativas na e para a vida.

Figura 29: Manifestação da cultura esportiva e o desenvolvimento humano.



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

Nesse sentido, a seção aborda os conceitos de imaginação e atividade criadora nas aulas de Badminton a partir das práticas educativas desenvolvidas na escola FSCA, nos centros esportivos Eldorado e Ninimberg Guerra, onde registramos os diálogos das transcrições das videoaulas, a entrevista semiestruturada e as observações do diário de campo no período de fevereiro a abril de 2023.

4.4 Processo imaginativo e criativo nas aulas de badminton

De forma metodológica, depois da transcrição das entrevistas e das videoaulas no período de campo, identificamos os episódios que abordam sobre o conceito do processo imaginativo e atividade criadora nas aulas de Badminton, tendo como objetivo dialogar com a THC nos espaços que o professor Ygor Coelho ministra aula.

No terceiro encontro (Quadro 11) o acompanhamento foi com a turma intermediária/avançada na modalidade, foi possível perceber que a linguagem que o professor Ygor Coelho apresenta é técnica, pois os alunos compreendem as estratégias de jogo, mesmo assim o professor trabalha os processos criativos e imaginativos nas tomadas de decisão na hora dos educativos e nos jogos individuais e em dupla.

Quadro 11: Prática educativa com Rubber Band no jogo individual.

| | | |
|---|--------------------|----------------|
| Dia da observação: 09/fev. | Local: Escola FCSA | Horário: 18:00 |
| Objetivo da aula: Praticar atividade de volume de peteca (clear e net). | | |
| Quantidade de alunos presentes: 4 alunos. Turma intermediária/avançada: 7 a 21 anos. | | |
| Materiais utilizados: postes, raquetes, cones pequenos, rede, petecas de pena e de nylon, TRX, Rubber Band 20 gramas. | | |
| Professor: Hoje trouxe o Rubber Band para vocês trabalharem o fortalecimento dos braços e antebraços. | | |
| Duda: O trabalho vai ser como, em dupla? | | |
| Professor: Não, hoje o trabalho vai ser individual. Bora lá, quero que vocês empurrem a peteca assim (fez o movimento), Ok? Empurrando! Vamos lá. | | |
| Professor para Duda: Vai, gira, vai embora rápido para o meio. Isso, vai. Ataca, vai. Gira. Rápido, direto. Entra e gira. Isso. Vai. Entra e gira, quero que chegue rápido, com uma passada na frente. Fez uma, girou, isso. Vai, bora, agora ataca, vai para o fundo. Isso. | | |

Fonte: Transcrição do material da coleta de dados, 2023.

Mesmo com as orientações recebidas é perceptível que a praticante tem a liberdade de criação da sua história de vida, refletindo que todo o movimento aprendido decorre de uma experiência historicamente situada, por isso, é importante possibilitar experiências motoras diversas que dinamizem o processo de aprendizagem.

Ao mesmo tempo, durante a entrevista semiestruturada, a partir da pergunta “Quais os recursos que você utiliza para desenvolver a percepção, os sentidos, os processos criativos e imaginativos, sobretudo as relações sociais?”, o professor citou a tomada de decisão:

Trabalho os aspectos sensoriais e de percepção nas aulas, pois quando estímulo os alunos, procuro observar, analisar e fazer com que eles criem estratégias técnicas e táticas para que eles possam na hora do jogo tomar a melhor decisão. Por exemplo no trabalho de serviço, ensino que existe o serviço curto na posição 1, 2 e 3, que são as posições em frente a rede, onde o aluno na hora do saque deve observar a posição do adversário. Se o jogador está muito à frente da rede, o saque pode ser no fundo de quadra. Se o jogador está muito atrás, o saque deve ser do tipo curto, na frente de quadra. Se o jogador estiver próximo da linha central ele realiza um serviço aberto. Caso o adversário esteja mais aberto, deve ser realizado o serviço fechado. Tudo isso tem relação com a percepção visual do posicionamento na quadra de Badminton, portanto tem relação com a tomada de decisão.

Esses processos decisórios estão embricados nas experiências de quem joga, de quem vive o esporte. As decisões não ocorrem por acaso, mas sim pelas inserções sociais vividas no interior do esporte. Na turma intermediária/avançada, os alunos (Figura 30) conseguem compreender e colocar em prática os termos que o professor Ygor Coelho apresenta nas aulas, como “empurrar a peteca” ou “empurrando” (Quadro 11), são associações do modo como a peteca deve ser conduzida, ora mais rápida, ora mais lenta para alcançar a quadra adversária. Desta maneira, a ação educativa que o professor apresentou estimula a atividade criadora de cada aluno,

seja na hora de atacar ou defender a peteca, pois cada educando tem uma tomada de decisão frente ao jogo (Vygotsky, 1998; Soares et al., 1992).

Figura 30: Prática educativa de volume de peteca no jogo individual.



Fonte: Banco de dados, 2023.

O professor Ygor Coelho segue uma sequência pedagógica, quando apresenta um exercício novo para a turma, ele orienta os alunos a realizarem os movimentos sem a peteca primeiramente apenas com a consciência do corpo em movimento (Quadro 12), quando percebe que os educandos assimilaram o movimento, ele adiciona a peteca. Desta maneira, pelas zonas de desenvolvimento iminente segundo Kravtsov e Kravtsov (2021) estão se formando e influenciando o desenvolvimento dentro das práticas educativas do Badminton, tendo o professor como guia.

Quadro 12: Prática educativa com TRX e as técnicas forehand e backhand.

| | | |
|---|--------------------|----------------|
| Dia da observação: 16/fev. | Local: Escola FCSA | Horário: 18:00 |
| Objetivo da aula: Realizar sequência de clear, net e ataque. | | |
| Quantidade de alunos presentes: 6 alunos. Turma intermediária/avançada: 7 a 21 anos. | | |
| Materiais utilizados: postes, raquetes, cones pequenos, redes, petecas de nylon, TRX. | | |
| Professor: Hoje o aquecimento vai ser com a liga TRX, um de cada vez. Vamos começar pela Duda. | | |
| Professor para a Duda: Olha, vou ficar segurando desse lado, você vai puxar para a direita, depois esquerda e por fim na frente, primeiro sem peteca. | | |
| Professor pra Bené: Bené, tua vez. Bora, concentra. Puxa mais. Abre a perna e desse lado faz forehand e depois backhand. | | |
| Professor: Quem terminou aqui, vai para a quadra ao lado. Pega a raquete e faz movimentos na frente da quadra, sem tocar na rede. Pode começar. Agora vou ficar desse outro lado, e vocês vão trabalhar o lado direito, puxando da mesma forma, direita, esquerda e para a frente. | | |
| Professor para o Ric: Esse movimento é assim, perna aqui e braços para essa direção (mostrou o movimento para o aluno). Entendeu? Aqui em cima, fica desse jeito. Agacha, não esquece de agachar. | | |
| Ric: Sim. | | |
| Professor: Bora trocar, vou ficar no fundo agora. Vocês vão em direção da rede. | | |
| Professor para a Duda: Vem Duda, começa. Levanta essa raquete. | | |
| Professor: Agora vou alimentar do outro lado, vocês vão fazer o movimento como se eu estivesse segurando a liga, como na atividade anterior, beleza? Mas, vocês vão fazer em dupla. OK? | | |
| Alunos: Sim. | | |

Fonte: Transcrição do material da coleta de dados, 2023.

Os termos “puxando”, “levanta a raquete” e “alimentar” (Quadro 12) quando o aluno inicia nas aulas de Badminton passa a imaginar pelo processo de assimilação do conhecimento, as posturas que deve utilizar em cada exercício proposto, respectivamente os termos “puxando”, “levanta a raquete” e “alimentar” são voltados para aprender o momento que deve deixar a peteca descer em relação a rede para reiniciar o fundamento: a posição da raquete em relação ao corpo e quando está sendo lançado uma peteca em direção a sua raquete. Esses termos são significantes, criados durante as aulas pela dupla mediação – pelos signos e pela relação com o Outro (Vygotsky, 1998; 2009). O valor simbólico está em desenvolver uma personalidade própria que pode levar autonomia no jeito de jogar, tudo isso acontecendo a partir da alteridade que a prática promove em parceria colaborativa nos processos adaptativos e criativos.

A turma intermediária/avançada participa de competições a nível regional, nacional e internacional. Para Mika, com 9 anos de idade medalhar e estar entre os três primeiros do ranking é de grande importância (Quadro 13). Para o seu pai, professor de Educação Física, em uma conversa informal durante o período de campo, ele diz: “Ela tem só 9 anos, falo a ela, que não precisa se cobrar tanto, pois tem apenas seis meses que participa de competições à nível nacional, os erros de hoje vão sendo aperfeiçoados com o tempo, pois eu sei que o lado recreativo ainda é presente”. De todo modo, podemos afirmar que tanto as competições quanto o campo recreativo requerem o desenvolvimento da cognição, da emoção e da memória.

Quadro 13: Entrevista com a TV Acrítica.

| | | |
|--|--------------------|----------------|
| Dia da observação: 23/fev. | Local: Escola FCSA | Horário: 18:00 |
| Objetivo: Entrevistar os alunos (TV Acrítica). | | |
| Quantidade de alunos presentes: 8 alunos. Turma intermediária/avançada: 7 a 21 anos. | | |
| Materiais utilizados: postes, raquetes, redes, petecas. | | |
| Repórter para Mika: Mika, você trouxe a medalha de bronze com apenas 9 anos de idade, qual sentido tem isso para você? | | |
| Mika: Esse sentimento é único! Resultado que mostra que treinar e estudar, é o melhor caminho para conquistar os meus sonhos. Ser competitiva, medalhar em competição nacional e estar entre os três primeiros, é um privilégio em poucos momentos da vida. | | |
| Repórter: Parabéns pelo seu esforço. Como é para você conciliar estudo e treino? | | |
| Mika: Os meus pais são professores de Educação Física, sempre tive ajuda deles. Eles são os meus maiores exemplos, tenho muita disciplina. | | |
| Repórter: Obrigada Mika, continue trilhando esse caminho que você vai longe. | | |
| Mika: Obrigada. | | |

Fonte: Transcrição do material da coleta de dados, 2023.

Durante a fase da infância as funções psicológicas superiores estão se formando, o processo imaginativo e criativo é estimulado como Vygotsky (2009) apresenta. Desta maneira, apesar da aluna Mika enaltecer sobre ganhar medalhas,

jogar Badminton nessa idade é um período de descobertas, desejos e aprendizagens que influenciará na sua formação como cidadã, pois desde essa idade tem consciência que estudar e treinar garante acesso aos seus sonhos (Quadro 13). Além disso, Mika tem os seus pais como maiores incentivadores, com isso consegue idealizar planos no Badminton (Figura 31).

Figura 31: Entrevista TV Acrítica com os alunos do Projeto Badminton.



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

Foi realizada outra reportagem no dia 02 de março de 2023 com os alunos do Projeto. Desta vez, a aluna Duda participou da entrevista. A repórter solicitou que mostrasse o modo como segura na peteca (Figura 32). A aluna demonstrou segurança na explicação ao dizer: “Para sacar você pega a peteca aqui, só com dois dedos sem forçar. A raquete você pega nessa direção aqui, e esse é o movimento, tem que fazer para frente”. Com essa autonomia a aluna pode propor ideias autorais, e mais que isso, pode refletir e levantar questionamentos sobre a experiência vivida a fim de buscar soluções e possibilidades de aprendizagem.

O processo imaginativo está presente nessa atitude da aluna, pois não foi preciso estar dentro de quadra para realizar o fundamento saque. Este é o nível atual de desenvolvimento da aluna Duda, pois para a THC quando o sujeito consegue explicar a alguém ele está pronto para novas descobertas, por isso o sujeito para Kravtsov e Kravtsov (2021) tem várias zonas de desenvolvimento iminente. Com o desenvolvimento das práticas educativas a partir das evidências pessoais e do grupo esportivo, pode-se visualizar detecção de talentos com a finalidade de monitorar e aprimorar as habilidades, criando possibilidades de futuras gerações de atletas ou novos professores de Educação Física.

Figura 32: Entrevista Portal da SEDUC/AM com os alunos do Projeto Badminton.



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

Na entrevista semiestruturada, perguntamos ao professor Ygor Coelho: “Como você planeja suas aulas e organiza os relatórios das participações em nível regional, nacional e ou internacional dos alunos durante o ano?”. O docente esclarece que no Projeto tem a faixa etária infantil, juvenil e de adultos, e que cada sujeito tem uma história no badminton. Ele pontua o crescimento do trabalho na modalidade e seus resultados:

O trabalho está tendo resultado, desde o ano passado até hoje, nós conseguimos colocar uma aluna no sul-americano que nós rendemos muita mídia, pois essa aluna foi tricampeã brasileira em dupla e bicampeã brasileiro individual. Esse ano conseguimos colocar mais duas alunas, sendo convocadas para fazer parte da Seleção Brasileira. Estamos progredindo, o objetivo é que seja mais frequente os alunos do Amazonas irem para fora, por isso o planejamento tem que ser feito, e cobro a dedicação e participação dos alunos nas atividades.

Respeitar a individualidade e história de vida de cada sujeito dentro do Projeto Badminton é entender que a diversidade está sendo garantida na interação social entre os objetos (materiais da modalidade) e os pares, pois o ser humano, com as funções mentais superiores da generalização, é constituído pelos aspectos culturais, biológicos e sociais (Vygotsky, 2018). Nessas divergências tem-se a construção de uma sociedade mais justa, igualitária, inclusiva, com chances de diálogo, permissão de manifestações e estimulação do pensamento crítico-reflexivo, ao respeitar o pensamento e atitudes de cada sujeito.

Na turma intermediária/avançada, o professor Ygor Coelho desenvolve o trabalho com alguns educandos há 5 ou 6 anos nas aulas de Badminton, mesmo assim ele continua desenvolvendo o processo imaginativo e criativo nas práticas educativas. Além disso, percebemos que o professor quando propõe uma atividade

nova faz ligação com exercícios que já apresentou para a turma, como no quadro 14. Isso facilita o processo de ensino-aprendizagem, pois o professor consegue organizar didaticamente os níveis de ajuda que os alunos ainda estão apresentando (Vygotsky, 1998).

Quadro 14: Prática educativa da sequência dos fundamentos ataque, defesa e finalização.

| |
|--|
| Dia da observação: 07/marc. Local: Escola FCSA Horário: 18:00 |
| Objetivo da aula: Efetuar exercícios de clear e defesa. |
| Quantidade de alunos presentes: 10 alunos. Turma intermediária/avançada: 7 a 21 anos. |
| Materiais utilizados: postes, raquetes, redes, petecas de nylon. |
| Professor: Fiquem em cima da linha de dupla. Prestem atenção, vocês vão vir na lateral, depois desce de costa indo até o final, ataca, e vem na lateral de novo, e ataca. Ele chegou lá, o próximo da fila entra na quadra e faz o mesmo. Entenderam como é? |
| Duda: Quando chegar ali (apontou), eu venho para cá? |
| Professor: Isso. |
| Duda: Eu ataco ali? |
| Professor: Isso, devolve para mim. Vai bater, quando ela descer, o próximo da fila entra e fica fazendo esse movimento, vocês 4. Prepara, vai. Parou, Duda termina e fica nessa posição. Vai de novo, Bené. Atenção, ela desceu, vem outro. |
| Professor para Duda: Isso Duda, agora. |
| Professor para Bené: Vai Bené. Bora, entra na quadra, quando ela estiver descendo é para você entrar na quadra. |
| Professor: Quero que devolvam de clear, para trabalhar o fundo de quadra. Quem está do outro lado, vai devolver na curta, aqui na frente de rede. Já sei, ficam vocês 4 na quadra, vou alimentar desse lado, e vocês vão fazer o rodízio. |
| Professor para Duda: Duda, você vai receber e tocar na peteca, depois vai descer para posição da Bené. |
| Professor para Bené: Bené, vai fazer o mesmo e vai ficar na posição da Mika e assim vai. Ok? |
| Alunos: Está bem. |
| Professor: Olha o deslocamento lateral, olha a perna. Não precisa sair da quadra não, é dentro da quadra. Olha esse drop também. |
| Professor para a Mika: Isso, falta levantar essa raquete, mais alto. |
| Professor: Prestem atenção, vocês vão descer, vão atacar e devolver curto para o lado de cá. Entra, se a peteca tiver baixa, joga cruzado, se tiver alto ataca. Entendeu? Prestaram atenção? Vamos trabalhar finalização. |
| Alunos: Sim. |
| Professor: O nome disso aqui se chama contra fase. O que isso significa? É quando saiu do fundo, e vou para frente. Tem duas situações, no fundo quando eu ataco e finalizo a peteca, aí o meu colega fica na frente, tem que avisar para o colega para ele ficar na frente. Mas tem outra situação, quando você joga o clear alto lá no fundo, vem para rede e para encontrar com o colega, isso aí vocês já sabem, né? Clear alto, entrou, faz a batida e entra para finalizar. |
| Alunos: Lembramos sim, professor. Ok. Vamos fazer. |

Fonte: Transcrição do material da coleta de dados, 2023.

O professor Ygor Coelho ao mudar a atividade programada é perceber a importância da flexibilidade docente, pois adaptar as estratégias de ensino ao enxergar as necessidades que o grupo está apresentando é promover um ensino respeitando os imprevistos e valorizar a diversidade. Com isso, nas aulas são construídas uma visão de educação baseada no reconhecimento das individualidades e urgências educativas.

Para essa turma o professor Ygor Coelho direciona as atividades com os nomes específicos dos fundamentos do Badminton: clear, curta (net) e drop. Além

disso, solicita que eles trabalhem o movimento da peteca, de forma cruzada ou na paralela. Esses termos são adquiridos com o tempo na modalidade, pois a posição para receber a peteca deve ser associada ao tempo-espaço. Desta maneira, o aluno de forma estratégica e criativa sabe onde colocar a peteca na quadra; pois se jogar a peteca no fundo de quadra, a pessoa pode devolver no fundo na paralela ou na frente da rede cruzando, logo precisa criar estratégias para chegar rápido na peteca e não deixar a peteca cair ao solo, como na figura 33.

Figura 33: Prática educativa dos fundamentos clear e defesa.



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

Neste dia de observação anotei no diário de campo a atitude do aluno Jojo, irmã da Bené. O Jojo costuma ficar nas mesas do refeitório esperando a sua irmã terminar as aulas. Mas, nesse dia ele ficou dentro da quadra e ia pegando as petecas que caíam ao chão durante a atividade (Figura 34). Neste momento, chegou perto do professor Ygor Coelho e disse: “Professor, posso fazer sorvetinho?” O professor respondeu: “Pode sim, obrigado. Coloca aqui”.

Nota-se a autonomia e proatividade do aluno em ajudar o professor. Com esses processos deduzimos que o aluno Jojo assimilou pelo processo imaginativo e criativo, que é necessário ser colocado as petecas no pote para continuar a atividade, pois nas aulas que ele frequenta o professor Ygor Coelho explica a necessidade de pegar as petecas que estão no chão para a aula continuar. A atitude do aluno Jojo pode ser justificada pelos processos interpessoal ou intrapessoal que interferem no seu desenvolvimento (Vygotsky, 1998; 2008).

Figura 34: Aluno Jojo ajudando o professor na alimentação de peteca.



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

Na observação do dia 11 de março no ginásio CEL Ninimberg Guerra às 8:00 horas da manhã, ocorreu um evento com o apoio do CREF, com o objetivo de o professor Ygor Coelho ensinar os professores e estudantes de Educação Física sobre o Badminton. Registramos a presença de 124 pessoas e 6 alunos da turma intermediária/avançada. Pontuamos no diário de campo que o professor Ygor Coelho explicou de forma teórica a história, as regras e os fundamentos da modalidade, depois foi para prática vivenciar os seus fundamentos.

O professor Ygor Coelho comentou com os presentes que no Rio de Janeiro, o professor de um clube famoso de badminton, durante o aquecimento direciona os alunos para executarem batidas altas, médias e baixas com música de samba. E realizou uma associação com a cultura amazonense, colocando uma música de boi para os professores trabalharem as batidas altas, médias e baixas todos juntos (Figura 35). Os presentes gostaram por se sentirem representados pela música local e a dinâmica das batidas de forma coletiva facilitou a aprendizagem e assimilação do conhecimento.

Com isso, o processo imaginativo e criativo aproximou as pessoas da modalidade, pois o ritmo e os movimentos da música estavam sintonizados com o desconhecido, no caso os fundamentos do Badminton. Para a THC essas relações compõem o desenvolvimento humano no plano biológico ao plano cultural. Portanto, o aspecto cultural se aperfeiçoa com o desenvolvimento natural de acordo com Vygotsky (2021), uma vez que a dança e o esporte enquanto processos educacionais

contribuem para as habilidades básicas do sujeito, suas potencialidades e relações com o mundo a partir das práticas educativas.

Figura 35: Vivência de estudantes e professores de Educação Física com o Badminton.



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

Na observação do dia 25 de março no CEL Ninimberg Guerra às 8:00 horas da manhã o professor Ygor Coelho propôs um torneio recreativo com o objetivo de integrar a escola FCSA, no CEL Eldorado e CEL Ninimberg Guerra. Contabilizamos 34 alunos iniciantes (idade entre 6 e 16 anos) e 6 alunos que são da turma intermediária/avançada, além de reunir pais e responsáveis dos referidos alunos dos Projetos.

O professor Ygor Coelho orientou os alunos que participam das etapas estaduais e nacionais de Badminton (Figura 36) para arbitrar os jogos durante o Torneio. Os jogos seguiam a utilização de súmulas para contagem dos pontos, simulando os jogos oficiais. Destaca-se que os alunos da turma intermediária/avançada foram respeitosos, cuidados e atenciosos durante os jogos, explicavam quando os alunos tinham dúvida em qual lado da quadra realizar o serviço, quando a peteca ia para fora ou dentro da quadra e esperavam os alunos se cumprimentarem no início e no final da partida.

Figura 36: Alunos do Projeto da escola FCSA arbitrando no torneio recreativo.



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

Além disso, o professor Ygor Coelho solicitou o Zé (Figura 37), aluno do Projeto da escola FCSA e professor de Educação Física, para organizar os 48 jogos na mesa de arbitragem. Vale ressaltar que na proposta da BNCC (2017) consta na habilidade EF89EF01 que o aluno deve experimentar diferentes papéis de jogador, árbitro e técnico. O educando quando conhece essas tarefas desenvolve capacidades de liderança, analisa situações técnicas e táticas, aguça a atividade criadora e busca a justiça das situações de jogo ao cumprir e reproduzir as regras.

Aproveitando essa ocasião em uma conversa informal, perguntei ao aluno Zé o que ele estava achando do torneio, ele respondeu

Essa atitude do professor é sensacional, pois os menores, apesar de ficarem com vergonha ou nervosos, eles demonstram o que o professor passa para eles nas aulas. Estou gostando e conseguimos juntar muitos alunos. Posso resumir que hoje é um dia de muita alegria para o Badminton no Amazonas.

O torneio recreativo foi uma proposta enriquecedora para os alunos, pois em uma competição, mesmo que lúdica, pode-se desenvolver o interesse pelo esporte, aprimora as capacidades e habilidades físicas, sociais, psicológicas, além da contribuição para a formação humana na e para a vida com atitude solidária, criativa e com autenticidade, pois quando há princípios e procedimentos pedagógicos claros e específicos, a ação da prática educativa é sustentada para a promoção humana.

Figura 37: Organização dos jogos na mesa de arbitragem pelos alunos do Projeto FCSA.



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

Na entrevista semiestruturada indagamos o professor “Como ocorre as vivências dos alunos durante as aulas de Badminton?” O docente Ygor Coelho destaca a relação dos mais velhos com os mais novo, tanto de idade quanto na modalidade dizendo: “Os mais velhos passam experiência e vivência para os mais novos. A intenção é que cada geração venha melhor que a anterior, para isso a convivência e a interação mútua devem existir para que todos se respeitem e procurem se desenvolver um ajudando o outro”. Portanto, a ideia de colocar os alunos para arbitrar os jogos são estratégias de convivência e experiência. Para Vygotsky (2009) o processo imaginativo tem relações entre a imaginação, realidade e experiência voltadas aos processos emotivos a partir das experiências vividas.

Outros pontos a destacar além da alegria durante os jogos como citado por Zé, é a questão dos alunos ao final das partidas se cumprimentarem na rede: o respeito na hora de cada ponto realizado, e desde pequeno já pedirem desculpa quando a peteca pega no corpo do colega (Figura 38). No Badminton durante os jogos é praticado o fair play²⁸, onde as atitudes de honra, lealdade e respeito são ensinados e executados. Essas atitudes são visualizadas e estimuladas nas funções mentais superiores da valorização que estão relacionadas ao desenvolvimento do trabalho do professor Ygor Coelho no dia a dia com as crianças e jovens.

²⁸ Princípio de comportamento ético, onde ocorre a promoção de ambiente saudável e justo.

Figura 38: Jogo individual masculino no torneio recreativo.



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

Observamos que enquanto estava acontecendo os jogos nas quadras do ginásio na parte inferior, os alunos subiram para a arquibancada para brincar, realizando exercícios sem regras e com alunos de diferentes faixas etárias (Figura 39). Evidenciou na brincadeira, os sorrisos dos alunos, o movimento criativo em jogar peteca em forma de círculo e o processo imaginativo ao idealizar a presença de uma rede quando eles falavam uns para os outros “joga alto, para a peteca não cair e ele conseguir pegar”. Nessa observação identificamos o que a THC aborda sobre o desenvolvimento biológico e cultural quanto aos significados de imaginação, construção de identidade, o autoconhecimento e a aproximação com a aprendizagem.

Figura 39: Brincadeira na parte superior da arquibancada.



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

Ao organizar os dados, da entrevista e das videoaulas das práticas educativas desenvolvidas no Projeto, percebeu-se a coincidência do comportamento dos alunos durante a brincadeira no dia do torneio com a resposta da pergunta “Quais os recursos que você utiliza para desenvolver a percepção, os sentidos, os processos criativos e imaginativos sobretudo as relações sociais durante os jogos?” feita ao professor, pois o Ygor Coelho ressaltou:

procuro estimular através de uma gama de exercícios e busco conversar para saber as ideias dos alunos, se de repente eles tem ideias novas, por que não aderir na aula? Tem momentos que eles falam “professor pode fazer isso aqui? Pode fazer aquilo? Tentamos ver se dar certo, se deu continua, se não peço para mudar, pois assim, ele terá o plano A, plano B ou plano C taticamente durante o jogo.

O pensamento do professor vai ao encontro das ideias de Vygotsky (2018) em relação aos estímulos, pois em cada etapa da vida tem seus próprios contextos e características dentro do badminton pode ser compreendido como as turmas dos iniciantes, intermediários e avançados. Logo, as práticas educativas são conforme o nível de desenvolvimento da turma, como notou-se que na turma do centro esportivo Eldorado o professor Ygor Coelho inicia as aulas lembrando o modo como se pega na raquete, pois existem duas maneiras de segurar: a pegada alta e a pegada baixa. No quadro 15, além de explicar sobre a raquete, destaca a posição que os dedos e a postura devem estar em relação a quadra. Essas associações são informações importantes para quem estar iniciando na modalidade, pois o aluno internaliza desde as primeiras experiências os movimentos corretos.

Quadro 15: Prática educativa de pegada alta e baixa.

| | | |
|--|---------------------|---------------|
| Dia da observação: 01/abr. | Local: CEL Eldorado | Horário: 8:00 |
| Objetivo da aula: Praticar educativos de serviço. | | |
| Quantidade de alunos presentes: 5 alunos. Turma de iniciante: 7 a 11 anos. | | |
| Materiais utilizados: raquetes, petecas, potes, macarrão e rede. | | |
| Professor: Vocês vão pegar aqui em cima, estão vendo o cabo aqui? Da metade para cima, chama-se pegada alta, da metade para baixo, pegada baixa. | | |
| Professor: Qual nome da metade para cima? | | |
| Alunos: Pegada alta. | | |
| Professor: E daqui para baixo? | | |
| Alunos: Pegada baixa. | | |
| Professor: Perfeito! (Bateu na mão de um aluno) Top! Bora Brincar? Mas pera aí, rapidinho, segura aí, uma...duas... três petecas e eu vou ficar também com três petecas. Vamos fazer jogo de saque.... serviço. Oh dedão, vira a raquete para o umbigo, dedinho para frente e bate na peteca, tem que sacar nesse quadrado. | | |
| Danilo: Fez o movimento. | | |
| Professor: Mais forte, assim (bateu com a raquete na peteca). | | |
| Danilo: Assim? | | |
| Professor: Isso! Quando vocês forem sacar para lá, pega a raquete assim (fez um pêndulo com a raquete), está vendo como a raquete não sobe? Só abrir a mão, está bem? Façam aí, quero ver. | | |
| Professor: Top! Faz com a outra. Só um detalhe, tem que acertar nesse quadrado. Vamos agora para o outro lado, agora será do lado esquerdo para o lado esquerdo. Vocês sabem o que é esquerdo ou direito? | | |

Daniilo: Mais ou menos.
Professor: Qual o lado que você escreve?
Arthur: Com essa mão.
Professor: Essa mão que você escreve?
Arthur: Sim.
Professor: Então, essa mão aqui é direita. Tem gente que escreve com a mão esquerda.
Arthur: Então, eu sou destro?
Professor: Isso mesmo! Você é destro. Então, essa mão que você escreve, pega a raquete é a mão direita. Se você ficar no meio dessa linha, desse lado é o direito e do outro o lado esquerdo. Se você começa sacando, você vai ficar no lado direito. Você já deu os números?
Arthur: Han?
Professor: Você já estudou os números? Me diz aí, o 5 é par ou ímpar?
Arthur: Par.
Professor: O 5? O número 5 é ímpar. E o 6?
Arthur: Par.
Professor: Isso! Então, presta atenção, isso aqui já é uma regrinha do Badminton, no serviço do Badminton o lado direito é para os números pares e o esquerdo é para os números ímpares. O zero como fica no meio dos dois, ele é neutro. Mas, para começar o jogo o 0 eu vou começar no lado direito. Fiz um ponto, eu venho para a esquerda, saca da esquerda para esquerda. Dois pontos, da direita para direita e assim sucessivamente. Então, toda vez que for par, começando pelo 0, 2, 4,6,8,10,12,14,16,18,20 saca desse lado. Se for número ímpar, 1,3 diz os outros?

Fonte: Transcrição do material da coleta de dados, 2023.

Observa-se que o professor Ygor Coelho tenta associar as situações da vida diária com o badminton para que a assimilação do conhecimento evolua. No quadro 15, o professor relacionou três aspectos: o estudo dos números, uma regra do badminton e o fundamento do serviço/saque. Quando o aluno associa o que conhece fica mais fácil se apropriar do novo. Além disso, observa-se o envolvimento do professor na atividade ao demonstrar o movimento, ao tocar na mão do aluno e dialogar sobre o conjunto numérico. Esses são exemplos de feedback para identificar o que o aluno sabe, o que ainda precisa ser compreendido, bem como construir relações com os educados.

Assim sendo, o professor utilizou uma estratégia didática para alcançar os alunos. Para Antônio (2008), a aprendizagem quando se utiliza instrumentos simbólicos ou concretos afeta o processo de desenvolvimento da criança. Outro exemplo está presente no quadro 16, com as palavras direcionadas aos sentidos e significados voltados a brinquedos da faixa etária dos alunos como espada, muleta e vassoura. Além da imaginação de um dos alunos em comparar a expressão chutar a peteca com um jogo tecnológico que ele brinca no celular.

Quadro 16: Prática educativa do fundamento serviço ou saque.

Professor: Segurem agora o macarrão e a raquete, cada um com o seu. Vocês vão bater a raquete no macarrão, do lado direito o movimento chama-se forehand e do lado esquerdo backhand.
Professor para o Daniilo: Coloca a raquete na posição do meio do corpo. Vou colocar o macarrão de cada lado e você vai me acompanhar com a raquete. Preparado?
Daniilo: Sim!
Professor: No meio, voltou, em cima. Isso! Agora vou falar se é forehand em cima ou no meio e backhand em cima ou no meio.

Alunos: Ok.

Professor: No meio, isso! Voltou. Em cima, voltou! Isso, voltou. Olha a base, não esquece da espada. Vai, isso! Vai. Quantas batidas você fez aqui?

Alunos ficaram olhando.

Professor: Vamos contar?

Professor e alunos: 1, 2, 3, 4. Isso, 4. Duas no meio e duas em cima.

Professor: Agora vamos fazer com as petecas no lugar do macarrão.

Professor: Danilo e Arthur prestem atenção, não apoia a raquete no chão, isso aqui não é muleta nem vassoura.

Danilo: Está calor, pode colocar o ventilador?

Professor: Ventilador com peteca não combina.

Professor para o Danilo: Isso, lembra da espada. Vai, em cima. Isso, volta. De novo, em cima. Vai. Isso, levanta a raquete, a peteca para mim. Boa, isso. De novo. Para mim, não é para o lado. Agora faz dois saques. Mais na frente, sem pisar na linha. Pera aí, qual é o pezinho que fica na frente?

Danilo: Esse.

Professor: Isso.

Professor: Vamos lá, raquete em cima. Boa. Isso. Muito bem Artur, chuta, chuta, chuta.

Arthur: É igual aquele jogo tecnológico que você chuta.

Professor: Sorriu. Depois me ensina qual é esse jogo, eu não conheço.

Arthur: Está bem, lhe mostro depois.

Fonte: Transcrição do material da coleta de dados, 2023.

O professor Ygor Coelho quando pergunta ao Danilo qual pé fica na frente durante o saque, está avaliando o conhecimento, estimulando o interesse pela aula, além de ativar a concentração. Logo, o ato de indagar no processo de ensino-aprendizagem é fundamental para as estratégias didáticas-pedagógicas tanto para quem ensina quanto para quem aprende. Nesse sentido, o diálogo na prática educativa é um recurso que aproxima o professor do aluno.

Ygor, a cada aula, traz uma informação nova para os alunos da turma iniciante. No quadro 17, ele iniciou a aula perguntando aos alunos por que as pessoas fazem aquecimento. No decorrer da explicação citou que o coração está baixando e conforme o sujeito vai se movimentando ele faz "RUM". Além disso, durante o alongamento, solicita para os alunos imitarem um soldado. Essas expressões estão presentes nas brincadeiras da faixa etária da turma (Arthur, 7 anos, Samuel, 8 anos, e Danilo, 9 anos). Segundo as ideias de Vygotsky (2018), o desenvolvimento ocorre no decorrer da vida, portanto a linguagem facilita a comunicação e alcança as funções biológicas e culturais durante as práticas educativas.

Quadro 17: Diálogo sobre o conceito de aquecimento.

| | | |
|---|---------------------|---------------|
| Dia da observação: 15/abr. | Local: CEL ELDORADO | Horário: 8:00 |
| Objetivo da aula: Realizar educativos de <i>forehand</i> , <i>backhand</i> e ensinar a pegada em V. | | |
| Quantidade de alunos presentes: 3 alunos. Turma iniciantes: 7 a 11 anos. | | |
| Materiais utilizados: raquetes, petecas, potes, rede, balão e chapéus. | | |
| Professor: Vocês sabem por que fazemos aquecimento? | | |
| Danilo: Para preparar o corpo. | | |
| Professor: Que mais? | | |
| Danilo: Para rasgar os músculos. | | |
| Professor: Por aí. Que mais? Quando faço aquecimento eu preparo o meu corpo para receber uma atividade, porque eu estou parado, o meu coração está baixinho, se eu começar a correr eu faço RUM, né. | | |
| Arthur: O senhor pode rasgar. | | |
| Professor: Isso, aí o que acontece primeiro eu preparo o corpo, o coração, o pulmão, o músculo, eu aqueço bem, as articulações para justamente ele ficar aquecido, estendido e alongado para não dar problema na musculatura. Entendeu? | | |
| Alunos: Sim. | | |
| Professor: Então vamos lá. Vem andando aqui. Afasta só um pouquinho, um do outro, isso. Giram o braço assim, ficam na ponta do pé. Girando, girando. Muito bom. Agora vocês vão fazer o seguinte andando levanta um joelho e depois o outro joelho. A mão é igual de soldado. Vai, ao contrário agora, bem alto. | | |

Fonte: Transcrição do material da coleta de dados, 2023.

Orientar os alunos nas aulas favorece o desenvolvimento global do sujeito de maneira intencional, pois quando o professor Ygor Coelho ao direcionar a maneira de andar, girar o braço e ficar nas pontas dos pés, está estimulando a consciência corporal, a contagem de passos, a concentração e tomada de decisão como apropriação de diversas potencialidades, nas práticas educativas do Badminton de forma motivadora para alcançar o objetivo da aula e contribuir para o desenvolvimento do discente.

Na prática educativa sobre as técnicas *forehand* e *backhand* (Quadro 18) o professor Ygor Coelho disse para o aluno Samuel que a sua mão agora era a raquete e como o aluno estava apresentando dificuldades, o professor segurou na sua mão direcionando a raquete em sentido a peteca. O aluno apropriou-se do movimento e passou acertar as petecas que estavam sendo direcionadas a ele. Justifica-se esse processo de aprendizagem pelo desenvolvimento iminente que ocorreu através da intervenção do professor junto ao aluno (Vygotsky, 2021). Quando a intervenção docente ocorre são criados ambientes de aprendizagens, o aluno fica mais confiante e favorece o sujeito a ser protagonista a partir de novas posturas.

O professor Ygor Coelho explicou que as duas técnicas precisam da posição dos dedos, o indicador e o polegar. No *forehand* o dedo indicador faz o apoio na raquete e no *backhand* o polegar realiza o apoio. O cuidado em apresentar por etapas interfere no processo imaginativo e criativo para os alunos, pois ao ensinar sobre a

pegada em V é necessário dominar os movimentos de *forehand* e *backhand*. O diálogo na aula é fundamental para as construções conceituais, atitudinais e procedimentais, pois nem todos os alunos serão futuros atletas, mas podem tornar-se alunos disciplinados e bons ouvintes. Desta maneira, quando o professor dialoga são criados meios de comunicação, cria possibilidades para o retorno das informações como forma de feedback entre o docente e aluno.

Quadro 18: Prática educativa das técnicas de *forehand* e *backhand*.

Professor para o Samuel: Se a peteca vim em cima de você, afasta e coloca a raquete. Entendeu? Na frente e a sua mão não é mais essa aqui (tocou na mão do aluno), agora sua mão é essa (pegou na raquete). Recua e coloca aqui pra baixo. Está bem? Recua. Olha, veio para cima, vai para trás. Bora, eu vou te ajudar (pegou o braço dele e foi direcionado a raquete) viu? Agora sozinho, isso. Continue.

Professor: Vocês irão dominar duas técnicas, *forehand* e *backhand*. No *forehand* o dedo indicador faz o apoio. No *backhand* o dedo polegar que faz o apoio. Agora, vamos prestar atenção, como vai ser o dedo aqui, olhem para minha mão, segura a raquete parado, só olha para vocês fazerem depois.

Professor: Pegada em V, eu vou fazer assim. Uma mudança de *forehand* para *backhand*, *forehand* e *backhand*, vamos juntos comigo, assim ó. Primeiro vamos fazer com a mão, tira a raquete e coloca onde está o balão.

Professor: Coloquem a mão de vocês como está a minha, mão para frente. Olha para mim agora, assim *forehand* vira a mão *backhand*, vira a mão *forehand*, vira mão *backhand*. Estica a mão na frente. Isso *forehand* vira a mão. O que quero dizer com isso, olha como o indicador está, virou olhem para a minha mão, o segredo está quando eu vira, fiz *forehand* e *backhand*, então mudou?

Alunos: Mudou.

Professor: Vão fazer um de cada. Olhem como fica, vou colocar o balão, *forehand* e *backhand*, *forehand* e *backhand*. A única coisa que quero que mude, é esse dedinho. Faz, mas muda o dedinho, indicador, polegar. Certo?

Alunos: Ok.

Professor para o Arthur: Encolhe esse dedo, põe esse, volta esse e põe esse. Olha aqui, tem que ajustar esses dedos. Bora, você consegue.

Fonte: Transcrição do material da coleta de dados, 2023.

Nota-se nas transcrições das videoaulas o incentivo que o professor Ygor Coelho passa aos alunos pela linguagem utilizada. Portanto, observa-se um trabalho docente com comprometimento pelo processo de ensino e aprendizagem através das ações socioafetivas e de consciência nas atividades, caminhando junto com os alunos por ação partilhada. Logo, os discentes são estimulados de maneira ativa e contínua, a fim de aperfeiçoar os conhecimentos sobre a modalidade.

Em seguida, o professor pediu para os alunos se sentarem na arquibancada (Figura 40) para realizarem atividade sem a peteca, deu orientação de como deviam sentar e posicionar as mãos, em seguida indagou qual letra estava formando com a raquete, os alunos responderam que a letra V. Nesse momento, o professor enfatizou que o nome da pegada se chama pegada em V, completou o pensamento associando a letra V com visconde, para que os alunos não esquecessem. Finalizou a explicação destacando que ao mudar o dedo indicador e polegar, ocorre mudança da técnica

forehand para *backhand*, ou *backhand* para *forehand*, mas nos dois casos deve-se realizar a pegada em V (Quadro 19).

Quadro 19: Prática educativa da pegada em V.

Professor: Bora prestar atenção agora no professor. O professor vai colocar aqui para vocês fazerem os exercícios só pensando na raquete, o que vamos aprender aqui, depois vamos trabalhar com peteca. Só que ó, só vai acertar tudo ali, quem trabalhar legal aqui. Se você trabalhar legal aqui, vai acertar ali. Então vamos prestar atenção, todo mundo ali. Deixa a raquete atrás do corpo.

Professor: Façam assim com a mão de vocês, põe aqui, senta aqui, põe a mão assim. Que letra eu estou formando aqui?

Alunos: V.

Professor: Como é o nome dessa pegada?

Alunos: V.

Professor: V de visconde. Olha, faz assim, V de visconde. Estica a mão assim na frente, quando eu vou com o V de visconde para cá, é quando recolho o polegar e ponho o dedinho aqui, isso. Volta, quando vou para cá, recolho o indicador e coloco o polegar aqui.

Professor: Então, sempre tenho que passar pelo V. Ok?

Professor: Vamos lá, todo mundo em V. Indicador, V, polegar, V, indicador, V, em V a raquete fica em pé. Polegar. Parou rapidinho. Estátua. Se você bater uma peteca aqui, para onde ela vai, para frente ou para cima?

Arthur: Para cima.

Professor: Então, está certo ou está errado?

Alunos: Errado.

Professor: Vamos consertar. Se a raquete tiver aqui, ela vai para a frente. Entendeu? Então ela não pode estar assim, vamos prestar atenção, vamos lá de novo. V, polegar, V, indicar, estátua.

Professor: Agora vamos lá, imagina uma situação agora, eu passei uma linha bem aqui, passei outra linha aqui no meio, outra no meio e passei outra linha aqui no meio. Aqui tem dois quadrados, um aqui e outro aqui. Tu tens dois quadrados, um quadrado aqui e outro aqui, tu tens dois quadrados, um quadrado aqui e outro aqui. Vocês fizeram só um lado do indicador, polegar, indicador, polegar, agora vamos fazer em cima, indicador, polegar, indicador, polegar, está bem?

Professor: Atenção, vai. Fica estátua, Arthur! Olha para onde a tua raquete está virada, a tua peteca tem que ir por aqui, para frente. Então, bota o dedinho para trás, isso, agora sim ela foi para frente. Vai, V, vai, volta, V, vai, V, vai, V, vai, perfeito, essa minha turma é ótima!

Fonte: Transcrição do material da coleta de dados, 2023.

Diante desses fatos, observa-se três pontos nessa explicação: o professor Ygor Coelho propõe os alunos para realizarem os educativos primeiro sem peteca para imaginar a trajetória do movimento – para frente ou para cima (Figura 41); o professor utiliza expressões para os alunos associarem com os fundamentos ou regras do Badminton; durante o quadro 18 o docente diz passar uma linha imaginária e formou dois quadrados para cada aluno. Logo, as funções mentais superiores da memorização estão sendo trabalhadas nas variadas propostas educativas com a imaginação, a atividade criadora e autonomia (Vygotsky, 2009; 2021). As práticas educativas do Badminton estão relacionadas a aprendizagem esportiva pelo desenvolvimento da cognição pelas brincadeiras e situações de jogo.

Figura 40: Prática educativa de pegada em V na arquibancada do ginásio.



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

A última atividade do dia foi a prática educativa do chão quente (Quadro 20). O professor comparou o movimento de ficar se mexendo em frente aos cones como se o chão estivesse pegando fogo. Um dos alunos imaginou uma bicicletinha, e o professor Ygor Coelho completou que seria melhor uma moto, pois ela é mais veloz. Como também, comparou o ato de cair no chão ser sinônimo de que a raquete está com o movimento errado. Desta maneira, quando os alunos estavam com a raquete baixa, ele pedia para parar e consertar a posição da raquete. Nessa prática educativa, a inteligência abstrata neste momento foi compreendida pelos significados das palavras que foram geradas no meio e determinadas pelos processos de desenvolvimento (Vygotsky, 1998).

Quadro 20: Prática educativa da brincadeira do chão quente.

Professor: Vamos mudar de atividade agora, vamos fazer a brincadeira do chão quente, fica de frente para cá, os três. Danilo, não é para puxar a liga da raquete, olhem para mim. Vai mais para trás, olha espaço. Olha o que vocês vão fazer, chão quente aqui, 1, está vendo? Quando disser 1, vocês vão para o lado daqui, 2 para esse lado. Tem que ficar no chão quente, 1, chão quente, 2, chão quente, 3, chão quente, fazer e voltar rapidinho para o meio. Tudo bem? Beleza?

Arthur: Parece uma bicicletinha.

Professor: A bicicletinha para logo. Mas, a moto voa. Prepara, base. Não, não pode pisar no cone. Fica no meio. Prepara, no meio dos dois cones. O pé não é assim não, abre mais a perna, na largura do ombro, raquete na frente. Raquete na frente, senta na moto, já, chão pegando fogo, 1.

Danilo para o Samuel: O pé é aqui na frente.

Professor: O pé é aqui na frente, bem aqui na frente. Prepara, chão pegando fogo, sentou na moto. 1, volta, chão pegando fogo. Vai, continua pulando, parou, estatua os três. Caiu, porque a moto foi para o chão, porque a moto morreu. Olha onde está a raquete (para baixo), a raquete tem que estar aqui em cima. Vamos lá. Prepara, raquete na frente do rosto, chão pegando fogo, 1, volta, 2, chão pegando fogo, 3, chão pegando fogo.

Professor: Em pé rápido, dentro do cone, no meio dos cones, esse trabalho aqui é para vocês jogarem, se não fizer esse trabalho não faz legal. Entendeu? O último agora. Na frente do rosto, 1, chão pegando fogo 2, chão pegando fogo 2, chão pegando fogo 2, chão pegando fogo 2, chão pegando fogo 1, chão pegando fogo 1.

Samuel: Uffa, cansei.

Fonte: Transcrição do material da coleta de dados, 2023.

Diante dessa prática educativa, percebemos que Danilo corrigiu o Samuel, o feedback também pode ocorrer entre os alunos por ações de ajude e fortalecimento que está sendo repassado pelo professor. Essas relações são estimuladoras, motivadoras, pois o educando aumenta a sua percepção, atenção e interpreta os direcionamentos, além da maturidade de consciência corporal durante a brincadeira proposta. Logo, as funções mentais superiores da memorização estão sendo desenvolvidos pela ação professor-aluno-conhecimento.

No quadro 21, percebemos o cuidado do professor Ygor Coelho transmitir o conhecimento sobre o badminton. Como o voleibol é mais divulgado nas escolas, nas redes de telecom²⁹ e mídia social³⁰ ele fez uma comparação entre os dois esportes: os fundamentos, os objetivos, a rede e a história das modalidades. Vale ressaltar que o professor também trabalhou com Voleibol em Manaus durante anos na sua carreira docente, desta maneira pelas experiências com a modalidade, se sentiu confortável em comparar os esportes.

Salientou que para alguns historiadores o voleibol surgiu do badminton, pois o primeiro nome do esporte era mintonett, e indagou aos alunos se esse nome não era parecido com badminton, ao que os estudantes imediatamente responderam que sim. Trabalhar associações nas aulas de badminton facilita o processo de ensino-aprendizagem, pois o docente direciona o objetivo que quer chegar pela atividade criadora, onde os processos psíquicos são apoiados no desenvolvimento humano (Vygotsky, 2009).

Quadro 21: Diálogo sobre a história do Badminton.

| | | |
|---|---------------------|---------------|
| Dia da observação: 22/abr. | Local: CEL ELDORADO | Horário: 8:00 |
| Objetivo da aula: Efetuar educativos de empunhadura em V e de dedão. | | |
| Quantidade de alunos presentes: 3 alunos. Turma de iniciante: 7 a 11 anos. | | |
| Materiais utilizados: postes de peteca, raquetes, balão, macarrão e cones. | | |
| Professor: Vocês conhecem a história do badminton? | | |
| Alunos: Silenciaram. | | |
| Professor: Alguns historiadores acreditam que o voleibol surgiu do badminton, tanto que o primeiro nome do Voleibol era mintonett. Minton parece com alguma coisa, tipo badminton? | | |
| Alunos: Sim. | | |
| Professor: Então, alguns historiadores dizem que o voleibol surgiu do badminton. Porque olha lá (apontou para quadra), vamos ver assim, o voleibol tem o saque? | | |
| Alunos: Sim. | | |
| Professor: O badminton tem saque. No badminton tem ataque, no voleibol tem ataque? | | |
| Alunos: Sim. | | |
| Professor: No badminton tem defesa, no voleibol tem defesa? | | |
| Alunos: Sim. | | |

²⁹ Recentemente esse termo é usado ao sistema de trocas de informações por meio de meios eletrônicos (telefone, fibra ótica, satélites, transmissão de rádio e televisão, internet e telégrafos).

³⁰ As redes sociais são uma subcategoria da Telecom, que tem como objetivo transmitir notícias para grupos de pessoas, como o Facebook, Instagram, Twitter, TikTok.

Professor: No badminton tem deslocamento para um lado e para o outro, batidinha curtinha ou pingada, no voleibol tem deslocamento e pingo?

Alunos: Sim.

Professor: Então, eles são muito parecidos. Só que o badminton nós jogamos um contra um ou dois contra dois. No voleibol são seis contra seis. Entendeu? Então tem uma semelhança muito grande, por isso eu considero que o voleibol talvez tenha vindo do badminton, porque o voleibol é muito novo, o voleibol foi criado em 1895 por um professor chamado Wilian George Morgan. Ele fez um jogo que não tivesse que tocar um no outro, então ele tirou de algum jogo né? Para a bola ir de um ponto para o outro. Outra coisa, tem uma rede no meio no voleibol?

Alunos: Balançaram a cabeça.

Professor: Olha o badminton. Passa um para o outro, onde a bola não pode tocar no chão, a mesma coisa é a peteca, ela não pode tocar no chão, senão é ponto. Entendeu?

Alunos: Sim.

Professor: Estão vendo? Eles são muito parecidos. A vantagem aqui é que é um voleibol individual, no caso o badminton é individual.

Fonte: Transcrição do material da coleta de dados, 2023.

Estudar a história do esporte é fundamental para compreender a sua manifestação cultural e romper com a ideia que Educação Física é mera reprodução de movimento ou relacionada apenas a área da saúde. Partindo da perspectiva das ciências humanas a origem e desdobramento dos conteúdos tem funções e responsabilidades para a sociedade, pois no decorrer dos anos são aperfeiçoadas novas aprendizagens com a ajuda da tecnologia e comunicação, para que o educando crie ou recrie a partir da realidade vivida os valores do jogo, as especificidades de como atuar e alcançar os seus objetivos. Logo, a teoria e a prática não são dissociadas, elas andam juntas no processo de ensino e aprendizagem.

Na atividade de *forehand* e *backhand* com balão (Quadro 22) o professor Ygor Coelho falou mais de uma vez esses nomes e no meio do exercício ele disse “já estão aprendendo inglês”. O aluno Danilo na mesma hora se expressou: “*I love badminton*” e o professor complementou: “*I love only much badminton*”. A imaginação e a atividade criadora em associar a língua inglesa durante as práticas educativas do badminton são explicadas pelas funções mentais superiores, pois esses resultados são relações entre o organismo e o mundo pelos processos intrapessoais e interpessoais. Diante disso, a memorização e o raciocínio fazem parte das práticas educativas no ato de aprender o badminton.

Quadro 22: Prática educativa da pegada em V.

Danilo: I love badminton.

Professor: I love only much badminton. Isso, *forehand* e *backhand*. Eu vou pedir agora só *forehand*, *forehand*, *forehand*, *forehand*. Bora Danilo, ela está fazendo, *forehand*, *forehand*. Agora só de *backhand*. Back. Back. Vou falar os dois agora, *forehand*, *backhand*, *forehand*, *backhand*, baixinho para ser mais rápido. *Forehand* e *backhand*. Agora venham para cá e pegam uma raquete.

Professor: Vamos continuar no V e quando eu continuo no V, presta bem atenção a raquete em pé, olha aqui o V aqui pra baixo, aí tenho que saber fazer o *forehand* e o *backhand*, *forehand* e *backhand*. Só um detalhe, baixa a raquete, olha só para minha mão, aqui está de um jeito não está?

Alunos: Está.

Professor: Olha como está o meu polegar aqui. O meu polegar não pode ficar, quando eu fizer isso aqui, o polegar não pode ficar aqui. O polegar tem que estar aqui, segurando a raquete. Se eu tiver com o polegar aqui, a raquete sai da minha mão. Então ele tem que estar prendendo aqui e o dedinho aqui.

Camila: Aí embaixo né?

Professor: Isso. Do outro lado, do backhand o dedão vem ele está segurando então o que vocês vão fazer agora, vamos fazer uma troca, forehand e backhand, forehand e backhand.

Fonte: Transcrição do material da coleta de dados, 2023.

O badminton utiliza a língua inglesa nos seus fundamentos e técnicas: *clear*, *drop*, *net*, *forehand* e *backhand*, essa interdisciplinariedade nas aulas são facilitadores de aprendizagem para além da quadra de badminton, os alunos podem citar as aulas de Educação Física como exemplo nas aulas de Língua Inglesa de forma coerente, transformadora e interativa. Nos documentos formativos BNCC (2018) e o RCA (2021) essas propostas são apresentadas como possibilidades interdisciplinares para a aprendizagem e desenvolvimento humano. A seguir, serão relatadas as mediações pedagógicas das aprendizagens nas aulas de badminton, no período de coleta de dados – de fevereiro a abril de 2023.

4.5 Mediação pedagógica e o processo de significação da tríade professor-aluno-conhecimento

Nessa seção estão descritos os episódios que tratam dos conceitos mediação pedagógica, os signos e significados atribuídos e construídos nas aulas de badminton na escola FSCA, no CEL Eldorado e CEL Ninimberg Guerra. Logo, a relação do conhecimento professor-aluno, aluno-aluno estão apresentadas em quadros juntamente com a entrevista realizada com o professor Ygor Coelho e as observações no diário de campo.

Anotamos no diário de campo as posturas do professor com os alunos, a maneira participativa e envolvente nas turmas da iniciação e da turma intermediária/avançada. Durante as aulas o docente alimenta as petecas nas práticas educativas que apresenta, corrige os erros e elogia os acertos; costuma ficar perto das quadras quando simula jogos e brincadeiras; orienta formar semicírculos na hora da explicação das atividades (Figura 41); faz comentários em voz forte quando fica sentado na arquibancada dos ginásios e trata todos os alunos de maneira parecida, com diálogo e demonstração dos movimentos da modalidade.

Na entrevista semiestruturada na pergunta “De que maneira os alunos se expressam nas aulas de badminton, como você chegou a esta conclusão?” O professor Ygor Coelho cita,

trato todo mundo igual, chamo atenção do mesmo jeito, da mesma forma para que haja uma evolução e uma melhora do coletivo. Grande parte eu vou dizer em torno de 70 % sai depois da aula de forma feliz e isso me deixa alegre, porque sinto que a pessoa sai com prazer de missão cumprida. O corpo sai relaxado apesar de ter feito exercícios pesados, o corpo fica cansado, mas é um cansaço com prazer.

Diante disso, o processo de mediação do conhecimento com os alunos ocorre com respeito as particularidades de cada sujeito ao usar os instrumentos e os signos nas aulas de badminton com as suas regras, fundamentos técnicos e táticos, pois o meio proporciona ações e estímulos para a formação do sujeito, Vygotsky (1998; 2021). Portanto, nota-se as ações práticas pela mediação social e pela ação prática nos signos construídos nas intervenções pedagógicas.

Figura 41: Semicírculo com professor e alunos.



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

Logo, a interação professor-aluno ocorre de forma individual ou coletiva nas quadras de badminton; no refeitório e na arquibancada dos ginásios quando o professor Ygor Coelho explica e verifica a aprendizagem dos alunos de forma verbal e em movimento; por ligações como aconteceu no período de viagem da aluna Bené como exposto na seção 4.2; ou na sala dos professores da escola FCSA quando os alunos voltam de competições ou quando há necessidade de um atendimento individual (Figura 42).

Para a THC as ações coletivas são importantes, pois a ação com e pelo Outro ocorrem nas interações sociais, mas a questão individual também deve ser destacada. Pino (2005) apresenta que o organismo humano a nível neurológico está associado aos sinais físicos, químicos e motores através da recepção e emissão dos sinais,

essas estruturas geram significação. Com isso, não se pode separar os tipos de sinais com o processo de aprendizagem individual.

Figura 42: Conversa individual pós-competição da Etapa Nacional de Badminton.



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

No quadro 23 percebe-se a comunicação constante entre o professor e os alunos. As significações que são geradas pela contagem durante as práticas educativas e as falas direcionadas a cada aluno “Bora, 1, 2, 3, 4, 5, levanta essa raquete”, “postura”, “mais rápido”, “troca, troca” interferem no desenvolvimento individual e coletivo, pois os educandos ficam atentos aos comandos e orientações. As funções de comunicação e representação são a base para formar as funções cognitivas. Vygotsky (2021) expõe que esses são processos de memorização dos meios culturais de comportamento, a presença de diálogo e escuta nas aulas são fundamentais para a formação humana.

Quadro 23: Prática educativa de finalização na frente de rede.

| | | |
|---|--------------------|----------------|
| Dia da observação: 07/marc. | Local: Escola FCSA | Horário: 18:00 |
| Objetivo da aula: Efetuar exercícios de clear e defesa. | | |
| Quantidade de alunos presentes: 10 alunos. Turma intermediária/avançada: 7 a 21 anos. | | |
| Materiais utilizados: postes, raquetes, redes, petecas de nylon. | | |
| Professor: Vamos fazer uma matada de peteca assim (fez o movimento). Olhem o meu braço, colocar a peteca para o chão, sem encostar na rede, se não é o que? | | |
| Bené: Falta! | | |
| Professor: Correto, é uma falta. Façam sem a peteca, só com a raquete. Isso! Vai fazer assim, 1,2,3,4,5 vai saindo e entra outro. | | |
| Professor para Mika: Em cima da rede, vai. De novo, 10 vezes para gravar o movimento, vou já colocar a peteca. Vou colocar a peteca agora. Bora. Vai. Bora, 1, 2, 3, 4, 5, levanta essa raquete. | | |
| Professor: Vem agora você, Cacheado, isso. Mais rápido! Vai trocou, vem Duda, isso! Troca, troca, vem Bené. Peguem as petecas e coloquem no pote. | | |
| Professor: Agora vocês vão fazer da direita para a esquerda, começa com a Bené. Bora. Duda agora. Bora Cacheado. Vem Mika. | | |
| Professor para o Ric: Falei ainda pouco, é para jogar para onde? | | |
| Ric: Para esse lado (apontou). | | |
| Professor: Isso. Vai de novo. | | |

Professor pra Mika: Vai. Espera, joga para cá (apontou para frente). Presta atenção, joga para mim, vou te devolver e você vai ver a altura da peteca, vai entrar na rede e jogar assim (fez o movimento em frente a rede com a peteca) para cá, desse lado.

Fonte: Transcrição do material da coleta de dados, 2023.

Nas transcrições das videoaulas é perceptível que o professor deixa claro o objetivo do trabalho. A comunicação é fundamental para compreender a finalidade da aprendizagem, desta maneira os educandos sabem o propósito, entendem a linguagem e a forma como devem interagir no grupo. Pode-se dizer que essas relações, são estruturadas pelo ato de ensinar do professor ao transmitir o conhecimento pelo saber-fazer e aprender-fazer.

O professor Ygor Coelho mediou o conhecimento no período da coleta de dados não apenas nas aulas de badminton na escola FCSA, no CEL Eldorado e CEL Ninimberg Guerra. Foram vivenciadas quatro eventualidades sociais e históricas para o badminton em Manaus: Formação ministrada pelo docente para professores e estudantes de Educação Física; o torneio recreativo; o diálogo com os alunos do Projeto Voleibol na escola FCSA e a conversa com os responsáveis do Centro Paralímpico da UFAM.

Essas relações sociais humanas formadas pela sociabilidade do professor Ygor Coelho com outros professores, estudantes e Instituição são reflexos da mediação semiótica a partir do badminton de acordo com Pino (2005). As relações entre a formação continuada e o Projeto esportivo são políticas de ampliação para a educação básica, pois as propostas de cursos, torneios e aproximação com os projetos de extensão da Universidade são meios de contribuições para o funcionamento e interação com a sociedade.

No dia 11 de março de 2023 na Formação para professores e estudantes de Educação Física sobre o badminton no CEL Ninimberg Guerra, anotei no diário de campo a sequência didática passada pelo professor Ygor Coelho aos presentes, onde explicou as técnicas de forehand e backhand, os golpes mais simples (iniciou com movimentos de pegar e lançar a peteca, em seguida o fundamento saque), no decorrer do dia aumentou a dificuldade dos golpes, mas pediu ajuda de 6 alunos da turma intermediária/avançada que estavam presentes para demonstrar os fundamentos de ataque e recepção. Além disso, proporcionou jogos de duplas orientados pelos alunos do Projeto PPC da escola FCSA.

Vale ressaltar que a mãe de uma aluna do Projeto fez-se presente, ela é professora de Educação Física e estava ajudando o professor na Formação (Figura

43). A parceria entre família e escola são fundamentais para a educação, porque a presença dos pais ou responsáveis criam aproximações e fortalecimento entre os pares, para juntos superar os limites e aumentar as possibilidades de diálogo frente as dificuldades de aprendizagem e desenvolvimento humano, evidenciando o respeito de cada segmento.

Figura 43: Alunos do Projeto da escola FCSA e mãe de aluna na Formação sobre o Badminton.



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

Antes de terminar a formação, o professor Ygor Coelho direciona fala ao Presidente do CREF 8:

esse momento é ímpar na minha vida profissional, muito obrigado CREF 8 pela oportunidade e confiança de poder contribuir no ensino na modalidade que mais cresce no Amazonas e no Brasil. Gratidão também a FAMBd e a CBBd pela oportunidade do conhecimento, que hoje pude ajudar no crescimento da modalidade em nosso Estado.

Durante a entrevista semiestruturada, na pergunta “De que maneira os alunos se expressam nas aulas de badminton? Como você chegou a esta conclusão?”, o professor Ygor Coelho expôs sobre a busca de conhecimento:

procuro sempre fazer o melhor que eu posso, estudar, ir para as formações da modalidade. Eu passo para eles que quando estão dentro de quadra, estão sendo monitorados, estão sendo estudados, faço questão de mostrar a evolução de cada um e isso tudo é para o bem deles. Mas, tem alguns que não gostam do que falo, ficam chateados, faltam ou deixam de vir. Porém, tem outros que chamo atenção, peço para refletir, se avaliar e voltam melhores.

Para Vygotsky (2021; 1998), existem conjuntos das produções humanas: a questão material e a significação. As ações mentais do sujeito sobre os objetos através de ideias, linguagens ou expressões são características simbólicas da cultura,

seja pelo exemplo do professor Ygor Coelho em buscar formação nos cursos para repassar aos alunos, pelo cuidado que ele apresenta durante as práticas educativas e os diálogos gerados como forma de reflexão e avaliação durante as aulas.

Na observação do dia 25 de março no CEL Ninimberg Guerra, às 8:00 horas da manhã, ocorreu o Torneio Recreativo com os alunos da escola FCSA, no CEL Eldorado e CEL Ninimberg Guerra. O professor de forma didática separou os 34 alunos presentes conforme as respectivas subcategorias (do sub-8 ao sub- 17), por simular o formato de competição. A equipe de arbitragem separou os resultados dos três primeiros colocados de cada subcategoria, porém todos os alunos presentes ganharam medalha de participação (Figura 44).

Figura 44: Medalha de participação para todos os presentes.



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

A felicidade estampada no rosto dos alunos é reflexo do estado emocional e do sentimento de prazer nas funções mentais superiores pelo ato de competir ou pela ludicidade entre os pares. A saúde psicológica e o esporte como mencionada na subseção 4.3 são abordagens que favorecem o desenvolvimento das áreas sociais e fisiológicas diante das relações de amor, alegria, tristeza e frustração que podem ser geradas na hora do jogo. Diante disso, a generalização como uma função mental superior tem relação com os processos intrapessoais e interpessoais no ato de vivenciar o badminton.

Durante a entrevista semiestruturada, na pergunta “Qual o papel do badminton no desenvolvimento de crianças, jovens e adultos para você?”, o professor evidenciou os conceitos que dizem respeito ao comportamento humano em sociedade,

respeito mútuo entre os praticantes, deixa um papel de interatividade entre os alunos, além da ética e moral. Saber a hora de ganhar ou perder, e no badminton você não ver as pessoas desfazendo amizades quando termina o

jogo, pelo contrário tem respeito, e quando perde aprende a se superar e a ter o respeito do seu adversário que ganhou. Então, o principal papel do badminton para mim, é a valorização pelo ser humano.

O aspecto da valorização humana está correlacionado com o respeito à diversidade. São conceitos ligados a cooperação social e solidariedade, ao valorizar o diferente os valores e princípios de humanização são fundamentados nos aspectos individuais. Diante disso, a pergunta realizada para o professor Ygor Coelho vai ao encontro dessa perspectiva: “Quais os indícios de possibilidades de desenvolvimento das funções psicológicas superiores de conduta dos alunos?”. O professor evidenciou a questão de ganhar e perder nas situações de jogo:

procuro desenvolver dentro da modalidade situações de jogo, vivências com as diferenças dentro e fora da quadra, destaco a questão do ganhar e perder, pois nem todo tempo na vida vamos ganhar e nem todo o tempo vamos perder. Vai ter uma hora da vitória, da derrota, mas o que mais importa é a superação e a evolução constante. Por exemplo, um aluno aqui do Projeto jogou e perdeu para um adversário, passa 4,5, 6 meses acontece o mesmo confronto, fulano perdeu de novo, mas ele apresentou equilíbrio, observo e pergunto “Você acha que teve evolução?” Se teve, é sinal que teve melhora.

Apesar do professor Ygor Coelho não dominar os conceitos da THC, as práticas educativas podem ser fundamentadas de forma teórica e conceitual pelos processos de codificação e decodificação, visualizados nos sinais físico, químicos e motores que determinam as ações entre os alunos no coletivo, pois apesar da adversidade entre eles de comportamento, situação financeira ou no nível de conhecimento atual são base para o desenvolvimento das funções mentais superiores da generalização com os movimentos sistemáticos e a percepção do ganhar, perder, a superação e o respeito ao Outro (Pino, 2005; Vygotsky, 1998).

No dia 14 de fevereiro de 2023 na escola FSCA o docente do Projeto Voleibol chamou o professor Ygor Coelho para conversar com seus alunos, sobre as suas histórias nas modalidades Voleibol e Badminton. O professor Ygor Coelho comentou que os seus alunos precisam de mais empenho, aprender a ouvir e seguir as orientações que são passadas, mas também evidenciou que tem aluno esforçado, que não sabia nem tocar na peteca e hoje faz história pelos estados do Brasil e a nível internacional. Disse aos alunos: “Vocês devem valorizar mais o professor, eu vejo o esforço dele em querer ensinar vocês, eu era do voleibol e vejo que ele tem a mesma vontade que eu”. Enquanto isso, os alunos do Projeto montaram as redes e ficaram trocando petecas nas quadras até o professor terminar o diálogo (Figura 45).

Três pontos a serem destacados no dia dessa observação: o professor Ygor Coelho é referência para os alunos externos ao Projeto PPC Badminton; o docente tem consciência de quem são os seus alunos (postura, comportamento, os alunos frequentes nas aulas); a autonomia dos alunos ao montarem a estrutura de postes e redes para trocarem petecas sem regras. Logo, o desenvolvimento das funções mentais superiores pela memorização, generalização e raciocínio são ativados pela relação professor-aluno-conhecimento, onde os processos de signos e significados são construídos pelas ações docentes, conforme Vygotsky (1998) e Estumano (2021).

Figura 45: Alunos trocando petecas sem regras.



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

Durante a nossa vivência em campo, o professor Ygor Coelho fez o convite para irmos à UFAM, pois estava com o objetivo de realizar parceria com o Centro de Referência Paralímpico (Figura 46). Na reunião foi exposto sobre a implementação da modalidade badminton de forma voluntária na Universidade. Mas, para isso a quadra do Ginásio da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia (FEFF/UFAM) precisa de marcações. A professora que estava na reunião anotou as solicitações quanto às adaptações para serem encaminhadas ao Colegiado da Instituição.

O professor Ygor Coelho esclareceu que o contato com o Administrador Pedagógico do Centro de Referência Paralímpico ocorreu através de um docente da FEFF/UFAM, pois esse professor tem parceria com o Projeto Badminton na escola FCSA, onde conseguiu vagas para os alunos do Projeto treinarem na Academia da FEFF duas vezes na semana. Logo, a relação universidade-escola-projeto é fundamental para a aprendizagem e desenvolvimento dos discentes ao longo da vida,

pois a interação, as dimensões interpessoais e intrapessoais vivenciadas nas práticas educativas formarão sujeitos ativos, críticos e reflexivos (Soares et al., 1992; Cruz, 2021).

Figura 46: Reunião com os responsáveis do Centro de Referência Paralímpico/UFAM.



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

Como citado anteriormente, o professor dialoga de forma individual ou coletiva com os alunos, no dia 30 de março de 2023 o professor não ministrou aula, solicitou uma reunião individual (Quadro 24) com os alunos que foram para a competição da etapa nacional. O objetivo dessa reunião era falar sobre o desempenho nos jogos, o comportamento emocional e atitudes em grupo que favoreceram ou atrapalharam a equipe. Com apenas uma aluna presente, o docente disse: “A falta de responsabilidade interfere nos resultados, podíamos ter trazido medalhas nessa etapa, mas por alguns não ouvirem as orientações, ainda temos dificuldade em evoluir, como você viu professora o resultado de hoje, só uma aluna está presente”.

No quadro 24, observa-se o cuidado que o professor Ygor Coelho tem com os alunos em vários aspectos: biológica (aluna um pouco acima do peso); física (a falta de alongamento e liberação antes e depois das partidas); psicológica (tem atitudes centradas, não dorme tarde e sabe o objetivo de estar viajando); emocional (fica nervosa nos jogos). Desta maneira, pelo conceito da mediação o professor consegue compreender as situações elencadas e direciona as melhorias para o desenvolvimento individual. Ouvir os limites e criar possibilidades são construções necessárias para a realidade vivida, onde a interação do aluno com o meio da competitividade são situações dinâmicas que não podem ser fragmentadas do processo de mudança de comportamento (Vygotsky, 1998).

Quadro 24: Diálogo individual pós-competição na sala dos professores da escola FCSA.

Dia da observação: 30/marc. Local: Escola FCSA Horário: 18:00
Objetivo da aula: Avaliar os alunos pós-competição.
Quantidade de alunos presentes: 1 aluna. Turma intermediária/avançada: 7 a 21 anos.
Materiais utilizados: Sala dos professores, caderno e caneta.
Professor: Boa noite Bené, hoje quero falar alguns pontos que vejo que são fundamentais para vocês.
Bené: Ok, professor.
Professor: Primeiro, precisamos realizar trabalhos de liberação e alongamento, você sentiu muito durante as partidas.
Bené: Sim, não me alonguei direito, entrei fria em duas partidas.
Professor: Pois é, isso não pode acontecer. Outros pontos que quero colocar na sua cabeça, precisa de consciência corporal, disciplina e trabalho pós-treino. O que o senhor quer dizer com isso, professor? Você está forte, pesada, está com dificuldade nos movimentos e cansado rápido. Né verdade?
Bené: Eu concordo, vou tentar melhorar.
Professor: Você sabe que temos profissionais que são os nossos amigos, temos nutricionista e fisioterapeuta. Marca com ele, não precisa esperar por mim, você tem o Instagram deles, eles estão no nosso grupo de WhatsApp. Tudo bem?
Bené: Certo, professor. Vou mandar mensagem.
Professor: Quero também te parabenizar, você consegue ir para as competições e ficar focada, não dorme tarde, não fica perdendo tempo. Isso é um ponto positivo seu. Enquanto, outros colegas seus, preciso ficar controlando. É não perder o foco, Bené, você tem que saber onde quer chegar.
Professor: Outra coisa que temos que mencionar é a sua questão emocional, tudo bem? Você não precisa ficar nervosa, já tens vários anos no badminton.
Bené: Baixou a cabeça.
Professor: Bené, não fique assim, se precisar de ajuda avise sua mãe para marcar psicólogo ou fale comigo para resolver isso. Tenho percebido que você nas partidas fica aérea.
Bené: Não sei por que professor.
Professor: Então, é sinal de que você deve estar passando por alguma situação e precisa ser resolvida, ok?
Bené: Ok.
Professor: Vou comentar com a sua mãe para ver o que está acontecendo. Por hoje gostaria de falar só esses pontos mesmo. É quero que você pense no que conversamos.
Bené: Está bem.

Fonte: Transcrição do material da coleta de dados, 2023.

Durante o diálogo percebe-se que Bené precisa de um tempo para conhecer o seu corpo em competição. Por isso, é necessário o contato com uma equipe de profissionais como o professor Ygor Coelho menciona (nutricionista e psicólogo), pois com 13 anos de idade apesar de ganhar medalhas e viajar pelo Projeto, a consciência corporal está pedindo para ser compreendida, pois quem compõe o alto rendimento é cobrado pelo próprio sujeito, como se observa o professor Ygor Coelho tenta mostrar e refletir junto a aluna o seu comportamento sem cobranças.

Outro ponto a destacar, é a relação de interação aluno-aluno que ocorrem nas trocas de experiências quando estão descansando, na espera do colega terminar sua atividade, na hora de tomarem água ou no intervalo de descanso de um exercício para outro. Geralmente o Zé, aluno do Projeto e professor de Educação Física, retifica e mostra o movimento correto para o restante dos alunos (Figura 47). A relação com o Outro gera significação para as relações culturais. Pino (2005) esclarece que os

significados das ações e atitudes se desenvolvem no plano cultural e no plano biológico. Portanto, a relação com o Outro nas práticas educativas são formas de desenvolvimento.

Figura 47: Interação dos alunos nas práticas educativas.



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

Outro exemplo de mediação do conhecimento ocorreu no dia 1 de abril de 2023: o aluno Gael chegou para conhecer a modalidade junto com o seu pai (Figura 48). O professor Ygor Coelho direcionou os dois para uma quadra, ensinou como deve pegar na raquete, na peteca e deixou os dois vivenciarem os movimentos sem regras. Notou-se que em poucos minutos a expressão de felicidade e envolvimento dos dois. O pai do Gael em poucas palavras confirmava a alegria de estar ali, ao dizer: “Você gostou, filho? Eu amei, achei fácil”. Gael respondeu: “Gostei pai, quero voltar mais vezes”. O diálogo continuava: “Vai filho, não desiste da peteca”, Gael sorriu e disse: “Certo, mas às vezes é difícil”.

Figura 48: Pai e filho vivenciando o badminton pela primeira vez no Projeto CEL Eldorado.



Fonte: Arquivo do acervo pessoal, 2023.

A experiência foi um atrativo para os dois pelas ações e estímulos ocasionados pelo ato de jogar. Desta maneira, a primeira vivência criou memórias entre pai-filho e os movimentos de lançar, pegar e arremessar a peteca de acordo com Vygotsky (2021). Destaca-se que o apoio dos pais no desenvolvimento de seus filhos em uma prática esportiva, tem importância no aspecto da presença nas aulas, o apoio financeiro ao comprar materiais para a prática, a própria cobrança em respeitar o professor, os colegas e ter disciplina nas aulas.

Os processos de mediação para a turma da iniciação são propostos de práticas educativas sem regra e nas brincadeiras lúdicas (Quadro 25 e Figura 48). Desta maneira, a linguagem alcança os alunos e cria contato com os movimentos mais simples (pegar, soltar, correr, lançar, andar, direcionar lado esquerdo e direito). Com isso, os processos de significação são realizados pelos sinais físicos, químicos e motores associados com o organismo e o meio, portanto, são criadas e aperfeiçoadas as condições naturais de existência através do plano cultural interferindo no plano biológico (Pino, 2005).

Quadro 25: Prática educativa de lançar e pegar as petecas.

Arthur chegou e perguntou ao Samuel, por que você está sentado?

Professor: Oi Samuel, ele está cansado.

Samuel: Eu sou o Samuel.

Professor: Só para saber se você sabia o seu nome mesmo e sorriu. Já dividam as petecas, tem a quantidade igual para cada lado. Quem perder, aguarda lá fora e o próximo entra na quadra. Samuel fica de olho nos dois, vai perder quem tiver com menos peteca. Atenção!

Arthur: Eu sou o Arthur.

Professor: É só para saber se você estava me ouvindo. Vou colocar uma regrinha. Presta atenção aqui ó, psiu. Samuel, Arthur e Danilo. A regrinha é o seguinte: *eu só posso jogar a peteca assim, eu não posso amassar a peteca, e nem pegar 3 petecas de uma vez, olha aqui ó, eu posso até pegar*

2, mas eu jogo uma e depois outra por cima da cabeça, assim ó. Está legal? 4, 5, 6, 7, 8 para esse lado. Valendo! Uma por uma, vai! Por cima vai, isso, vamos. Uma por uma, quero ver quem é mais rápido, começou a contagem 10, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2... estátua.

Samuel: Deu empate professor.

Professor: Joga algumas para cá para desempatar, tira par ou ímpar. Cada um tira uma peteca. Uma peteca só. Fica atrás da linha, não, atrás da linha. Isso. Pé esquerdo em cima da linha, o direito atrás, quero ver quem consegue jogar mais longe, prepara. Jogou.

Professor: Fica lá Danilo, vem Arthur, rápido.

Professor: Danilo ganhou.

Professor: Agora Danilo com o Samuel. Danilo ganhou. Hum, já sei, Arthur e Samuel venham aqui, vocês dois contra o Danilo. Agora eu quero ver, só que não pode jogar com as duas mãos, mas ei uma peteca em cada mão, vou te dar essa chance. Prepara. Atenção, vocês dois só podem jogar de uma em uma. Já, jogando, agora eu acho que o Danilo vai perder. Vamos lá, Bora Danilo, rápido. Vou começar a contagem, vou começar a contagem 1 mil, 2 mil, 3 mil, 4 mil, 5 mil, 6 mil, 7 mil, 8 mil, 9 mil, 10 mil

Professor para o Danilo: Ahhh, só assim que você perde.

Danilo: Professor, achei injusto.

Professor: Mas tens que aprender Danilo, nem tudo na vida é só vitória. Você não acha?

Danilo: É verdade!

Fonte: Transcrição do material da coleta de dados, 2023.

O comportamento do Danilo quando acabou a brincadeira (Quadro 25) foi expondo que achou injusto. O professor Ygor Coelho imediatamente elucidou sobre a questão de ganhar e perder. A intervenção do professor nesse momento foi necessária, pois essas atitudes podem ser levadas para a vida fora de quadra, evitando sentimentos de frustrações ou derrota ligadas ao desenvolvimento emocional do sujeito. Vygotsky (1998) aborda sobre os sujeitos serem constituídos de emoção, razão, raiva e amor. Para a THC, essas relações não são fragmentadas e compõem o desenvolvimento humano (Figura 49).

Figura 49: Prática educativa da brincadeira do campo minado.



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

Depois da brincadeira do campo minado, o professor Ygor Coelho chamou os alunos para ensinar como segurar a peteca (Figura 50) e disse: “Venham aqui, vou ensinar vocês a como pegar a peteca. Temos três formas, a primeira forma é segurando aqui, a segunda e essa é a terceira.” O aluno Arthur disse: “Assim?”. O professor externalizou: “Não, se pegar dessa forma você não vai ter mais material para jogar badminton, não vai ter mais aula, porque não vai ter peteca. Porque se amassarmos a peteca assim, ela vai ficando deformada”.

Ensinar desde o primeiro contato o modo como segurar a peteca e na raquete são essenciais para o desenvolvimento das práticas educativas, pois a conservação e cuidado com os materiais são pontos para o envolvimento dos jogos em grupo e o desenvolvimento de raciocínio, estratégia e habilidades psicomotoras para contribuir com a formação humana dos sujeitos. As intervenções do professor Ygor Coelho nas práticas educativas são realizadas por linguagem e fala, essas relações para Vygotsky (1998; 2021; 2009) são compreendidas pelo desenvolvimento intelectual pelo uso dos instrumentos e dos signos.

Figura 50: As práticas educativas de segurar a peteca.

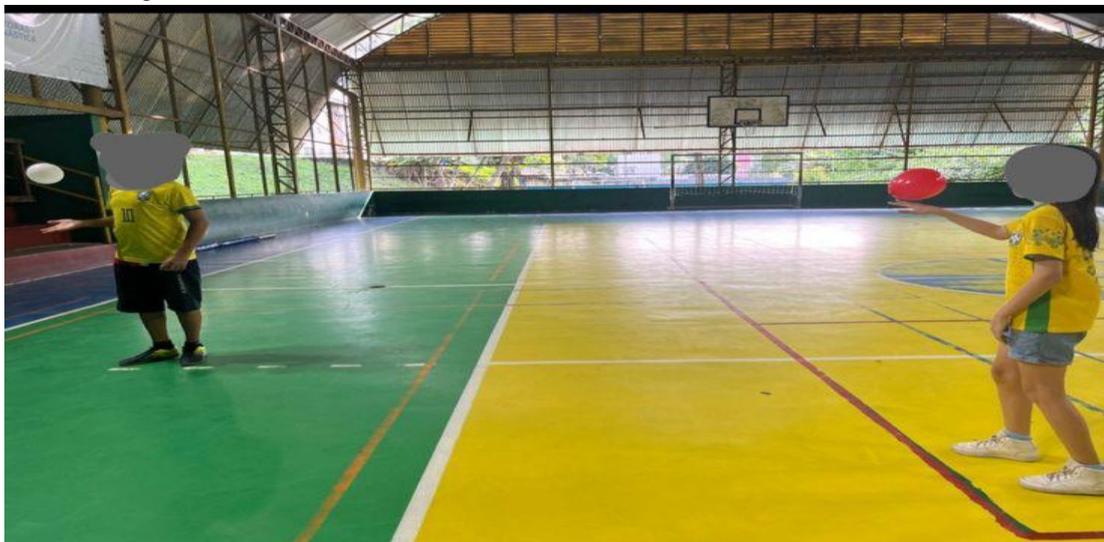


Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

Na prática educativa de *forehand* e *backhand* com balão (Figura 51), os alunos falavam em voz fraca entre eles: “*Forehand*”, “*Backhand*”, “Ops, errei, vou voltar”, “Vai amigo, faz *forehand* agora”. Para os alunos, associar o movimento correto da mão utilizando a prática educativa das técnicas de *forehand* e *backhand* com o balão facilitou a aprendizagem, pois eles criam pelo processo de significação duas relações. A primeira, quando estão com a palma da mão encostando no balão estão realizando

a técnica *forehand*. Com a costa da mão estão fazendo a técnica do *backhand*. Desta maneira, pela mediação semiótica são geradas a internalização do conhecimento permeada pelo espaço e tempo (Pino, 2005; Vygotsky, 1998).

Figura 51: Prática educativa das técnicas forehand e backhand com balão.



Fonte: Arquivo pessoal da coleta de dados, 2023.

Outro exemplo de signos construídos nas práticas educativas está apresentado no quadro 26, quando o professor comenta sobre a idade que pode jogar badminton e no mesmo momento o espanto e felicidade dos alunos expressados pelo sorriso discreto durante o diálogo. Com isso, nota-se o simbolismo de emoções ao jogar badminton. Vygotsky (2009) cita a Lei do Signo Emocional Comum como reprodução dos signos emocionais que tem interferência do meio marcados por signos e pelos traços emocionais.

Quadro 26: Diálogo sobre as modalidades Voleibol e Badminton.

Samuel: Professor?

Professor: Oi.

Samuel: O badminton é só dois?

Professor: O badminton pode ser jogado um contra um, chamamos individual, ou dois contra dois que é a modalidade em dupla. E tem outra coisa, joga no badminton dupla feminina, dupla masculina e dupla mista; uma menina com um menino. Então, é um *esporte bastante inclusivo*, tanto para menino quanto menina. Uma diferença do voleibol para o badminton é o tamanho da rede. A rede de voleibol das mulheres é 2,23 e dos homens 2,43. Aí tem uma diferença. No badminton a rede é a mesma para os dois, 55 cm.

Camila: E a idade professor?

Professor: A idade vai dos 3 anos até a maior idade, 99 anos.

Camila: Tudo isso professor?

Professor: Sim, tem até senhor que joga. Na china nas praças as pessoas treinam badminton sozinha batendo peteca, de baixo do joelho, só batendo. Bem, vamos lá isso foi só para vocês conhecerem um pouco do badminton.

Fonte: Transcrição do material da coleta de dados, 2023.

Destacamos no quadro 26 as perguntas dos alunos para o professor Ygor Coelho. O ato de perguntar para o processo de aprendizagem faz diferença em uma

aula, pois o educando quando questiona o conhecimento está mostrando interesse pelo assunto, e a comunicação é reflexo pela busca do aprender pelos aspectos simbólicos da linguagem, como constituição do ensino, da aprendizagem e as experiências que permeiam o meio pelas mediações entre professor-aluno-conhecimento.

Na entrevista semiestruturada, sobre a pergunta “Quais suas concepções a respeito do PPP Badminton?”, o docente Ygor Coelho apresentou

é um esporte altamente inclusivo, não tem distinção de idade, você pode jogar desde a criança com outra criança, uma criança com um idoso, um adolescente com uma criança, adolescente joga com um idoso, o menino joga com menina, então quer dizer é um esporte social e que todas as idades elas conseguem interagir.

Em relação à idade, quando associada ao jogar badminton, vincula-se com o meio onde se insere e ao objetivo que se quer alcançar. Já a questão de gênero dentro da modalidade, como supracitado, abrange-se dentro das formas diferentes permitidas pelo esporte: simples feminino (SF), simples masculino (SM), dupla mista (DX), dupla feminina (DF) e dupla masculina (DM). Dentro desse contexto, as práticas educativas são compostas por histórias diferentes dentro dos processos de signos pelos planos cultural e biológico em cada sujeito (Vygotsky, 1998; 2021).

Em uma conversa informal com o professor Ygor Coelho, ele expõe três aspectos que o fazem amar o badminton: o primeiro é a facilidade com que os alunos e responsáveis tem com o esporte logo na primeira vivência, conforme indicado na Figura 48. O segundo aspecto é que observa que os alunos autistas têm uma maior concentração visual para executar os comandos. O terceiro ponto é sobre as situações de jogo ao dizer: “o badminton é um jogo muito honesto, os jogadores falam quando a peteca vai para fora, na linha ou quando toca em alguma parte do corpo ou na raquete, pois a velocidade da peteca durante um jogo é muito rápida”.

A honestidade e o respeito ao Outro compreendem ao sistema de signos e as suas respectivas funções cognitivas de comunicação, pois os meios culturais de comportamento são compostos pelas histórias individuais do desenvolvimento biológico ao processo psicológico enraizado na cultura esportiva (Pino, 2005; Vygotsky, 1998; 2021).

Sobre os alunos com deficiência, na entrevista semiestruturada, em resposta à pergunta “Quais são as suas concepções a respeito do PPC Badminton?”, o professor

Ygor Coelho expõe que também percebe a socialização na modalidade do parabadminton e que ele pode ser praticado por várias deficiências,

No Parabadminton tem a questão da socialização, o lazer, divertimento. É uma modalidade para a pessoa com deficiência física (nanismo, amputação ou má formação dos membros superiores ou inferiores – com hemiplegia). Às vezes trabalho com todos os alunos sentados, para eles terem noção de como é jogar sem as pernas, só com os braços e dar certo, eu percebo a inclusão quando realizo isso, tanto para as pessoas normais quanto para as pessoas com deficiência que temos no Projeto.

O professor tem compreensão das duas modalidades e destaca a individualidade biológica, pois cada deficiência tem suas próprias características fisiológicas e psicológicas. Desta maneira, os exercícios são adaptados à realidade do aluno com intensidade, duração e frequência. Trabalhar essas adaptações com as turmas regulares é reflexo da valorização à diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo está inserido no diálogo entre a Educação e Educação Física, pois entendemos que, ao refletir sobre ela como campo de conhecimento e de intervenção profissional, buscamos romper o dualismo tão presente nas aulas de Educação Física escolar, procurando compreender as práticas educativas, a ação do docente, a motivação e o interesse dos alunos em busca da atividade criadora e os processos imaginativos no ato de ensinar o badminton a partir da Teoria Histórico-Cultural.

Logo, esta pesquisa apresenta questões importantes da realidade local e como os participantes do Projeto PPC Badminton estão se desenvolvendo diante dos estímulos físicos, sociais e emocionais ao realizar as práticas educativas da modalidade, dado que, para a THC, a cada aprendizagem não apenas aumenta a parte física do corpo ou de determinada função, mas ocorre uma correlação entre elas. Desta forma, as funções e os aspectos de cada organismo crescem em determinado grau e se prepara para um novo conhecimento, o que se compreende pelos níveis de desenvolvimento iminente.

Nesse sentido, fundamentando esta tese na perspectiva histórico-cultural para contribuir com o trabalho docente desenvolvido no processo de ensinar e aprender o badminton, propusemo-nos a responder ao seguinte problema de pesquisa: “como o professor atua no sentido de ensinar e aprender através do badminton, considerando os recursos utilizados para desenvolver a percepção, a atividade criadora, os processos criativos e outras possibilidades interpretativas de desenvolvimento das funções mentais superiores?”.

Ao longo da seção 4, delineamos o problema de pesquisa e discutimos as práticas educativas observadas, destacando a forma como o docente Ygor Coelho estimula a percepção, a atividade criadora e os processos criativos, promovendo o desenvolvimento das funções mentais superiores (memorização, raciocínio e generalização) mesmo diante dos desafios como a manutenção dos materiais para a prática do badminton. Essas iniciativas demonstram a superação das adversidades e contribuem para a emancipação humana.

No período em que estivemos em campo – de fevereiro a abril de 2023 –, observamos a organização didático-pedagógica do professor Ygor Coelho. Destacamos o processo histórico da modalidade no estado do Amazonas, pois o tempo, para a THC, tem relação com o conteúdo absorvido nos diferentes períodos

da vida, fato explicado pelo ciclo de desenvolvimento. Além disso, observa-se o ritmo do desenvolvimento, o prazo que cada sujeito apresenta para aprender o novo, como foi descrito sobre as turmas serem divididas em iniciante, intermediária/avançada, pois o desenvolvimento não é constante, sofre mudanças no cotidiano e nas intervenções com o professor ou com os colegas.

O desenvolvimento da percepção, a atividade criadora, os processos imaginativos e as relações sociais foram presentes em vários momentos das práticas educativas. O desenvolvimento das funções psicológicas superiores se forma nas ações coletivas e individuais, de um lado pelo que se vivencia, por outro como se vivencia pelas especificidades de personalidade e pelo meio, presentes nas leis de desenvolvimento e das influências dos aspectos psíquicos do sujeito.

Em relação ao meio, ressalta-se uma dificuldade encontrada no período de coleta de dados. Esta pesquisa era para ser realizada em duas escolas da rede pública de Manaus, porém com a nova estruturação do novo ensino médio, vários professores ficaram extra-lotados, tiveram que sair da escola, perderam seus Projetos de Práticas Corporais (PPC) e, conseqüentemente, tivemos que mudar metodologicamente o estudo, realizando a pesquisa em apenas uma escola. Os novos caminhos conduziram para a observação e entrevista com apenas um professor. Este, ao trabalhar em três locais distintos, permitiu que conseguíssemos acompanhar o desenvolvimento dos projetos esportivos como produto da interação social e cultural a partir do badminton.

Com o percurso metodológico reestruturado, atingiu-se o objetivo geral ao compreender as relações entre as práticas educativas do badminton e o desenvolvimento integral dos discentes, fundamentadas nos princípios da Teoria Histórico-Cultural (THC). Durante o processo de ensino e aprendizagem, foi possível observar o estímulo à atividade criadora, imaginação e ao desenvolvimento das habilidades físicas, sociais e psicológicas dos alunos, por meio de propostas pedagógicas diversificadas que responderam às demandas coletivas e individuais.

O primeiro objetivo específico foi alcançado por meio da análise das transcrições das vídeo-gravações, a entrevista semiestruturada e as observações das práticas educativas, evidenciando as condições de jogo e as questões socio-psíquico-educacionais. Identificaram-se as percepções relacionadas às dinâmicas de ganhar e perder, às táticas de jogo, à relevância do trabalho psicológico, bem como à sociabilidade entre os pares em diferentes contextos, tais como na escola FCSA, no

CEL Eldorado e CEL Ninimberg Guerra, nos eventos de formação e competições regionais, estaduais, nacionais e internacionais. Estes aspectos apontam para a possibilidade de expansão do badminton na região manauara.

As linguagens e os pensamentos proporcionados nesses espaços são mecanismos de ações que levam a cultura a fazer parte da natureza de cada sujeito, visto que as funções psicológicas são resultado das atividades cerebrais no desenvolvimento do comportamento e da consciência humana. Isso quer dizer que as mudanças se projetam na forma do projeto, a estrutura na qual as práticas educativas são executadas e as características desses espaços são fenômenos históricos e sociais, pelos instrumentos e uso dos signos construídos individual e coletivamente nas aulas de badminton.

O segundo objetivo específico foi cumprido ao analisar as concepções do professor Ygor Coelho sobre o desenvolvimento humano, pautadas no respeito à individualidade, na promoção do trabalho coletivo, na convivência entre diferentes faixas etárias e na diversificação das práticas educativas, contemplando competição, lazer e educação. Essas abordagens permitiram que o esporte fosse uma via para a aceitação das escolhas pessoais dentro da pluralidade existente no badminton, dado que nas práticas educativas são trabalhadas a formação de conceitos e a qualidade de vida nos aspectos biológicos, psicológicos e sociais, além do esporte como direito social e manifestação da cultura.

As concepções sobre as funções psicológicas superiores têm relação entre a natureza e os processos de mediação. Nesse aspecto, nos espaços onde ocorreram a coleta de dados e analisamos o ensino-aprendizagem do badminton sob a ótica da THC, observamos a mediação entre professor-aluno-conhecimento de forma dinâmica e dialética. Desta maneira, o sujeito muda os estímulos como parte do processo de resposta a mediação pela história da cultura, da sociedade e pela sua própria história. Com isso, a memorização, o raciocínio e a generalização geraram desenvolvimento com e no grupo.

Quanto ao terceiro objetivo específico, as interações entre professor-aluno-conhecimento, baseadas na atividade criadora e nos processos imaginativos foram amplamente evidenciadas. Durante o período de campo, entre fevereiro e abril de 2023, foram registrados diversos exemplos de práticas pedagógicas lúdicas, as quais facilitaram a conexão com a realidade dos alunos, tanto na turma de iniciação quanto na turma intermediária/avançada. Tais práticas favoreceram o fortalecimento de

vínculos no grupo, bem como a valorização do respeito e da empatia, evidenciando, assim, o desenvolvimento humano, ainda que não fosse a intenção primária do professor.

A atividade criadora e a imaginação são específicas ações humanas e fazem parte da compreensão dos processos psíquicos do desenvolvimento. Na sociogênese essas relações são articuladas na internalização das práticas sociais e nas funções mentais superiores relacionadas às relações sociais internalizadas. Com isso, as conexões dos alunos nas aulas de badminton são formas de participação ativa do sujeito na cultura, pelos modos de perceber, sentir, falar, pensar e de se relacionar com o Outro, seja dentro ou fora de quadra. Conseqüentemente, pela criação e uso dos signos ocorre o desenvolvimento psicológico, social e individual na formação da consciência.

Em vista disso, a partir das aulas analisadas e a continuação dessa pesquisa, torna-se possível a elaboração de caderno pedagógico sobre o ensino do badminton em diferentes contextos da Educação Física, incluindo escolas, clubes e centros esportivos, ampliando o acesso ao conhecimento teórico e prático da modalidade sob a perspectiva da THC. Ademais, a produção e divulgação de artigos e livros podem contribuir para a disseminação técnico-científica, alcançando um público mais amplo, incluindo crianças, jovens e adultos.

Outro ponto fundamental é a continuação de políticas públicas voltadas ao esporte e lazer para crianças, jovens e adultos na região amazônica. Diante disso, a democratização e o acesso ao esporte devem ser pautas para os governantes a fim de efetivarem mais programas e projetos para o desenvolvimento de modalidades na perspectiva do lazer, da competição ou da educação, pois os praticantes podem adquirir benefícios que afetarão o desenvolvimento humano.

Nesse ínterim, defendemos que o trabalho docente desenvolvido no processo de ensino-aprendizagem cria possibilidades para apontar, contribuir e ampliar o desenvolvimento de práticas educativas simuladas da realidade com uma Educação Física que educa para a vida com autonomia, consciência e participação efetiva na sociedade, com a finalidade de solucionar e buscar novas possibilidades de desenvolvimento nos aspectos pessoais e profissionais.

REFERÊNCIAS

Agenda de notícias. **Mais de 30 mil materiais esportivos são adquiridos para escolas da rede estadual de ensino**. Acesso em: 18 de agosto de 2024. Disponível em: pge.consed.org.br/notícia/mais-de-30-mil-materiais-esportivos-sao-adquiridos-para-escolas-da-rede-estadual-de-ensino. Amazonas, 2024.

AliExpress. **Raquetes e petecas de Badminton**. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023. Disponível em: Raquete De Badminton - AliExpress. China, 2023.

AMAZONAS. Secretaria de Estado de Educação do Amazonas. **Proposta curricular e pedagógica da EJA**. Amazonas, 2021.

AMAZONAS. Secretaria de Estado de Educação do Amazonas. **Proposta curricular e pedagógica do Programa de correção de fluxo escolar** – avançar. Amazonas, 2021.

AMAZONAS. Secretaria de Estado de Educação do Amazonas. **Proposta curricular e pedagógica do ensino fundamental**. Amazonas, 2021.

AMAZONAS. Secretaria de Estado de Educação do Amazonas. **Proposta curricular e pedagógica do ensino médio**. Amazonas, 2021.

AMAZONAS. Secretaria de Estado de Educação do Amazonas. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Amazonense** Ensino Fundamental anos iniciais. Amazonas, 2020.

AMAZONAS. Secretaria de Estado de Educação do Amazonas. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Amazonense** Ensino Fundamental anos finais. Amazonas, 2020.

AMAZONAS. Secretaria de Estado de Educação do Amazonas. Ministério da Educação. **Coordenadoria Distrital de Educação da Capital**. Amazonas, 2016.

ANTÔNIO, Rosa Maria. **Teoria Histórico-Cultural e Pedagogia Histórico-Crítica: o desafio do método dialético na didática**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE. IES: Universidade Estadual de Maringá, 2008.

ARAÚJO, Samuel Nascimento de; ROCHA, Leandro Oliveira; COELHO, Márcio Cardoso; BOSSLE, Fabiano. A pedagogia crítica da educação física escoar: relatos de uma experiência docente com o badminton. **Caderno de Educação Física e Esporte**. v. 18, n.2, p.93-99, 2020.

ARRUDA, Emerson Pereira de Souza; CRUZ, Rodrigo Wanderley de Sousa; SOARES, Leys Eduardo dos Santos; ANTÉRIO, Djavan; MELO, Carlos Vidal; FARIAS, George Paiva. O badminton nas aulas de educação física: um relato de experiência. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, vol. 12, n.2, p.111- 120, 2013.

BARBOSA, Ana Rubia Menezes. **Ludicidade e aprendizagem na educação infantil: um estudo de caso no Proinfantil em Rondônia**. 163f. Dissertação de Mestrado

(Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Fundação Universidade Federal de Rondônia. Rondônia, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 14.644 de 02 de agosto de 2023**. Altera a Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para prever a instituição de Conselhos Escolares e de Fóruns dos Conselhos Escolares. Brasília-DF, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** Educação é a base. Brasília-DF, 2017.

BRASIL. Ministro de Estado da Saúde. **Resolução CNS nº 510**, de 07 de abril de 2016. Trata das especificidades éticas das pesquisas nas ciências humanas e sociais e de outras que utilizam metodologias próprias dessas áreas. Brasília-DF, 2016.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Norma Operacional nº 001/2013**, de 11 e 12 de setembro de 2013. Trata sobre as Normas Operacionais da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Brasília-DF, 2013.

BRASIL. Ministério do Esporte. **Lei nº 9.615**, de 24 de março de 1998. Trata sobre o desporto brasileiro e a prática desportiva formal e não-formal. Brasília-DF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), Brasília-DF, 1996.

BRASIL. Ministério do Esporte. **Lei nº 8.672**, de 6 de julho de 1993. Trata sobre o desporto brasileiro e a prática desportiva formal e não-formal, Brasília-DF, 1993.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília - DF, 1988.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

Confederação Brasileira de Badminton. **Solenidade em Manaus abre oficialmente a IV Etapa do Circuito Nacional de Badminton 2022**. Acesso: 02 de fevereiro de 2023. Disponível em: CBBd - Confederação Brasileira de Badminton. Manaus, 2022.

CRUZ, Everton Cesar de Oliveira da. **Do eu-aluno/a para o eu-professor/a de educação física**: trajetórias de escolarização e formação inicial. 95f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Amazonas, 2021.

Decathlon. **Raquete e peteca de Badminton**. Acesso em: 20 de fevereiro de 2023. Disponível em: Search Results | FastStore. França, 2023.

DIAS, Emilly Thais Gonçalves; VIEIRA, Guilherme Carvalho; PEREIRA, Ester Liberato. Trajetória sociocultural e histórica do badminton em Montes Claros (MG). **Caderno de Educação Física e Esporte**. v. 18, n.2, p.51-56, 2020.

DIEFENBACH, Nádia; GOULART, Rosiliane. Badminton na comunidade escolar. **Saberes em foco Revista**, v.1 n.1, p.29- 37, 2018.

DUARTE, Newton. A escola de Vygotsky e a educação escolar: algumas hipóteses para uma leitura pedagógica da psicologia histórico-cultural. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 7, n1/2, p.17-50, 1996.

ESTUMANO, Rayanne Mesquita. **Inclusão, ensino individualizado e trabalho coletivo**: o caso do BCR All Star Rodas. 122f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Estado do Pará, 2021.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, nº116, p.21-39 – julho-2002.

FREITAS, Ozéias Rodrigues de; PAGANI, Mário Mecenas. SILVA, Samara Matiazzi; AVILA, Renato Nogueira Perez. **O badminton nas aulas de educação física**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Centro Universitário da Região do Vale do Jamari (UNIFAEMA). Licenciatura em Educação Física, 2014.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. **Caderno CEDES**, ano XX, n ° 50, p.09-25, 2000.

GÓES, Erick Henrique Silva. **Minecraft como mediador de aprendizagem intergeracional**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Palma. Tocantins, 2018.

GONÇALVES, Ricardo; SILVA, Carlos Eduardo M. da; ARAÚJO, Lígia Conceição. A importância da tomada de consciência no jogo Badminton. **Fiep Bulletin**, vol. 82, p.1-7, 2012.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**. Acesso em: 15 de março de 2022. Disponível em: Censo 2022 | IBGE. Brasília-DF, 2022.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Ministério da Educação. **Censo Escolar**. Acesso em: 12 de junho de 2022. Disponível em: 2022 — Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira | Inep. Brasília-DF: MEC, 2022.

IVIC, Ivan. Bibliografia. *In*: VYGOTSKY, L. S. **Lev Semionovich Vygotsky**. Org. Ivan Ivic; Edgar Pereira Coelho – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

KRAVTSOV, Guennadi Grigorievitch; KRAVTSOV, Elena Evguenievna. A inter-relação instrução e desenvolvimento: problemas e perspectivas. *In*: **Psicologia, educação e desenvolvimento**. Org e tradução Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

LEONTIEV, Alexis N. Uma contribuição à Teoria do desenvolvimento da psique infantil. *In*: VYGOTSKY, Lev Semionovich. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**/ Lev Semionovich Vygotsky, Alexander Romanovich Luria, Alex. N. Leontiev. Tradução Maria da Pena Villalobos. 11ª ed. São Paulo: ícone, 2010.

LORENZI, Verlane Fabiola de. **O badminton nas aulas de educação física na proposta crítico-superadora**. 41f. Monografia de Especialização. Pós-Graduação da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Criciúma, 2011.

LURIA, Alexander Romanovich. Vygotsky. *In*: VYGOTSKY, Lev Semionovich. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**/ Lev Semionovich Vygotsky, Alexander Romanovich Luria, Alex. N. Leontiev. Tradução Maria da Pena Villalobos. 11ª ed. São Paulo: ícone, 2010.

MALDONADO, Daniel Teixeira; JABOIS, Diego Pinto; NEIRA, Marcos Garcia. Organização didático-pedagógica das aulas de educação física na educação básica: entre o “não mais e o “ainda não”? **Conexões: Educ. Fís., Esporte e Saúde**, Campinas: SP, v. 17, p.1-17, 2019.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARX, Karl. **A miséria da filosofia**. Tradução de José Paulo Netto. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1982.

MEIRA, Luciano. Análise microgenética e videografia: ferramentas de pesquisa em psicologia cognitiva. Nº 3. **Temas em Psicologia**, 1994.

MICHILES, Romina Karla da Silva. 197f. **Atividades lúdicas na prática pedagógica dos professores de Educação Física no contexto da educação física**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Amazonas. Amazonas, 2018.

MIRANDA, João Marcelo de Queiroz; BELLI, Taisa; SILVA, Peterson Amaro da; MISUTA, Milton Shoiti; GALATTU, Larissa Rafaela. Possíveis estratégias de avaliação da aprendizagem sobre o esporte em um projeto de badminton na escola. **Caderno de Educação Física e Esporte**. v. 18, n.2, p.101-106, 2020.

NERI, Luciane. **Shuttle Time** O programa de Badminton escolar da BWF Manual do professor. Badminton World Federation. First published november, 2011.

NÓVOA, Antônio. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, v.47, n. 166, p.1106-1133, out./dez., 2017.

OLIVEIRA, Ana Paula Lima Carvalho de. **Os significados construídos pelas crianças da educação infantil ribeirinha de Manaus**. 116f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Amazonas, 2018.

OLIVEIRA, Mariana Ferreira. **O conteúdo badminton nas aulas de educação física: experiência pedagógica a partir das intervenções do estágio supervisionado no ensino fundamental II.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal de Alagoas. Licenciatura em Educação Física, 2021.

OLIVEIRA, Richard Tschoseck de; COLOMBO, Bruno Dandolini. A sistematização do conteúdo badminton: experiência de ensino do estágio supervisionado III e a organização dos ciclos de escolarização na proposta crítico-superadora. **Revista Kinesis**, Santa Maria, v. 39, p.01-16, 2021.

PAGANI, Mário Mecnas. Badminton na escola. **III Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão.** Instituto Federal Fluminense, 2016.

PÉREZ, Gomes. **A formação dos professores da licenciatura: os professores e sua formação.** Porto: Porto Editora, 1992.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. *In: Saberes pedagógicos e atividade docente.* São Paulo, Cortez, 1999.

PINO, Angel. **As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vygotsky.** Angel Pino – São Paulo: Cortez, 2005.

POMIN, Fabiana. SMASH! A cultura corporal de movimento por meio do badminton. *In: Educação Física no ensino médio: reflexões e práticas exitosas.* Org: Larissa Beraldo Kawashima, Evando Carlos Moreira, Evando Carlos Moreira. Cuiabá – MT: EdUFMT Digital, 2020. 183f.

PRESTES, Zoia; TUNES, Elizabeth. Prefácio. *In: VYGOTSKY, L.S. Psicologia, educação e desenvolvimento: escritos de L.S. Vygotsky/ Lev Semionovitch Vygotsky.* Tradução de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes – 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Secretaria de Estado de Educação e Desporto. **Escola Estadual Professor Francisco das Chagas de Souza de Albuquerque.** Amazonas, 2022.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia** [livro eletrônico] 44 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2022.

SOUZA, Alex Alves de; RAASCH, Rayane Natalia; MARIA, Anderson Leandro. Badminton: um diferencial nas aulas de educação física escolar. **Acta Brasileira do Movimento Humano**, p.01-10, 2017.

STRAPASSON, Aline Miranda. **Iniciação ao parabadminton: proposta de atividades baseada no programa de ensino “Shuttle Time”.** 138f. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2016.

THERRIEN, Sílvia Maria Nóbrega; THERRIEN, Jacques. Trabalhos científicos e o estado da questão: reflexões teórico-metodológicas. **Estudos em Avaliação Educação**, v.15, n.30, p.05-16, julho-dez, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Estudos brasileiros sobre o esporte ênfase no esporte-educação**. Eduem. Maringá, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **Psicologia, educação e desenvolvimento**: escritos de L. S. Vygotsky. Org e Tradução de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes – 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

VYGOTSKY. **Sete aulas de L. S. Vygotsky sobre os fundamentos da pedologia**/ L.S. Vygotsky: org (e tradução) Zoia Prestes, Elizabeth Tunes: tradução Cláudia da Costa Guimarães Santana. 1 ed. Rio de Janeiro: E- Papers, 2018.

VYGOTSKY. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**/ Lev Semionovich Vygotsky, Alexander Romanovich Luria, Alex. N. Leontiev. Tradução Maria da Pena Villalobos. 11ª ed. São Paulo: ícone, 2010.

VYGOTSKY. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico. Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka. Tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

VYGOTSKY. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Org. Michael Cole. Tradução José Cipolla Neto; Luís Silveira Menna Barreto; Solange Castro Afeche - 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY. **Tomo II**: problemas de psicologia general. Obras Escolhidas. Vol. 1, Madri, Visor, 1993.

APÊNDICES



Poder Executivo

Ministério da Educação

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Faculdade de Educação - FACED

Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

APÊNDICE A

TERMO DE ANUÊNCIA

Eu, _____, portador do RG _____, CPF _____, gestor (a) da escola _____, declaro estar de acordo com a pesquisa **“PRÁTICAS EDUCATIVAS DO BADMINTON E O DESENVOLVIMENTO HUMANO DE ALUNOS EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA DE MANAUS/AM”** a ser desenvolvida no interior da escola com o (a) professor (a) de Educação Física, sob responsabilidade de Rayanne Mesquita Estumano, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas (PPGE/UFAM), Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Física e Suas Relações Interdisciplinares (GEPEFRI/UFAM), Professora vinculada à Secretaria de Estado de Educação (SEDUC/AM) na função de Professora do componente curricular Educação Física para o Ensino Médio, possuindo vínculo institucional efetivo com a SEDUC.

ASSINATURA DO GESTOR (A) DA ESCOLA
Com Carimbo/ Decreto-Lei nº 32.081/12



Poder Executivo

Ministério da Educação

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Faculdade de Educação - FACED

Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (a) Sr. (a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa **“PRÁTICAS EDUCATIVAS DO BADMINTON E O DESENVOLVIMENTO HUMANO DE ALUNOS EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA DE MANAUS/AM”**, cujo pesquisadora responsável é a Rayanne Mesquita Estumano, Professora da rede estadual de ensino de Manaus/AM, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e pesquisadora no Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Física e Suas Relações Interdisciplinares (GEPEFRI/UFAM). Meu endereço: _____, número _____, bairro _____, CEP _____, Estado _____, Município _____, Telefone: _____, e-mail: rayestumano@hotmail.com. Sob a orientação do Professor Dr. João Luiz da Costa Barros, endereço do meu orientador: Faculdade de Educação Física – Universidade Federal do Amazonas – Setor Sul Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200 - Coroado I, Manaus - AM, 69067- 005, e-mail: jlbarros@ufam.edu.br.

O objetivo da Tese de Doutorado é compreender as relações entre as práticas educativas desenvolvidas através do Badminton e o desenvolvimento de alunos de acordo com os conceitos da Teoria Histórico-Cultural. Com três objetivos específicos, relatar as práticas educativas do professor com os alunos a partir do Badminton dentro das condições de jogo e questões socio-psíquico-educacionais; descrever quais concepções o professor tem a respeito do desenvolvimento humano nas práticas educativas desenvolvidas nesses espaços; caracterizar as condições oferecidas aos alunos para a interação com o Badminton, tendo como foco a atividade criadora e os processos imaginativos nas atividades observadas.

O método da pesquisa será de campo fundamentada na abordagem microgenética na matriz histórico-cultural, pois partimos de contribuições teórico-metodológicas da Teoria Histórico-Cultural de Vygotsky. Desta maneira, a natureza da pesquisa é de campo, durante um trimestre letivo, a fim de observar, coletar e sistematizar os dados com os participantes da pesquisa.

Caso aceite participar, sua participação consiste em comparecer nas atividades de pesquisa, autorizar o uso de sua imagem em registros fotográficos ou ceder os que possui de sua prática profissional, disponibilizar documentos produzidos no seu trabalho diário, ceder um tempo para entrevista aprofundada. A entrevista acontecerá presencialmente, com gravação da conversa em áudio, que será, posteriormente, transcrito. O áudio estará sob domínio e proteção da pesquisadora responsável e serão utilizadas para fins acadêmicos.

Somente será utilizada a transcrição do áudio para a finalidade de divulgação científica e/ou educacional. Textos, imagens e transcrição do áudio serão usados sem prejuízos das pessoas e/ou comunidades, inclusive, para a sua autoestima, prestígio e/ou aspectos socioeconômicos. A transcrição receberá tratamento para preservar a sua identidade, assim, como de outras pessoas que venham a ser mencionadas.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o(a) Sr. (a) são: quebra de anonimato (faremos a identificação utilizando os nomes Ygor Coelho; Fabiana da Silva; Arthur, Danilo, Samuel, Camila, Zé, Bené, Mika, Duda, Ric, Clarinha, Cacheado, Jojo, Gael, Analu, Tony. As narrativas, observações e opiniões dos professores durante as entrevistas semiestruturadas, o levantamento dos dados e resultados apresentados ao longo da análise do trabalho docente serão organizados e tratados de acordo com os nomes citados, a fim de evitar constrangimentos ou desconfortos durante as atividades.

Para minimizar tais riscos, serão adotados os seguintes protocolos: preservação da identidade do sujeito da pesquisa e outros que forem mencionados, com aplicação de pseudônimos; as imagens serão tratadas para que rostos ou informações que possam identificar o participante não sejam identificadas; apreciação previamente dos instrumentos que serão utilizados (no caso das entrevistas, observações e vídeo gravações) e, se necessário a alteração ou retirada de algo que cause desconforto ao indivíduo; realização da pesquisa em mais de uma seção, para diminuir o cansaço; conferência de transcrições para observar se há algo a ser incluído, excluído ou alterado, serão cumpridas as orientações determinadas pelas autoridades de saúde para prevenção do contágio para COVID-19: distanciamento, uso de máscara e álcool em gel.

Os documentos produzidos (escritos, fotografados, gravados em som) ficarão guardados com o pesquisador em repositório particular e só serão utilizados para fins acadêmicos (educacionais e científicos).

Os benefícios esperados são de interesse indireto, desde que levada em consideração aos aspectos das dimensões física, psíquica, moral, intelectual, social ou cultural e a relevância social da pesquisa trará retorno para a comunidade, a qual podemos identificar possibilidades ou alternativas para as práticas educativas, ratificando o trabalho bem desenvolvido pelo docente e os seus crescimentos significativos nas práticas educativas do Badminton.

A Resolução nº 510/2016 segue a ideia da Resolução nº 466/2012 e Resolução nº 001/2013, mas complementa que os benefícios devem possibilitar a promoção de qualidade de vida a partir das dimensões apresentadas dentro de um ambiente ecologicamente equilibrado. Os riscos para a pesquisa seja a possibilidade de danos às dimensões física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural do ser humano, em qualquer fase da pesquisa.

Se julgar necessário, o (a) Sr. (a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação. Caso ocorra o ressarcimento de algum dano material/imaterial que

tenha envolvimento com essa pesquisa, o ressarcimento será efetuado integralmente. Também estão assegurados ao (a) Sr. (a) o direito a pedir indenizações e a cobertura material para reparação ao dano.

O (a) Sr. (a) pode entrar em contato com a pesquisadora responsável, pelo telefone ou por e-mail: rayestumano@hotmail.com. O (a) Sr. (a) também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O endereço do CEP/UFAM é situado na Escola de Enfermagem de Manaus (EEM/UFAM) - Sala 07, Rua Teresina, 495 – Adrianópolis – Manaus – AM, Fone: (92) 3305-1181 Ramal 2004, E-mail: cep@ufam.edu.br. O CEP/UFAM.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas vias, que serão rubricadas em todas as suas páginas. Deverão ser assinadas ao seu término pelo (a) Sr. (a) e pelo pesquisador responsável, ficando cada um com uma via.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa ().

Autorizo a divulgação da minha imagem e/ou voz ().

Não autorizo a divulgação da minha imagem e/ou voz ().

Manaus – AM, _____ de _____ de 2023.

Assinatura do (a) participante do estudo.

Assinatura da pesquisadora responsável pelo projeto.



Poder Executivo

Ministério da Educação

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Faculdade de Educação - FACED

Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

APÊNDICE C

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (A) Sr. (a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa **“PRÁTICAS EDUCATIVAS DO BADMINTON E O DESENVOLVIMENTO HUMANO DE ALUNOS EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA DE MANAUS/AM”**, cujo pesquisadora responsável é a Rayanne Mesquita Estumano, professora da rede estadual de Manaus, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e pesquisadora no Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Física e Suas Relações Interdisciplinares (GEPEFRI/UFAM), meu endereço: _____, número _____, bairro _____, CEP _____, Estado _____, Município _____, Telefone: _____, e-mail: rayestumano@hotmail.com. Sob a orientação do Professor Doutor João Luiz da Costa Barros, endereço do meu orientador: Faculdade de Educação Física – Universidade Federal do Amazonas – Setor Sul Av. General Rodrigo Octavio Jordão Ramos, 1200 - Coroado I, Manaus - AM, 69067- 005, e-mail: jlbarros@ufam.edu.br.

O objetivo do projeto é compreender as relações entre as práticas educativas desenvolvidas através do Badminton e o desenvolvimento de alunos de acordo com os conceitos da Teoria Histórico-Cultural. Com três objetivos específicos; relatar as práticas educativas do professor com os alunos a partir do Badminton dentro das condições de jogo e questões socio-psíquico-educacionais; descrever quais concepções o professor tem a respeito do desenvolvimento humano nas práticas educativas desenvolvidas nesses espaços; caracterizar as condições oferecidas aos alunos para a interação com o Badminton, tendo como foco a atividade criadora e os processos imaginativos nas atividades observadas.

O método da pesquisa será de campo fundamentada na análise microgenética na matriz histórico-cultural, pois partimos de contribuições teórico-metodológicas da Teoria Histórico-Cultural de Vygotsky. Desta maneira, a natureza da pesquisa é de campo, durante um trimestre letivo a fim de observar, coletar e sistematizar os dados com o participante da pesquisa.

Caso aceite participar sua participação consiste em comparecer nas atividades de pesquisa, autorizar o uso de sua imagem em registros fotográficos ou ceder as falas ocorridas durante as aulas de Badminton. Os textos, imagens e transcrição do

áudio serão usados sem prejuízos das pessoas e/ou comunidades, inclusive, para a sua autoestima, prestígio e/ou aspectos socioeconômicos. A transcrição receberá tratamento para preservar a sua identidade, assim, como de outras pessoas que venham a ser mencionadas.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o(a) Sr. (a) são: quebra de anonimato (faremos a identificação utilizando os nomes Ygor Coelho; Fabiana da Silva; Arthur, Danilo, Samuel, Camila, Zé, Bené, Mika, Duda, Ric, Clarinha, Cacheado, Jojo, Gael, Analu, Tony. As narrativas, observações e opiniões dos professores durante as entrevistas semiestruturadas, o levamento dos dados e resultados apresentados ao longo da análise do trabalho docente serão organizados e tratados de acordo com os nomes citados, a fim de evitar constrangimentos ou desconfortos durante as atividades.

Para minimizar tais riscos, serão adotados os seguintes protocolos: preservação da identidade do sujeito da pesquisa e outros que forem mencionados, com aplicação de pseudônimos; as imagens serão tratadas para que rostos ou informações que possam identificar o participante não sejam identificadas; apreciação previamente dos instrumentos que serão utilizados (no caso das entrevistas, observações e vídeo gravações) e, se necessário a alteração ou retirada de algo que cause desconforto ao indivíduo; realização da pesquisa em mais de uma seção, para diminuir o cansaço; conferência de transcrições para observar se há algo a ser incluído, excluído ou alterado, serão cumpridas as orientações determinadas pelas autoridades de saúde para prevenção do contágio para COVID-19: distanciamento, uso de máscara e álcool em gel.

Os documentos produzidos (escritos, fotografados, gravados em som) ficarão guardados com o pesquisador em repositório particular e só serão utilizados para fins acadêmicos (educacionais e científicos).

Os benefícios esperados são de interesse indireto, desde que levada em consideração aos aspectos das dimensões física, psíquica, moral, intelectual, social ou cultural e a relevância social da pesquisa trará retorno para a comunidade, a qual podemos identificar possibilidades ou alternativas para as práticas educativas, ratificando o trabalho bem desenvolvido pelo docente e os seus crescimentos significativos nas práticas educativas do Badminton.

A Resolução nº 510/2016 segue a ideia da Resolução nº 466/2012 e Resolução nº 001/2013, mas complementa que os benefícios devem possibilitar a promoção de qualidade de vida a partir das dimensões apresentadas dentro de um ambiente ecologicamente equilibrado. Os riscos para a pesquisa seja a possibilidade de danos às dimensões física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural do ser humano, em qualquer fase da pesquisa.

Se julgar necessário, o (a) Sr. (a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação. Caso ocorra o ressarcimento de algum dano material/imaterial que tenha envolvimento com essa pesquisa, o ressarcimento será efetuado integralmente. Também estão assegurados ao (a) Sr. (a) o direito a pedir indenizações e a cobertura material para reparação ao dano.

O (a) Sr. (a) pode entrar em contato com a pesquisadora responsável, pelo telefone ou por e-mail: rayestumano@hotmail.com. O (a) Sr. (a) também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O endereço do CEP/UFAM é situado na Escola de Enfermagem de Manaus (EEM/UFAM) - Sala 07, Rua Teresina, 495 – Adrianópolis –

Manaus – AM, Fone: (92) 3305-1181 Ramal 2004, E-mail: cep@ufam.edu.br. O CEP/UFAM.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas vias, que serão rubricadas em todas as suas páginas. Deverão ser assinadas ao seu término pelo (a) Sr. (a) e pelo pesquisador responsável, ficando cada um com uma via.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa ().

Autorizo a divulgação da minha imagem e/ou voz ().

Não autorizo a divulgação da minha imagem e/ou voz ().

Manaus – AM, _____ de _____ de 2023.

Assinatura do responsável ou representante legal do menor de 18 anos de idade.

Assinatura da pesquisadora responsável pelo projeto.

APÊNDICE D

ROTEIRO DA OBSERVAÇÃO

Dados sobre a escola que funciona o Projeto Prática Corporal - Badminton

- a) Nome, origem e endereço da escola.
- b) Etapas, níveis e modalidades atendidas pela escola.
- c) Número de alunos matriculados no ano da realização da pesquisa.

Dados sobre o Projeto Prática Corporal - Badminton

- d) Nome e origem do Projeto Prática Corporal – Badminton.
- e) Quantidade de alunos atendidos no PPC no ano de realização da pesquisa.
- f) Características socioculturais dos alunos.
- g) Espaço físico destinado às aulas do PPC:
() quadra coberta () campo de futebol () piscina () sala de dança
- h) Quantos dias na semana ocorrem o Projeto Prática Corporal - Badminton?

Dados sobre o (a) professor (a):

- i) Nome do docente.
- j) Formação acadêmica. Caso possua Pós-Graduação, qual nível? () Especialização () Mestrado () Doutorado.
- k) Tempo de atuação na área escolar.
- l) Qual sua aproximação com a modalidade Badminton?

Dados sobre as práticas educativas do Badminton

- m) Como ocorre o planejamento das aulas no PCC.
- n) Quais sequências lógicas das práticas educativas realizadas no PPC.
- o) Quais materiais didáticos o docente utiliza nas aulas.
- p) As estratégias e metodologias visualizadas no PPC.
- q) Como ocorre a interação do professor-aluno-conhecimento; aluno-aluno e aluno-conhecimento.
- r) Visualizações das respostas das práticas educativas com as crianças e jovens.
- s) Descrição dos instrumentos de registro das práticas educativas do Badminton.

APÊNDICE E

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA O (A) PROFESSOR (A)

- a) Quais suas concepções a respeito do PPC Badminton?
- b) Quais os recursos que você utiliza para desenvolver a percepção, os sentidos, a atividade criadora e os processos imaginativos, sobretudo as relações sociais?
- c) Quais os indícios de possibilidades de desenvolvimento das funções psicológicas superiores de conduta dos alunos?
- d) Como ocorre as vivências dos alunos durante as aulas de Badminton?
- e) De que maneira os alunos se expressam nas aulas de Badminton? Como você chegou a esta conclusão?
- f) Qual o papel do Badminton no desenvolvimento de crianças, jovens e adultos?
- g) Como você planeja suas aulas e organiza os relatórios das participações a nível regional, nacional ou internacional dos alunos durante o ano?

APÊNDICE F

ROTEIRO DE TRANSCRIÇÃO DE AUDIOGRAVAÇÕES

- 1) As empunhaduras

- 2) Os serviços/saques:
 - a) Backhand
 - b) Forehand

- 3) Os golpes de rede:
 - a) Netshot
 - b) Netlift

- 4) Os golpes de meio:
 - c) Drive
 - d) Bloqueio

- 5) Os golpes de fundo:
 - e) Drop
 - f) Clear
 - g) Smash

- 6) Os tipos de movimentação e passos do Badminton:
 - a) Movimentação investida
 - b) Movimentação split-step
 - c) Passos de corrida
 - d) Passos de chassé
 - e) Passo cruzado para trás